

OS CÁPITOS

# príncipe, Sombrio

CHRISTINE  
FEEHAN

*Best-seller no The New York Times e vencedor  
do PEARL awards de romances paranormais*

UNIVERSO DOS LIVROS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**CHRISTINE FEEHAN**

príncipe  
**Sombrio**

Série Os Cárpatos - Livro 1

Digitalização de Jossi Borges  
Revisão de Ceila Sarita  
Formatação ePub de Leytor

# Capítulo 1

Não podia enganar-se por mais tempo. Devagar, com infinito cansaço, deixou de lado o livro. Era uma primeira edição, encadernado em couro. Era seu fim. Não podia suportar mais. Os livros que tanto amava não poderiam afugentar durante mais tempo a infinita solidão de sua existência. O escritório estava repleto de livros, do chão até o teto, ao longo de três das quatro paredes da sala. Havia lido todos e cada um deles ao longo dos séculos. A alguns, conhecia de cor. Mas sua mente não encontrava mais consolo neles. Os livros alimentavam seu intelecto, mas destroçavam seu coração.

— O problema não está realmente em estar sozinho, mas em sentir-se sozinho. A gente pode sentir-se só em meio a uma multidão, não é verdade?

Mikhail ficou rígido, só seus olhos carentes de alma se moviam com cautela, como os de um perigoso predador farejando o perigo. Inspirou profundamente, fechando sua mente ao momento, enquanto todos seus sentidos se estendiam para localizar o intruso. Estava sozinho. Não podia equivocar-se. Era o mais velho, o mais poderoso, o mais ardiloso. Ninguém penetraria seu feitiço de proteção. Ninguém podia aproximar-se o sem que ele soubesse. Intrigado, repetiu as palavras, escutando sua voz.

Mulher, jovem e inteligente. Entreabriu sua mente, procurando os caminhos para ela, procurando seus rastros mentais.

— Descobri que é assim — respondeu ele.

Deu-se conta que continha o fôlego, que precisava de novo do contato. Uma mulher humana. Quem se interessava por ele? Estava intrigado.

— Em certas ocasiões, vou à montanha e fico ali durante dias, semanas, e não me encontro sozinha, mas numa festa, rodeada de centenas de pessoas, me sinto mais só que em qualquer outro lugar.

Uma onda de paixão fez que seu corpo se contrair. A voz da mulher enchia sua mente com sua suavidade que era musical e sensual pela inocência que desprendia. Mikhail não experimentava nenhuma emoção fazia séculos. Seu corpo não pedia uma mulher há centenas de anos. Mas agora, ouvindo esta voz, a voz de uma mulher humana, estava perplexo ao sentir o calor que se estendia por suas veias.

— Como é que você pode me falar?

— Sinto muito se o ofendi — Podia sentir que seu arrependimento era sincero, sentia sua desculpa — Sua dor era tão extrema que não pude ignorar. Pensei que queria conversar. A morte não é a resposta para a infelicidade. Acredito que já sabe. Em qualquer caso não falarei mais se não o desejar.

— Não! -Sua resposta foi uma ordem despótica, dada por um ser acostumado a uma obediência total.

Mikhail sentiu a risada da mulher antes que o som chegasse a sua mente. Suave, livre, incitante.

— Está acostumado a que todos os que lhe rodeiam lhe obedeam?

— É obvio.

Mikhail não soube como interpretar a risada dela. Estava intrigado. Sentimentos. Emoções. Amontoavam-se em seu interior até sobressaltá-lo.

— É europeu, não? Rico e muito, muito arrogante.

Pegou-se sorrindo com as brincadeiras da mulher. Ele nunca sorria. Não o fazia há mais de seiscentos anos.

— Acertou em tudo.

Achou-se de novo esperando a risada feminina, precisando-a com a sede que um viciado espera a droga. Quando chegou foi um som rouco e alegre. Tão suave como o roçar de dedos sobre sua pele.

— Sou americana. Somos como a água e o azeite, não é?

Havia-a encontrado´eHavia a encontradoHH, tinha seu rastro. Ela não escaparia.

— As mulheres americanas podem ser amestradas, com os métodos adequados -Arrastou as palavras deliberadamente, antecipando sua reação.

— É realmente arrogante.

Amou o som de seu riso, saboreou-o e o guardou em seu interior. Mikhail percebeu a sonolência da mulher, seu bocejo. Melhor assim. Enviou uma ligeira ordem mental, apenas um empurrãozinho à mente feminina, com delicadeza, insistindo para ela dormir a fim de poder examiná-la.

— Deixe disso!

A mulher reagiu com uma rápida retirada, doída e suspicaz. Afastou-se com um bloqueio mental tão rápido que o deixou atônito com sua destreza, muita força para alguém tão jovem, muito forte para ser humano. E ela era humana. Estava certo disso. Soube, sem olhar sequer, que tinha exatamente cinco horas até que o sol saísse. Podia suportar o pálido sol do amanhecer e o do entardecer. Comprovou o bloqueio da mulher, com cuidado para não alarmá-la. Seus lábios desenharam um débil sorriso. Ela era forte, mas não o suficiente.

O corpo de Mikhail, dotado de fortes músculos e com uma força sobre-humana, perdeu consistência e se dissolveu convertendo-se numa ligeira neblina cristalina que deslizou por debaixo da porta, flutuando no ar da noite. As pequenas gotas de água se uniram, conectaram-se entre si para dar forma a um pássaro de grandes asas. Desceu, voou em círculos e atravessou a escuridão da noite em silêncio, formoso e letal.

Mikhail se deleitou na poderosa sensação de voar, o vento chocava contra seu corpo, o ar da noite falava, lhe sussurrando segredos, trazendo o aroma da caça, do homem. Seguiu o ligeiro rastro psíquico da mulher sem perdê-lo. Muito singelo. Seu corpo ainda se agitava com a paixão. Uma humana jovem, transbordante

de vida e risos, uma humana conectada mentalmente a ele. Uma humana cheia de compaixão, inteligência e força. A morte e a dor poderiam esperar para outro dia, até que sua curiosidade fosse saciada.

A pensão era pequena, nos confins do bosque, ao pé da montanha. O interior estava escuro, uma luz suave afastava a penumbra em uma ou duas das salas e possivelmente também o saguão estivesse iluminado enquanto os hóspedes descansavam. Pousou-se no balcão do quarto da jovem, no segundo andar e ficou completamente quieto, como se formasse parte da noite. A luz estava acesa, sinal de que a garota não podia dormir. Os olhos de Mikhail, escuros e ardentes, viram-na através do cristal, viram-na e a reclamaram.

Era uma mulher de delicada estrutura, com bonitas curvas e pequena cintura, e uma formosa cabeleira escura que deslizava por suas costas, desviando a atenção até seu arredondado traseiro. Mikhail ficou sem fôlego. A jovem era deliciosa. Bonita, de pele sedosa, com imensos olhos de um azul escuro, rodeados de largos e espessos cílios. Não lhe escapou um só detalhe. Uma camisola comprida aderiu-se à sua pele acariciando seus seios, deixando nua sua garganta e seus pálidos ombros. Seus pés eram pequenos, como suas mãos. Muita coisa para uma embalagem tão pequena.

Estava escovando o cabelo, em pé junto à janela, contemplando a noite sem ver nada. Seu rosto tinha uma expressão ausente. A tensão podia ser percebida em seus lábios, plenos e sensuais. Mikhail podia sentir sua angústia, a impossibilidade de conciliar o sono que tanto precisava. Encontrou-se seguindo com o

olhar, cada movimento da escova ao longo de sua cabeleiraria. Ela se movia de forma inocente e erótica. Mikhail tremeu, preso no corpo da ave. Levantou o rosto para o céu, em agradecimento.

Depois de séculos sem sentir nenhuma emoção, a sensação de felicidade que atravessava seu corpo era incrível.

Os seios dela se elevavam, apetitosamente, com cada passada da escova, marcando seu delicado talhe e sua pequena cintura. O tecido aderiu a seu corpo, deixando entrever o triângulo escuro entre suas pernas. Mikhail cravou as garras no corrimão de madeira, deixando suas marcas. Continuou contemplando-a. Era elegante e sedutora. Fixou seu ardente olhar em sua delicada garganta, onde o sangue pulsava de forma agitada. Dela. Afastou bruscamente o pensamento, agitando a cabeça.

Olhos azuis. Azuis. Ela tinha os olhos azuis. Foi então que se deu conta que podia ver as cores. Brilhantes e intensas. Ficou totalmente paralisado. Não podia ser. Os homens de sua espécie perdiam, junto com suas emoções, a capacidade de ver qualquer outra cor que não fosse o cinza. Era impossível. Só a mulher que compartilharia sua vida, sua companheira, devolveria ao homem as emoções junto com as cores. As mulheres da raça dos Cárpatos eram a luz para a escuridão do homem. Não existiam mulheres de sua raça que dessem à luz a possíveis companheiras para os homens que se encontravam sozinhos. As poucas que ainda restavam pareciam incapazes de conceber meninas, só nasciam meninos. Achavam-se em uma situação desesperadora. As mulheres humanas não podiam ser transformadas sem as danificar.

Já haviam tentado. Era totalmente impossível que esta humana fosse sua companheira.

Mikhail continuou observando-a enquanto ela apagava a luz e se deitava na cama. Percebeu a pequena agitação em sua mente, a busca.

— Está acordado? – Ela estava desafiando-o.

Negou-se a responder a princípio. Não gostava da sensação de necessidade que parecia crescer em seu interior. Não poderia suportar sua falta de controle, não consentiria. Ninguém possuía poder sobre ele e certamente não iria permitir a uma jovenzinha americana com mais força do que o normal..

— Sei que pode me ouvir. Sinto muito se sou uma intrometida. Fiz isso sem pensar. Não voltará a acontecer. Mas para que tome nota, não volte a tentar me dobrar com seus músculos.

Alegrou-lhe estar sob a forma de um animal, assim não podia sorrir. Ela nem sequer imaginava com que músculo gostaria de dobrá-la.

— Não me senti ofendido -Respondeu-lhe com suavidade. Viu-se obrigado a responder, foi um ato compulsivo. Precisava ouvir sua voz, o suave sussurro deslizando por sua mente como se fossem carícias sobre sua pele.

A garota deu a volta, arrumou o travesseiro, esfregou as têmporas como se lhe doesse a cabeça. Sua outra mão jazia sobre o lençol. Mikhail queria tocar essa mão e sentir a pele cálida e sedosa sob a sua.

— Por que tentou me controlar? -Não era só uma pergunta meramente intelectual, como ela pretendia. Pôde perceber que de alguma forma, ela se sentia ferida, desiludida. Movia-se inquieta, como se estivesse esperando a seu amante.

A imagem dela com outro homem, o enfureceu. Sentimentos depois de tantos anos. Claros, afiados, dirigidos a ela. Sentimentos reais.

— Está em minha natureza tentar controlar. Estava exultante de felicidade e ao mesmo tempo se dava conta de que era mais perigoso que nunca. — Sempre terei que controlar ferreamente a sensação de poder. — A menor emoção, mais fácil.

— Não tente me controlar.

Havia algo em sua voz, não podia lhe dar um nome, mas era uma espécie de ameaça. Mikhail era uma ameaça real para ela.

— Como pode alguém controlar sua própria forma de ser, pequena?

Viu como o sorriso da jovem enchia sua solidão, como se ficasse gravada em seu coração, fazendo com que seu sangue circulasse vertiginosamente.

— Por que você pensa que sou pequena? Sou tão grande como uma casa.

— Supõe-se que devo acreditar nisso.

A risada se desvaneceu pouco a pouco da voz e da mente da jovem, mas permaneceu no sangue de Mikhail.

— Estou cansada, de novo lhe peço perdão. Diverti-me falando com você.

— Mas? -Apontou ele amavelmente.

— Adeus — Categoricamente.

Mikhail empreendeu o vôo, subindo vertiginosamente por cima do bosque. Não era um adeus. Ele não permitiria. Não podia permitir. Sua sobrevivência dependia dela. Alguém que tinha despertado seu interesse, seu desejo de viver. Tinha-lhe recordado que ainda existiam coisas como o riso, que a vida consistia em algo mais que a simples existência.

Pela primeira vez, em séculos, maravilhou-se da vista que oferecia o bosque, das alturas. A abóbada de ramos que balançavam com o vento, a forma em que os raios da lua se derramavam sobre as árvores e banhavam de prata os arroios. Tudo era incrivelmente belo. Haviam lhe dado um presente de valor incalculável. De alguma forma, uma mulher humana havia conseguido. Uma mulher humana. Saberá imediatamente, se tivesse pertencido aos de sua espécie. Poderia fazer o mesmo pelos outros homens à beira do desespero se tão somente lhes falasse?

Uma vez no refúgio de seu lar, passeou, preocupado, com uma inquieta energia há muito tempo esquecida. Recordava a pele suave, imaginava seu tato ao acariciá-la, sob seu corpo, tentava descobrir qual seria seu sabor. Excitou-se ao pensar na imagem de sua sedosa cabeleira roçando seu acalorado corpo, de sua delicada garganta diante dele. Seu corpo se endureceu inesperadamente. Não era a atração física que havia sentido sendo um novato Era

uma dor selvagem, premente e implacável. Perplexo ante o rumo erótico que tomavam seus pensamentos, Mikhail se impôs uma rígida disciplina. Não era capaz de confrontar a paixão real. Descobrir que era um homem possessivo, mortal se o encolerizavam e protetor além de qualquer medida, o deixou aturdido. Esta classe de paixão não podia compartilhar com uma humana. Era muito perigoso.

A jovem era uma mulher livre e forte para ser mortal, e estava certo, que ficaria clara sua natureza possessiva em qualquer ocasião. Ele não era humano. A sua era uma raça de seres com instintos animais implantados muito antes do momento de nascer. Era melhor manter a distância e satisfazer sua curiosidade só a nível intelectual. Fechou todas as portas e janelas de forma meticulosa, protegendo cada possível entrada com feitiços impossíveis de franquear e desceu a seu lugar de descanso, a câmara onde dormia durante o dia. Estava protegida de qualquer ameaça. Se deixasse esta vida, seria por sua própria vontade. Tombou na cama. Não tinha necessidade do reparador sono que proporcionavam as profundezas da terra. Podia desfrutar das pequenas comodidades humanas. Fechou os olhos e diminuiu sua respiração.

Seu corpo se negava a obedecer. Sua cabeça estava cheia de imagens dela, de cenas eróticas. Imaginou-a caída na cama, nua sob o tecido branco, elevando os braços para receber seu amante. Amaldiçoou em voz baixa. Em lugar de imaginar que era ele que a tomava, viu a imagem de outro homem. Um humano. Seu corpo se agitou com ira, e sua ira era implacável e mortal.

Pele como a seda, cabelo como a seda. Ergueu a mão. Construiu a imagem com mortal precisão e com um firme propósito na cabeça. Prestou atenção a todos os detalhes, inclusive às unhas dos pés, pintadas de uma cor absurda. Seus fortes dedos se fecharam em torno de seu pequeno tornozelo, sentiu a textura da pele feminina e ficou sem fôlego, seu corpo se esticou ao imaginar o prazer. Passou a mão por sua perna, massageando-a, tentando-a. Subiu até o joelho, até a coxa.

Mikhail sentiu o preciso instante em que ela despertou. Sentia seu corpo arder, o medo da garota o atingiu. De forma deliberada, para que ela soubesse o que estava enfrentando, deslizou a palma de sua mão pelo interior da coxa, acariciando-a, esfregando brandamente.

— Pare! -Ela sentia como seu corpo ardia por ele, como desejava seu contato, desejava que a possuísse. Sentia o desenfreado pulsar do coração ao mesmo tempo em que a luta mental que sustentava com ele.

— Você já deixou meio doido algum homem, desta forma? - Mikhail sussurrou as palavras de forma mortalmente sensual e sombria.

— Maldito seja, pare! -As lágrimas brilhavam como jóias nos olhos azuis e em sua mente — Eu só queria ajudar. Já me desculpei...

Ele continuou movendo a mão, para cima, tinha que fazer, até chegar aos pequenos e úmidos cachos que guardavam a

entrada de seu lugar secreto. Deixou a mão ali, de forma possessiva, introduzindo-se em sua cálida umidade.

— Vai me responder, pequena. Ainda há tempo para que venha para mim, para que ponha minha marca sobre você, para que eu te possua. -advertiu-lhe com voz sedosa — Me responda.

— Por que está fazendo isto?

— Não me desafie -Mikhail falou agora com rudeza, pela simples necessidade. Acariciou-a com os dedos até encontrar o lugar mais sensível. — Estou sendo extremamente amável com você.

— Já sabe que a resposta é não — murmurou derrotada.

Então, ele fechou os olhos, e foi capaz de acalmar os selvagens demônios que feriam seu corpo.

— Durma, pequena. Ninguém te fará mal esta noite.

Rompeu o contato e se deu conta que seu corpo estava tenso, molhado de suor. Era muito tarde para deter a fera que rugia nele, ansiando sua liberação. Ardia de desejo por ela, sentia como o pulso martelava-lhe as têmporas, as chamas percorriam sua pele e chegavam a todas suas terminações nervosas. A fera surgiu, mortal e faminta. Tinha sido muito mais que amável. E ela, sem adverti-lo, havia liberado o monstro. Desejava que a jovem fosse tão forte como ele acreditava.

Mikhail fechou os olhos ante seu outro lado maldito. Fazia séculos que havia aprendido que não havia nada a fazer. E desta vez não queria lutar. Esta não era uma simples atração sexual, era

muito mais. Era algo primário. Algo em seu mais profundo ser chamava à parte mais profunda dela. Possivelmente ela desejava sua natureza selvagem da mesma forma que ele ansiava sua risada e sua paixão. O que importava? Já não havia escapatória para nenhum dos dois.

Buscou-a com a mente brandamente, antes de fechar os olhos e permitir que sua respiração cessasse. A garota chorava em silêncio, ainda sentia em seu corpo o desejo que lhe havia provocado apenas com a mente. Estava doída e confundida e estaca com dor de cabeça. Sem pensar, sem raciocinar, envolveu-a em seus fortes braços, acariciou seu cabelo e lhe enviou toda a suavidade e a ternura que pôde.

— Temo que a assustei pequena; foi um engano. Durma agora, está segura. -Murmurou as palavras enquanto roçava suas têmporas, sua frente, com os lábios, com suavidade, acariciando sua mente com ternura.

Pôde sentir como a mente feminina se fragmentava, como se tivesse estado utilizando sua capacidade telepática para seguir a alguém doente e retorcido. Parecia ter mentais feridas que ainda sangravam. Estava entregue ao cansaço devido a seu encontro anterior e não tinha forças para lutar contra ele. Mikhail compassou sua respiração a dela, respirando com ela, para ela, devagar, de forma regular, acompanhou os batimentos do seu coração até que ela relaxou, esgotada e sonolenta. Ordenou-lhe num sussurro que dormisse e ela fechou os olhos. Dormiram de uma vez, mas muito afastados, a jovem na pensão e Mikhail em seus aposentos.

Alguém golpeava a porta de seu quarto, o som penetrou em seu sonho. Raven Whitney lutava contra a espessa névoa que mantinha seus olhos fechados e fazia com que seu corpo se negasse a mover-se. A sensação de alarme a percorreu de cima abaixo. Era como se a tivessem drogado. Viu o pequeno despertador na mesa de cabeceira. Eram sete da noite. Tinha dormido durante todo o dia. Espreguiçou-se, lentamente, tinha a sensação de estar presa em areias movediças. Os golpes na porta começaram de novo.

O som retumbou em sua cabeça martelando suas têmporas.

— O que?

Tentou fazer com que sua voz soasse calma, embora o coração pulsasse freneticamente. Estava metida num problema. Precisava fazer sua bagagem já e sair correndo. Sabia que seria inútil. Não era ela a única que tinha seguido mentalmente quatro assassinos psicopatas? E este homem era mil vezes melhor telepata que ela. Embora a verdade era que se sentia intrigada ao encontrar outra pessoa com habilidades telepáticas. Nunca havia conhecido outra pessoa com um dom como o seu até agora. Queria ficar e aprender com ele, mas a forma casual na qual ele utilizava seus poderes, o fazia muito perigoso. Veria-se obrigada a pôr distância entre eles, possivelmente, cruzar o oceano para sentir-se a salvo.

— Raven, você está bem? -A voz masculina deixava entrever a preocupação.

Jacob. Tinha conhecido Jacob e Shelly Evans, um casal de irmãos, na noite anterior no restaurante, ao chegar da viagem no

trem. Viajavam fazendo um percurso turístico junto com outras seis pessoas. Ela se sentia muito cansada e não se inteirou muito bem da conversa que mantiveram.

Raven tinha vindo aos Cárpatos para estar sozinha e recuperar-se do sofrimento que teve ao conhecer a mente retorcida de um depravado assassino em série. Não tinha procurado a companhia dos turistas, mas Jacob e Shelly tinham ido procurá-la. Havia-os esquecido por completo.

— Estou bem, Jacob, temo que tenho uma pequena gripe. - respondeu-lhe ela, sentindo-se longe de estar bem. Passou uma mão trêmula pelo cabelo — Só estou cansada. Vim aqui para descansar.

— Não vamos jantar juntos? – Ele estava preocupado e isso a surpreendeu. Não queria que ninguém lhe impusesse nada e a última coisa que precisava era estar em um restaurante lotado, rodeada de várias pessoas.

— Sinto muito. Possivelmente em outra ocasião -Não tinha tempo para ser educada. Como pôde cometer esse engano tão enorme a noite anterior? Sempre era muito cuidadosa, evitava qualquer contato, nunca tocava em outra pessoa, nunca se aproximava de ninguém.

Simplemente percebera a tremenda dor e solidão que irradiava daquele desconhecido. Soube por instinto, que ele possuía poderes telepáticos, que sua solidão era muito maior que a dela, que sua dor era tão enorme que estava expondo a idéia de acabar com sua vida. Ela sabia o que era a solidão. Como a fazia sentir-se

diferente. Não havia sido capaz de ficar com a boca fechada, precisava ajudar se pudesse. Raven esfregou as têmporas tentando aliviar o martelar que sentia na cabeça. Sempre ocorria depois de usar seus poderes telepáticos.

Obrigando-se a levantar, caminhou devagar para o banho. Ele a controlava sem nem sequer manter contato. A idéia a aterrorizou. Ninguém deveria ser tão poderoso. Abriu a torneira, por completo, esperando que o jorro de água limpasse as teias de aranha de sua mente.

Estava ali para descansar, para desfazer do mau cheiro que impregnava sua mente, para sentir-se limpa e inteira novamente. Seu dom psíquico a esgotava até deixá-la fisicamente exausta. Raven elevou o queixo. Seu novo competidor não a assustaria. Ela tinha disciplina e controle. E desta vez podia fugir. Não tinha vidas inocentes em jogo.

Vestiu-se com uns jeans desgastados e um top de crochê como desafio. Tinha notado que ele pertencia ao Velho Mundo e franziria o cenho ante seu traje americano. Fez a mala num instante, de qualquer maneira, colocando a maquiagem e a roupa na maltratada mala, tão rápido quanto pôde.

Horrorizada, leu o horário do trem. Não passava nenhum antes de dois dias. Podia usar seus encantos para pedir a alguém que a levasse até a cidade mais próxima, mas isso significava compartilhar a estreiteza de um carro com outra pessoa durante horas. Embora, provavelmente, fosse um mal menor.

Escutou a risada masculina. Rouca, divertida e zombadora.

— Tenta fugir de mim, pequena.

Raven se sentou deprimida, na cama, com o coração acelerado. A voz do homem a fez lembrar de veludo negro. Macia, mas uma voz perigosa, uma arma muito perigosa.

— Não jogue flores, peixe gordo. Sou uma turista. Eu viajo.

Obrigou a sua mente a permanecer tranqüila apesar de sentir o toque dos dedos dele sobre seu rosto. Como o fazia? Era a mais ligeira das carícias, mas ela estremeceu de cima abaixo.

— E que lugar pensava visitar? -Mikhail estava descansado e sua mente se sentia viva de novo. Desfrutava lutando com ela.

— Pensava ir para longe de você e de seus grotescos joguinhos. Possivelmente para a Hungria. Sempre quis visitar Budapeste.

— Mentirosa. Pensa voltar correndo para os Estados Unidos. Joga xadrez?

Raven piscou ante a estranha pergunta.

— Xadrez? — Repetiu.

A forma de se divertir de um homem podia ser muito estranha.

— Xadrez

— Sim. E você?

— É obvio. Jogue comigo.

— Agora?

Ela começou a recolher sua espessa cabeleira. Havia algo na voz que a cativava, hipnotizava-a. Tocava as fibras de seu coração, mas aterrorizava sua mente.

— Primeiro devo saciar meu apetite. E você também está faminta. Posso sentir sua dor de cabeça. Desça para jantar e a encontrarei esta noite às onze.

— De maneira nenhuma. Não ficarei com você.

— Tem medo — Era um insulto deliberado.

Ela sorriu e o som fez com que chamadas envolvessem o corpo de Mikhail.

— Pode ser que algumas vezes faça tolices, mas não sou tola.

— Diga seu nome.

Era uma ordem e Raven se viu obrigada a obedecer.

Forçou sua mente a ficar por fora, mas ela doía, sentia agulhadas na cabeça, e o estômago retorcer. Ele não ia pegá-la pela força, o que o tivesse dado livremente.

— Por que luta contra mim quando sabe que sou o mais forte dos dois? Faz mal a si mesma. Debilita-se e no final ganharei de todas formas. Sinto o efeito que esta forma de nos comunicar tem sobre você. Sou capaz de obter sua submissão em outras questões muito diferentes.

— Por que me obriga, quando eu diria, se simplesmente tivesse perguntado?

Ela percebeu sua perplexidade.

— Sinto muito, pequena. Estou acostumado a me sair bem sem esforço.

— Sem ter a mínima cortesia?

— Às vezes é mais rápido.

Raven golpeou o travesseiro.

— Precisa polir sua arrogância. O fato de que tenha poder, não significa que tenha que se exhibir dele.

— Esquece-se, que a maioria dos humanos não detectam um empurrãozinho mental.

— Essa não é desculpa para deixar de lado a liberdade das pessoas... E você não usa um empurrãozinho de maneira nenhuma, você lança uma ordem e espera obediência. Isso é pior, porque converte as pessoas num rebanho. Estou perto da verdade?

— Está-me provocando.

Desta vez seus pensamentos não chegaram tão claros, como se todas aquelas brincadeiras o estivessem cansando.

— Não tente me obrigar.

Desta vez a voz de Mikhail deixava notar uma certa ameaça e bastante perigo. — Não tenho que tentar, pequena. Conseguiria sua obediência sem esforço. — Inexorável, mas suave como a seda era sua voz.

— Você está me parecendo um menino malcriado que sempre consegue o que quer — Raven ficou de pé, apertando o

travesseiro sobre seu dolorido estômago. — vou descer para jantar. Sinto uma terrível dor de cabeça.

Ela não mentia. Lutar contra ele era um grande esforço e começava a sentir náuseas. Encaminhou-se devagar para a porta, temerosa de que ele a detivesse. Sentiria-se mais segura entre as pessoas.

— Por favor, seu nome, pequena. — Ele pediu-lhe com grande educação.

Raven se encontrou sorrindo, apesar de tudo.

— Raven. Raven Whitney.

— Então, Raven Whitney, coma e descanse. Voltarei as onze para nossa partida de xadrez.

O contato se rompeu de repente. Raven soltou o ar de seus pulmões, devagar, consciente de que deveria sentir-se aliviada e não subestimá-lo como de fato acontecia. Sua voz a hipnotizava e a seduzia, sentia o riso masculino em cada conversa. Ela sofria a mesma solidão que ele.

Não se permitiu analisar a forma em que seu corpo voltou para a vida com o toque de seus dedos. Ardia por ele. Queria-o. Precisava dele. E só o havia conhecido com a mente. Sua forma de seduzir ia além do meramente físico. Havia algo profundo, elementar e ela não era capaz de precisá-lo. Ele havia chegado ao fundo de sua alma. A necessidade que percebeu nele, sua escuridão, sua atormentada e terrível solidão. Ela também sentia necessidade. Alguém que entendesse o que era estar tão sozinha,

tão assustada ao tocar qualquer outro ser humano, aterrorizada por ter alguém perto.

Gostava de sua voz, com a elegância européia e a arrogância masculina. Queria seu conhecimento, suas habilidades.

Sua mão tremeu ao abrir a porta e respirar o ar do corredor. De novo, seu corpo voltava a ser dele, movia-se naturalmente, de forma compassada, obedecendo a suas próprias instruções. Desceu as escadas correndo e entrou no restaurante.

Havia várias mesas ocupadas, muitas mais que na noite anterior. Normalmente, Raven evitava os lugares públicos tanto quanto era possível, assim não tinha por que se preocupar em levantar seu escudo protetor para não sentir as emoções alheias. Inspirou profundamente e entrou.

Jacob deu-lhe as boas-vindas com um sorriso, levantou-se como se esperasse que ela se unisse ao grupo de sua mesa. Raven sorriu por sua vez, sem se dar conta de sua aparência, inocente, sensual e completamente inalcançável. Cruzou a sala, saudou Shelly e foi apresentada a Margaret e Harry Summers.

Americanos. Tentou não mostrar nenhum sinal de alarme. Sabia que sua fotografia tinha sido publicada em todos os jornais e inclusive na televisão, durante a investigação dos últimos assassinatos. Não queria ser reconhecida, não queria voltar a viver o horrendo pesadelo de sentir a mente depravada e retorcida daquele homem. Não haveria lugar para um tema tão horrível durante o jantar.

— Sente-se aqui, Raven — Jacob lhe ofereceu uma cadeira de respaldo alto.

Evitando cuidadosamente o contato físico, Raven se sentou. Era um inferno estar perto de tanta gente. Quando era pequena, a quantidade de emoções que percebia, a sobressaltavam. Esteve a ponto de enlouquecer, até que aprendeu a se proteger, a construir uma barreira protetora. Funcionava a não ser que a dor ou a angústia fosse muito forte, ou se a tocava fisicamente, qualquer outro ser humano. Ou se estava na presença de uma mente doente e nefária.

Nesse momento, com a conversa fluindo a seu redor e todos desfrutando do jantar, começou a sentir os sintomas clássicos da sobrecarga de imagens. Umas agudas espetadas lhe atravessavam a cabeça e seu estômago protestava. Não seria capaz de comer.

Mikhail inspirou o ar da noite, movendo-se devagar entre as pessoas, procurando o que precisava. Não era uma mulher. Não poderia suportar tocar a pele de outra mulher. Era muito perigoso que o fizesse, em seu atual estado de excitação sexual, estava muito perto de sucumbir à transformação. Podia perder o controle. Por isso tinha que ser um homem. Moveu-se facilmente entre as pessoas, devolvendo saudações àqueles que conhecia. Era um homem respeitado e querido.

Deslizou atrás de um jovem forte e musculoso. Seu aroma era saudável, suas veias estavam cheias de vida. Depois de uma breve e singela conversa, Mikhail enviou brandamente sua ordem, passou seu braço pelos ombros do moço. Internaram-se nas sombras, ele inclinou a cabeça e se alimentou. Manteve suas

emoções firmemente controladas. Gostava deste homem, conhecia sua família. Não podia cometer nenhum engano.

Enquanto levantava a cabeça, assaltou-lhe a primeira onda de angústia.

Raven.

Inconscientemente tinha procurado o contato mental com ela, roçando sua mente para assegurar-se de que ainda continuava lá. Agora que estava alerta, acabou sua tarefa rapidamente, liberou o jovem do transe, continuou com a conversa, rindo amigavelmente, aceitando com alívio a mão do rapaz ao despedir-se, sujeitando-o quando pareceu perder o equilíbrio.

Mikhail abriu sua mente, concentrou-se no fio que devia seguir. Tinham passado anos, suas habilidades estavam um pouco oxidadas, mas ainda podia “ver” quando queria. Raven estava sentada à mesa com dois casais. Estava bela, serena. Mas ele sabia que ela não se sentia assim. Podia perceber sua confusão, a implacável dor de cabeça e seu desejo de sair da cadeira e deixar para trás todo mundo. Seus olhos, brilhantes safiras, pareciam atormentados, meras sombras em um rosto totalmente pálido. Tensão. Surpreendeu-lhe sua fortaleza. Não havia forma de que qualquer outra pessoa que não ele, percebesse telepaticamente, sua agonia.

E então, o homem que estava sentado a seu lado se inclinou para ela, olhou-a aos olhos, sua face refletia sua inexperiência, seus olhos desejo.

— Vamos passear, Raven. — Ele ugeriu e deixou casualmente a mão por cima de seu joelho.

Imediatamente, a dor de cabeça de Raven aumentou, estalando em seu interior, golpeando-a atrás dos olhos. Ela afastou a perna da mão de Jacob.

Os demônios interiores rugiram de ira, liberaram-se em uma explosão. Mikhail jamais havia sentido tanta fúria. A sensação percorria seu corpo, reclamava-o, apoderou-se dele. Aquele tipo podia feri-la, de forma tão casual, sem saber ou sem se importar. Aquele tipo podia tocá-la, enquanto ela estava vulnerável e desprotegida. Aquele tipo podia deixar suas mãos sobre ela. Atravessou o céu como um raio, enquanto o ar fresco dispersava sua ira.

Raven percebeu sua fúria. A atmosfera da sala se fez pesada. Fora, o vento começou a soprar formando diabólicos espirais. Os ramos das árvores golpeavam os muros da pensão. O vento soava nas janelas de forma sinistra. Vários garçons fizeram o sinal da cruz, olhando assustados a repentina mudança da noite, agora escura, sem estrelas. O ambiente ficou inesperadamente em silêncio, como se todos estivessem contendo a respiração.

Jacob ofegou, levando as mãos à garganta, como se tirasse dedos fortes e opressivos. Sua face ficou vermelha, com manchas violáceas e já estava com os olhos quase fora das órbitas. Shelly gritou e um garçom jovem correu para ajudar Jacob que se asfixiava. As pessoas ficavam de pé, esticando o pescoço para poder ver melhor. Raven obrigou seu frágil corpo a permanecer

calmo. Não podia sair ilesa com tantas emoções fluindo de uma vez.

— Liberte-o.

Obteve um silêncio por resposta.

O garçom tentava ajudar Jacob por trás, realizando a manobra do Heimlich, ainda assim, Jacob caiu de joelhos com os lábios azulados enquanto deixava os olhos em brancos.

— Por favor. Suplico-lhe. Solte-o. Faça por mim.

De repente, Jacob começou a respirar dificilmente, ofegando. Sua irmã e Margaret se abaixaram a seu lado com os olhos cheios de lágrimas. De forma instintiva, Raven se moveu para ele.

— Não o toque!

Foi uma ordem real, que a atemorizou como se ele a tivesse forçado com seus poderes.

As emoções de todas as pessoas da casa assaltavam Raven. A dor e o terror de Jacob. O medo de Shelly, o terror da proprietária da pensão, o impacto que haviam sofrido os outros americanos. Curvavam-na, golpeavam-na até fazê-la sentir frágil e transtornada. Mas era sua avassaladora ira, que enviava alfinetes em sua cabeça. Sentiu náuseas a revolver seu estômago e quase se viu obrigada a ajoelhar-se para evitar a dor, olhando desesperada para todos lados, procurando o toalete das senhoras. Se alguém tentasse tocá-la, ajudá-la, ficaria louca.

— Raven.

A voz era macia, sensual, e a acariciava. A calma no olho do furacão. Veludo negro. Bela. Balsâmica.

Fez-se um estranho silêncio no restaurante, enquanto Mikhail o cruzava. Emanava autoridade e arrogância.

Era alto, moreno, bem formado e musculoso, mas eram seus olhos, cheios de energia, de escuridão, de milhares de segredos, que atraíram imediatamente. Esses olhos podiam hipnotizar ou seduzir, como fazia sua voz. Ele sabia por onde devia mover-se para chegar a ela, afastava os garçons para um lado.

— Mikhail, é um inesperado prazer tê-lo entre nós — ofegou com surpresa a proprietária da pensão.

Ele lançou uma rápida olhadela à roliça figura da mulher.

— Vim por Raven. Temos um encontro -Disse docemente, mas com tal autoridade que ninguém se atreveu a discutir com ele. — Desafiou-me para uma partida de xadrez.

A proprietária da pensão assentiu com a cabeça enquanto sorria.

— Divirtam-se.

Raven cambaleou, enquanto apertava o estômago com os braços. Seus olhos de cor safira enormes, ao sentir que Mikhail se aproximava, levantou a cabeça. Estava a seu lado antes que fosse capaz de se mover e estendeu os braços para sustentá-la.

— Não o faça.

Raven fechou os olhos, aterrorizada por seu contato. Já não podia com tantas emoções, não seria capaz de suportar as poderosas irradiações de seu corpo.

Mikhail não duvidou um instante, pegou-a nos braços e a estreitou contra seu peito. Enquanto se voltava para sair com ela do restaurante, seu rosto era uma máscara de granito. Depois deles, os sussurros e murmúrios começaram a elevar-se.

Raven ficou tensa, esperando a descarga sobre seus sentidos, mas ele havia fechado sua mente e só pôde perceber a enorme força de seus braços. Saíram à escuridão da noite. Mikhail andava com agilidade e elegância, como se ela não pesasse nada.

— Respire, pequena. Isso ajuda.

Percebeu o pingo de diversão na maciez de sua voz. Raven fez caso de sua sugestão, muito exausta para lutar. Havia vindo a este lugar selvagem e afastado para se curar, mas em lugar de sentir-se recuperada, sua mente estava ainda mais maltratada. Abriu os olhos com muito cuidado, olhando-o através de seus cílios. Seu cabelo era de cor castanho escuro, quase negro, como o café. Estava penteado para trás e recolhido na nuca. Seu rosto poderia pertencer a um anjo ou a um demônio, pois era forte e poderoso, com uma boca sensual que se curvava com uma ameaça de crueldade. Seus olhos entrecerrados eram escuros. Gelo negro, pura magia negra.

Raven não pôde ler sua mente, seus pensamentos ou emoções. Jamais havia acontecido isso com ela antes.

— Solte-me. Sinto-me um pouco tonta... Parece que me seqüestrou um pirata ou algo assim.

Eles estavam-se embrenhando nas profundezas do bosque a grandes passadas. Os ramos das árvores e os arbustos rangiam com o vento. Seu coração pulsava descontrolado. Ela esticou o corpo, empurrou os fortes ombros e lutou em vão.

Mikhail baixou o olhar para seu rosto, de forma possessiva, mas não diminuiu o passo e tampouco a respondeu.

Era humilhante que ele nem sequer percebesse seus esforços por libertar-se. Com um pequeno suspiro, Raven se permitiu apoiar a cabeça contra seu ombro.

— Resgatou-me ou seqüestrou-me?

Ele mostrou seus dentes brancos com o sorriso de um predador, de um homem em busca de diversão.

— Possivelmente as duas coisas.

— Onde me levará? – Ela não queria começar outra batalha física ou mental.

— À minha casa. Temos um encontro. Sou Mikhail Dubrinsky.

Raven esfregou as têmporas.

— Talvez não seja uma boa idéia. Esta noite me sinto um pouco... – Ela se interrompeu ao captar com a extremidade do olho, uma sombra que seguia seus passos. Quase parou seu coração.

Olhou a sua volta, tornou a olhar, fê-lo pela terceira vez. Sua mão se firmou no ombro masculino. — Solte-me, Dubrinsky.

— Mikhail — Corrigiu ele, sem deter-se. Um ligeiro sorriso aparecia em seus lábios.

— Viu os lobos? -Ela notou que ele encolhia os ombros com total indiferença.

— Fique tranqüila, pequena. Não nos farão mal. Este é seu lar como é o meu. Temos um acordo e estamos em paz os uns com os outros.

De alguma forma ela soube que ele dizia a verdade.

— Vai me fazer algum mal? -Fez a pergunta com suavidade, precisava saber.

Os olhos escuros detiveram-se de novo em seu rosto, havia um inequívoco olhar possessivo que encerravam milhares de segredos.

— Não faria mal a uma mulher como você está pensando. Mas estou seguro que nossa relação não sempre será serena. Você gosta de me desafiar. — Respondeu ele, de forma tão honesta, como foi possível

Seu olhar fazia com que se sentisse dele, como se pertencesse só a ele e ele tivesse direito sobre ela.

— Cometeu um engano ao fazer mal a Jacob. Podia tê-lo matado.

— Não o defenda, pequena. Permiti que continuasse com vida por você, mas não me causaria nenhum problema terminar o assunto. — Seria agradável. Nenhum homem tem o direito a tocar à mulher de Mikhail e feri-la como esse humano acabava de fazer. A incapacidade do homem, em perceber a dor que estava causando a Raven, não o absolvía de seu pecado.

— Estou segura de que não pensa isso. Jacob não tem a culpa. Sentir-se atraído por mim. — Ela tentou explicar amavelmente.

— Não voltará a me dizer seu nome. Tocou-a. Ele pôs sua mão sobre você.

Ele deteve-se de repente, nas profundezas do bosque, tão selvagem como a os lobos que os rodeavam. Nem sequer respirava com esforço embora tivesse andado vários quilômetros com ela nos braços. Olhou-a diretamente nos olhos, de forma implacável.

— Fez-lhe muito mal.

Raven ficou sem fôlego ao notar que ele baixava a cabeça para ela. Seus lábios se detiveram quase sobre os seus. Tão perto que ela podia sentir sua respiração quente, sobre a pele.

— Não me desobedeça neste assunto, Raven. Este homem a tocou, fez-lhe mal e não encontro nenhum motivo para que continue vivendo. — Ele contemplou seu rosto implacável.

— Está falando sério?

Ela não queria sentir a languidez que se estendeu por seu corpo, depois de ouvir suas palavras. Jacob lhe fez muito mal.

Sentiu tanta dor que apenas podia respirar e de alguma forma, só Mikhail tinha percebido.

— Terrivelmente a sério – Ele continuou andando, a grandes passos.

Raven permanecia em silêncio, tentando solucionar aquele mistério. Ela sabia o que era o mal, tinha-o açoitado, banhado-se nele, na mente depravada e obscena de um assassino em série. Este homem falava da morte como se fosse algo normal. Mas não percebia maldade alguma em Mikhail. Sabia que estava em perigo, pois Mikhail Dubrinsky era um grave perigo para ela. Um homem com poderes ilimitados e prepotente no uso de sua força. Um homem que acreditava ter direitos sobre ela.

— Mikhail? — Estava começando a tremer. — Quero voltar.

Os olhos escuros baixaram novamente para seu rosto, percebendo as sombras sob seus olhos dilatados pelo medo. Seu coração pulsava alucinado e seu corpo miúdo tremia.

— Retornar para onde? Para a morte? Para a solidão? Não tem nada com toda essas pessoas e comigo tem tudo. Retornar não é a resposta. Antes ou depois não será capaz de satisfazer suas demandas, suas petições. Cada vez que os ajuda, eles levam parte de sua alma. Comigo cuidando de você, estará mais segura.

Raven se equilibrou sobre o peito masculino, tentando empurrá-lo, mas suas mãos foram tomadas pelo calor que desprendia sua pele. Mikhail simplesmente estreitou seu abraço, a diversão em ver as inúteis tentativas de Raven, provocava calidez a seu olhar.

— Não pode lutar comigo, pequena.

— Tenho que voltar, Mikhail — Conseguiu controlar sua voz. Não estava certa de estar dizendo a verdade. Ele a conhecia. Sabia o que ela realmente sentia, o preço que pagava por seu dom. A atração entre eles era tão forte que mal ela podia pôr em ordem seus pensamentos.

A casa se elevou diante deles de repente, escura e ameaçadora, uma confusa massa de pedras. Raven se segurou à camisa de Mikhail. Sabia que em seu estado nervoso, não era capaz de controlar o gesto revelador.

— Está a salvo comigo, Raven. Não permitiria que nada ou ninguém lhe fizesse mal.

Com os nervos à flor de pele, ela engoliu em seco, enquanto ele empurrava as pesadas portas de ferro da grade e subia as escadas.

— Depois de você.

Deixou que seu queixo acariciasse seu sedoso cabelo, sentindo como seu corpo estremecia em resposta.

— Bem-vinda a meu lar. — Ele pronunciou as palavras docemente, agasalhando-a com elas, como se ela fosse a luz do fogo ou um raio de sol. Devagar e a contragosto, deixou-a em pé no chão da entrada.

Mikhail passou a seu lado para abrir a porta, depois se afastou.

— Entra em minha casa, por sua vontade e livremente? - Perguntou-lhe de modo formal, mas olhando-a de forma abrasadora, cravando o olhar em seus lábios antes de olhar seus olhos.

Ela estava assustada. Podia ler nela facilmente, um ser selvagem e cativo que queria confiar nele, mas que se sentia incapaz de fazer, tentada a sair correndo, abandonada, mas desejosa de lutar até o último momento. Precisava dele quase como ele a precisava dela. Tocou o trinco da porta com as pontas dos dedos.

— Se disser que não, me levará de volta à estalagem?

Por que queria estar com ele quando sabia que era um homem terrivelmente perigoso? Ele a estava “empurrando”; ela podia perceber, porque seus poderes psíquicos estavam muito desenvolvidos para não se dar conta. Via-se sozinho, orgulhoso e seus olhos ardiam de desejo por ela. Estavam famintos. Não a respondeu, não tentou convencê-la, simplesmente ficou de pé, em silêncio, esperando.

Raven emitiu um pequeno suspiro, sabendo-se derrotada. Nunca antes, havia conhecido outro ser humano com o qual pudesse sentar-se e conversar, inclusive tocá-lo sem sofrer o bombardeio de pensamentos e emoções. Isso já era uma forma de sedução.

Transpôs a soleira da entrada. Mikhail a pegou pelo braço.

— Livremente. Diga.

— Livremente. Faço-o por minha vontade. — Entrou na casa, olhando para o chão. Não viu a alegria selvagem que iluminou o rosto dele.

## Capítulo 2

A pesada porta fechou-se atrás de Raven com um ruído surdo. Ela começou a tiritar e a esfregar os braços, estava muito nervosa. Mikhail lhe jogou uma capa sobre os ombros. Raven viu-se envolta por seu quente aroma masculino. Atravessou o saguão a grandes passos e abriu as portas da biblioteca. Acendeu o fogo num momento e mostrou-lhe uma poltrona, ao lado da chaminé. Era de respaldo alto e macia tapeçaria. Era uma peça de antiquário, embora não parecesse nada deteriorada nem desgastada.

Raven estudou o aposento com certo temor. Era uma moradia grande, com um belo piso de madeira em forma de mosaico. Em três das paredes, viam-se estantes cobertas de livros. A maioria encadernados em couro e muitos deles antiquíssimos. As poltronas eram cômodas, a mesinha antiga, também estava em estupendas condições. O tabuleiro de xadrez era de mármore e as peças eram esculpidas à mão.

— Beba isto.

Esteve a ponto de pular da cadeira, quando o viu junto a ela oferecendo-lhe um copo de cristal.

— Não tomo bebidas alcoólicas.

Ele sorriu daquela forma que fazia seu coração bater rápido. Seu agudo sentido de olfato já havia percebido essa

informação com antecedência.

— Não é álcool. É uma mescla de ervas para sua dor de cabeça.

Uma sensação de alarme se estendeu em seu interior. Tinha sido uma loucura estar ali. A situação era como tentar relaxar, sabendo que havia um tigre selvagem na casa. Ele podia fazer-lhe alguma coisa e ninguém iria a ajudá-la. Se a drogasse... Meneou a cabeça com decisão.

— Não, obrigado.

— Raven — Disse em voz baixa, acariciante, hipnótica. — Obedeça.

Seus dedos se curvaram ao redor do copo, lutou para impedi-lo, mas a cabeça estalou com uma súbita e lacerante dor. Gritou.

Mikhail estava a seu lado, de pé, cobriu com sua mão os dedos que seguravam o frágil cristal.

— Por que me desafia por coisa tão insignificante?

As lágrimas lhe queimavam a garganta, mas não ia chorar.

— Por que me obrigaria a tomá-la?

Ele levou a mão a garganta dela, rodeou-a e elevou o queixo.

— Porque sente dor e quero que a dor desapareça.

Podia ser tão simples? Seus olhos aumentaram com a estupefação. Doía-lhe a cabeça e queria que a dor desaparecesse?

Era realmente tão protetor ou simplesmente divertia-se em fazê-la aceitar sua vontade?

— Eu quem devo decidir. Nisso consiste a liberdade.

— Vejo a dor em seus olhos, sinto-a em seu corpo. Sabendo que posso ajudar, é lógico que permita, que continue sentindo-se mal simplesmente porque quer demonstrar alguma coisa? — Sua voz denotava confusão — Raven, se tivesse intenção de fazer-lhe algum mal, não precisaria drogá-la. Deixe-me ajudar. — Movia o polegar sobre sua pele com uma carícia ligeira, sensual, seguindo a linha do pescoço, desenhando sua face até chegar ao lábio inferior.

Raven fechou os olhos e deixou que ele aproximasse o copo de seus lábios, fazendo o líquido agridoce descer por sua garganta. Sentiu que estava pondo sua vida nas mãos daquele homem. Suas carícias eram possessivas.

— Relaxe, pequena. — disse ele, brandamente — Me fale de voce. Como é que pode ouvir meus pensamentos? — Seus fortes dedos iniciaram uma relaxante massagem sobre as têmporas de Raven.

— Sempre fui capaz de fazer essas coisas. Quando era pequena, pensava que todo mundo podia ler os pensamentos dos outros. Mas era terrível ouvir o mais profundo de cada pessoa, seus segredos. Ouvia e sentia coisas a cada minuto — Ela nunca falava de sua vida, de sua infância, a ninguém e muito menos a um completo estranho. Mas Mikhail não era um estranho. Parecia formar parte de sua vida. Uma parte de sua alma. Era importante que contasse — Meu pai pensava que eu era uma espécie de

monstro, um demônio, até minha mãe se assustava de mim. Aprendi a não tocar em ninguém, a não me colocar em meio a muitas pessoas. Era melhor estar sozinha, em lugares solitários. Era a única forma de não perder a razão.

Durante um segundo os dentes de Mikhail apareceram, ameaçadores, queria estar a sós com seu pai. Só alguns minutos, para ensinar o que era realmente um demônio. As palavras de Raven haviam despertado a ira em seu interior. Era uma situação alarmante e interessante. Saber que ela estava só há tantos anos, que tinha suportado a dor e a solidão estando ele no mundo, o enfurecia. Por que não havia ido procurá-la? Por que seu pai não a havia amado e protegido como devia?

Suas mãos estavam perando milagres, deslizando-se até a nuca, seus dedos eram fortes, sua massagem hipnótica.

— Faz poucos anos, um homem estava assassinando famílias inteiras, crianças pequenas. Eu vivia com uma amiga do instituto e quando voltei do trabalho, encontrei-os todos mortos. Quando entrei na casa pude sentir a maldade, seus pensamentos. As coisas que passavam por minha cabeça me davam náuseas, mas fui capaz de localizá-lo e finalmente guiar à polícia até ele.

Mikhail acariciou a grossa trança com as mãos, até encontrar a presilha que a prendia. Soltou-a e desfez as compridas e sedosas mechas, ainda úmidos pela ducha que ela havia tomado horas antes.

— Quantas vezes fez o mesmo? — Ela deixava que a informação fluísse. O horror, a dor, as faces das pessoas que

ajudavam, enquanto ela realizava seu trabalho, atônitos, fascinados e enojados pela habilidade que possuía. Ele viu todos os detalhes compartilhando sua mente, lendo suas lembranças para conhecê-la realmente.

— Quatro. Persegui quatro assassinos. A última vez me derrubou. Estava doente e ele era muito perverso. Senti-me suja, incapaz de tirá-lo da cabeça. Vim para cá, esperando encontrar paz. Decidi que jamais voltaria a fazer o que fiz.

Atrás dela, Mikhail fechou os olhos, por um momento, para acalmar-se. Ela se sentia suja! Podia ver seu interior, sua alma e seu coração, cada segredo. Ela era luz e compaixão, força e amabilidade. Jamais deveria ter visto as coisas que presenciara. Esperou até que sua voz esteve calma e serena.

— Dói-te a cabeça ao usar suas habilidades telepáticas? — quando ela assentiu com um movimento de cabeça, continuou — E ainda assim, quando me ouviu, dolorido e desesperado, chegou até mim sabendo o preço que iria pagar.

Como podia explicar-lhe Sentiu-o como um animal ferido, irradiando tanta dor, que ela pôs-se a chorar. Compartilhavam a mesma solidão. E ela havia percebido sua intenção de acabar com a dor, com a vida. Não podia deixar que o fizesse, sem se importar com o que acontecesse.

Mikhail deixou escapar o ar de seus pulmões lentamente. A bondade de seu caráter e sua entrega o deixou-o atônito e impressionado. Estava duvidando, não sabia se poderia expressar com palavras, o porquê de se colocar em contato com ele, mas

Mikhail soube que era natural nela, entregar-se de forma desinteressada. Também descobriu que ela ouviu sua chamada tão intensamente porque, esse algo profundo nele que alcançou sua mente, havia descoberto em Raven, tudo o que necessitava. Aspirou seu perfume, abraçando-o, desfrutando da maravilhosa visão de tê-la em seu lar, de respirar seu aroma, de sentir seu cabelo sedoso entre suas mãos, sua pele suave sob seus dedos. A luz do fogo arrancava reflexos azulados de seu cabelo. A necessidade o golpeou com força, com dolorosa urgência e se deleitou nesta dor porque agora era capaz de sentir. Sentou-se ao outro lado da mesa, em frente a ela, arrastou seu olhar prazerosamente por suas tentadoras curvas.

— Por que se veste com roupa de homem? — perguntou-lhe.

Ela soltou uma risada suave e melodiosa, os olhos a iluminaram com esta pequena travessura.

— Porque sabia que te incomodaria.

Mikhail jogou a cabeça para trás e gargalhou. Desta vez, o riso era genuíno, puro, real. A felicidade o enchia e o carinho começava a agitar-se em seu interior. Não era capaz de recordar como eram esses sentimentos, mas as emoções que o atravessavam eram agudas, claras e deixavam seu corpo docemente dolorido.

— É necessário me incomodar?

Ela ergueu uma sobrancelha e o olhou, deu-se conta que a dor de cabeça havia desaparecido por completo.

— É tão fácil... — brincou Raven.

Ele se inclinou sobre a mesa, diminuindo a distância entre ambos.

— É uma mulher desrespeitosa. Quer dizer que é muito perigoso.

— Hum, possivelmente um pouco perigoso também – Ela afastou o cabelo do rosto com um movimento da mão. O gesto era um hábito inocente, mas incrivelmente sensual. Deixou à vista a perfeição de seu rosto, a plenitude de seus seios e a suave curva de sua garganta.

— Então, é certo que é tão bom jogador de xadrez? — Desafiou-o com imprudência.

Uma hora mais tarde, Mikhail se acomodou em sua cadeira, observando seu rosto enquanto ela estudava o tabuleiro. Tinha o cenho franzido pela concentração, tentando descobrir a estratégia que ele seguia. Ela podia perceber que ele estava fazendo uma armadilha, mas não era capaz de ver no que consistia. Raven apoiou o queixo sobre a mão, relaxada, sem pressa. Era paciente e meticulosa, em duas ocasiões havia conseguido colocá-lo contra a parede, porque ele estava muito seguro de si mesmo.

De repente, arregalou os olhos surpresa, enquanto um lento sorriso aparecia em seus lábios carnudos.

— É um ardiloso diabo, não é, Mikhail? Mas sua astúcia pode metê-lo num pequeno problema.

Ele olhou-a com os olhos semicerrados. Seus dentes se viam muito brancos à luz do fogo.

— Esqueceu de mencionar que a última pessoa impertinente o suficiente para ganhar uma partida de xadrez, foi jogada na masmorra e torturada durante trinta anos?

— Suponho que então teria uns... dois anos – ela brincou com o olhar fixo no tabuleiro.

Bruscamente, ele prendeu a respiração. Havia se sentido tão bem junto dela, sentia que o aceitava totalmente. Obviamente ela o acreditava mortal, com poderes telepáticos muito superiores aos seus. Mikhail estendeu prazerosamente um braço sobre o tabuleiro para fazer seu movimento, vendo como ela compreendia o que ia fazer.

— Acredito que isto é um xeque-mate. — disse com voz aveludada.

— Deveria saber que um homem que caminha pelo bosque rodeado de lobos seria muito matreiro. — Dedicou-lhe um sorriso. — Uma estupenda partida, Mikhail. Gostei muito.

Raven se apoiou comodamente nas almofadas.

— Pode falar com os animais? — perguntou com curiosidade.

Gostava da presença dela em sua casa, a forma em que o fogo tingia de azul seu cabelo e as sombras obscureciam adoravelmente seu rosto. Havia memorizado o menor detalhe. Sabia

que se fechasse os olhos a veria ali, as delicadas maçãs do rosto, o pequeno nariz e a exuberante boca.

— Sim — Respondeu com honestidade, não queria mentiras entre eles.

— Teria matado Jacob?

Seus belos cílios chamaram sua atenção.

— Tome cuidado com suas perguntas, pequena. — advertiu.

Ela arrumou as pernas na poltrona, enquanto o olhava fixamente.

— Sabe, Mikhail? Está tão acostumado a usar seu poder que não pára para pensar se o que faz é bom ou mau.

— Ele não tinha direito de tocar em você. Estava lhe fazendo mal.

— Mas ele não sabia. E você não tem o direito de me tocar, mas o faz de todas formas – assinalou, tentando raciocinar.

Seus olhos brilharam frios.

— Tenho todo o direito. Você pertence-me — Disse ele tranqüilamente, mas o tom de voz suave deixava notar uma pequena advertência — E o que é ainda mais importante, Raven, eu não te faço mal.

Raven ficou sem respiração. Umedeceu os lábios com a língua sem dar-se conta.

— Mikhail – escolhia as palavras com supremo cuidado, duvidando. – Eu pertença a mim mesma. Sou uma pessoa, não algo

que se possa ter com propriedade. De todas formas, vivo nos Estados Unidos. Retornarei logo para minha casa e tenho intenção de pegar o próximo trem para Budapest.

Em seus lábios, desenharam o sorriso de um caçador, de um predador. A luz do fogo se refletiu por um instante em seus olhos que brilharam como os de um lobo na escuridão. Não disse nada. Contemplava-a fixamente, sem piscar.

Raven levou a mão à garganta de forma protetora.

— É tarde, deveria ir-me embora. — Podia ouvir o batimento do próprio coração. O que queria dele? Não sabia, só podia pensar que estava desfrutando da noite mais perfeita e aterradora de toda sua vida e que queria vê-lo novamente. Mikhail estava totalmente imóvel, ameaçador. Raven esperou sem fôlego. O medo a asfixiava, a fazia tremer. Medo de que ele a deixasse partir, medo de que a obrigasse a ficar. Inspirou profundamente — Mikhail, não sei o que quer de mim. — Tampouco ela sabia o que queria.

Então ele ficou em pé, emanando poder e elegância. Sua sombra a alcançou antes que ele. Tinha uma enorme força, mas suas mãos foram gentis quando tocaram-na para colocá-la de pé. Deslizaram por seus braços até as deixar descansar sobre seus ombros, enquanto a acariciava no pescoço com os polegares. Uma estranha sensação de calidez subiu por seu estômago.

Ela era tão pequena a seu lado, tão frágil e vulnerável.

— Não tente me deixar, pequena. Precisamos um do outro — Inclinou a cabeça para acariciar suas pálpebras com os lábios,

enviando pequenas labaredas que faziam arder à pele dela — Faz-me lembrar o que é a vida. — sussurrou com aquela voz hipnótica. Beijou-a no canto dos lábios e Raven sentiu que uma descarga elétrica atravessava seu corpo.

Elevou-se para acariciar a escura linha de seu queixo, uma vez que tentava separar-se dele pondo a outra mão sobre os fortes músculos do peito.

— Escute, Mikhail — disse com voz rouca. — Sabemos o que é a solidão, a completa solidão. Ainda não posso acreditar que esteja tão perto de você, tocá-lo sem que me curvem involuntariamente seus pensamentos. Mas não podemos continuar com isto.

O fogo que ardia em seus olhos deixou entrever um pingo de ternura e diversão. Ele entrelaçou os dedos em sua nuca.

— OH, é claro que podemos. — O veludo negro de sua voz era pura sedução, seu sorriso abertamente sensual.

Raven percebeu o poder dele em todo o corpo. Era incapaz de sustentar-se em pé. Estava tão perto dele que se sentia parte de seu corpo, rodeada por ele, envolta em seu abraço.

— Não tenho intenção de dormir com um desconhecido pelo simples fato de estar sozinha.

Sua risada foi quase uma carícia.

— Isso é o que pensa? Que dormiria comigo só porque está sozinha? — Novamente, ele acariciou brandamente sua garganta,

fazendo que seu sangue ardesse. — Por isso fará amor comigo. Por isso! — disse apanhando sua boca em um beijo agressivo.

Sentiram-se envolvidos por um fogo abrasador, pela força do relâmpago, a terra tremeu e se elevou sob seus pés.

Mikhail aproximou seu corpo esbelto até fazê-la sentir sua masculinidade, a agressividade de seus músculos. Dominava-a com sua boca, afogando-a em um mundo de puro prazer.

Raven não pôde fazer nada mais que se colar a ele. Seu corpo era sua âncora em uma tormenta de turbulenta paixão. Das profundezas de sua garganta elevou-se um grunhido feroz, animal, como o de um lobo ao despertar. Sua boca se trasladou para a suave e frágil curva de sua garganta, onde o sangue pulsava desenfreadamente contra sua sedosa pele.

Os braços de Mikhail se fecharam ainda mais em torno dela, sujeitando-a contra seu corpo de forma possessiva, consciente de que Raven não poderia liberar-se de seu abraço. Raven se sentia arder de necessidade, derretia-se encerrada em seu abraço, sua pele queimava. Movia-se inquieta roçando-se contra seu corpo, os mamilos se erguiam desenhando-se claramente sob o fino tecido de seu pulôver.

Ele acariciou-lhe o mamilo suavemente por cima da roupa. Ondas de sufocante calor subiam em espiral pelo corpo de Raven fazendo com que seus joelhos fraquejassem e que só a força de seus braços a mantivessem em pé. Mikhail moveu de novo sua boca e sua língua traçou um caminho ardente, até onde se agitava o sangue, em sua garganta.

E então seu sangue se converteu em fogo líquido, sentiu uma dor abrasadora, seu corpo se retorcia enfebreado pelo desespero. Assaltavam-na ondas de delicioso desejo. A mistura de dor e prazer que sua língua estava lhe provocando no pescoço era tão intensa, que já não sabia onde começava seu corpo e onde começava o de Mikhail. Com o polegar ele jogou-lhe a cabeça para trás deixando sua garganta exposta, uniu a boca à sua pele, devorando-a, bebendo dela. Raven sentia que sua boca a queimava, mas desta forma satisfazia sua própria sede.

Mikhail murmurou algo em sua língua natal e rompeu a união afastando ligeiramente a cabeça. Raven sentiu que algo quente caía pela garganta, escorregando para o peito. A língua de Mikhail seguiu o rastro, lambendo a cremosa curva de seus seios. Segurou-a pela cintura, de repente foi consciente do estado de seu próprio corpo, que rugia por liberar-se. Tinha que reclamá-la como sua companheira. Seu corpo o exigia, ardia por ela.

Raven se segurou à camisa dele para não perder o equilíbrio. Mikhail lançou uma maldição eloqüente, misturando as duas línguas, furioso consigo mesmo, enquanto a embalava de forma protetora entre seus braços.

— Sinto muito, Mikhail. — Ela estava assustada, aterrada pela debilidade que invadia seu corpo. A casa parecia girar a seu redor e uma bruma parecia envolver tudo. Sentia uma dor ardente no pescoço.

Ele inclinou a cabeça para beijá-la com delicadeza.

— Não, pequena, estou indo muito rápido — Tudo o que ele era, a mistura de fera e de homem, com centenas de anos nas costas, bramava em seu interior para que a tomasse, para que a conservasse a seu lado, mas ele queria que ela viesse por sua própria vontade, desejosa de estar com ele.

— Sinto-me estranha, enjoada.

Ele havia perdido o controle um só momento e a fera surgiu faminta pela doçura do sabor e desejosa de pôr sua marca sobre ela. Seu corpo necessitava com urgência, libertar-se do ardor que o dominava, precisava possuí-la. Mas a disciplina e o controle venceram seus instintos predadores. Inspirou profundamente e a deixou na cadeira, junto ao fogo.

Ela merecia que a cortejasse, merecia conhecê-lo de verdade, chegar a sentir um pouco que fosse, de carinho por ele antes de unir suas vidas para sempre. Uma humana. Um ser mortal. Era um engano. Era perigoso. Enquanto a acomodava gentilmente sobre as almofadas percebeu que algo estava errado.

Seu rosto tinha uma expressão sombria e ameaçadora ao voltar-se. Seu corpo não expressava amparo, agora mostrava poder e ameaça.

— Não se mova. — ordenou-lhe brandamente. Moveu-se tão rápido que pareceu desaparecer de repente, fechando as portas da biblioteca enquanto se dirigia à porta principal. Mikhail enviou uma chamada silenciosa a seus sentinelas.

Um lobo solitário uivou no exterior, outro respondeu, depois se uniu um terceiro até formar um coro de uivos. Quando o som

cessou Mikhail ficou esperando junto à porta, seu rosto era uma implacável máscara de granito. A névoa flutuava no bosque, os densos farrapos formavam redemoinhos junto à casa, formando uma massa espessa.

Alongou o braço e a porta principal se abriu. A densa névoa penetrou no saguão, amontoou-se até que cobriu tudo. Pouco a pouco a bruma começou a condensar-se, formando figuras que tomavam consistência até aparecer de forma totalmente corpórea.

— Por que me incomodam esta noite? — era um desafio, seus olhos brilhavam de forma perigosa.

Um homem se adiantou do resto, levando a esposa pelo braço. Estava pálida e tinha enormes olheiras, seu estado de gestação era muito avançado.

— Necessitamos de seu conselho, Mikhail e lhe trazemos notícias.

Raven sentiu que o alarme crescia em seu interior, golpeava sua cabeça e a afogava limpando as teias de aranha do transe no qual Mikhail a tinha mergulhado. Alguém sofria, estava louco de inquietação. A dor atravessava-o como uma faca afiada. Ficou em pé, agarrando-se ao respaldo da poltrona. As imagens a assaltaram. Uma jovem de pele pálida com uma estaca lhe atravessando o peito. O sangue emanava aos jorros. Haviam-lhe cortado à cabeça e lhe tinham posto algo asqueroso na boca. Um ritual, uma advertência para os outros. Um assassino em série aqui, nesta pacífica terra.

Raven apertou os dentes, tampou os ouvidos com as mãos, talvez assim conseguisse deter o fluxo de imagens que chegava a sua mente. Não podia respirar, não queria respirar, só queria que aquilo acabasse. Olhou freneticamente a seu redor e viu uma porta à sua direita, em direção contrária ao fluxo de cansativas emoções. Caiu no chão, estava fraca, desorientada e enjoada. Saiu da biblioteca cambaleante, precisava respirar ar fresco, longe da morte e do horror, que os recém chegados traziam na mente de forma tão intensa. A ira e o medo pareciam criar vida em suas mentes. Eram animais feridos, preparados para destroçar e rasgar em vingança. Por que havia pessoas tão ruins? Por que existiam pessoas tão violentas? Não obteve nenhuma resposta, nem queria esperar mais para obtê-la. Tinha dado vários passos ao longo de um amplo saguão quando uma figura se ergueu de repente diante dela. Era mais jovem que Mikhail, mais magro, de olhos brilhantes e cabelo castanho e ondulado. Tinha um sorriso malicioso no rosto e uma atitude ameaçadora enquanto se aproximava.

Uma mão invisível o golpeou no peito, afastando-o de Raven e jogando-o contra a parede. Mikhail se materializou, como uma sombra escura e malévola. Alcançou Raven e a empurrou, até colocá-la atrás dele de forma protetora. Desta vez o grunhido gutural era o rugido de uma fera ao lançar um desafio.

Raven podia sentir a terrível ira de Mikhail, ira misturada com dor. As emoções eram tão intensas que impregnavam o ar a seu redor. Tocou-lhe o braço, seus dedos se fecharam ao redor do seu pulso, uma minúscula dispersão para toda aquela violência que girava em seu interior. Podia sentir como a tensão percorria o corpo dele como se tivesse vida própria.

Ouviu como várias pessoas continham o fôlego. Raven se deu conta de que era o centro das atenções. Havia uma mulher e quatro homens com os olhos fixos no pulso de Mikhail que ela rodeava com seus pequenos dedos. Parecia ter cometido um terrível crime, tocar Mikhail. Ele moveu sua figura, bem mais corpulenta que a dela, para protegê-la do escrutínio daquelas pessoas. Não tentou afastar sua mão. Por acaso, moveu seu corpo de forma protetora, aproximando-a da parede de forma que eles não a vissem absolutamente.

— Ela está sob minha proteção. — Era uma declaração. Um desafio. Uma promessa de vingança rápida e mortal.

— Como todos nós também o estamos. — disse a mulher suavemente, tentando apaziguá-los.

Raven cambaleou. Seu único apoio era a parede. A ira e a dor chegavam até ela em incessantes ondas, até fazê-la querer gritar. Deixou escapar um pequeno som de protesto. Rapidamente Mikhail se voltou para ela, rodeando-a com seus braços, envolvendo-a neles.

— Mantenham suas emoções e pensamentos sob controle. — ordenou — Ela é muito sensível. Vou acompanhá-la à pensão e voltarei para que discutamos as preocupantes notícias.

Raven não teve oportunidade de ver outros antes que ele a acompanhasse até o carro que esperava na garagem. Com a cabeça apoiada sobre seu ombro sorriu fracamente.

— Este carro não vai com seu estilo, Mikhail. Sua forma de tratar as mulheres é tão arcaica, em uma vida anterior deve ter

sido o 'senhor do castelo'.

Ele lançou-lhe uma rápida olhada. Seu rosto estava muito pálido, fixou-se na marca que sua boca havia deixado no pescoço, via-se através de sua grande cabelleria. . Ele não tinha intenção de deixar nenhuma marca, mas agora estava ali era o sinal de que ela era dele.

— Vou ajudá-la a dormir esta noite. — Era uma afirmação.

— Quem eram aquelas pessoas? — Perguntou-lhe, porque sabia que ele não queria responder. Estava cansada, enjoada. Massageou a cabeça e desejou poder ser normal só uma vez na vida. Certamente ele ia pensar que ela era daquelas mulheres que viviam deprimidas.

Houve um pequeno silêncio. Mikhail suspirou.

— Minha família.

Soube que ele dizia a verdade, mas não foi de todo sincero.

— Por que faria alguém uma coisa tão terrível? — Olhou-o no rosto. — Eles esperam que persiga e localize este assassino para detê-lo? — Sua voz refletia dor e preocupação por ele. Sua pena era enorme, à beira da culpa e sentia a necessidade de desafogar-se de forma violenta.

Ele refletiu sobre a pergunta. Então Raven soube que a mulher assassinada era alguém de sua gente. Provavelmente, havia colhido os detalhes da mente de algumas das pessoas que haviam chegado. A dor e a preocupação eram por ele. Não havia nenhuma recriminação. Simplesmente, ela se preocupava com ele. Mikhail

sentiu que desvanecia a tensão. Uma sensação cálida subiu por seu estômago.

— Tratarei de mantê-la afastada desta confusão, pequena.  
— Ninguém se preocupava com ele, nem por seu estado mental nem por sua saúde. Ninguém parecia sentir nada por ele. Algo em seu interior se derreteu. Ela estava penetrando ali, no mais profundo de seu ser, onde mais a necessitava.

— Possivelmente não deveríamos nos ver por uns dias. Jamais estive tão cansada. — Estava dando-lhe uma saída fácil. Raven olhou as próprias mãos. Também ela precisava de uma desculpa. Nunca se havia sentido tão próxima de alguém, tão cômoda, como se o conhecesse toda a vida, ainda assim, aterrorizava-a o fato de que ele pudesse dominá-la. — E não acredito que sua família tenha gostado de nos verem juntos. Juntos somos muito... Explosivos. — concluiu tristemente.

— Não tente me abandonar, Raven — O carro parou diante da estalagem. — Sempre guardo o que é meu e não se confunda, você é minha — Era uma mistura de advertência e pedido. Não tinha tempo para palavras suaves. Queria lhe falar com palavras doces, Deus sabia que ela merecia, mas os outros esperavam e suas responsabilidades eram uma carga muito pesada.

Acariciou-lhe o queixo.

— Está tão acostumado a mandar — Havia riso em sua voz  
— Posso dormir por mim mesma, Mikhail. Levei anos fazendo isso.

— Precisa dormir com tranqüilidade, sem que nada a incomode. O que viu esta noite, a atormentará, se eu não ajudar

você. — Acariciou-lhe o lábio inferior com o polegar — Posso apagar a lembrança se desejar.

Raven sabia que ele ansiava fazê-lo, acreditava que era o melhor para ela. Via que era difícil deixar a decisão em suas mãos.

— Não Mikhail, obrigado. — disse solenemente — Acredito que conservarei todas as minhas lembranças, boas e más — Deu-lhe um beijo na face e se moveu no assento para abrir a porta. — Sabe? Não sou uma boneca de porcelana. Não vou quebrar porque vi algo que não devia ver. Persegui uns tantos assassinos em série antes. — Sorriu-lhe, mas seus olhos estavam tristes.

Sua mão prendeu o pulso de Raven.

— E quase conseguiram destruir você. Não ocorrerá o mesmo desta vez.

Ela baixou os olhos, ocultando seu olhar.

— Não é sua decisão. — Se as pessoas a convenciam que usasse seu dom na busca dos malvados assassinos que povoavam o mundo, não as deixaria sozinhas. Como poderia fazer algo assim?

— Não a assustei o suficiente, deveria estar muito mais assustada — disse resmungando.

Lançou-lhe outro sorriso enquanto soltava seu pulso.

— Acredito que sabe, que o que há entre nós não valeria a pena se sempre me obrigar a fazer sua vontade.

Ele manteve-a cativa enquanto seus olhos escuros e perigosos contemplavam seu rosto de forma possessiva. Ela tinha

uma vontade de ferro. Estava assustada e não obstante era capaz de sustentar seu olhar. Perseguir o mal a adoecia, levava-a a beira da loucura, mas voltava a fazê-lo uma e outra vez. Mikhail procurava em sua mente quase sem que ela o percebesse. Viu que estava decidida a ajudá-lo, que tinha medo de seus incríveis poderes, mas que não o deixaria sozinho para enfrentar o horrível assassino. Queria mantê-la a salvo em sua guarida. Mikhail traçou com seus dedos, uma linha ao longo de seu rosto, adorava-a.

— Vá antes que eu mude de opinião. — ordenou-lhe bruscamente enquanto a soltava.

Raven se afastou dele devagar, tentando sobrepor-se à sensação de enjôo que parecia haver-se apoderado de seu corpo. Teve muito cuidado de andar em linha reta para que ele não notasse que, cada passo que dava era um enorme esforço. Ergueu a cabeça e manteve sua mente em branco deliberadamente.

Mikhail a viu entrar na pensão. Viu como levava a mão à cabeça, esfregava as têmporas e depois a nuca. Ainda estava enjoada pela perda de sangue. Tinha sido um egoísta, mas algo mais forte que ele mesmo o obrigou a fazê-lo. Agora ela sofria as conseqüências. Doía-lhe a cabeça pelo bombardeio de emoções que havia recebido, incluindo as suas. Sua gente teria que ter mais cuidado na hora de bloquear suas mentes.

Saiu do carro e se dirigiu para as sombras, com todos seus sentidos, comprovando que estava sozinho. Transformou-se em névoa. Entre a névoa sua forma era invisível e podia passar facilmente por debaixo da janela que Raven mantinha aberta. Viu-a deitar-se, completamente esgotada na cama. Tinha o rosto

mortalmente pálido e um olhar obcecado nos olhos. Recolheu o cabelo, tocando com cuidado a marca que ele tinha deixado no pescoço. Levou uns minutos para desfazer-se dos sapatos como se fosse uma enorme tarefa.

Mikhail esperou até que ela caiu na cama, sem tirar a roupa.

— Vai dormir. -Foi uma ordem arrogante, procurando dobrar sua vontade.

— Mikhail.

Ouviu-a pronunciar seu nome dentro de sua cabeça, muito brandamente, com voz sonolenta e um pingo de diversão.

— Sabia que de todas formas você aprontaria alguma coisa. -Não lutou, mas sim se rendeu voluntariamente enquanto um pequeno sorriso curvava seus lábios.

Mikhail a despiu e a colocou sob as mantas. Protegeu a porta do quarto com um forte feitiço, nem sequer o mais materialista de seus congêneres poderia evitá-lo, e impediria qualquer patético assassino mortal. Protegeu as janelas de qualquer possível entrada. Pousou os lábios sobre sua testa, numa suave carícia, depois tocou sua marca no pescoço antes de partir.

Os outros deixaram de falar assim que ele entrou. Celeste sorriu, pousando a mão de forma protetora sobre a criança que levava em seu ventre.

— Ela está bem, Mikhail?

Assentiu bruscamente com a cabeça, agradecido por sua preocupação. Ninguém lhe perguntou nada, mas o comportamento havia sido totalmente inesperado nele. Foi direto ao ponto.

— Por que deixaram Noelle totalmente desprotegida?

Olharam-se uns aos outros. Mikhail havia ordenado, para não deixar de dar o menor amparo para assegurar sua segurança, mas ao longo dos anos, era fácil que pouco a pouco fossem abandonando os costumes, até chegar a ser imprudentemente descuidado.

— Noelle teve seu bebê há apenas dois meses. Sempre está muito cansada — Celeste tentou desculpar o deslize.

— E Rand? Onde estava? Por que deixou sozinha, sua mulher, se estava exausta e desprotegida enquanto dormia? — perguntou num tom mortalmente tranquilo.

Byron, o homem que tinha ameaçado Raven com antecedência, moveu-se inquieto.

— Já conhece Rand. Sempre perseguindo mulheres. Levou o menino para Celeste e saiu para caçar.

— E esqueceu de dedicar a Noelle os amparos adequados — A repugnância que sentia Mikhail era muito evidente. — Onde está?

Eric, o companheiro de Celeste, respondeu-lhe carrancudo.

— Ficou louco, Mikhail. Custou-nos um enorme esforço aplacá-lo, mas agora ele dorme. O bebê está enterrado com ele, dormindo.

— Não podíamos perder Noelle. — Mikhail deixou de lado a dor. Não era o momento de expressá-la nem de senti-la — Eric, pode manter Rand sob controle?

— Acredito que deveria falar com ele. — respondeu o outro, honestamente. — O sentimento de culpa o está deixando louco. Esteve a ponto de nos atacar.

— Vlad, Onde está Eleanor?

— Está em perigo, a ponto de dar à luz. Devemos protegê-la como a Celeste. — disse Mikhail — Não podemos perder nenhuma de nossas mulheres e menos ainda, seus bebês.

— O parto está muito próximo, por isso fiquei preocupada que viajasse. —

Vlad suspirou com preocupação.

— Está segura e bem protegida no momento, mas acredito que a perseguição começará novamente.

Mikhail golpeava brandamente a mesinha com o dedo.

— Possivelmente é muito significativo que três de nossas mulheres dêem a luz, de uma vez, depois de dez anos. Nossas crianças são escassas e passam muitos anos entre as iluminações. Se de alguma forma, os assassinos obtiveram a informação destas gestações, estarão atemorizados ante a idéia de que nos multipliquemos e ganhemos força de novo.

Mikhail olhou intensamente ao mais musculoso dos homens.

— Jacques, você não tem uma companheira que tenha que proteger precisa dessa carga. — Em sua voz apareceu uma ligeira amostra de carinho, um carinho que nunca antes havia sentido ou demonstrado e possivelmente nunca foi consciente de que outros o conhecessem. Jacques era seu irmão — Byron tampouco tem companheira. Vocês dois levarão as notícias a todos outros. Durmam nas profundezas da terra, alimentem-se só nos lugares mais seguros e usem sempre os feitiços de amparo mais poderosos. Devemos vigiar nossas mulheres e as colocá-las a salvo, especialmente as que estão grávidas. Não chamem a atenção absolutamente.

— Durante quanto tempo, Mikhail? — Os olhos de Celeste estavam cheios de tristeza e as lágrimas corriam por suas faces. — Quanto tempo teremos que viver assim?

— Até que eu encontre os assassinos e faça justiça. — Sua voz tinha uma nota selvagem e ferina — Todos vocês se transformaram em criaturas fracas ao imitarem mortais. Estão esquecendo os dons de nossa raça que podem salvar suas vidas. — a reprimenda foi severa.

— Minha mulher é mortal e ainda assim captou vossa presença antes que vocês descobrissem a sua. Sentiu suas emoções, que não souberam guardar e agora sabe que há assassinos soltos porque leu seus pensamentos. Não há desculpa para isso.

— Como é possível? — atreveu-se a perguntar Eric — Nenhum mortal tem esse enorme poder.

— Ela tem habilidades telepáticas muito desenvolvidas, tem um raro dom. Estará aqui muito freqüentemente. A protegerá como a todas nossas mulheres.

Os outros trocaram olhares desconcertados e confusos. De acordo com a lenda, só seus congêneres mais fortes podiam ser capazes de converter uma mulher mortal. Simplesmente, não se fazia, pois era muito arriscado. Muitos séculos atrás, se tentou, quando o número de mulheres Cárpatos havia diminuído e os homens passaram por uma situação desesperadora. Mas ninguém ousou fazê-lo novamente. A maioria deles acreditava que era uma lenda inventada para evitar que os homens perdessem suas almas. Mikhail tinha a mente totalmente fechada, impossível de ler, suas decisões eram inapeláveis, jamais se discutiram ao longo dos séculos. Ele punha fim às disputas e os protegia. Perseguia e caçava os homens de sua raça que haviam escolhido converter-se em vampiros, perigosos para os mortais e para os imortais por igual.

E agora isto. Uma mulher mortal. Estavam perplexos e não podiam ocultar. Estavam obrigados a pôr a vida da mulher de Mikhail acima das próprias. Se Mikhail dizia que estava sob seu amparo, realmente estava. Jamais dizia algo sem intenção. E se ela fosse ferida, a pena seria a morte. Mikhail era um inimigo selvagem, implacável e desumano.

Mikhail sentia-se responsável pela morte de Noelle. Tinha visto a fraqueza de Rand por mulheres. Mikhail se havia oposto à união de Rand e Noelle, mas não a havia proibido como deveria ter feito. Rand não era o verdadeiro companheiro de Noelle. A união

entre companheiros, a química que compartilhavam, jamais permitiria o verdadeiro companheiro enganar sua mulher. Noelle, sua formosa irmã, tão jovem e cheia de vida. Haviam-na perdido para sempre. Ela fora teimosa, queria Rand porque era bonito, não porque suas almas estivessem unidas. Havia mentido, mas ele sabia que mentiam. No fundo, tinha sido sua responsabilidade permitir que Rand continuasse tentando procurar emoções com outras mulheres enquanto Noelle se transformava numa mulher amargurada e perigosa. Sua morte havia sido instantânea, de outra maneira, ele teria percebido, embora estivesse dormindo profundamente. Rand não deveria ter tido jamais, uma mulher sob seu amparo.

Mikhail tinha pensado que, quando chegasse à hora, cada um encontraria seu verdadeiro companheiro, mas não aconteceu assim. Noelle estava cada vez mais perigosa e o comportamento promíscuo de Rand piorava. Era impossível que Rand sentisse algo pelas mulheres que levava para a cama, mesmo assim continuava, como se fosse o castigo que Noelle merecia, por havê-lo escolhido.

Mikhail fechou os olhos por um momento, permitindo que a realidade da injusta morte de Noelle o enchesse por completo. A sensação de perda era insuportável, sua dor selvagem e intensa, misturado com uma raiva gelada e um propósito mortal. Baixou a cabeça. Lágrimas de sangue corriam por seu rosto.

Sua irmã, a mais jovem das mulheres. Ele era o culpado.

Mikhail sentiu a agitação em sua mente, sentiu-se reconfortado como se alguém o abraçasse.

— Mikhail? Precisa de mim? -Perguntou Raven preocupada. Sua voz soava rouca e sonolenta.

Ele estava totalmente assombrado. Sua ordem havia sido firme, muito mais firme que as que estava acostumado a enviar a qualquer humano, e ainda assim, sua dor havia chegado a Raven através do sonho. Lançou uma olhada a sua volta, aos rostos de seus companheiros. Nenhum deles havia percebido o contato mental.

Era muito significativo, ainda sonolenta como estava, Raven era capaz de concentrar-se, canalizar seus pensamentos e enviá-los diretamente para sua mente sem que ninguém percebesse. Era uma habilidade que muito poucos dos seus, incomodaram em desenvolver, já que confiavam muito na incapacidade dos humanos de não perceber suas comunicações telepáticas.

— Mikhail? — A voz era agora mais forte, estava preocupada — Vou ajudá-lo.

— Durma, pequena. Estou bem. — tranqüilizou-a, aumentando a ordem, com o tom de sua voz.

— Cuide-se, Mikhail. – sussurrouela devagar, obedecendo-o.

Mikhail centrou sua atenção naqueles que esperavam suas ordens.

— Enviem-me Rand, amanhã. O bebê não pode viver com ele. Dierdre perdeu outro menino, há um par de décadas. Ainda chora seus outros bebês desaparecidos. Entregaremos o filho de Noelle. Tienn os protegerá. Ninguém usará uma conexão psíquica

até que saibamos com certeza que nenhum de nossos adversários possui o mesmo dom que tem minha mulher.

Seus rostos mostraram um assombro absoluto. Nenhum deles pensava que um humano fosse capaz de possuir semelhante poder e disciplina.

— Mikhail, tem certeza que esta mulher não é nossa inimiga? Poderia representar uma ameaça para nós. — Eric sugeriu esta ideia com muito cuidado, inclusive Celeste cravou os dedos em seu braço, em sinal de advertência.

Mikhail entrecerrou os olhos escuros.

— Pensam que me mantive ocioso, me maravilhando de meu próprio poder? Pouco me conhecem, se me consideram incapaz de reconhecê-la como uma ameaça depois de me aventurar por sua mente? Advirto-os, estou desejando deixar de ser seu líder, mas não vou afastá-la de meu amparo. Se qualquer um de vocês lhe fizer mal, se haverão comigo. Desejam que ceda a outro a liderança? Estou cansado de meus deveres e responsabilidades.

— Mikhail! — protestou Byron indignado.

Os outros se olharam rapidamente, como crianças assustadas. Jacques foi o único que se manteve em silêncio, apoiava o quadril preguiçosamente sobre a parede, olhando Mikhail com um sorriso zombeteiro. Mikhail o ignorou.

— Quase está amanhecendo. Vão todos clandestinamente. Usem todas as proteções possíveis. Quando despertarem, comprovem os arredores, procurem a presença de intrusos. Não

ignorem o menor dos detalhes. Devemos estar em estreito contato e cuidar os uns dos outros.

— Mikhail, o primeiro ano é crucial para nossos bebês, a maioria deles não sobrevive — Os dedos de Celeste se retorciam nervosos enquanto dava a mão a seu marido — Não estou segura de que Dierdre possa suportar outra perda.

O sorriso do Mikhail foi terno.

— Ela cuidará do menino melhor que qualquer outra e Tienn será o dobro mais protetor que qualquer um de nós. Ele esteve tentando convencer Dierdre para que volte a ficar grávida, mas ela se negou. Ao menos assim poderá embalar alguém.

— E voltará a desejar ter outro bebê — disse Celeste zangada.

— Se nossa raça quer seguir adiante, devemos ter filhos. Embora eu preferisse muito ser eu que os trouxesse ao mundo, são só as mulheres que podem realizar o milagre.

— É desanimador perder tantos bebês, Mikhail. — tornou Celeste.

— É pelo bem de todos, Celeste — Seu tom não deixou lugar a nenhuma dúvida, ninguém ousou discutir nem perguntar. Possuía absoluta autoridade e sentia uma ira e uma dor, além de qualquer medida. Rand não só tinha falhado ao proteger Noelle, uma moça, bela e vivaz. Sua vida se desperdiçou, por culpa do jogo sádico que ela e Rand levavam a termo. Sabia que era tão responsável quanto Rand. Ambos eram culpados da morte de

Noelle. O desprezo que sentia por Rand também era dirigido a ele mesmo.

## Capítulo 3

Raven despertou pouco a pouco, sentindo-se incapaz de abrir os olhos, o sono se apoderava dela e a arrastava. De alguma forma, sabia que não devia despertar, embora fosse essencial. Abriu os olhos à força e voltou à cabeça para a janela. O sol entrava em torrentes. Obrigou-se a sentar e ao fazê-lo, os lençóis deslizaram deixando à vista seu corpo nu.

— Mikhail – Sussurrou. – Você toma muitas liberdades — Tentou conectar-se com ele automaticamente, sentia uma necessidade imperiosa de fazê-lo. Ao notar que ele dormia, retirou-se de sua mente. O ligeiro contato foi suficiente. Ele estava a salvo.

Raven se sentia diferente, feliz. Podia falar com qualquer um, tocar a qualquer um, sem se importar com a sensação de perigo. A liberdade de relaxar na presença de outro ser era uma alegria enorme.

Mikhail possuía grandes responsabilidades. Ela não sabia quem era ele, só que era alguém importante. Era óbvio que se sentia muito à vontade com seus poderes, não como ela, que ainda se sentia como uma espécie de monstro. Queria ser como ele, ter confiança em si mesma e não se importar com a opinião de outros.

Não conhecia nada da vida na Romênia. As populações rurais eram pobres e supersticiosas. Não obstante eram pessoas

amáveis e com um bonito artesanato. Mikhail era diferente. Havia ouvido falar dos Cárpatos. Não dos ciganos, mas sim de pessoas bem educadas, com dinheiro e que viviam por decisão própria, no coração do bosque, em plena montanha. Mikhail seria seu líder? Era essa a razão de sua arrogância e de seu caráter reservado?

A ducha caiu bem em seu corpo, liberando-o daquela sensação de sonolência. Vestiu-se com supremo cuidado, colocou jeans, pulôver de gola rolê e uma jaqueta. Embora fizesse sol, fazia muito frio nas montanhas e ela estava pensando em explorar o lugar. Por um momento sentiu uma dor aguda e uma queimação no pescoço. Retirou o pulôver para examinar a ferida. Era uma marca estranha, parecia marcas de dentes de um adolescente apaixonado, mas ainda mais intenso.

Ruborizou-se ao recordar a imagem de Mikhail no momento de lhe deixar a marca. Além de tudo, tinha que ser tão provocador? Podia aprender muito com ele. Deu-se conta de que ele era capaz de estar sempre protegido do constante bombardeio de emoções. Para ela, ser capaz de se sentar num lugar cheio de pessoas não sentir nada mais, além de suas próprias emoções, seria um enorme milagre. Raven calçou suas botas de montanha.

Um assassinato neste lugar! Era um sacrilégio. Os habitantes do povoado deviam estar aterrorizados. Ao sair da pensão, sentiu um estranho movimento do ar. Como se tivesse que empurrar uma força invisível. Seria Mikhail outra vez? Tentava mantê-la presa? Não. Se fosse capaz de tal coisa, aquelas barreiras invisíveis a teriam detido. Aquilo era uma espécie de amparo para mantê-la longe de sua casa. Ainda destroçado pela dor e a raiva

daquele assassinato sem sentido e tão horrendo, havia a ajudado dormir. A imagem de Mikhail preocupando-se em protegê-la e ajudá-la-a fez sentir-se querida.

Eram três horas da tarde, muito tarde para almoçar e excessivamente cedo para jantar e Raven tinha fome. A proprietária da pensão lhe preparou uma cesta com comida para que jantasse de caminho. Nenhuma vez mencionou que houvera um assassinato. De fato, parecia ignorar por completo a notícia. Raven não se sentia a fim de abordar o tema. Era estranho; a senhora foi tão amável e simpática, inclusive falou de Mikhail, para ela era um velho amigo, muito querido, mas Raven não pôde dizer nenhuma só palavra do assassinato nem do que havia pensado.

Uma vez fora, colocou a mochila nas costas. Não pôde perceber o horror do assassinato em nenhum lugar. Nem na pensão nem na rua, as pessoas pareciam perturbadas. Mas não podia estar enganada, as imagens foram claras e fortes e a dor aguda e muito real. Tinha percebido tantos detalhes que não podia ser obra de sua imaginação.

— Senhorita Whitney! Seu sobrenome é Whitney, não? — Disse uma voz feminina, a alguns passos atrás dela. Margaret Summers se aproximava depressa, seu rosto refletindo ansiedade e nervosismo. Era uma senhora próxima dos setenta anos, de aspecto frágil, cabelo cinza e uma forma de vestir de acordo com sua idade. — Querida, está muito pálida. Todos estávamos muito preocupados com você. Esse jovem, levando-a da maneira que o fez, deixou-nos muito assustados.

Raven achou graça.

— Sua presença intimida um pouco não é mesmo? É um velho amigo que se preocupa demais com minha saúde. Acredite, Sra. Summers, ele me tratou bem. É um importante homem de negócios. Pode perguntar a qualquer um do povoado.

— Está doente querida? — Perguntou Margaret de forma solícita, aproximando-se tanto que Raven se sentiu ameaçada.

— Estou-me recuperando — respondeu sem deixar lugar a dúvidas, desejando que fosse certo.

— Eu a vi antes! — exclamou Margaret — Você é a extraordinária jovem que ajudou a polícia a capturar aquele demônio que assassinava em San Diego há mais ou menos um mês. O que está fazendo aqui, neste lugar?

Raven parou na frente dela.

— Este tipo de trabalho é muito extenuante, Sra. Summers. Às vezes doentio. Foi uma perseguição longa e precisava me afastar de tudo aquilo. Queria visitar algum lugar bonito e remoto. Um lugar cheio de história, onde ninguém me reconhecesse e me apontasse com o dedo como a um monstro. Os Cárpatos são muito bonitos. Posso caminhar, me sentar tranquilamente e deixar que o vento leve as lembranças daquela mente depravada.

— Oh, querida! — Margaret estendeu a mão com preocupação, tentando tocá-la.

Rapidamente, Raven se afastou para um lado.

— Sinto muito. Incomoda-me muito tocar qualquer pessoa depois de me impregnar da mente de um louco. Por favor, entenda.

Margaret assentiu com a cabeça.

— Embora tenha notado que a seu jovem amigo, não importou tocá-la.

Raven sorriu.

— É muito mandão e adora especialmente representar cenas melodramáticas, mas é muito bom comigo. Faz tempo que nos conhecemos. Mikhail viaja muitíssimo, sabe? — Seus lábios soltaram toda a fileira de mentiras sem nenhuma dificuldade. Odiou-se por isso. — Não quero que ninguém saiba nada de mim, Sra. Summers. Detesto publicidade e neste momento preciso estar afastada de tudo. Por favor, não diga a ninguém quem sou.

— É obvio que não, querida, mas acredita que é seguro que ande por aí, sozinha? Há muitos animais selvagens rondando por esta zona.

— Mikhail me acompanha em minhas pequenas excursões e obviamente, não vou bisbilhotar pelo bosque quando anoitece.

— Oh! — Margaret pareceu acalmar-se — Mikhail Dubrinsky? Aqui todos falam dele.

— Já disse que ele cuida muito bem de mim. E na verdade, adora os pratos da proprietária da pensão. — confiou-lhe com um sorriso, elevando a cesta com comida — Melhor ir logo ou chegarei tarde.

Margaret a deixou passar.

— Tenha muito cuidado, querida.

Raven se despediu agitando a mão e se afastou dando um passeio devagar e tranqüilo pelo caminho que se internava no bosque e subia para a montanha. Por que tinha sido obrigada a mentir? Gostava de estar sozinha e jamais teve que se justificar pelo que fazia. Por algum motivo que não conseguia entender, não queria falar da vida de Mikhail com ninguém, menos ainda com Margaret Summers. A mulher parecia excessivamente interessada nele. Notava-lhe no olhar e na voz, embora não fizesse nenhum tipo de comentário a respeito. Podia sentir Margaret Summers estudando-a cuidadosamente, até que o caminho virou bruscamente e as árvores a ocultaram.

Raven moveu a cabeça com tristeza. Estava se transformando em uma espécie de presa, ao evitar que qualquer pessoa se aproximasse, inclusive uma doce senhora preocupada com sua segurança.

— Raven! Espere!

Fechou os olhos, molestada pela intromissão. Preparou-se para compor um sorriso assim que Jacob a alcançou.

— Jacob, alegre-me que se tenha recuperado. Engasgou-se, não é? Foi uma sorte que o garçom conhecesse a manobra de Heimlich.

Jacob franziu o cenho.

— Não me engasguei. — disse ele à defensiva. Não queria que ela o acusasse de não saber comportar-se na mesa. — Todos acreditam, mas não me engasguei com uma parte de carne.

— É verdade? A forma como o garçom... — Raven não acabou a frase.

— Bom, você não ficou o tempo suficiente para se dar conta. — Ele acusou-a, totalmente carrancudo — Deixou logo que esse... Neandertal a tirasse pelos braços dali.

— Jacob, — disse amavelmente — você não me conhece, não sabe nada de mim nem de minha vida privada. Pelo pouco que conhece, esse homem podia ser meu marido. Encontrava-me muito mal ontem à noite. Sinto muito não ter ficado, mas assim que vi que você se recuperava, não achei apropriado vomitar no restaurante.

— Como é que conhece esse homem? — perguntou Jacob ciumento — Os vizinhos do povoado dizem que é o homem mais poderoso desse lugar. É rico, é o dono de todos os negócios petrolíferos da região. O típico homem de negócios com muito poder. Como pôde conhecer um homem assim?

Ele estava se aproximando de Raven cada vez mais, e de repente, deu-se de conta do quão sózinhos e afastados dos outros, estavam. Ele tinha um olhar de menino mimado, que danificava seu rosto infantil. Também pôde perceber outra coisa, uma espécie de excitação, que o fazia sentir culpado. Percebeu que ela era uma parte importante de suas fantasias mais perversas. Jacob era um menino rico acostumado a conseguir qualquer novo brinquedo que desejasse.

Raven percebeu um pequeno movimento em sua mente.

— Raven? Teme por sua segurança. -Mikhail estava profundamente adormecido, mas lutava para despertar.

Agora começava a se preocupar. Mikhail era uma espécie de interrogação em sua cabeça. Não sabia o que ele ia fazer, só sabia que a protegeria. Por ela mesma, por Mikhail e por Jacob, este último tinha que entender que ela não queria nada com ele. — Posso cuidar disto. — respondeu-lhe para tranquilizá-lo.

— Jacob — disse pacientemente — acredito que você deveria partir. Volte para a pensão. Não sou uma mulher fácil de intimidar. Está me pressionando e não terei nenhum problema em expor uma denúncia, na polícia local, ou como chamam aqui. — Conteve a respiração ao notar que Mikhail esperava.

— Muito bem, Raven! Venda-se ao melhor lance! Veja se consegue um marido rico! Ele a usará e logo a deixará. Isso é o que fazem os homens como Dubrinsky! — gritou Jacob. Cuspiu alguns insultos mais e partiu dando longas passadas.

Raven deixou escapar o ar de seus pulmões muito devagar, agradecida.

— Vê?— Disse ela, obrigando-se a rir em seus pensamentos. — Dirigi eu mesma a situação e isso que sou uma insignificante mulher. Surpreendente não?

Do outro lado do denso arvoredado, impossível de ver de onde ela estava, ouviu-se o grito de terror de Jacob e depois um fraco gemido. Misturado com seu segundo chiado, pôde ouvir o rugido de um urso enfurecido. Pesadamente, caiu no chão entre os arbustos,

atrás de Raven. Ela ouviu a risada de Mikhail, muito masculina. Ele estava se divertindo.

— Muito divertido, Mikhail. Jacob emanava medo, mas não teria me feito mal. Tem um senso de humor bastante duvidoso.

— Preciso dormir. Deixe de procurar problemas, mulher.

— Se não ficasse acordado toda a noite, não passaria todo o dia dormindo. — retrucou-lhe Raven. Quando trabalha?

— Os empregados trabalham sozinhos.

A imagem de Mikhail com um empregado a fez rir.

— Volte a dormir, grandalhão. MUITÍSSIMO obrigado posso me virar sozinha sem um enorme machão para me proteger.

— Preferiria, na verdade, que voltasse para a pensão até que eu me levante. — Não houve nem o mais ligeiro indício de ordem em sua voz. Estava tentando suavizar sua forma de ser e seus esforços a fizeram sorrir.

— Não o farei, aprenda a viver com meu jeito de ser.

— As americanas são realmente difíceis.

Ela seguiu subindo a montanha, com a risada de Mikhail ainda ressoando em sua cabeça. Deixou que a quietude da natureza tomasse sua mente. Os pássaros cantavam suavemente, o vento sussurrava entre as árvores. O prado estava cheio de flores de intensas cores que balançavam com a brisa.

Raven não se deteve, sentia-se em paz naquela solidão. Encarapitou-se em uma rocha escarpada, na parte alta de uma

pradaria rodeada de espessos grupos de árvores. Comeu e deitou de costas, regozijando-se com a paisagem.

Mikhail se mexeu, permitindo a seus sentidos explorar ao redor. Jazia na terra pouco profunda, sem que ninguém o incomodasse. Nenhum humano se aproximou de sua guarida. Faltava pouco menos de uma hora para o anoitecer. Emergiu da terra, saindo do porão úmido e frio. Enquanto tomava banho, imitando a maneira humana de proceder à limpeza, embora não fosse necessário, tocou a mente de Raven. Estava semi-adormecida na montanha, desprotegida e começava a escurecer. Franziu o cenho. A mulher não tinha idéia de como tomar medidas de proteção. Urgia-lhe dar uma boa sacudida, não, mais ainda, queria levantá-la de onde estava deitada e mantê-la segura em seus braços para sempre.

Foi caminhando sob o pálido sol, subindo pelos caminhos da montanha com a rapidez dos seus. O sol acariciava sua pele, esquentando-a, lhe fazendo-o sentir-se vivo. Os óculos escuros, feitos especialmente para ele, protegiam-lhe os olhos ultrasensíveis, não obstante, incomodavam-lhe umas pequenas agulhadas. Ao aproximar-se da rocha onde Raven dormia, captou o aroma de outro dos seus, de um homem. Rand.

Mikhail rilhou os dentes. O sol se afundou atrás da montanha, enchendo de sombras, as colinas e banhando o bosque com tenebrosos segredos. Mikhail saiu ao claro, com os braços estendidos de ambos os lados. Seu corpo emanava poder, movia-se de forma fluída, como se voasse. Era um demônio que espreitava, silencioso e letal.

Rand estava de costas para ele, aproximando-se de Raven. Ao sentir a força no ar, virou-se. Suas feições estavam desfiguradas pela dor e pela ira.

— Mikhail... — falou e fechou os olhos. — Sei que jamais me perdoará. Sabia que não era um verdadeiro companheiro para Noelle. Ainda assim, ela não quis que eu partisse. Ameaçou tirar a própria vida se a deixasse, se eu tentasse procurar outra. Permaneci junto dela como um covarde.

— Por que está aqui, escondido ao lado de minha mulher? — sibilou Mikhail, enquanto a fúria o invadia. As desculpas de Rand o enojavam, embora fossem certas. Se Noelle tinha ameaçado morrer sob o sol, ele saberia. Mikhail tinha poder para deter o comportamento autodestrutivo de Noelle. Rand sabia muito bem que ele era seu príncipe, seu líder e embora nunca houvesse compartilhado seu sangue com o companheiro de sua irmã, podia ler em sua mente o prazer perverso que lhe proporcionava esta relação, seu domínio sobre ela e a obsessão que Noelle sentia.

Às suas costas, Raven se moveu. Sentou-se e jogou o cabelo para trás, num pequeno gesto, tão dela. Estava sonolenta e provocadora. Era uma sereia esperando seu amante. Rand voltou à cabeça para olhá-la e uma expressão matreira e ardilosa cruzou por seu rosto. Ela sentiu a imediata ordem de Mikhail para que guardasse silêncio e percebeu a dor não reprimida de Rand, seu ciúmes e o ódio que sentia de Mikhail e a tensão evidente entre os dois homens.

— Byron e Jacques me disseram que ela estava sob seus cuidados. Não conseguia dormir e sabia que ela estava sozinha sem

nenhum feitiço que a protegesse. Tinha que fazer algo ou teria preferido me unir a Noelle. — Era um rogo, procurava compreensão, não perdão. Não obstante, Raven não acreditou em nada do que Rand disse. Não soube se sua dor era real. Possivelmente, estava desesperado para conseguir o respeito de Mikhail e sabia no fundo, que não ia obtê-lo.

— Então, estou em dívida com você. — disse Mikhail solenemente, custava-lhe um enorme esforço ocultar o asco que sentia por um homem que deixara a sua mulher desprotegida, tendo dado à luz há tão pouco tempo, para atormentá-la com o aroma que outra mulher deixasse sobre ele.

Raven desceu da rocha. Era uma miúda mulher de olhar compassivo.

— Sinto muito a morte de sua esposa. — disse em um sussurro, cuidando de manter a distância. Era o marido da mulher assassinada. Sua dor e culpa chegavam até o corpo de Raven com dolorosa intensidade, mas ela estava preocupada com Mikhail. Algo estava errado com Rand. Sua mente estava desequilibrada, não era mau, mas havia algo estranho nele.

— Obrigado. — disse Rand — Necessito de meu filho, Mikhail.

— Precisa que a terra o cure. — Respondeu-lhe Mikhail como resposta. Era uma decisão irrevogável e estava firmemente decidido que se cumprisse sua vontade. Não entregaria um precioso bebê indefeso a este homem em seu atual estado mental.

O estômago de Raven se contraiu de dor, igual a seu coração, para ouvir a crueldade das palavras de Mikhail. Logo compreendia o que significava a ordem de Mikhail. Este homem, transbordante de dor pelo assassinato de sua esposa, ia ser privado da presença de seu filho e aceitava a palavra de Mikhail como uma lei absoluta. Sentiu sua dor como se fosse a dela própria e não estava de acordo com a decisão de Mikhail.

— Por favor, Mikhail. Eu amava Noelle. — De forma instintiva, Raven soube que não estava rogando para ficar com o bebê.

A fúria escureceu o rosto de Mikhail, deixando um espasmo de crueldade em sua boca e avermelhou seus olhos escuros.

— Não me fale de amor, Rand. Enterre-se, trate-se. Encontrarei o assassino e vingarei a morte de minha irmã. Jamais voltarei a me deixar arrastar pelo sentimentalismo. Se não tivesse escutado suas súplicas, agora ela estaria viva.

— Sou incapaz de dormir. Tenho o direito de caçar os assassinos. — A voz de Rand soava ressentida, desafiante, procurando o respeito e a igualdade como faz um menino, mesmo sabendo que não podia conseguir.

A impaciência e a ameaça brilharam nos olhos de Mikhail.

— Então o obrigarei, dar-lhe-ei a ordem para que descanse, porquê sua mente e seu corpo precisam. — Disse com o tom mais neutro que Raven já havia ouvido. Se não fosse pela fúria que ardia em seus olhos negros, acreditaria que ele se comportava de forma amável e que cuidava realmente da saúde do homem.

— Não podemos nos permitir que desapareça, Rand. — Sua voz se suavizou, usou um tom aveludado que seduzia, mas que ordenava implacavelmente.

— Vá dormir, Rand. Irá com Eric e deixará que ele cuide de você. Permanecerá dormindo até que não represente um perigo nem para sie nem para outros.

Raven estava assombrada e alarmada pelo absoluto poder de sua voz. Ele ostentava esse poder como se fosse seu dever. A voz de Mikhail por si só podia induzir a um profundo transe hipnótico. Ninguém discutia suas decisões, nem sequer em um assunto tão grave como era decidir quem cuida de um bebê. Mordeu o lábio inferior, estava muito confusa. Mikhail tinha razão sobre o bebê. Ela percebia algo mau em Rand, mas que um homem amadurecido obedecesse a sua ordem, que tivesse que obedecer a sua ordem, a aterrorizou. Ninguém deveria possuir essa voz, esse dom. Algo tão materialista podia empregar-se da forma equivocada, podia corromper aquele que o possuía.

Ficaram de pé, um em frente do outro, olhando-se, enquanto Rand se afastava entre a crescente escuridão. Raven sentia o aborrecimento de Mikhail. Ele estava aborrecido com ela. Desafiante, elevou o queixo. Ele se aproximou, deslizando incrivelmente rápido, seus dedos se fecharam ao redor da sua garganta, como se quisesse estrangulá-la.

— Não voltará nunca mais a cometer uma tolice como esta.

Ela piscou, enquanto mantinha seu olhar.

— Não tente me intimidar, Mikhail. Não funcionará. Ninguém me diz o que tenho que fazer, nem onde posso ir.

Ele baixou as mãos até seus pulsos, apertando-os, ameaçando romper seus frágeis ossos.

— Não tolerarei nenhuma tolice que possa pôr em risco sua vida. Já perdemos a uma de nossas mulheres. Não vou perder você.

Ele havia dito que era sua irmã. A compaixão lutou com seu instinto de amparo. A base desta discussão era o medo que ele sentia, de que ela desaparecesse.

— Mikhail, não pode me guardar dentro de uma caixa e me pôr num lugar seguro. — Falou tão meigamente como pôde.

— Não vou discutir sobre sua segurança. Há um momento, estava sozinha com um homem que estava planejando tomá-la à força. Qualquer animal selvagem podia tê-la atacado, e se não tivesse estado sob meu amparo. Rand poderia ter-lhe feito mal em seu atual estado.

— Nada disso aconteceu, Mikhail. — Tocou docemente seu queixo, numa terna carícia. — Tem preocupações e responsabilidades para que me acrescente à lista. Posso ajudar você. Sabe que sou capaz de fazê-lo.

Afastou-lhe as mãos e se atirou nos braços dele.

— Vai me deixar louco, Raven. — Ele estreitou-a contra o corpo. Sua voz desceu de tom, até converter-se em numa carícia hipnótica, em pura magia negra. — É a única pessoa que anseio proteger e ainda assim, não me obedece. Insiste em manter sua

independência. Todos outros se apóiam em minha força, mas você procura me ajudar, compartilhar minhas obrigações. — Baixou os lábios para os dela.

Novamente, Raven sentiu que a terra retumbava sob seus pés. Sentiu o estalo elétrico no ar, a sua volta. Era curioso. A temperatura de sua pele subiu até fazê-la arder. Em sua cabeça, giravam milhares de pontinhos coloridos. A boca de Mikhail reclamava a sua, possessiva, agressiva e dominante, apagando qualquer intenção de resistência. Ela separou os lábios, permitindo seu ardente e doce assalto.

Raven pousou suas mãos sobre os largos ombros e depois lhe rodeou o pescoço. Sentia que seu corpo se derretia.

Mikhail queria deitá-la sobre a suave erva, arrancar-lhe os ofensivos objetos do corpo e fazê-la irremediavelmente dele. Ela cheirava a pura inocência. Ninguém, nunca, haviam pedido para compartilhar suas pesadas obrigações. Ninguém, até que chegou esta pequena mortal, que pensara no preço que ele pagava. Uma humana. Tinha a coragem necessária para plantar-se diante ele e ele não podia mais que respeitá-la por isso.

Mikhail tinha os olhos fechados, deleitando-se na sensação do corpo de Raven colado ao dele, no fato de querê-la com aquela intensidade. Estava consumido por um desejo ardente. A contragosto, elevou a cabeça. Doía-lhe todo o corpo, de forma atroz.

— Vamos para casa, Raven. — Sua voz era pura sedução.

A boca de Raven curvou-se em um sorriso.

— Não acredito que sua casa seja um lugar seguro. É da classe de homem contra a qual minha mãe mandou ter cuidado.

Mikhail a abraçou de forma possessiva, apertando-a contra o corpo. Não tinha a mais leve intenção de afastar-se dela, de deixar que partisse. Indicou-lhe com seu corpo o caminho a seguir, por onde ele queria. Caminharam juntos em um agradável silêncio.

— Jacob não tinha intenção de me fazer mal. – Ela falou de repente — Eu teria percebido.

— Você não tinha intenção de tocá-lo, pequena e isso o salvou.

— Realmente acredito que é capaz de cometer atos violentos. Sempre é difícil evitar a violência. — Dirigiu-lhe um travesso sorriso.

— Quero que chegue viva em minha casa. Pelo menos até que encontremos os assassinos e nos desfaçamos deles.

Raven caminhou em silêncio. Mikhail havia dito desfaçamos, como se fossem uma equipe. Isso a agradou.

— Sabe, Mikhail? É muito estranho. Ninguém no povoado e nem na pensão, parecia saber nada do assassinato.

Seus dedos roçaram levemente suas delicadas maçãs do rosto.

— E você não disse nada.

Ela dirigiu-lhe um olhar calmo.

— É obvio. Não me divirto fofocando.

— Noelle morreu cruelmente e sua morte não tem nenhum sentido. Ela era a companheira de Rand...

— Já disse isso antes. O que significa “companheira”?

— Esse termo é igual ao de marido ou esposa. — Ele explicou — Noelle tinha dado à luz a um menino, faz só dois meses. Eu era o responsável por eles. Noelle não será tema de fofoca. Nós mesmos encontraremos seus assassinos.

— Não acreditei que houvesse um assassino, solto em um povoado tão pequeno. As pessoas teriam direito de saber sobre isso, não?

Mikhail escolheu as palavras com supremo cuidado.

— Os romenos não estão em perigo. E isto não é obra de uma só pessoa. Os assassinos desejam acabar com nossa gente. A verdadeira raça dos Cárpatos está quase extinta. Temos inimigos implacáveis que estariam felizes de nos verem mortos, a todos.

— Por que?

Mikhail encolheu de ombros.

— Somos diferentes. Temos certos dons, certos talentos. As pessoas temem aquilo que é diferente. Deveria saber.

— Possivelmente por minhas veias corra uma versão diluída de seu sangue. — disse Raven com um pinga de tristeza. Era agradável pensar que possuía antepassados com o mesmo dom.

O coração de Mikhail voou para o de Raven. Sua vida devia ter sido terrivelmente solitária. Mikhail queria agasalhá-la entre

seus braços, protegê-la a das coisas desagradáveis da vida. A sua era uma solidão auto-imposta e Raven não tivera opção.

— Nossos negócios com o petróleo e os minerais, em um país onde a maioria não tem nada, provocam ódio e ciúmes. Eu sou a lei para minha gente. Enfrento-me com aquilo que ameaça nossa posição e nossas vidas. Foi minha decisão errada que colocou Noelle em perigo. Devo pegar seus assassinos e fazer justiça.

— Por que não chamou às autoridades locais? – Ela esforçava-se por entender, mas tinha que ir devagar.

— Eu sou a autoridade para minha gente. Sou a lei.

— Você sozinho?

— Tenho outros que executam minhas ordens, que perseguem e caçam. São muitos, de fato. Mas todas as decisões são minha responsabilidade.

— É juiz, jurado e também verdugo? – Retrucou ela, contendo a respiração enquanto esperava a resposta. Suas percepções não podiam mentir. Ela haveria sentido a mancha do mal nele, sem se importar quão bom fosse o amparo que ele estivesse tentando proporcionar. Ninguém era tão poderoso a ponto de seus sentidos não detectarem uma pequena brecha. Não percebeu que tinha deixado de andar até que Mikhail acariciou seus braços, esquentando-a porque começava a tiritar de frio.

— Agora me teme. — Disse com cansaço, mas suavemente, como se sentisse ferido. E na verdade a idéia fazia-lhe mal. Havia tentado fazê-la sentir medo dele, tinha provocado seu medo

deliberadamente e agora que conseguia seu objetivo e entendia que não era o que pretendia dela.

Raven sentiu a voz suave de Mikhail no fundo da alma.

— Não tenho medo de você, Mikhail. — negou docemente, inclinando a cabeça para estudar suas feições à luz da lua. — Tenho medo por você. Tanto poder acaba por corromper a quem o possui. Tanta responsabilidade leva a destruição. Tomar decisões de vida ou morte que só estão nas mãos de Deus.

As mãos de Mikhail acariciaram sua sedosa pele, até pousarem em seus lábios. Seus olhos eram enormes em seu pequeno rosto, seus sentimentos estavam nus ante os hipnóticos olhos dele. Havia preocupação, compaixão, um amor que começava a nascer e uma doce, muito doce inocência que agitava sua alma. Ela se preocupava com ele. Estava preocupada. Mikhail emitiu um gemido. Raven não fazia idéia do que estava oferecendo a alguém como ele. Não se sentia com forças suficientes para resistir e se odiava por seu egoísmo.

— Mikhail. — Raven lhe acariciou o braço enviando ondas de calor por sua pele, fazendo ferver seu sangue. Não havia se alimentado e a mistura de amor, desejo e fome era explosiva, embriagadora e muito perigosa. Como não amar a alguém, quando conhecia seus pensamentos e sua mente? Ela era a luz que iluminava sua escuridão, sua outra metade. Embora devia ser proibido e provavelmente fosse um engano da natureza. Não podia evitar amá-la.

— Deixa que te ajude. Compartilhe isto comigo. Não se afaste de mim. — O simples roçar de sua mão, a preocupação de seus olhos, a pureza e a sinceridade de sua voz, o encheram de uma doçura desconhecida até então, para ele.

Atraiu-a, consciente das urgentes demanda de seu corpo. Com um rouco grunhido animal a levantou, sussurrou-lhe uma ordem muito suave e se moveu com toda a rapidez de que era capaz.

Raven piscou e se encontrou na biblioteca de Mikhail, o fogo arrojava sombras sobre a parede e ela não estava muito segura de como havia chegado até ali. Não se lembrava de ter ido caminhando, mas ainda assim, estavam no interior da casa. Mikhail estava com a camisa desabotoada, deixando à vista, os fortes músculos de seu peito. Seus olhos negros estavam fixos em seu rosto, observando-a com a quietude e a atenta vigilância de um predador. Não ocultava que a desejava.

— Te darei uma última oportunidade, pequena. — As palavras lhe saíram bruscas e roucas, como se rasgasse dolorosamente a garganta. — Encontrarei a força necessária para te deixar partir, se quer. Agora. Neste momento.

Estava ao outro lado da biblioteca. O ar pareceu deter-se. Se vivesse até chegar aos cem anos, jamais apagaria este momento de sua memória. Mikhail estava em pé, esperando sua decisão de unir-se a ele ou condená-lo à solidão eterna. Estava com a cabeça orgulhosamente erguida e o corpo, vibrante de masculina agressividade. Estava tenso, seus olhos ardiam de desejo.

Sua imagem apagava todo pensamento cabal da mente de Raven. Se o condenava, não condenaria ela mesma a sofrer o mesmo destino? Alguém precisava amar a este homem, cuidá-lo embora fora só um pouco. Como podia continuar sozinho? Ele estava esperando. Sem ordens, sem seduções, só com seus olhos, com sua necessidade e sua absoluta solidão. Os outros confiavam em sua força, exigiam-lhe que utilizasse suas habilidades, não obstante, não mostravam nenhum afeto nem agradeciam sua incessante vigilância. Ela podia saciar sua fome como os outros não podiam. Soube instintivamente. Não haveria outra mulher para ele. Queria-a. Precisava dela. Era incapaz de afastar-se dele.

— Tire a mochila das costas. – Disse ele maciamente.

Já não havia volta. Mikhail tinha lido a decisão em seus olhos, no suave tremor de seus lábios.

Raven deu um passo para trás, seus olhos azuis aumentaram de tamanho. Devagar, quase a contra gosto, tirou o objeto. De alguma forma, em seu interior, sabia que estava dando muito mais que sua inocência. Sabia que lhe estava dando sua vida.

— O pulôver.

Raven passou a língua pelos lábios, umedecendo-os. Uma selvagem sacudidela, quase primitiva, transpassou o corpo de Mikhail em resposta. Enquanto ela tirava o pulôver do pescoço de cisne, suas mãos baixaram ao zíper da calça. Sentia-se aprisionado, o tecido se estirava fazendo-lhe mal. Tomou o cuidado de utilizar a forma humana de despir-se para não assustá-la mais.

O corpo nu de Raven brilhava à luz do fogo. As sombras roçavam os contornos de sua figura. Seu talhe era estreito e sua cintura pequena, acentuando a generosidade de seus seios. O homem que havia nele inspirou bruscamente, o animal rugiu exigindo ser libertado.

Mikhail deixou cair sua camisa sobre o chão, incapaz de suportar por mais tempo o roçar do tecido sobre sua pele. Do profundo de sua garganta surgiu um som quase animal, uma selvagem chamada. No exterior da casa o vento começou a soprar e nuvens escuras ocultaram a lua. Afastou todos os adornos humanos que estavam sobre seu corpo, deixando-o à vista. Seus músculos estavam bem formados e estavam tensos pela necessidade.

Raven engoliu a saliva com dificuldade, enquanto baixava as alças do soutien, deixando que caísse ao chão. Seus seios ficaram à vista. Provocantes, os rosados mamilos estavam endurecidos pelo desejo.

Mikhail cruzou a distância que os separava de um só salto, sem se importar com as explicações que teria que dar mais tarde. O instinto de um milênio de idade tomou o controle de seu corpo. Rasgou os ofensivos jeans e os arrancou de um só golpe, jogando-os para o lado. Raven gritou, o medo ante sua força acrescentou uma tonalidade cinza a seus olhos azuis. Mikhail a acalmou com uma carícia, passando suas mãos por seu corpo, guardando cada linha do mesmo em sua memória.

— Não tema meu desejo, pequena. — sussurrou docemente  
— Jamais te faria mal. Seria incapaz.

Raven possuía uma estrutura pequena e delicada e sua pele era seda ardente. As mãos de Mikhail a tocavam por todos lados. Soltou o cabelo e o escovou com os dedos, seu tato enviava dardos ardentes a sua virilha. Seu corpo se enrijeceu, dolorido. Deus! Precisava dela. Tanto.

Mikhail segurou a nuca de Raven, de forma que ela não pudesse escapar. Jogou-lhe a cabeça para trás, até deixar exposta sua garganta e os seios a seu alcance. Moveu a mão lentamente, seguindo a curva de seu ombro até deixá-la, por um momento, sobre a marca que havia deixado no pescoço dela, que com o contato, tornou-se ardente e palpitante. Desceu a mão para acariciar a suavidade de seu seio. Seguiu com os dedos cada marca de suas costelas, alimentando seu desejo e acalmando o medo de Raven. Recreou-se em seu ventre e na curva de seus quadris até repousar a mão sobre o triângulo de suaves cachos, entre suas pernas.

Raven já havia sentido suas carícias com antecedência, mas esta era mil vezes mais forte. Suas mãos despertavam nela uma desesperada necessidade e tinha a sensação de estar afundando-se num mundo de puro prazer. Mikhail grunhiu algo, em sua própria língua e a tomou em seus braços para deixá-la no chão, enfrente a lareira. Seu corpo se movia com agressividade, colocando Raven sob ele, no chão. Por um momento, lembrou de um animal selvagem que tentava submeter sua companheira. Mikhail sequer se dera conta, até esse momento, do perto que havia estado de transformar-se num vampiro. As emoções, a paixão e a luxúria formavam em seu interior, um torvelinho que o fazia temer por Raven e por ele mesmo.

A luz do fogo arrojou uma sombra diabólica sobre ele. Parecia um enorme e invencível animal, escondido junto a ela de forma perigosa.

— Mikhail — Ela pronunciou seu nome meigamente, na intenção de que suavizasse a expressão selvagem de seu rosto. Precisava que ele fosse mais devagar.

Ele segurou os pulsos dela, com as duas mãos, unindo-as por cima da cabeça de Raven e mantendo-a imobilizada.

— Preciso que confie em mim, pequena. — Em sua voz se misturavam, a ordem imperante e a magia negra que só ele conjurava. — Me dê sua confiança. Por favor, dêem-me isso.

Ela estava aterrada e vulnerável, ali, presa ao chão como num sacrifício pagão, numa espécie de oferenda a um deus desaparecido. Os olhos de Mikhail devoravam seu corpo fazendo-a arder, onde posava seu olhar brilhante. Raven jazia imóvel sob sua desumana força, sentindo que ele havia tomado uma decisão implacável, consciente da terrível luta interior que se desenvolvia em sua mente. Seu olhar azul vagou sem rumo pelas linhas de seu rosto. Sua boca, tão sensual, também era capaz de demonstrar crueldade, seus olhos, que brilhavam com ardente ferocidade. Raven se moveu para comprovar a força do corpo masculino, sabendo que seria impossível detê-lo. Temia sua união porque não se sentia segura, não sabia o que esperar, mas confiava nele, acreditava nele.

A sensação de seu suave corpo nu, retorcendo-se sob ele, o inflamou ainda mais. Mikhail pronunciou seu nome num gemido,

enquanto sua mão deslizava pela coxa de Raven, até encontrar o quente lugar entre suas pernas.

— Confie em mim, Raven. Preciso de tua confiança — Seus dedos percorreram a suavidade de Raven, reclamando-a, provocando um fluxo de suave umidade. Ele inclinou a cabeça sobre ela para provar seu sabor, sua textura, seu aroma.

Raven gritou quando sentiu a boca de Mikhail sobre um mamilo, quando seus dedos se introduziram nela. Ondas de prazer percorriam seu corpo. Ele se moveu mais devagar, percorrendo com a língua o caminho aberto por seus dedos. Com cada carícia, seu corpo se enrijecia ainda mais, seu coração se abria para Raven e o animal que ele mantinha enjaulado, fazia-se mais forte.

Uma companheira. Sua companheira. Ela. Inalou seu aroma até guardá-lo no profundamente em sua alma.

Sua língua a percorria lentamente, numa prolongada carícia.

Raven voltou a mover-se sob ele, ainda insegura, mas se acalmou quando viu que ele levantava a cabeça e que em seus olhos ardia o firme propósito de ser seu dono. De forma deliberada, ele separou-lhe os joelhos, deixando-a totalmente vulnerável. Sustentou-lhe o olhar, advertindo-a, inclinou a cabeça entre suas pernas e bebeu.

Mikhail sabia, no fundo de sua mente, que Raven era muito inocente para fazer amor de forma tão selvagem, mas estava decidido, que ela conhecesse o que era prazer, o prazer que ele podia lhe proporcionar, muito distinto do prazer que obteve com sua sugestão hipnótica. Havia esperado muito, que aparecesse sua

companheira. Haviam sido intermináveis séculos de fome, escuridão e infinita solidão. Não podia ser terno e considerado, quando seu corpo inteiro exigia que a fizesse totalmente sua, para sempre. Sabia que sua confiança nele significava tudo. Sua fé nele seria a única, proteção.

O corpo de Raven se convulsionou em uma série de espasmos, enquanto ela gritava. Mikhail passou a língua devagar sobre ela, saboreando sua pele, sua suavidade e o delicioso aroma de seu corpo. Cada detalhe, até o mais íntimo, ficou gravado em sua mente, formando parte do selvagem prazer a que estava abandonando-se.

Soltou-lhe os braços e se inclinou para beijá-la sobre os olhos, na boca.

— É formosa, Raven. E é minha. Só minha. — Apertava seu corpo contra o dela, os músculos totalmente tenso, incrivelmente forte, tremendo de necessidade.

— Não poderia haver ninguém mais, Mikhail — respondeu ela docemente, enquanto passava os dedos pela pele ardente de suas costas. Acariciou seu rosto, contraído pelo desespero, deleitou-se no tato de seu cabelo. — Confio em voce, só em voce.

Mikhail a segurou pelos quadris.

— Serei tão delicado como posso, pequena. Não feche os olhos, fique comigo.

Ela estava preparada para ele, úmida, quente, mas ao entrar sentiu a barreira. Ela ofegou esticando o corpo.

— Mikhail. — Havia pânico em sua voz.

— Será só um instante, pequena e depois te levarei a céu.

— Esperou sua aprovação com mortal agonia.

Ela olhou-o com olhos trêmulos, confiando plenamente nele. Mikhail se moveu, penetrando sua estreita feminilidade, enterrando-se ali. Raven emitiu um pequeno gemido e ele a beijou para apagar a dor com sua língua. Obrigou-se a permanecer quieto, a sentir como seus corações pulsavam uníssonos e a escutar o murmúrio do sangue em suas veias. Raven acomodou seu corpo ao dele.

Beijou-a docemente, com ternura, abrindo sua mente para compartilhar tudo com ela. Seu amor era selvagem, obsessivo, protetor e certamente não o dava facilmente, mas sua entrega a Raven era total e absoluta. Moveu-se devagar e com muito cuidado a princípio, esperando a reação em seus expressivos olhos.

As demandas do corpo de Mikhail começaram a impor-se sobre eles. Sua pele ardia em labaredas e suas vísceras rugiam. Pequenas gotas de suor caíam de seus músculos tensos. Começou a mover-se sobre ela lentamente, reclamando-a como dele, enterrando seu corpo no dela uma e outra vez, com uma fome insaciável.

Raven o empurrou ligeiramente com as mãos, numa espécie de protesto. Mikhail grunhiu uma advertência enquanto baixava a cabeça para o seio esquerdo. Ela era pura seda, estreita e ardente. Seu ritmo se fez mais rápido, procurando o único alívio que

conhecia para saciar seu desespero. Eram um só ser, ela era sua outra metade.

Raven se moveu novamente, afastando-se ligeiramente dele e seus lábios desenharam um grito silencioso que evidenciava seu temor às ondas de incrível prazer que a consumiam. Mikhail grunhiu outra vez. Era o protesto do animal que habitava nele. Afundou os dentes na curva de seu ombro, esmagando-a contra o chão.

A lenha que ardia na lareira estalou. Retumbou o trovão e a casa tremeu enquanto os relâmpagos caíam um após o outro no bosque. Mikhail rugiu, gritou ao céu enquanto se elevavam acima da terra. O prazer continuou misturado com a dor. Precisava mais e mais. Ao introduzir-se com ferocidade nela, desencadeou um desejo tal, que a fera despertou por completo, em seu interior.

A boca de Mikhail se deslizou do ombro até encontrar o louco pulsar do coração de Raven sob seus apetitosos seios. Sua língua acariciou um mamilo endurecido e traçou caminhos de prazer a sua volta. Cravou profundamente os dentes e bebeu, alimentou-se dela, fez-a sua novamente, num frenesi sexual que era totalmente incapaz de saciar.

Seu sabor era doce, limpo e aditivo. Desejava ainda mais e mais, seu corpo a possuía cada vez mais profundamente, poderoso e forte, levando-a a sentir a explosão do prazer.

Raven lutou consigo mesma, porque era incapaz de reconhecer Mikhail naquele animal sensual e voraz. Seu corpo respondia a suas demandas, incapaz de sentir-se satisfeito. Mikhail

torturava a pele de seu peito, fazia arder e lhe enviava espirais de prazer que pareciam não ter fim. Sentia como ia se debilitando, enquanto uma euforia totalmente desconhecida, a deixava lânguida sob ele. Tomou a cabeça de Mikhail entre suas mãos, entregando-se por completo para que ele saciasse sua fome enquanto seu corpo se convulsionava.

Foi sua entrega, que lhe devolveu a prudência. Esta mulher não estava hipnotizada, oferecia-se livremente porque era capaz de sentir a necessidade que habitava nele, porque confiava que ele não seria capaz de lhe fazer mal, porque sabia que ele se deteria antes de matá-la.

Fechou a ferida do seio, lambendo-a. Elevou a cabeça, em seus olhos escuros ainda se podia ver o anseio, em sua boca estava o sabor de seu sangue. Soltou uma maldição em voz baixa, odiando-se a si mesmo pelo que havia feito. Ela estava sob seu amparo. Jamais havia experimentado por ninguém, o asco que sentia, nesse momento, por ele. Raven havia se entregado voluntariamente e ele a tinha tomado de forma egoísta. Havia deixado que imperasse a fera de seu interior para sentir o êxtase de unir-se a sua companheira.

Segurou o corpo inerte entre seus braços.

— Não morrerá, pequena Raven. — Estava furioso consigo mesmo. Havia feito de propósito? Procuraria a resposta mais tarde. Neste momento, ela precisava de sangue urgentemente.

— Fique comigo, pequena. Fiquei neste mundo por voce. Tem que ser forte por nós dois. Ouve-me Raven? Não me deixe.

Posso te fazer feliz. Sei que posso. – Ele abriu um corte no peito e apertou a boca de Raven contra a corrente carmesim que saiu.

— Beba. Obedeça-me.

Sabia que era melhor lhe dar seu sangue num copo, mas queria sentir sua boca sobre sua pele. Precisava abraçá-la enquanto ela tomava seu sangue, enquanto devolvia a vida, a seu esfomeado corpo.

Ela obedeceu à força, quase rechaçando seu sangue. Tentou afastar a cabeça. Mas ele a segurou, impedindo que se afastasse.

— Viverá, pequena. Beba mais.

Raven possuía uma vontade de aço. Nem sua a sua gente, precisava dar uma ordem tão forte para conseguir que lhe obedecessem. É claro que, eles confiavam nele e queriam obedecer. Embora Raven estava ciente de que ele a estava obrigando, algum remoto sentido de sobrevivência lutava contra sua ordem.

Não importava. Imporia sua vontade. Sempre a impunha.

Mikhail a levou em braços até seus aposentos. Espremeu ervas curativas e um aroma adocicado impregnou o aposento. Estendeu-as em volta da cama e sobre seu pequeno e imóvel corpo. Colocou-a em um profundo sono. Obrigaria-a, a beber novamente, dentro de uma hora. Por um momento, ficou em pé, observando-a, enquanto um profundo grito lhe subia pela garganta. Ela era linda. Um estranho e valioso tesouro que ele havia tratado de forma cruel em vez de cuidá-la e mimá-la, afastá-la de seu lado selvagem. Os homens dos Cárpatos não eram humanos. Sua forma de fazer amor era extremamente selvagem. Raven era jovem, humana e virgem.

E ele não havia sido capaz de enterrar suas recém adquiridas emoções no torvelinho de paixão.

Tocou-a com a mão trêmula, deixando uma ligeira carícia sobre seu rosto enquanto se inclinava para beijar sua boca. Com um juramento, deu a volta, e saiu. Os feitiços de amparo eram os mais fortes que conhecia. Ela não poderia sair e ninguém poderia entrar.

Lá fora, a tormenta rugia, com a mesma fúria e intensidade que havia em sua alma. Deu três passos e saltou para o céu, cruzando-o como um raio para o povoado. O vento gemia e formava redemoinhos a seu redor. A casa que procurava era uma pequena cabana. Ficou de pé na porta, seu rosto refletia o tortura que sofria.

Edgar Hummer abriu em silêncio a porta, afastando-se para um lado, a fim de o deixar passar.

— Mikhail.

Sua voz era amável. Edgar Hummer era um ancião de oitenta e três anos. A maioria deles, passados ao serviço do Senhor. Edgar era um sacerdote e considerava um enorme privilégio ser um dos escassos amigos de Mikhail Dubrinsky.

Mikhail invadiu a cabana com sua presença, com o poder que emanava de seu corpo. Estava nervoso, profundamente aborrecido. Caminhava de um lado para outro sem descanso, enquanto a tempestade aumentava no exterior. Edgar se sentou em sua poltrona, e esperou. Para ele, Mikhail era um homem tranqüilo que não demonstrava nenhum tipo de emoção. Este era,

entretanto, um homem perigoso, um homem que Edgar jamais vislumbrara em Mikhail.

Mikhail golpeou com o punho, a lareira e rachou algumas pedras.

— Esta noite estive a ponto de matar a uma mulher — Confessou de forma súbita e dolorida — Você me disse que Deus nos criou com um propósito, que fomos criados por Ele. Sou mais animal que homem, Edgar, não posso continuar me enganando. Procuraria o descanso eterno, e mesmo isso me é negado. Os assassinos espreitam minha gente. Não tenho direito de abandoná-los até que saiba que estão protegidos. Agora, minha mulher está em perigo. Não só por minha parte, mas também por parte de meus inimigos.

Edgar o olhou, tranqüilamente.

— Você disse 'minha mulher'. Ama esta mulher?

Mikhail agitou a mão evitando o tema.

— Ela é minha. — Era uma afirmação, um decreto. Como podia ele usar a palavra amor? Era uma palavra tão insípida, para externar os sentimentos que ele sentia por Raven. Ela era a encarnação da pureza, da bondade e da compaixão. Tudo o que ele não era.

Edgar assentiu com a cabeça.

— Está apaixonado por ela.

Mikhail franziu o sobrecenho de forma ameaçadora.

— Eu preciso dela. Eu anseio por ela. Eu a quero. Essa é minha vida. — Disse ele atormentado tentando que fosse verdade.

— Então, por que sente essa dor, Mikhail? Você a queria, possivelmente precisou dela e imagino que a tomou. Você estava faminto, se alimentou com seu sangue. Por que deveria sentir dor?

— Sabe que não é correto que tomemos o sangue de mulheres pelas que sentimos outros apetites.

— Me confessaste, muitas vezes, que não sentaste apetites sexuais há séculos. Que é incapaz de sentir. — recordou-lhe Edgar, com voz calma.

— Ela me faz sentir. — confessou Mikhail, com dor viva nos olhos. — Quero-a a meu lado, cada momento do dia. Preciso dela. Deus! Devo tê-la. Não só seu corpo, também seu sangue. Sou viciado em seu sabor. Anseio tudo dela, mas está proibido.

— Mas o fez de todas formas?

— Estive a ponto de matá-la.

— Mas não a matou. Ela ainda vive. Ela não pode ser primeira da que se alimenta até este extremo. Causou a outras esta dor?

Mikhail deu a volta.

— Não entende. Foi a maneira como aconteceu, o que fiz. Temia isso, desde a primeira vez que ouvi sua voz.

— Se não havia acontecido antes, por que temia?

Mikhail deixou cair à cabeça, apertando os punhos, ao lado do corpo.

— Porque a queria e não podia suportar a idéia de deixá-la ir. Queria que ela soubesse como sou, que conhecesse o pior de mim. Que visse tudo o que sou. Queria uni-la a mim, atá-la a mim para que nunca saísse do meu lado.

— Ela é humana.

— Sim. E... Tem habilidades, tem um vínculo mental muito forte comigo. Tem compaixão, é formosa. É belíssima. Eu sabia que não podia fazer isto... Que estava errado. Mas no fundo, sabia que o faria.

— E mesmo sabendo que ia fazer algo incorreto, fez. Devia ter uma boa razão.

— Egoísmo. Não me ouviste? Eu, eu, eu. Tudo para mim. Encontrei uma razão para continuar com minha existência e tomei o que não era para mim, e ainda agora, enquanto estou aqui e falo contigo, sei que não a deixarei partir.

— Aceite sua forma de ser, Mikhail. Aceite sua verdadeira natureza.

Mikhail soltou uma gargalhada amarga.

— Tudo está tão claro para você. Diz que sou um dos filhos de Deus. Que tenho uma razão de ser. Que devo aceitar minha natureza. Minha natureza é tomar o que acredito que é meu, guardar e protegê-lo. Encadeá-lo a mim se for necessário. Não

posso deixar que ela parta. Não posso. Ela é livre como o vento. Se encerrasse o vento numa jaula, morreria?

— Então não o encerre, Mikhail. Confie em que permanecerá a seu lado.

— Como posso proteger o vento, Edgar?

— Mikhail, já disse que não pode. Não pode deixá-la partir. Não o faria, não o fará. Disse que não pode, no presente, há uma diferença.

— Para mim. E ela o que? Que opção estou dando a ela?

— Sempre acreditei em você, em sua bondade e sua força. É bastante possível que a garota te necessite também. Estiveste escutando as lendas e mentiras associadas aos homens de sua espécie durante tantos anos que está começando a acreditar nessas tolices. Para um vegetariano, alguém que come carne pode ser repulsivo. O tigre necessita do cervo para sobreviver. Uma planta precisa de água. Todos precisamos de algo. Você só toma o que precisa. Ajoelhe-se e receba a bênção de Deus e volta com sua mulher. Encontrará a maneira de proteger o vento.

Mikhail se ajoelhou obedientemente, inclinou a cabeça deixando que a paz que emanava do ancião penetrasse nele e o reconfortasse. No exterior, a furiosa tormenta cessou de repente, como se houvesse desgastado toda sua fúria.

— Obrigado, Pai. — sussurrou Mikhail.

— Faz o que deva para proteger aos seus. Aos olhos de Deus, são seus filhos.

## Capítulo 4

Mikhail estreitou o esbelto corpo de Raven entre seus braços. Inclinou seu corpo para protegê-la. Estava profundamente adormecida, relaxada, mas seu rosto estava muito pálido. Tinha olheiras profundas.

Sussurrou-lhe brandamente.

— Sinto-o muito, pequena. Sinto haver colocado você nisto. E como animal que sou, sei que faria novamente. Não morrerá, não posso permiti-lo. — Ele abriu um pequeno, mas profundo corte sobre a veia da mão e encheu uma taça com o espesso líquido vermelho.

— Ouça-me, Raven. Precisa beber isto. Obedeça-me, sem demora. — Pressionou a taça contra os lábios descoloridos e verteu um pouco de sangue em sua boca. Seu sangue era extremamente curativo e lhe daria vida.

Raven engasgou, tentou impedir que o líquido descesse por sua garganta e afastou a cabeça como havia feito antes.

— Me obedeça de uma vez. Beberá tudo. — A ordem foi muito mais forte esta vez. Ela odiava o sabor de sangue e seu corpo se trabalhava em excesso para rechaçar, mas prevaleceria sua vontade, como sempre.

— Mikhail! — Ele ouviu o desamparado grito em sua mente.

— Deve beber, Raven. Continue confiando em mim.

Ela relaxou e voltou a afundar-se no sono profundo, obedecendo a contra gosto.

Mikhail havia captado parte de seus confusos pensamentos, o torvelinho das emoções juntamente com o medo. Raven acreditava estar em meio a um pesadelo. A cor voltou para seu rosto. Satisfeito, deitou-se junto a ela. Ela lembraria o intercâmbio de sangue como parte do pesadelo. Apoiou um cotovelo na cama, para poder estudar tranqüilamente seu rosto, sua impecável pele e suas delicadas maçãs do rosto. Não era só sua beleza, sabia. Era seu interior, a compaixão e a luz que havia dentro dela, que a permitiam aceitar sua natureza selvagem e indomável.

Jamais passara por sua imaginação, que pudesse acontecer este milagre. No mesmo momento que havia se decidido entregar ao sol do amanhecer, havia sido enviado um anjo. Um lento sorriso curvou seus lábios. Seu anjo se negava a algo que lhe pedia. Respondia muito melhor, quando ele pedia sem ordens. Estava acostumado à obediência, daqueles que estavam sob seu amparo, há muito tempo. Tinha que recordar que ela era mortal, educada numa época muito diferente e com princípios e valores muito distintos aos seus. Os homens dos Cárpatos já levavam impresso em seus pensamentos, muito antes do nascimento, o dever de proteger às mulheres e as crianças. Com tão poucas mulheres de sua espécie e sem meninas que tivessem nascido nos últimos tempos, era extremamente importante proteger todas e cada uma das mulheres que tinham.

Raven era mortal, não era dos seus. Não pertencia a seu mundo. Quando partisse, levaria as emoções e as cores que ele era capaz de sentir e ver junto a ela. Levaria o ar que ele respirava. Fechou os olhos ante a idéia. Onde poderia encontrar força suficiente para deixá-la partir? Tinha muitas coisas que fazer antes do amanhecer. Queria ficar com ela, abraçá-la, convencê-la de que não o deixasse, dizer o que sentia em seu coração, contar o que ela significava para ele. Dizer que ela não podia abandoná-lo, que ele não poderia viver sem ela. Não viveria.

Suspirou profundamente e se levantou. Precisava repor-se, alimentar-se e voltar ao trabalho. Voltou a pulverizar as ervas curadoras e a enviou a um sono mais profundo. Foi muito meticuloso com os feitiços de amparo ao redor de seus aposentos, e enviou uma ordem às criaturas do bosque. Se alguém se aproximasse de sua guarida, de sua casa e ela fosse ameaçada de qualquer forma, saberia imediatamente.

Com a chamada de Mikhail, chegaram Jacques e Byron, encontrando-se com ele sobre as árvores próximas à casa de Noelle e Rand. Uma vez descoberto, o cadáver, havia sido apropriadamente incinerado, como era o costume.

— Tocaram em algo? — perguntou Mikhail.

— Só no corpo. Todas suas roupas e objetos pessoais ficaram como encontramos. — respondeu-lhe Byron. — Rand não voltou a entrar na casa. Sabe que eles poderão ter deixado algum tipo de armadilha para te caçar. O corpo era uma isca.

— Estou totalmente seguro. Eles usarão toda a tecnologia moderna que possam trazer consigo, câmaras, vídeos... — Mikhail meditava, mas sua face mostrava seu estado. — Acreditam em todas as lendas. Estacas, alho, cortar a cabeça. São primitivos. — Sua voz refletiu o ódio que sentia pelos assassinos. — Tomam muito tempo em nos estudar antes de nos condenar a morte.

Byron e Jacques trocaram um incômodo olhar. Neste estado, Mikhail era letal. Olhou-os com os olhos semicerrados, ardendo de fúria.

— Fiquem atentos e a observar. Se eu me meter em problemas, desapareçam. Não se deixem ver. — ele pensou por um momento — Se algo sair errado, peço-lhes um favor. -

Mikhail empregava o tom formal do velho mundo. Byron e Jacques dariam sua vida por ele. Era um estranho privilégio, seu príncipe pedir um favor.

— Minha mulher dorme profundamente. Em minha casa. Os amparos são muitos e perigosos. Devem ser meticulosos e muito cuidadosos para poder desentranhar. Ela deve ser curada e terão que a ensinar como deve se proteger, se escolher ficar vosso amparo. Através de nossa família, você Jacques, herdará a liderança. Acredito que neste momento deveria ser Gregori, o que tomasse, para dar tempo a você de se acostumar e a aprender a mandar. Se Gregori rechaçar o oferecimento, e é seguro que o fará, a liderança deve passar você, Jacques. Suponho que você não gostará muito, como noto. Farão tudo isto por mim. Byron, você ajudará Jacques e Gregori como me ajudaste. Ambos devem jurar lealdade a Gregori, se ele aceitar.

Os dois responderam formalmente, pronunciando o juramento. Byron limpou a garganta.

— Há...? Ou seja, ela é uma das nossas? — Fez a pergunta com supremo cuidado. Todos eles eram conscientes dos vampiros que haviam tentado converter mulheres humanas. Inclusive tinham discutido o poder tentar, eles mesmos, por causa da desesperada situação em que se encontravam. Mas os riscos ultrapassavam em muito às vantagens. As mulheres que haviam sido convertidas pelos vampiros ficavam loucas e matavam crianças e bebês e tinha sido impossível devolver a prudência a elas. A raça dos Cárpatos nascia com suas habilidades e era submetida a uma grande disciplina para a controlar. Os poucos que se diblavam as leis eram tirados do meio, de forma brutal e instantânea.

Sua raça respeitava todas as formas de vida. Devia ser assim por causa dos tremendos poderes que possuíam.

Mikhail negou com a cabeça.

— Sei que ela é minha verdadeira companheira. O ritual foi tremendamente duro para ela. Não tive outra opção que lhe dar meu sangue. — Suas palavras foram bruscas, mal-humoradas, advertindo que eles se arriscavam, ao perguntar sobre o tema — Não a uni para mim. Ela é mortal e não seria correto.

— Faremos o que você queira. — reiterou Byron olhando incomodamente para Jacques, que parecia mais divertido que preocupado.

Mikhail se dissolveu sem esforço, deslizando-se através dos espessos ramos dos abetos. Uma vez no chão, transformou-se em

lobo. A névoa não podia seguir o rastro de um aroma, e ele precisava das úteis habilidades de rastreamento destes irmãos peludos. Encontraria o rastro e o seguiria. Ele era um predador. Sua inteligência só servia para aumentar e melhorar suas habilidades como caçador.

O lobo rodeou a clareira, com muita cautela, com o nariz rente ao chão, examinando cada árvore próxima a casa. Cheirava a morte. Enchia suas fossas nasais com seu aroma amargo e acre. Começou a rastrear o chão, cobrindo toda a superfície, reconhecendo o aroma de Rand, Eric e Jacques. Encontrou o lugar de onde os assassinos se aproximaram da casa. Quatro homens. Deteve-se sobre cada um dos aromas até que ficaram profundamente gravados em sua mente. Demorou a desentranhar a macabra e horrível história.

Os homens se aproximaram sigilosamente, quase se arrastando de árvore em árvore. O lobo seguiu seu caminho, desviando-se de quando em quando para procurar possíveis armadilhas. Parou na porta, girou cautelosamente e deu a volta. De repente suas patas traseiras se cravaram no chão para tomar impulso e atravessar uma das janelas, rompendo o cristal e aterrissando no interior da casa. No interior do corpo do lobo, a risada de Mikhail ressonou escura e sem rastro de humor. Os quatro assassinos haviam voltado para a cena de seu horripilante crime, a fim de colocar câmaras que gravassem a possível entrada de alguém de sua gente. Haviam levado a cabo seu brutal objetivo e tinham saído fugindo demonstrando sua covardia.

A bílis subiu por sua garganta. O lobo agitou a cabeça e grunhiu. Três dos aromas eram desconhecidos para ele, o quarto era familiar. Um traidor. Quanto pagaram para que traísse Noelle? O lobo saltou novamente, rompendo uma segunda janela. A câmara gravaria um lobo enorme, uma massa de cristais quebrados e névoa e o lobo novamente. Só Mikhail, e outros poucos caçadores, como Jacques, Gregory, Aidan e Julian eram capazes de se transformarem rapidamente.

Começou a rastrear os assassinos. Um aroma se separava do resto e se aprofundava no bosque, chegando até a cabana de Edgar Hummer e do escritório do doutor Westhemer. O lobo se deteve entre as árvores, olhando fixamente a pequena casa que havia atrás do escritório. Os olhos brilhavam com reflexos vermelhos, cruéis e sem piscar. Bruscamente, o lobo deu a volta e voltou até o lugar onde os rastros se separaram, recolhendo o rastro dos outros três homens. Levava diretamente até a pensão onde Raven se alojava.

Mikhail se reuniu com Byron e Jacques na copa da árvore.

— Três deles se alojam na pensão. Reconhecerei-os ali quando os tiver perto. Amanhã acompanharei minha mulher para que recolha suas coisas. Se ainda estiverem lá, reconhecerei seus aromas. Não temos forma de saber se houver mais pessoas envoltas. Até que o descobramos, teremos que ser muito cuidadosos. Deixaram uma câmara de vídeo na casa, o interruptor está conectado à porta. Ninguém deve entrar. — Mikhail guardou silêncio durante um momento.

— Celeste foi ver o doutor Westhemer? — perguntou com suavidade.

— Acredito que é a mulher do Hans Romanov que está grávida. Ela trabalha com o doutor e traz para o mundo a quase todos os bebês. — respondeu Jacques.

— E Eleanor? — perguntou Mikhail.

Jacques se moveu incômodo.

— Acredito que também.

— Esta mulher assistiu o parto do Noelle?

Byron se esclareceu garganta.

— Noelle deu a luz em casa aos cuidados de Heidi Romanov. Rand estava lá. Eu fui quando me chamaram. Depois de que a parteira partisse. Noelle sofreu uma hemorragia. Rand teve que lhe dar sangue. Fiquei com Noelle enquanto Rand saía para caçar. S Sra. Romanov não viu nada. Não havia ninguém mais nos arredores, eu saberia.

— Foi Hans Romanov quem conduziu aos outros até o Noelle. Não sei se sua esposa está implicada, mas alguém informou aos assassinos de que nossa espécie estava se reproduzindo. — Mikhail lhes informou em tom monótono, mas seus olhos ardiam e seu corpo tremia de fúria. Ele abria e fechava os punhos, mas manteve a voz perfeitamente controlada — É necessário saber se a mulher está implicada.

— Deve estar. — respondeu bruscamente Byron — A que estamos esperando?

— Não somos os animais selvagens e bárbaros que estes demônios acreditam. Temos que saber com certeza se a parteira nos traiu. E seu dever não é fazer justiça, Byron. Não é fácil viver com esse dever, ter que tirar a vida a outros. — Mikhail havia sentido o peso de cada uma dessas mortes ao longo dos séculos, mas enquanto seu poder e suas responsabilidades aumentavam, assim fazia a facilidade com que matava. Ao diminuir e desaparecer suas emoções e ficar só sua férrea vontade e seu sentido do bem e do mal haviam-no ajudado a manter sua alma afastada dos malditos sussurros da escuridão, que sempre lutava para obter a supremacia.

— O que quer que façamos? — perguntou Jacques.

— Eleanor e Celeste não estão seguras em suas casas. Não devem voltar a ver a parteira. Levem Celeste para minha casa do lago. Eric poderá dedicar-se a estudar as Artes Antigas, que estiveram muito descuidadas até agora. É um lugar fácil de defender. Eleanor não pode viajar tão longe.

— Podem ficar em minha casa. — ofereceu Byron — Estarão perto em caso de precisarem de ajuda. — Eleanor era sua irmã, e sentia um enorme carinho para ela. Apesar de fazer muito tempo que perdera sua capacidade de sentir, ainda lembrava o que era esse carinho.

— É arriscado. Se conhecerem seu parentesco e suspeitarem dela, ou se a virem ajudando Rand... — Mikhail moveu a cabeça, desprezando a idéia — Possivelmente deveriam ficar em minha casa.

— Não! — protestaram ambos, com aborrecimento.

— Não Mikhail, não podemos nos arriscar a te perder — A voz de Jacques expressava seu profundo temor.

— Nossas mulheres estão antes que qualquer um de nós, Jacques. — recordou-lhe Mikhail amavelmente — Sem elas, nossa espécie morrerá. Podemos manter relações sexuais com humanas, mas não podemos procriar com elas. Nossas mulheres são nosso mais prezado tesouro. Cada um de vocês encontrará finalmente, sua companheira e terão crianças. Mas se assegurem, que a mulher que escolham é sua verdadeira companheira. Todos conhecem os sinais que demonstram: as cores, as emoções e o desejo ardente que despertará em vocês. A união é tão intensa que se um dos dois morrer, o outro também escolherá a morte, na maioria dos casos. É a morte ou a conversão. Todos nós sabemos.

— Segundo isso, Rand... — seguiu Byron.

— Rand se impacientou com a espera. Noelle estava obcecada por ele, mas não eram verdadeiros companheiros. Acredito que no final acabaram odiando-se, presos numa relação insalubre. Ele sobreviverá a sua morte. Mikhail tentava dissimular o asco que sentia. Os verdadeiros companheiros, os verdadeiros casais, não eram capazes de sobreviver muito tempo um sem o outro. Esse fato, junto com a alta taxa de mortalidade das crianças, haviam causado um enorme baixa na espécie dos Cárpatos. Mikhail não estava seguro de que sua raça chegasse a sobreviver até o próximo século. Não importavam seus esforços, não era capaz de encontrar uma razão para evitar que seus congêneres de sexo masculino se convertessem em vampiros.

— Mikhail — disse Jacques procurando as palavras adequadas — só você e Gregori conhecem os segredos de nossa espécie. Sabe que Gregori escolherá manter-se afastado, na solidão. Só você pode nos ensinar, nos guiar e nos ajudar a crescer. Se sobrevivermos e nos tornarmos fortes novamente, não poderemos fazer nada sem você. Seu sangue é a vida dos nossos.

— Por que me diz isso? — disse Mikhail bruscamente incapaz de confrontar a verdade.

Jacques e Byron trocaram um olhar intranquilo.

— Estivemos preocupados por seu constante retiro, afaste-se de nós, voluntariamente.

— Meu afastamento era inevitável e não lhes concerne absolutamente.

— Escolheste permanecer totalmente sozinho, afastado inclusive da própria família — continuou Jacques.

— O que tenta me dizer? — perguntou Mikhail com brusca impaciência. Estava há tempo afastado de Raven. Precisava vê-la, abraçá-la, tocar sua mente.

— Não suportaremos sua perda. E se não desejar continuar com sua vida, sei que começaste a se arriscar cada vez mais, a se descuidar. — disse Jacques arrastando as palavras.

Os escuros olhos de Mikhail mostraram de repente uma repentina calma e um pequeno sorriso curvou os cantos de seus lábios, suavizando os cinzelados traços de seu rosto.

— Vocês fantasiam demais. Que diabo! Como se atrevestes a me vigiar sem meu consentimento?

— O casal alfa da alcatéia de lobos, também estão preocupados com você. — admitiu Jacques — E como eu sou de sua família e me encontro sob seu amparo, aceitaram falar comigo. Vigiam-lhe quando passeia sozinho e quando corre com eles. Dizem que não há alegria em você.

Mikhail soltou uma gargalhada.

— Preciso uma boa toca de lobo para passar o inverno. Quaisquer que sejam meus sentimentos, Noelle era nossa irmã, uma dos nossos. Não descansarei até que seus assassinos sejam justicados.

Jacques limpou a garganta, e um sorriso suavizou seus implacáveis traços.

— Suponho que esta mulher que esconde não tem nada que ver com o fato de seu repentino desejo de se levantar ao anoitecer.

Mikhail esteve a ponto de atirar ao Jacques, do ramo onde estava apoiado, em vingança por seu atrevimento.

Byron se segurou com mais força ao dele.

— Eleanor e Vlad podem ficar comigo. Será um dobro amparo para ela e para a criança que está para nascer.

Mikhail assentiu com a cabeça. Embora não gostasse da decisão, dava-se conta de que eles seguiriam protestando se ele insistisse em se arriscar pessoalmente.

— Só por um par de dias, até que encontremos uma opção mais segura.

— Tenha cuidado, Mikhail. — advertiu Jacques.

— Durmam profundamente amanhã. — respondeu — Eles sairão para nos buscar.

Byron se deteve, repentinamente alarmado.

— Como dormirá clandestinamente se a humana estiver com você?

— Não a deixareis — A voz do Mikhail era implacável.

— Se estiver muito aprofundado na terra, será muito mais difícil te ajudar se estiver com problemas. — recordou-lhe Jacques em voz baixa.

Mikhail suspirou.

— Vocês estão me saindo mais medrosos que tias solteironas. Sou perfeitamente capaz de proteger minha guarida — Seu corpo emitiu um ligeiro brilho, dobrou-se e se transformou num mocho. Estendeu as gigantescas asas e sulcou o céu para retornar junto a Raven.

Aspirou profundamente, enchendo seu corpo com o aroma limpo e puro de Raven, apagando de sua mente os desagradáveis descobrimentos noturnos. Seu aroma era percebido na biblioteca, misturado com o seu próprio. Inalou-os até encher seus pulmões e se abaixou para recolher a roupa do chão. Queria penetrar em seu interior, tocá-la, saborear sua boca, fazer que seu sangue fosse a dele, pronunciar as palavras rituais e uni-la a ele para toda a

eternidade, como estavam destinados a fazer. A idéia de Raven lhe oferecendo esse presente, aceitando sua proposta, foi tão estimulante, que teve que permanecer totalmente quieto até que as urgentes demandas de seu corpo se acalmassem um pouco.

Tomou um demorado banho, tirando o cheiro do corpo de lobo que ficaram, o pó e a sujeira e sobre tudo, o aroma do traidor. Todos os membros de sua raça possuíam o cuidado de imitar todos e cada um dos hábitos dos humanos. Comida nas despensas e roupas nos armários. Abajures por toda a casa. Tomar banho embora não fosse realmente necessário, mas cuidadoso, quase todos eles gostavam. Soltou os cabelos escuros e foi ver Raven. Pela primeira vez em sua existência, orgulhava-se de seu corpo. Da forma em que se enrijecia, quase agressivo, quando estava perto dela.

Ela estava dormindo e seu cabelo derramava como um véu de seda negra sobre o travesseiro. Os lençóis deslizaram, deixando seu seio coberto com algumas mechas do cabelo. Era uma imagem erótica. Raven ali deitada, esperando. Brandamente, murmurou a ordem para liberá-la do transe e que despertasse do profundo sono.

Seu corpo brilhava a luz da lua e sua pele suave era da cor do pêssego maduro. Mikhail deslizou a mão pelo contorno de sua perna. Senti-la assim, fez que seu corpo estremecer. Roçou seus quadris e acariciou sua pequena e estreita cintura. Raven se moveu inquieta. Mikhail deitou-se a seu lado, refugiando-a em seu abraço enquanto deixava descansar o queixo sobre sua cabeça.

A queria a qualquer preço, mas devia ser honesto. Ela merecia toda a honestidade que ele pudesse dar. Pouco a pouco,

Raven foi emergindo do sono, procurando consolo na fortaleza de seu corpo, após o horrendo pesadelo. De que forma podia uma humana compreender as necessidades sexuais de um homem dos Cárpatos, em meio ao frenesi do ritual de emparelhamento? Ao longo dos anos, nunca temera a nada, agora temia ver sua imagem refletida nos inocentes olhos de Raven.

Soube por sua respiração, o momento em que ela despertou completamente, e pela tensão de seu corpo soube o momento exato no que recordou onde estava e com quem. Havia arrebatado brutalmente sua inocência, quase sua vida. Como ela a esquecer algo assim?

Raven voltou a fechar os olhos, numa tentativa desesperada de separar a realidade da ficção, os fatos da fantasia. Doía-lhe o corpo em lugares que antes não sabia nem que existiam. Sentia-se distinta, muito mais sensível. O corpo de Mikhail a seu lado parecia mármore frio, imóvel e agressivo, insuportavelmente sensual. Podia escutar com toda exatidão, os ruídos da casa, o movimento das árvores, lá fora. Empurrou o peito de Mikhail, que era como um muro de tijolos, para tentar colocar distância entre seus corpos.

Mikhail estreitou seu abraço enterrando o rosto em seu cabelo.

— Se te introduzir em minha mente, Raven, saberá o que sinto por você. — Sua voz soou brusca, mas mostrou o quanto se sentia vulnerável.

Seu coração cedeu.

— Não quero que me abandone, pequena. Tenha coragem de ficar comigo. Possivelmente eu seja um monstro, já não sei mais. Só único sei é que preciso que fique comigo.

— Poderia me haver forçado a esquecer. — assinalou, mais para si mesma, que para ele, afirmando mais que perguntando. Ele havia sido brutal, mas não podia dizer que a tivesse maltratado. Ao contrário, tinha-a levado as estrelas.

— Pensei em fazer — admitiu ele a contra gosto — mas não quero recorrer a esse tipo de coisas entre nós. Sinto muito não ter sido mais delicado em sua primeira vez.

Raven percebeu a dor em sua voz e sentiu em resposta, a dor, ela mesma.

— Sabe que me assegurou de que eu desfrutasse — Ela havia alcançado o êxtase. Foi um batismo de fogo, um intercâmbio de almas. Ele havia sido brutal. E ela o queria de novo, ansiava que ele a tocasse, ansiava em sentir a força de seu corpo. Mas Mikhail era perigoso. Agora sabia. Sabia que ele era diferente, que algo, mais animal que homem, habitava nele.

— Mikhail... — Ela voltou a empurrar seu peito. Precisava respirar, pensar, sem sentir o calor de sua pele e as urgentes demanda daquele sólido corpo.

— Não me faça isto! — Sua voz era uma severa ordem — Não me afaste de você.

— Está falando de um compromisso que vai além do que eu possa imaginar... — Raven mordeu o lábio — Meu lar está muito longe daqui.

— Só há tristeza lá, Raven – Ele rechaçou a idéia — Sabe que não sobreviverá sozinha, e embora agora pensa que não voltará a usar seu dom, quando te buscar para solucionar outro crime macabro, sabe no fundo que será incapaz de negar. Sua natureza a impede de deixar a um assassino livre quando poderia salvar sua seguinte vítima. – Mikhail segurou uma mecha de cabelo entre suas mãos, reflexo de sua negativa a que partisse. — Não podem cuidar de você, como eu.

— E o que acontecerá com nossas diferenças? Sua atitude com as mulheres as coloca como cidadãs de segunda classe, como se não fossem valiosas e nem brilhantes. Infelizmente, dobra com sua vontade, qualquer pessoa que se oponha a seus intuitos. E eu o faria. Constantemente. Tenho que ser eu mesma, Mikhail.

Ele afastou-lhe o cabelo da nuca, segurando-o com as duas mãos e depositou um ligeiro beijo em sua pele.

— Sabe que minha atitude com as mulheres não é mais que o reflexo de meu afã de protegê-las, não considero que sejam inferiores. Contradiga-me e se oponha a minha vontade no que queira, pequena. Amo-te por tudo o que é. – Mikhail acariciava com seu polegar, a delicada curva de seus seios, fazendo com que seu sangue começasse a se esquentar, enviando arrepios que percorriam suas costas. Raven o queria selvagem e indomável, como ele era, queria que ele precisasse dela. Estar se controlando para ela era um potente afrodisíaco, saber que era capaz de fazer com que ele perdesse totalmente o controle.

Mikhail inclinou a cabeça para roçar com a língua um mamilo empinado. Sugou-o, umedecendo-o, até que Raven fechou

os olhos com um leve suspiro. Notava como seu corpo voltava à vida, cada nervo exigia que Mikhail o tocasse. Derretia-se sob seu calor. Mas ela não queria que isto acontecesse. Sentia um nó ardente na garganta e as lágrimas lhe abrasavam os olhos. Não queria, mas precisava. — Não me faça mal, Mikhail. — Sussurrou-lhe junto aos fortes músculos de seu peito. Rogava por seu futuro. Raven sabia que jamais ele faria algum mal a ela, mas sabia com certeza que sua vida junto a ele seria extremamente tempestuosa.

Ele elevou a cabeça e levantou o corpo para aprisioná-la sob ele. Seus olhos escuros a olhavam de forma possessiva. Rodeou-lhe o rosto com as mãos enquanto e acariciava os maçãs do rosto e os lábios com os dedos.

— Não tenha medo, Raven. Não sente a força do que sinto por ti, o laço que me une a você? Daria minha vida em troca da tua. — Admitiu o que era inevitável que ela soubesse, porque queria que entre eles só existisse a verdade. — Não será fácil, mas arrumaremos as coisas entre os dois — Sua mão baixou até seu ventre liso e dali se deslizou até os cachos, escuros como a noite, de seu sexo.

Raven lhe deteve a mão, segurando-a com a sua.

— O que me aconteceu?

Estava confusa. Tudo estava confuso em sua mente. Sabia com certeza que Mikhail a tinha obrigado a beber algum tipo de bebida medicinal. E havia adormecido. Mais tarde chegaram os pesadelos. Estava acostumada aos pesadelos, mas estes haviam sido espantosos. Haviam-na aproximado, à força, até o peito de um

homem nu e colocado sua boca sobre um corte recém aberto. O sangue veloz como uma corrente, descia por sua garganta. Lutou, quase se afogando, mas naquele mundo de pesadelo não foi capaz de se afastar. Tentara chamar Mikhail. E quando levantou os olhos, o viu ali, olhando-a com aqueles olhos escuros e misteriosos, empurrando sua cabeça com a mão para que se mantivesse junto à ferida que tinha no peito. Não que se sentia influenciada por estar na terra do Conde Drácula e porque Mikhail lembrava um escuro e misterioso príncipe?

Raven não pôde evitar. Percorreu a textura do peito de Mikhail com os dedos. Algo havia acontecido, que a tinha mudado para sempre. Agora era parte de Mikhail e ele era parte dela.

Moderadamente, Mikhail lhe separou as pernas com o joelho. De novo, incorporou-se sobre ela, a impedindo de ver além de seus largos ombros. A força e o tamanho de Mikhail e sua beleza, a deixavam sem respiração. Devagar, com suavidade, ele introduziu-se nela, como devia ter feito a primeira vez.

Raven ofegou. Nunca poderia sobrepor-se ao modo em que ele a enchia, estreitava-a, à forma em que ele transformava seu corpo em uma fogueira. Se a primeira vez havia sido selvagem, agora era terno e cuidadoso. Cada impulso do corpo Mikhail contra o seu, despertava um anseio maior em seu interior, um desespero que fazia suas mãos percorrer os músculos marcados nas costas de Mikhail, enquanto beijava seu peito e seu pescoço uma e outra vez.

Mikhail manteve o controle graças a sua extraordinária disciplina. Seus beijos o estavam colocando louco. Raven era estreita e suave como o veludo e se fechava a sua volta. Ela

acendia cada vez mais o fogo em seu interior. O animal em seu interior lutava por se liberar, rugia de fome cada vez que a penetrava um pouco mais forte. A fera queria enterrar-se profundamente nela, ele queria fundir seus corpos e seus corações. Procurou seus lábios. O desespero de Raven o arrastava. Enquanto o prazer a percorria em ondas estremecedoras, ela afundou as unhas nas costas. Mikhail cedeu antes que o animal em seu interior pudesse liberar-se. Desmanchou-se nela, enquanto sentia seu corpo quente e apertado em torno do dele. Permitiu-se um gemido de plena satisfação.

Tombou sobre o esbelto corpo, ainda unido a ela, satisfeito momentaneamente. Sentiu as lágrimas de Raven no peito. Inclinou a cabeça para saboreá-las.

— Por que chora?

— Onde encontrarei a força necessária para me afastar de você? — murmurou ela, cheia de sofrimento.

Os olhos negros se escureceram em ameaça. Separou-se dela, deitando-se a seu lado, enquanto notava o incômodo que era para Raven sua própria nudez. Cobriu-a com a manta.

Raven se sentou na cama, afastando o cabelo da face com aquele gesto inocente, mas tão sensual que Mikhail amava. Seus olhos azuis se mostravam precavidos.

— Não me deixará, Raven — Sua voz soou muito mais brusca do que ele pretendia. Com grande esforço, obrigou-se a ser amável. Ela era jovem e vulnerável. Tinha que se lembrar sempre. Raven não fazia idéia do que seria para ela separar-se dele, nem do

que significaria para ele. — Como pode compartilhar o que acabamos de fazer e depois partir sem mais?

— Sabe muito bem por que. Não finja. Sinto coisas. Isto é muito estranho para mim. Não conheço as leis deste país, mas quando alguém foi assassinado, terá que ser notificado às autoridades e à imprensa. E isso é só o princípio, Mikhail, sequer mencionei as coisas que é capaz de fazer. Estrangular virtualmente Jacob, pelo amor de Deus. É muito diferente do que estou acostumada, e nós dois sabemos — Envolveu-se ainda mais na manta, jogando-a sobre seus ombros — Quero você, não posso suportar a idéia de estar sem voce, mas não estou segura do que está acontecendo aqui.

Ele passou a mão por seu cabelo, numa carícia inquietante. Os dedos entrelaçavam as sedosas mechas até posar-se suavemente na pele nua de suas costas. Suas carícias a comoveram até o mais profundo de sua alma. Raven fechou os olhos e apoiou a cabeça sobre os joelhos. Não seria uma boa companheira para ele, em nenhum sentido.

Mikhail subiu a mão, até deixá-la sobre a nuca de Raven.

— Já estamos comprometidos o um com o outro. Não sente Raven? — Foi um áspero sussurro, mas sensual e quente. Sabia que estava lutando contra os instintos dela, contra seu nato sentido de sobrevivência. Escolheu as palavras com muito cuidado. — Sabe quem sou, o que há em meu interior. Se à distância nos separar, ainda precisará sentir minhas mãos sobre seu corpo, meu corpo no seu, formando parte de você.

Ele a fazia arder com suas palavras, fazia que aquela aguda dor em seu interior aumentasse. Raven cobriu a face envergonhada por aquela imensa necessidade que sentia por um completo estranho.

— Vou para casa, Mikhail. Estou tão envolvida por você, que faço coisas que jamais acreditei possível.

Não era só o que sentia fisicamente, Oxalá fosse só isso. Não queria sentir sua solidão, sua grandeza, sua incrível vontade e sua capacidade de liderar e manter a salvo, a sua. Mas sentia. Podia sentir seu coração, sua alma, sua mente. Tinha falado com ele sem necessidade de pronunciar as palavras, tinha compartilhado sua mente. Sabia que ele estava em seu interior.

Mikhail rodeou seus ombros com um braço e aproximou seu corpo a ele. Para consolá-la ou para dissuadi-la? Raven engoliu as lágrimas que ardiavam em sua garganta. Ouvia ruídos em sua cabeça, uma destilação de rangidos e sussurros. Cobriu as orelhas com as mãos, para não ouvi-los.

— O que está me acontecendo, Mikhail? O que temos feito que me mudou tanto?

— É minha vida, minha companheira. A outra metade de mim que estava procurando. — Voltou a lhe acariciar o cabelo com infinita ternura — Minha gente se une a um companheiro para toda a vida. Eu pertencço à raça dos Cárpatos, venho da terra. Temos dons muito especiais.

Ela virou a cabeça para olhá-lo, cravando os olhos azuis nos de Mikhail.

— Sua habilidade telepática é muito forte, muito mais forte que a minha. E bem desenvolvida. As coisas que é capaz de fazer me surpreendem.

— O preço que temos que pagar por possuir estes dons é muito alto, pequena. Nossa maldição é a necessidade de uma companheira para compartilhar um único espírito, uma só alma. Uma vez que isto acontece, e o ritual pode ser brutal para uma humana virgem, não podemos viver separados de nossos companheiros. Temos poucas crianças. Perdemos muitos deles no primeiro ano de vida, e a maioria dos recém-nascidos são homens. Nossa longevidade é de uma vez, uma bênção e uma maldição. Para aqueles de nós, que encontraram a felicidade, uma longa vida é uma bênção. Para alguém sozinho e atormentado, é uma maldição. É uma longa eternidade de escuridão, uma existência dura e vazia.

Mikhail lhe rodeou o queixo com a mão, elevando sua cabeça para que ela não pudesse escapar de seus escuros olhos famintos. Suspirou profundamente.

— Não tivemos só sexo, pequena, não fizemos amor. O que nos aconteceu foi o mais próximo a nosso ritual de emparelhamento que se pode fazer, já que você não pertence a nossa espécie. Se me amar... — Sua voz se desvaneceu e ele agitou a cabeça. Precisava atá-la a ele irrevogavelmente. As palavras rituais estavam em sua cabeça, em seu coração. O animal que era rugia pelas pronunciar. Ela jamais escaparia, ainda assim, não podia fazer isso. Não podia dizer as palavras a uma mulher mortal. Não tinha nem idéia do que podia acontecer.

A marca que tinha sobre o peito esquerdo doía, palpitava-lhe, queimava-lhe. Raven a olhou, era o sinal de Mikhail. Tocou-a com os dedos. Recordou como seus dentes a empurraram, sua força, o rugido animal que lutava por sair de sua garganta. Ele havia tomado seu corpo como se o pertencesse, com um pouco de brutalidade, não obstante, algo nela havia respondido a feroz voracidade e à necessidade que ele sentia. Ao mesmo tempo havia sido terno, assegurando que ela alcançasse os topos do prazer antes que ele, e fora cuidadoso com seu frágil corpo. A mistura de ternura e selvageria era impossível de resistir. Raven sabia que nenhum outro homem poderia tocá-la como ele havia feito. Só existia Mikhail para ela.

— Está me dizendo que pertence à outra raça, que não é humano, Mikhail? – Ela tentava unir toda a informação.

— Acreditam que somos uma espécie diferente, somos distintos. Escondemo-nos bem, temos que fazê-lo, mas podemos escutar coisas que os humanos não podem. Falamos com os animais, compartilhamos nossas mentes e nossos corpos junto com nossos corações. Compreenda que esta informação, em mãos erradas, poderia ser fatal para nós. Minha vida está literalmente em suas mãos. Em mais de um sentido.

Ela captou o eco de seus pensamentos antes dele pudesse escondê-los.

— Teria se detido se o pânico me tomasse?

Fechou os olhos, envergonhado.

— Eu gostaria de te mentir, mas não o farei. Teria tranqüilizado, até a convencer que poderia me aceitar.

— Ou teria ordenado com seus poderes?

— Não! – Mikhail negou com veemência. — Não teria chegado tão longe. Estava seguro disso. Acreditava firmemente que podia persuadi-la para que o aceitasse.

— Esses dons... – Raven esfregou o queixo com os joelhos — Fisicamente, é mais forte que qualquer humano que eu tenha conhecido. E o salto da biblioteca, recordou-me a uma enorme pantera. Faz parte de sua herança também?

— Sim. — Suas mãos voltaram para seu cabelo para segurar umas mechas e enterrar o rosto neles. Seu aroma permaneceria nela. Um rastro de satisfação se deixou notar em seus insondáveis olhos.

— Você me mordeu. – ela tocou primeiro o pescoço, depois o seio. Uma dor doce a tomou, junto com a lembrança de Mikhail, totalmente indomável e selvagem entre seus braços, frenético pela necessidade, com a mente nublada por um infinito desejo e a boca bebendo avidamente dela.

O que acontecia com ela, pois ainda queria mais? Ouvira falar de mulheres tão dominadas ao sexo que eram ninfomaníacas. O que estava acontecendo? Levantou a mão querendo se proteger dele.

— Mikhail, isto está indo muito rápido. Não posso me apaixonar em poucos dias e decidir o que fazer com minha vida em

alguns minutos. Não te conheço. Você me assusta, assusta-me o que é, o poder que ostenta.

— Disse que confiava em mim.

— E confio em você. Isso é o que me desenquadra. Não nota? Somos tão diferentes. Faz loucuras e ainda assim quero estar contigo, escutar seu riso, discutir com você. Quero ver seu sorriso, a forma em que seus olhos se iluminam e a necessidade e a fome que crescem em você quando me olha. Quero fazer desaparecer essa frieza de seus olhos, esse olhar distante e longínquo que faz com que sua boca se endureça e pareça cruel e desumano. Sim, confio em você, mas não tenho nenhuma razão para fazê-lo.

— Está muito pálida. Como se encontra? — Queria lhe dizer que era muito tarde, que haviam chegado muito longe, mas sabia que só conseguiria que ela resistisse ainda mais e a preocuparia inutilmente.

— Enjoada, tenho o estômago revoltado. Deveria comer, mas pensar em comida me dá náuseas. Deu-me alguma coisa para beber, não foi?

— Beba água e sucos durante alguns dias, um pouco de fruta, possivelmente. Não coma carne.

— Sou vegetariana – Ela olhou ao redor — Onde está minha roupa?

Inesperadamente, ele sorriu com. A típica arrogância masculina.

— Extrapolei e rasguei seu jeans. Fique comigo esta noite e amanhã traremos roupa nova.

— Se for quase de dia. — assinalou com poucas vontades de deitar-se de novo com ele. Não podia estar na cama com ele sem que seu corpo ardesse de desejo.

— Além disso, quero tomar banho. -antes que Mikhail pudesse protestar, Raven saiu da cama e se envolveu no antigo edredom.

Mikhail guardou o sorriso. Deixaria que ela se sentisse segura. Não lhe custava nada. De forma alguma, ia abandonar sua casa, e menos ainda, com os assassinos alojando-se na mesma pensão. Para manter sua mente ocupada e não pensar na imagem do corpo de Raven nu sob a água concentrou-se em recordar os detalhes das emoções de Raven antes que ele a tirasse a força da pensão.

O que acontecera que a colocou doente? Ela ficou literalmente doente, a ponto de vomitar e a cabeça doía. Raven acreditou que era a reação a sua repentina ira, mas não podia ser, sua ira surgiu como consequência do mal-estar que ela sentia. Ele percebeu antes que esse caipira humano colocasse sua asquerosa mão em cima dela. Mikhail roçou sua mente porque tinha que fazer. Encontrou o que esperava, lágrimas e confusão. Seu corpo estava mudando, ao correr o sangue dele por suas veias. Segundo a lenda, três intercâmbios de sangue entre um homem dos Cárpatos e uma humana para que ela se convertesse. O sangue que lhe dera no copo, não contava porque ela não a havia tomado diretamente de seu corpo. Não tinha intenções de convertê-la, de arriscar-se que

ela se transformasse numa perigosa vampiresa. Já havia transpassado perigosamente os limites. Faria-o novamente. E teria que durar uma eternidade.

Raven escutara o que lhe disse. Tudo era verdade, mas ele sabia que ela não tinha a menor idéia da realidade. Raven ouviria todos os sussurros e murmúrios de cada uma das pessoas da pensão. Saberá que uma abelha tinha entrado. Os olhos lhe doeriam com a luz do sol e sua pele se queimaria com facilidade. Os animais lhe contariam seus segredos. A maioria dos alimentos a que estava acostumada, a faria vomitar. Mas o mais importante, sempre precisaria dele a seu lado. Precisaria que ele falasse a sua mente, precisaria sentir seu corpo e arder junto ao dele. De fato, já o sentia e lutava contra este sentimento da única forma que sabia, lutando para afastar-se dele, lutando por entender o que estava acontecendo.

Raven se apoiou contra o box do banheiro. Sabia que não podia esconder-se no banheiro como uma menina, mas ele era tão poderoso, tão sedutor. Queria apagar as duras linhas de sua boca, queria conversar com ele, ouvir seu riso. Sentia-se curiosamente fraca, um pouco enjoada.

— Vamos, pequena. — A voz do Mikhail a envolveu em uma carícia. Ele fechou a torneira, segurou-a pela mão e a tirou do refúgio do box para envolver sua esbelta figura numa toalha.

Raven escorreu o cabelo enquanto um profundo rubor lhe cobria todo o corpo. Mikhail estava tão cômodo nu. Não se importava mostrar-se assim. A forma natural em que ele aceitava sua nudez, o fazia parecer um animal selvagem. Começou a secá-

la com a enorme toalha de banho, esfregando o corpo de Raven até que sua pele esteve seca e rosada. A toalha roçou seus sensíveis mamilos, atrasou-se muito em seu arredondado traseiro e se recreou na curva de seu quadril.

Apesar de que já havia tomado uma decisão, seu corpo voltou para a vida sob suas carícias. Mikhail tomou sua face entre as mãos, inclinou a cabeça para lhe roçar os lábios, seduzindo-a com enorme doçura.

— Volte para a cama. — sussurrou, levando-a.

— Mikhail. — protestou sem fôlego.

Ele brincou com ela, até fazê-la perder o equilíbrio e caísse sobre ele. Fundiu-se contra seu corpo, seus seios contra seus poderosos músculos, a evidência de seu desejo pressionando contra seu estômago. As coxas de Mikhail eram fortes, unidas às suas.

— Poderia te amar toda à noite, Raven — murmurou sedutoramente contra sua garganta. Suas mãos percorriam todo seu corpo, deixando linhas ardentes por onde passavam. — Quero te amar à noite toda.

— Não é gracioso? — Suas mãos adquiriam vida própria, procuravam e encontravam cada músculo do corpo dele, para acariciá-lo. — Está amanhecendo

— Então passarei o dia te fazendo o amor. — Sussurrou estas palavras sobre sua boca, mordiscando o lábio inferior. — Preciso de você junto a mim. Você faz as sombras desaparecerem e alivia a terrível carga que pesa sobre meus ombros, que me sufoca. — ele passou os dedos pelos cantos da boca dela.

— Vai me fazer amor ou me possuir?

Ela inclinou a cabeça para apoiar-se em seu peito, deslizando a língua pela pele sensível onde percebia os batimentos do coração. Não havia nenhuma cicatriz, nenhuma marca, mas sua língua seguiu o mesmo caminho onde antes esteve a ferida, de onde ele a obrigara a beber. Estava totalmente unida a ele, lia sua mente, suas fantasias eróticas que ele desejava trazer para a realidade.

Mikhail sentiu um nó no estômago, seu corpo reagia com ferocidade. Raven sorriu ao sentir toda sua dureza ardendo sobre sua pele. Não sentia nenhuma inibição quando jazia com ele, só o feroz desejo de abraçar-se junto a ele.

— Me responda Mikhail, me diga à verdade — Seus dedos roçaram a pele suave de seu sexo, fecharam-se a seu redor percebendo sua dureza e seu tamanho, fazendo que um ávido desejo rugisse no corpo de Mikhail. Ela brincava com fogo, mas não possuía forças para detê-la. Não queria detê-la.

Segurou, com as duas mãos, o cabelo úmido de Raven.

— Ambas as coisas — ofegou.

Mikhail fechou os olhos quando ela começou a beijá-lo no estômago, deixando um rastro ardente. Onde o tocava com os dedos, seus lábios deixavam depois, sua marca úmida. Pegou-a e colocou sobre ele. Sua boca era deliciosa, úmida e suave e o estava deixando louco. Deixou escapar um grunhido baixo e ameaçador. O animal se agitava de prazer, precisava satisfazer-se da forma mais primitiva.

Raven arranhou suas coxas com suavidade, numa carícia erótica que enviou espirais de prazer pelo corpo de Mikhail. Nublou-lhe a mente e ele se inundou ainda mais em Raven, para sentir o resplendor da luxúria e da necessidade. Ansiava por suas carícias, suas mãos, seus lábios suaves que estava se convertendo numa língua de fogo.

Mikhail a atraiu para cima, suas mãos eram duas garras com enorme força embora lutava por não lhe fazer nenhum mal. Beijou-a. Era um beijo faminto, possessivo e profundo que a fez colar-se mais a ele enquanto seu corpo pulsava e se movia sobre o dele, totalmente incendiado pela paixão.

— Diga que me quer. — Ele beijou-a na garganta, sobre os doloridos seios. Cada beijo enviava ondas de calor e intenso prazer, sobre a pele de Raven.

— Sabe que te quero. — Apertou-se contra ele, passando uma perna por cima das dele.

Quase não podia respirar porque o desejo a afogava, colava-se em Mikhail, tentando estar ainda mais perto, arrastando-se para que seu corpo a protegesse, sua mente a agasalhasse. Precisava sentir seu corpo dentro dela, que a possuísse como ele queria, com sua boca bebendo de seu seio, arrastando-a para seu mundo.

— Completamente. — disse bruscamente, enquanto seus dedos acariciavam os úmidos cachos — Una-se a mim, de nossa maneira.

Raven moveu-se freneticamente contra os dedos de Mikhail.

— Sim, Mikhail.

Agonizava procurando o alívio, procurando ele. Estavam consumidos pela mesma sensação e eram incapazes de separar a luxúria do amor ou a necessidade da agonia. O corpo e a mente de Raven ferviam de desejo, doloridos e atormentados sem saber onde começavam suas selvagens e desinibidas emoções e começavam as dele.

Mikhail se sentou sobre a cama, colocando-a aberta sobre seu corpo, com sua força, levantou-a e a baixou pouco a pouco sobre seu firme ventre, até encontrar seu ardente sexo. A umidade de Raven o atraía, abrasava-o. Raven deslizou os braços ao redor do pescoço de Mikhail e lhe rodeou os quadris com as pernas, abrindo-se por completo a ele. Devagar, Mikhail foi baixando-a, até que todo o comprimento de seu membro estivesse protegido pela umidade e o calor do interior de Raven. Mikhail sentiu um estremeamento, além de qualquer prazer. O sexo apertado de Raven era o paraíso e o inferno.

Raven lhe cravou as unhas nos ombros.

— Pare! Você é muito grande para entrar em mim, assim — Sua face mostrava uma expressão de alarme.

— Relaxe, pequena. Pertencemos um ao outro. Meu corpo foi feito para o teu, igual o teu para o meu — Ele penetrou-a mais fundo e começou a mover-se com um ritmo lento enquanto a acariciava tranquilizando-a com as mãos.

Mikhail deitou o tronco para trás, para poder observar o rosto de Raven enquanto seu corpo a reclamava com cadenciadas e

profundas, penetrações. Inconscientemente, as palavras brotaram de sua alma. "Eu te reclamo como minha companheira. Pertenco-te. Ofereço-te minha vida. Dou-te meu amparo, minha fidelidade, meu coração, minha alma e meu corpo. Para compartilharmos tudo. Sua vida, sua felicidade e seu bem-estar serão os primeiro para mim. É minha companheira, unida a mim para toda a eternidade e sempre sob meu cuidado".

Com estas palavras um homem dos Cárpatos unia a sua companheira a ele para sempre, para a eternidade. Uma vez pronunciadas, Raven não poderia afastar-se dele. Mikhail não tinha intenção de fazê-lo, mas todos seus instintos, tudo o que havia em seu interior, obrigaram-no às pronunciá-las, para unir seus corações como estava escrito que assim fosse. Suas almas por fim, uniram-se, suas mentes se fundiram para serem só uma.

Raven permitiu que suas palavras e a força ardente de sua posse a acalmassem. Seu corpo parecia derreter em volta de Mikhail. Ele continuou a possuí-la, sugando seus seios, segurando o pequeno traseiro com ambas as mãos, num gesto claramente possessivo. Ela jogou a cabeça para trás, deixando que seu cabelo os rodeasse e acariciasse a pele nua fazendo-os arder. Ela pertencia aquele lugar, aquele era seu lugar. Sentia-se selvagem e livre. Sentia-se parte de Mikhail, sua outra metade. Não poderia haver outro homem para ela, só este, tão ávido dela. Este que precisava dela tão desesperadamente, que compartilhava sua solitária existência.

Mikhail se moveu com mais força, profundamente, enquanto se inclinava sobre ela e girava seu corpo, deixando Raven com o

torso fora da cama, sob ele. A cada investida em seu corpo, se aproximavam mais do êxtase. Sentiu o corpo de Raven contrair, se fechar sobre ele. Ela gritou de prazer, enquanto sentia que seu corpo se fundia com o de Mikhail. Mas o prazer não terminava. Ondas e ondas de prazer indescritível, que Raven pensou que seria incapaz de suportar mais.

Mikhail inclinou a cabeça sobre ela, devagar, dando a ela, a oportunidade de detê-lo. Seu membro continuava profundamente dentro dela, os olhos escuros mantinham cativos os olhos de Raven. Hipnotizava-a, rogava-lhe, de necessidade. Raven arqueou o corpo para ele, deixando os seios a seu alcance, oferecendo-se para acalmar sua fome.

O rugido de satisfação que brotou da garganta de Mikhail fez que o sangue de Raven correr rápido por suas veias. Seu corpo se movia agora de forma mais agressiva, lhe elevando os quadris para penetrá-la com maior facilidade. Raven sentiu a carícia de seus lábios sobre seu peito, sobre o coração. A língua acariciou-lhe a marca que havia deixado antes de forma erótica e suave. Afundou-se nela com uma poderosa estocada, enchendo-a enquanto a estreitava nos braços. No mesmo instante que cravava os dentes em sua suave carne.

Raven gritou ao sentir o calor candente sobre seu seio. Embalou a cabeça de Mikhail, aproximando-a ainda mais a seu seio, sentindo o torvelinho de emoções que crescia no interior dele enquanto o fogo os abrasava de tal forma que Raven pensou que morreriam. Mikhail movia a boca sobre ela devorando-a enquanto a possuía, consumindo-os em agonia. Raven jamais havia

experimentado uma sensação tão poderosa, tão ardente e sensual. Ouviu-se gritar o nome de Mikhail com um selvagem abandono, cravando as unhas nos músculos de suas costas. Em seu interior, um desejo primitivo insistia a procurar, com a boca, o músculo onde pulsava o coração de Mikhail. Sentiram que explodiam, que se desintegravam e voavam para o sol. Mikhail levantou a cabeça e deixou escapar um feroz grunhido de satisfação para depois voltar de novo para saborear seu sangue.

Desta vez, ele foi cuidadoso. Tomou só o que precisava, para fazer o intercâmbio. Seu corpo ainda estava enterrado nela. Com a língua, acariciou as pequenas aberturas para fechá-las e curá-las por completo. Mikhail estudou seu rosto. Ela estava pálida. Sonolenta.

Murmurou a ordem. Seu corpo endureceu novamente, ao pensar no que ia acontecer.

O corpo do Raven ainda estremecia cheio de vida, aceitando suas deliciosas e possessivas estocadas. Mikhail abriu um pequeno corte no peito e aproximou a boca de Raven para sua pele. Foi o êxtase. Seu corpo se convulsionou, quase dolorosamente. O animal que vivia nele jogou a cabeça para trás rugindo de prazer e alegria. Sentia totalmente satisfeito.

Raven piscou e o olhou franzindo o cenho.

— Fez de novo... — Ela apoiou a cabeça no edredom — Cada vez que o fazemos sinto que vou adoecer. — Sentia um estranho sabor acre na boca.

Antes que ela fosse capaz de identificá-lo, Mikhail a beijou, roçando seus dentes com a língua, explorando o interior de sua boca, entrelaçando-a com a sua. Saiu de seu corpo muito lentamente enquanto a acariciava.

— Não posso me mover — admitiu Raven com um sorriso.

— Dormiremos uma sesta e enfrentaremos o mundo mais tarde. — sugeriu com a magia de sua voz. Embalou-a entre seus braços, deitou-a comodamente e a agasalhou com o lençol. Não podia separar o olhar de seus fascinantes olhos. Roçava-lhe a garganta com os dedos, descendo até o vale entre seus seios. Ainda se sentia sensível, podia senti-la tremer sob suas carícias e isso o encheu de amor.

— Se realmente quisesse que me amasse, teria te apresentado mais de um desafio. — Ela se aconchegou ao travesseiro — Meu o cabelo está um desastre.

Mikhail se sentou na beirada da cama, e começou a lhe trançar as mechas.

— Se me apresentasse mais de um desafio, pequena, meu coração não seria capaz de suportar. — Disse divertido.

Ela roçou-lhe a coxa com os dedos sem abrir os olhos. Mikhail ficou sentado durante um bom momento, enquanto contemplava como Raven se entregava ao sono profundo. Ela era pequena, tão humana, mas tinha conseguido mudar sua vida da noite para o dia. E ele a havia tornado sua. Não pretendia dizer as palavras rituais, havia se sentido ainda mais hipnotizado, que suas próprias presas, quando ela se expor para que ele se alimentasse.

Ela podia pensar que eram estranhos, mas haviam compartilhado suas mentes, seus corpos e se ofereceram mutuamente suas vidas. O intercâmbio de sangue era o último passo para confirmar seu compromisso. Literalmente, cada um deles havia devotado sua vida ao outro. Era um ritual erótico e formoso. Convertiam-se em uma só mente, um só coração e uma só alma... Com o mesmo sangue.

Os Cárpatos protegiam suas guaridas. Eles eram muito vulneráveis quando estavam dormindo ou em pleno ato sexual. A decisão de tomar uma companheira não era um ato consciente, era instintivo, um anseio e uma necessidade. Eles sabiam. Eram capazes de reconhecer sua outra metade. Mikhail reconheceu Raven. Tinha lutado para não levar a cabo o ritual, mas seus instintos animais se sobrepuseram a suas maneiras civilizados. Havia meio colocado ela em seu mundo e era totalmente responsável pelas conseqüências.

A luz começava a se filtrar pelas escadas. Mikhail completou a tarefa de proteger a casa contra os intrusos. A noite seguinte seria muito larga. O trabalho se acumulou e ele precisava sair à caça. Mas havia tido seu momento de paz e alegria.

Mikhail se meteu na cama junto ao Raven, atraindo-a para seu corpo para poder sentir cada centímetro dela. Raven murmurou seu nome entre o sono, apertando-se contra ele com a confiança de uma criança. O coração bateu forte em seu peito e uma curiosa ternura se estendeu em seu interior. Sentia-se feliz. Em paz. Tocou-a porque podia tocá-la. Acariciou seus seios com as mãos, sugou-lhe um mamilo, numa uma ligeira carícia. Depois de lhe dar um

beijo no pescoço, enviou-se a ordem de dormir profundamente, compassando sua respiração a dela.

## Capítulo 5

Raven despertou pouco a pouco do profundo sono, trabalhosamente, com a sensação de estar afundando-se em areias movediças.

— Ele voltou a fazer! -Foi à raiva, simples e sincera, que conseguiu despertá-la e que sentasse imediatamente. Estava sozinha na cama. Na casa de Mikhail. O sorriso zombador e ressonava na cabeça de Raven. Ela jogou o travesseiro contra a parede desejando poder atirar-lhe na cabeça. Tinha desperdiçado outro dia. No que se estava convertendo? Em sua parceira sexual?

— Essa idéia tem muitas possibilidades. – brincou ele.

— Saia de minha mente! — Gritou-lhe indignada para depois se estirar languidamente com um movimento felino e preguiçoso. Seu corpo estava deliciosamente dolorido por todos lugares. Uma íntima lembrança de que ele a possuía. Era incapaz de zangar-se com ele, ao contrário, a fazia rir com seu comportamento agressivo. Como se importar quando seu corpo reagia daquela maneira?

Quando se levantou para ir ao banheiro, viu roupa para ela ao pé da cama. Mikhail já havia saído às compras. Encontrou-se sorrindo, totalmente feliz por ele ter se lembrado. Pegou a saia e

tocou o tecido suave e de cor azul profundo, como a camisa que acompanhava.

— Não me comprou jeans -Não pôde resistir o impulso de cobrá-lo.

— As mulheres não devem vestir-se com roupa de homem.  
— respondeu ele, sem se alterar.

Raven se colocou sob a ducha e desfez a grossa trança para lavar o cabelo.

— Você não gosta de como ficam os jeans?

Respondeu-lhe, a profunda risada de Mikhail. Ele estava se divertindo.

— Essa pergunta é um truque.

— Onde você está? -Raven enviava um provocador convite, inconscientemente. Tocou a marca do seio, com um roçar de seus dedos. O contato fez ferver o sangue em suas veias e a marca começou a pulsar.

— Seu corpo precisa de descanso, pequena. Não fui exatamente o mais delicado dos amantes, não é verdade? — Sua voz refletia uma brincadeira, mas em sua mente, se sentia culpado.

Raven sorriu.

— Não que eu tenha muita experiência para poder assegurar, certo? Em minha vida não houve um desfile de homens.  
— Mikhail sentiu que sua risada o envolvia em num terno abraço. —

Se quiser, posso encontrar alguém para poder fazer a comparação.  
– Raven sugeriu docemente.

Imediatamente, ela sentiu o roçar de dedos em volta da garganta, rodeando seu frágil pescoço. Como ele podia?

— Estou assustada, machão. Alguém tem que te trazer a este século, a base de empurrões.

Os dedos acariciaram seu rosto, seu lábio inferior.

— Ama-me tal como sou.

Amor. O sorriso desvaneceu do rosto de Raven ao ouvir a palavra. Não queria amá-lo. Ele já possuía muito poder sobre ela.

Amor não, obsessão era a palavra adequada.

— Não pode me prender aqui, Mikhail. -

— Doçura, não há cadeados nas portas e o telefone funciona corretamente. E... Sim. Você me ama, não pode evitar. Sou perfeito para você. Apresse-se. Precisa se alimentar.

Enquanto escovava o cabelo, Raven notou o quanto era singela a conexão telepática. Pela prática? Não doíam suas têmporas pelo esforço. Inclinou a cabeça um instante, para escutar os ruídos procedentes da casa. Mikhail estava enchendo um copo com algum tipo de bebida, podia escutar com total nitidez. Vestiu-se devagar, pensativamente. Suas habilidades telepáticas estavam aumentando. Seus sentidos eram mais perceptivos. Devia ser à companhia de Mikhail. Ou será que havia algo na beberagem que ele a forçava a beber? Havia tantas coisas que queria aprender com ele, sobre suas enormes qualidades psíquicas.

A saia flutuou ao redor de seus tornozelos sensualmente e a camisa aderiu a suas curvas. Devia admitir que o traje a fazia sentir-se feminina, igual às finas meias de seda e a cinta liga.

— Vai ficar te aí sentada pensando em mim, a noite toda?

— Toda à noite! Que não seja novamente noite, Mikhail. Estou-me convertendo num ser noturno. E não fique muito alegre, não estava pensando em você. — Custou-lhe um enorme esforço mentir tão descaradamente. Estava orgulhosa de si mesmo.

— E crie que me vou engolir essa mentira? – Novamente, ele ria a gargalhadas e Raven não teve mais remédio que se unir a ele.

Deu uma volta pela casa, observando maravilhada, as esculturas e as gravuras. O sol desaparecia depois das montanhas. Raven suspirou com resignação. Mikhail havia disposto, no alpendre perto da cozinha, uma antiga e belamente esculpida mesa. Ele virou a cabeça quando a ouviu se aproximar. Seu olhar se tornou terno e um sorriso banhou seu rosto, dissipando as sombras. Raven se umedeceu ao vê-lo.

Mikhail inclinou a cabeça para beijá-la ternamente nos lábios, e a cumprimentou. “Boa noite”. Afagou seu cabelo e passou a mão por seu rosto, numa delicada carícia. Raven permitiu que ele a ajudasse a sentar-se à mesa, assombrando-se de sua antiquada galanteria. Ele colocou um copo de suco diante dela.

— Antes de que eu vá trabalhar, acredito que podemos ir pegar suas coisas na pensão. Seus longos dedos escolheram cuidadosamente um pastelzinho para depositá-lo num antigo prato.

Era delicioso, mas Raven estava muito assombrada por suas palavras e olhou-o fixamente durante um segundo, sem ter noção de seus olhos azuis, totalmente abertos.

— O que quer dizer com “recolhendo minhas coisas?” — Nem sequer havia lhe ocorrido que ele pudesse esperar que fossem viver juntos na mesma casa. Em sua casa.

Mikhail sorriu de forma perversa, lenta e provocativamente.

— Posso te conseguir coisas novas.

A mão do Raven tremeu. Baixou-a em seu colo, fora da vista de Mikhail.

— Não vou mudar para cá com você, Mikhail — A idéia era aterradora. Ela precisava de sua privacidade, precisava de longos períodos de solidão. E ele era o ser mais assustador e embriagador que havia encontrado. Como seria capaz de resolver as coisas, com ele todo o momento a seu lado?

Mikhail elevou as sobrancelhas.

— Não? Aceitou nossos costumes, realizamos o ritual. Para mim, para os olhos de minha gente, é minha companheira, minha mulher. Minha esposa. É costume das americanas viver separadas de seus maridos?

Sua voz deixava ver aquele pingão de arrogância, que sempre a fazia desejar jogar algo em sua cabeça. Raven pensava que brincava, divertindo-se por sua cautela.

— Não estamos casados. -disse ela resolutamente.

Foi difícil para Mikhail, ignorar o salto de seu coração, ante as palavras dela.

O bosque aparecia coberto de farrapos de névoa que flutuavam ao redor dos troncos das árvores, estendendo-se até quase roçar o chão. O efeito era sobrenatural, mas formoso.

— Estamos sim, aos olhos dos meus e aos olhos de Deus.

Havia uma resolução implacável em sua voz. Como se dissesse, 'minha palavra é lei', que fez Raven morder o lábio.

— E a meus olhos é o que, Mikhail? E minhas crenças? Acaso não importam a você? -perguntou beligerante.

— Vejo a resposta em seus olhos e a sinto em seu corpo. Está lutando inutilmente, Raven. Sabe que é minha...

Ela ficou em pé, de um salto, empurrando a cadeira ao fazê-lo.

— Eu não pertencço a ninguém, e menos a você, Mikhail! Não pode decidir o que vai ser minha vida e esperar que eu caia rendida em seus braços. — Raven desceu correndo, os três degraus que levavam até a entrada do bosque. — Preciso de um pouco de ar. Você me tira do sério.

Mikhail riu maciamente.

— Tem medo de você mesma?

— Vá para o diabo, Mikhail!

Raven colocou-se a caminho, rapidamente, antes que ele pudesse enfeitiçá-la. Ele podia fazer, ela sabia. Estavam em seus

olhos, sua boca e no pequeno sorriso, quando a provocava deliberadamente.

A névoa era densa e o ar estava carregado de umidade. Com seu agudo sentido, podia ouvir o sussurro dos arbustos, dos ramos das árvores balançadas pelo vento e do bater de asas no céu.

Mikhail apareceu atrás dela.

— Possivelmente eu sou o diabo, pequena. Estou seguro, que essa idéia passou por sua cabeça.

Ela olhou-o ferozmente, por cima do ombro.

— Deixa de me seguir!

— Acaso não sou um cavalheiro obrigado a acompanhar sua dama até em casa?

— Deixe de brincar! Se rir de mim, mais uma vez, juro que não serei responsável por meus atos. — Raven tomou consciência das sombras que se moviam furtivamente, dos olhos brilhantes que a perseguiam. Seu coração quase parou no peito, para depois bater furiosamente. — Estupendo! — Virou-se abruptamente e o olhou, mostrando todo seu aborrecimento. — Isto é genial! Simplesmente genial, Mikhail. Chamou os lobos para que me devore viva. Acho essa idéia muito típica de você.

Ele deixou que seus dentes brancos ficassem visíveis, como os de um predador faminto e gargalhou. — Não são os lobos, que a acharão deliciosa.

Raven pegou um ramo seco e jogou nele.

— Deixe de rir de mim, hiena! Isto não é nada divertido. Sua arrogância me dá vontade de vomitar. — Custou-lhe muito não sorrir. Ele era um animal, muito encantado para ser bom.

-Seu jargão americano é muito descritivo, pequena.

Ela jogou-lhe outro ramo, seguido de uma pequena pedra.

-Alguém tem que te ensinar uma boa lição.

Ele parecia um formoso, fantasia de diabo travesso. Era todo fogo e faíscas. Mikhail inspirou devagar. Era ela, toda fogo e fúria, toda independência e valor, cheia de paixão abrasadora. Com sua seu riso, Raven fundiu seu coração junto ao de Mikhail penetrando em sua mente e em sua alma. Ele sentiu na mente de Raven, embora ela estivesse extremamente cuidadosa para que ele não o notasse.

— E acredita que é a pessoa indicada para tanto?

Outra pedra veio voando para seu peito. Colheu-a com facilidade.

— Acredita que me assustam seus lobos? – Perguntou-o. — O único lobo enorme e mau que há por aqui é você. Chame a todos os seus lobos. Vamos! – Ela fingia estar olhando para o escuro e secreto coração do bosque. -Vêm me pegar.

Mikhail soltou os dedos que sustentavam o ramo deixando que este caísse no chão. Passou um braço por sua estreita cintura atraindo seu corpo, até a solidez do dele.

— Disse-lhes que você tinha sabor de mel temperado. – Ele sussurrou com voz aveludada, de feiticeiro escuro. Girando-a entre

seus braços para tê-la de frente, tomou seu rosto entre as mãos. — Onde está todo esse maravilhoso respeito que se merece um homem tão poderoso como eu?

Seu polegar se moveu sobre o lábio inferior de Raven, numa sensual carícia. Raven fechou os olhos ante o inevitável. Tinha vontade de chorar. Seus sentimentos por ele eram tão fortes, que tinha um nó ardente na garganta. Mikhail roçou seus olhos com os lábios, saboreou uma lágrima e procurou refúgio na doçura de sua boca.

— Por que choraria por mim, Raven? — Murmurou sobre sua garganta. -É que ainda quer fugir de mim? Sou tão terrível assim? Jamais permitiria, se estivesse em minha mão, que nenhuma criatura, homem ou animal, fizesse mal a você. Pensava que nossos corações e nossas almas estavam conectados. Não estou certo? Já não me quer mais?

Suas palavras rasgavam o coração.

— Não é isso, Mikhail... Claro que não. – Ela apressou-se a negar, temerosa de havê-lo ferido. Você derruba todos os meus planos. -Acariciou-lhe o rosto com os dedos, adorando o toque. — É o homem mais fascinante que conheci. Tenho a sensação que meu lugar é com você, como se o conhecesse de toda a vida e te pertencesse. É impossível, no pouco tempo que faz, que nos conhecemos. Sei que se pudesse me afastar um pouco de você, pôr um pouco de distancia entre nós, seria capaz de pensar com mais claridade. Tudo aconteceu rápido demais. É como se eu estivesse obcecada por você. Não quero cometer um engano que cause mal a qualquer dos dois.

Suas mãos abrangeram as maçãs do rosto masculino.

— Causaria-me enorme dor, se me abandonasse, me deixando só novamente, agora que te encontrei.

— Preciso só de um pouco de tempo, Mikhail, para pensar as coisas com cuidado. Aterroriza-me o que sinto por você. Penso em você constantemente e quero te tocar, saber que se estender à mão posso tocar você, sentir sua pele sob meus dedos. É como se você tivesse entrado em minha cabeça e em meu coração, inclusive em meu corpo, e não sou capaz de te tirar —Disse, envergonhada, com a cabeça encurvada, confessando-se a ele.

Mikhail tomou sua mão, para que ela começasse a caminhar a seu lado.

— São os sentimentos de minha gente para seu companheiro. É assim é que nós sentimos. Não é singelo, verdade? Somos apaixonados por natureza, extraordinariamente sexuais e muito possessivos. O que você sente, é o mesmo que eu.

Raven apertou os dedos nos de Mikhail e lhe dirigiu um pequeno e inseguro sorriso.

— Equivoco-me ao pensar, que me está mantendo aqui, deliberadamente?

Mikhail encolheu os largos ombros.

— Sim e não. Não quero te obrigar contra sua vontade, mas é minha necessidade, que faz com que te obrigue. Acredito que somos companheiros e estamos irrevogavelmente unidos. Mais que com uma simples cerimônia de matrimônio. Eu me sentiria

profundamente transtornado, de corpo e de mente, sem você a meu lado. Não sei como reagiria se outro homem a tocasse, e sou sincero, tenho medo ante essa situação.

— Realmente pertencemos a mundos distintos, não é assim? — Perguntou Raven com tristeza.

Mikhail levou a mão de Raven aos lábios.

— Existe uma coisa chamada compromisso, pequena. Podemos nos mover entre ambos os mundos ou criar um para nós.

Os olhos azuis o olharam sem deter-se enquanto um débil sorriso curvava seus lábios.

— Isso soa muito bem, Mikhail, muito do século vinte, mas acredito que, de algum jeito, tocaria a mim, comprometer e me adaptar.

Mikhail afastou um ramo para que ela passasse, com essa cortesia tão fora de moda. O caminho mudou até chegar a sua casa, novamente.

— Possivelmente tenha razão. — Novamente, se percebia certa arrogância, misturada ao divertimento, em sua voz. — Mas, como minha natureza me obriga, eu a cuidaria e a protegeria. Não tenho a menor dúvida, de que você é muito mais, que uma companheira para mim.

— Então, por que estamos de retorno a sua casa, em vez de nos dirigir à pensão? — perguntou com uma mão sobre o quadril e um sorriso dançando em seus olhos.

— E o vai fazer lá, tão tarde? — Novamente, a voz era aveludada, muito mais sedutora que antes. — Fique comigo esta noite. Pode ler enquanto trabalho e a ensinarei como se proteger melhor das emoções indesejadas dos que a rodeiam.

— E o que acontece com meu sentido do ouvido? Suas pequenas beberagens aumentaram meu ouvido ao absurdo. — Disse Raven, arqueando uma sobrancelha. — Tem alguma idéia do que acontecerá a seguir?

Mikhail roçou a nuca de Raven com os dentes enquanto acariciava seus seios de forma possessiva.

— Tenho todo tipo de idéias, pequena.

— Acredito que sim. Acredito que é um viciado em sexo, Mikhail. — Raven respondeu, escapando do seu abraço. — Acredito que pôs algo nessa beberagem para que eu também me convertesse numa viciada. — Sentou-se à mesa, e pegou tranqüilamente um copo de suco, enquanto o olhava intencionalmente. Colocou?

— Beba d devagar. — ordenou ele, distraidamente. — De onde tirou essas idéias? Cuidei de você, o melhor que pude. Sentiu se te ordenei mentalmente?

Raven se deu conta de que não podia beber. — Sempre está me obrigando a dormir. — Raven cheirou o suco com cuidado. Maçã, nada mais. Não havia comido nem bebido nada, há quase vinte e quatro horas. Por que não podia tomar o suco então?

— Precisa dormir. — Ele disse sem nenhum tipo de remorso, enquanto a olhava fixamente, com olhos tristes. — Não gosta do

suco? Está sentindo alguma coisa?

— Não... Nada, absolutamente — Raven levou o copo aos lábios e sentiu que o estômago contraía protestando. Voltou a deixá-lo na mesa sem ter provado nem um gole.

Mikhail suspirou.

— Sabe que deve se alimentar. -Aproximou-se dela. — O mais fácil seria que permitisse eu te ajudar, mas disse que não devo. Tem sentido?

Raven afastou o olhar. Seus dedos brincavam nervosamente com o copo.

— Possivelmente contraí uma gripe. Estou me sentindo enjoada há uns dias. Enjoada e fraca. — Ela afastou novamente o copo.

Mikhail o aproximou de novo.

— Precisa se alimentar, pequena. — Ele tocou seu magro braço. — Já é muito frágil. Não acredito que perder peso seja uma boa idéia. Tome um gole.

Raven passou uma mão pelo cabelo, sabia que ele tinha razão, mas seu estômago insistia em rebelar-se.

— Não acredito que seja capaz, Mikhail. — Olhou-o preocupada — Não estou tentando ser difícil, é que acredito que estou doente.

O rosto de Mikhail, escuro e sensual, mostrava uma determinação implacável. Plantou-se a seu lado, pegando o copo.

— Beberá. -Sua voz era profunda e intensa, não admitia protestos. Era impossível o desobedecer. — O suco ficará em seu estômago, seu corpo o aceitará. — ele falou brandamente em voz alta, rodeando seus ombros de forma protetora.

Raven piscou e o olhou, depois olhou o copo vazio. Moveu devagar a cabeça.

— Não posso acreditar que seja capaz de fazer isso. Não lembro de ter bebido e não tenho náuseas. — Afastou o olhar dele, para contemplar o escuro mistério do bosque. A névoa brilhava, emitindo brilhos ao refletir a luz da lua.

— Raven. -Disse Mikhail lhe acariciando a nuca.

Ela apoiou-se nele.

— Sequer sabe, o quanto é verdadeiramente especial, sabe? As coisas que é capaz de fazer, vão além do imaginável. Assusta-me de verdade.

Mikhail se apoiou contra um dos pilares do alpendre. Seu rosto mostrava uma expressão de absoluta perplexidade.

— É meu dever e meu direito cuidar de você. Se precisar do repouso do sono, então, devo providenciar. Se seu corpo precisa beber, então, por que não posso te ajudar? Por que deveria se assustar com isto?

— Realmente, não entende? — Raven ficou olhando a um farrapo de névoa, em particular, que se movia de forma estranha. — É o líder aqui. Obviamente, suas habilidades são imensamente

superiores às minhas. Não acredito que encaixasse em sua vida. Sou um ser solitário, não sirvo para ser a primeira dama.

— Tenho grandes responsabilidades. Os meus, contam comigo para dirigir os negócios e que tudo vá bem, para apanhar os assassinos que estão acabando com os nossos. Eles estão convencidos de que eu deveria averiguar a causa da morte de nossos bebês durante o primeiro ano de vida. Não há nada de especial em mim, Raven, exceto que tenho uma vontade de aço e que estou disposto a carregar sobre meus ombros com estas responsabilidades. Mas não tenho nada, nunca tive nada meu. Você me deu uma razão para continuar. É meu coração, minha alma, o ar que respiro. Sem você, não tenho mais que escuridão e solidão. O simples fato de ser forte, de ter poder, não significa que não me sinta completamente sozinho. Viver em total solidão é uma existência fria e desagradável.

Raven levou uma mão para o estômago, pressionando seu abdômen. Mikhail parecia tão longínquo, tão sozinho. Odiava a maneira em que permanecia em pé em silêncio, orgulhoso e direito, esperando que lhe arrancasse o coração. Tinha que consolá-lo e ele sabia. Ele lia em sua mente, sabia que ela não era capaz de suportar a solidão em seu olhar. Raven cruzou a distância que os separava sem dizer nada. O que podia dizer? Limitou-se a apoiar a cabeça sobre seu coração enquanto rodeava sua cintura com os braços.

Mikhail a abraçou. Ele havia arrebatado sua vida, sem que ela soubesse. E agora, ela o consolava, dizia-lhe que era um homem especial. Fascinante a seus olhos. Ainda não fazia idéia do

crime que ele havia cometido. Estava unida a ele e não poderia ficar longe dele durante muito tempo. Não encontrava as palavras, para explicar-lhe, sem deixar ver mais coisas de sua espécie que não seria seguro que ela conhecesse. Ela acreditava que não podia ser a companheira de um homem de tamanha dignidade. O fazia sentir miserável e envergonhado de si mesmo.

Rodeou-lhe o rosto com as mãos, acariciando o delicado queixo.

— Ouça-me, Raven. -Beijou-a na cabeça. — Sei que não te mereço. Crê que é inferior a mim. De alguma forma, mas honestamente, está muito acima de mim, nem sequer deveria te tocar.

Quando ela se moveu para protestar, Mikhail a deteve, abraçando-a ferozmente.

— Não, pequena, sei que é verdade. Sei como você é realmente. Vejo seu interior enquanto que você não tem acesso a meus pensamentos e nem a minhas lembranças. Não posso deixar. Oxalá fosse mais forte. Oxalá fosse um bom homem e deixasse que partisse, mas não posso. Só posso te prometer que farei tudo o que esteja em meu poder, para te fazer feliz, para que jamais te falte nada. Peço-te tempo para me adaptar a você e a seus costumes e para que compreenda meus enganos. Se precisa ouvir, palavras de amor – disse roçando com sua boca, o canto dos lábios de Raven – então lhe direi com total honestidade. Jamais quis outra mulher. Nunca desejei que alguém tivesse este poder sobre mim. Não compartilhei jamais com uma mulher, o que compartilhei com você. — Beijou-a meigamente, com infinito amor e doçura. — Estará para

sempre em meu coração, Raven. Entendo as diferenças que há entre nós muito melhor que você. Só te peço uma oportunidade.

Raven deu a volta entre seus braços, para olhar ao bosque, apoiando-se adoravelmente, contra seu corpo.

— Acredita que conseguiremos encontrar um meio termo?

Não tinha a mais remota idéia, do risco que Mikhail iria assumir. Uma vez que vivesse juntos, ele jamais poderia se enterrar profundamente na terra. Não poderia deixá-la desprotegida nem um só dia. A partir do momento no que ela compartilhasse sua vida, o perigo ao redor de Mikhail seria dez vezes maior e o dela também. Os assassinos não veriam a diferença entre eles. Raven estaria condenada. E além de tudo, arrastá-la a esse mundo perigoso, era seu maior crime.

Subiu a mão até a nuca de Raven. Ela era tão pequena, tão delicada.

— Não saberemos, se não tentarmos. — Abraçou-a aproximando-a mais a seu corpo, na vã tentativa de não se separar jamais dela.

Raven sentiu a repentina tensão no corpo de Mikhail. Ele havia levantado a cabeça em alerta, como se farejasse o vento e escutasse os sons da noite. Encontrou-se fazendo exatamente o mesmo, inspirando profundamente com os ouvidos em alerta, penetrando o bosque. Ao longe, os uivos dos lobos se ouviram fracos e distantes, flutuando na brisa, chamando o Mikhail.

Raven o olhou perplexa.

— Estão chamando você! Como sei disso, Mikhail? Como pude saber tal coisa?

Mikhail lhe revolveu o cabelo, carinhosamente.

— Misturou-te com a turma errada.

Raven o recompensou, com uma borbulhante gargalhada, que chegou até seu coração, deixando-o vulnerável e desarmado.

— O que é isto? O senhor do castelo falando como a juventude?

Sorriu-lhe como um menino depois de uma travessura.

— Possivelmente, seja eu, o que não está com a turma adequada.

— E possivelmente ainda há esperança para você. — Raven disse, beijando-o na garganta, no queixo e na linha sombreada de azul de seu queixo.

— Não te disse, a quanta está belíssima, com essa roupa?  
— Perguntou enquanto colocava o braço sobre os ombros estreitos, para acompanhá-la até a mesa. — Em poucos momentos, teremos visita. — Com movimentos lentos e pausados, ele encheu sua taça de suco até a metade e a colocou em seu lado da mesa, depois desfez uma parte de bolo entre seus dedos e deixou os miolos em ambos os pratos.

— Mikhail? — perguntou ela, com cautela. — Tenha muito cuidado, se usar um contato psíquico. Acredito que há alguém mais, além de mim, que tem habilidades telepáticas.

— Todos meus as têm. — respondeu ele, com cuidado.

— Não dos teus, Mikhail. — Raven franzia o cenho, enrugando a testa. — Dos meus.

— Por que não me disse isso antes? -pergunto Mikhail, exigindo uma resposta. — Sabe que eles espreitam a minha gente e assassinam a nossas mulheres. Segui o rastro de três dos assassinos até a pensão onde te aloja.

— O porque, não sei com certeza, Mikhail. Não posso tocar a ninguém. Ao longo dos anos, me obriguei a não ter contato com ninguém, a não permitir que ninguém me tocasse. — Raven passou-se a mão pelo cabelo, ainda séria. — Sinto muito. Devi te falar de minhas suspeitas, mas não estava segura delas.

Mikhail suavizou as rugas de sua testa com uma carícia. Depois, tocou seus lábios com ternura.

— Não pretendi te atemorizar nem pressionar, pequena. Precisamos discutir isto, na primeira oportunidade. Pode ouvi-lo?

Raven esticou-se, ouvindo a noite.

— É um carro.

— Está a hum quilômetro, mais ou menos. — Mikhail aspirou o ar da noite, introduzindo-o em seus pulmões. — O pai Hummer e dois estranhos. Mulheres. Levam perfume. Uma delas é uma anciã.

— Só há oito hóspedes além de mim na pensão. — Para Raven estava difícil respirar. — Vieram todos juntos, em uma viagem de turismo de aência. O casal mais velho é dos Estados

Unidos, Harry e Margaret Summers. Dois irmãos belgas, Jacob e Shelly Evans. E quatro homens de vários lugares do continente. Não falei muito com eles, para dizer a verdade.

— Qualquer deles poderia ser os assassinos. -disse Mikhail com severidade. Estava secretamente encantado de que Raven não houvesse prestado muita atenção nos homens. Não queria que ela fixasse um, nunca mais.

— Acreditou que eu teria sabido, não? — Perguntou ao Mikhail. — Lido com assassinos, mais do que eu gostaria. Só uma destas pessoas tem habilidades telepáticas embora, realmente, não são tão fortes como as minhas.

Agora, ouviam o carro com total claridade, mas a névoa os impedia de vê-lo. Mikhail elevou seu queixo, com os dedos.

— Já nos unimos segundo nosso costume. Pronunciará os votos, segundo sua tradição?

Os olhos azuis, nos que um homem poderia se afogar se abriam com total assombro. Ele podia passar uma eternidade olhando esses olhos. Um pequeno sorriso arrogante curvava seus lábios. Tinha conseguido deixá-la perplexa.

— Mikhail, está-me pedindo que me case contigo?

— Sinceramente, não estou seguro de como. Deveria me colocar de joelhos? — Sorria-lhe abertamente.

— Propõe-me matrimônio com um carro cheio de assassinos aproximando-se?

— Prováveis assassinos. — Ele sorriu de tal forma, que Raven sentiu o coração encolher. Sabe que não será capaz de resistir a mim.

— Após me obrigar a beber esse asqueroso suco de maçã? Jogou todos os seus lobos encima de mim, Mikhail. E ainda há uma longa lista de pecados que podia recitar agora mesmo. — Os olhos dela brilhavam travessamente.

Ela abraçou-a, encostando todo o pequeno corpo ao dele.

— Estou vendo que precisarei aplicar uma boa dose de persuasão. — Seus lábios deixaram um rastro de fogo em seu rosto até cobrir sua boca e fazê-la sentir a terra tremer sob seus pés.

— Ninguém deveria ser capaz de beijar assim. -Sussurrou Raven.

Ela beijou-a novamente, seduzindo-a com doçura, mordiscando seus lábios sensualmente, prometendo muito mais. Enfeitando-a.

— Raven, sinta o quanto preciso de você.

Mikhail a aproximou ainda mais até que Raven sentiu sobre seu ventre a dura evidência de seu desejo. Tomando sua mão, ele guiou-a até o palpitante vulto, instigando-a a acariciá-lo, atormentando-os. Abriu sua mente para que ela pudesse sentir a voracidade de seu desejo, de sua fome por ela, sua paixão e a corrente de e amor que os envolvia.

— Raven... — Sussurrou em sua cabeça, pedindo-a para que o levasse de volta, para que o aceitasse com o bom e o mau que

havia em seu interior.

— Você leva vantagem, isso não é justo. — Sua resposta foi como o mel.

O carro saiu da névoa, até parar junto a um grupo de árvores. Mikhail se voltou para saudar os visitantes, colocando de forma instintiva, seu corpo para proteger Raven dos olhares.

— Pai Hummer, que surpresa tão agradável. — Mikhail estendeu a mão em sinal de boas vindas, mas sua voz soou seca.

— Raven! — Shelly Evans passou junto ao sacerdote, empurrando-o de forma grosseira e correu para Raven, devorando Mikhail com os olhos.

Mikhail notou o tremor e a consternação nos olhos de Raven, antes que Shelly a alcançasse estendendo os braços e estreitando-a fortemente. Shelly não fazia idéia de que Raven percebia a inveja que ela sentia nesse momento e o desejo sexual que tentava despertar em Mikhail. Por seu lado, Mikhail podia sentir a repulsão que Raven sentia ante o abraço e ante a preocupação da garota, e sobre tudo por suas fantasias com ele, mas conseguiu sobrepor-se, sorrir e devolver o abraço.

— O que é isto? Algo está errado? -Perguntou Raven docemente, afastando-se educadamente da mulher mais alta.

— Bom, querida -disse Margaret Summers, severamente, olhando Mikhail e chegando até Raven. — Insistimos até que o Pai Hummer nos trouxe para comprovar que está bem.

No instante que a enrugada mão tocou seu braço, Raven notou o empurrão em sua mente. Ao mesmo tempo, seu estômago se revelou, sentiu profunda náusea e uma dor aguda lhe atravessou a cabeça, destroçando sua mente. Era incapaz de respirar. Havia sentido à morte. Colocou-se para trás instintivamente, secando-a palma da mão sobre a coxa.

— Mikhail! —Canalizou seus pensamentos enviando-se por completo a ele. — vou vomitar

— Não lhes assegurou a Sra. Galvenstein que Raven estaria bem comigo?

Mikhail se colocou resolutamente, mas de forma educada entre Raven e a anciã. Havia sentido a torpe intenção da mulher, em penetrar em sua mente quando o roçou ao passar. Seus dentes brancos refulgiram num forçado sorriso.

— Por favor, entrem em minha casa e fiquem acomodados. Está fazendo frio aqui fora.

Margaret Summers o inspecionava tudo, observava os dois pratos e os copos da mesa, os miolos do bolo em ambos os serviços. Seus olhos atravessavam Raven tentando ir além do tecido de sua blusa e olhar seu pescoço.

Mikhail rodeou os ombros de Raven com um braço para protegê-la no refúgio de seu corpo. Ocultou um sorriso ao ver que a Sra. Summers agarrava Shelly para deixar que o pai Hummer entrasse em primeiro lugar. Baixou a cabeça.

— Sente-se bem?

— Vou vomitar. O suco de maçã. — Olhou-o com recriminação.

— Deixa que te ajude. Não notarão. — Deu-se a volta e a escondeu com seu imenso corpo. Pronunciou uma ordem suave e a beijou docemente. — Melhor agora?

Raven lhe acariciou o queixo, respondendo com seus dedos.

— Obrigado. -Voltaram-se juntos, para os convidados.

Margaret e Shelly contemplavam maravilhadas, a casa de Mikhail. Ele possuía dinheiro e o interior de sua casa refletia no mármore, na madeira preciosa e nas cores quentes e acolhedoras das antiguidades e gravuras. Era óbvio que Margaret se sentia impressionada e surpreendida.

O pai Hummer se sentou comodamente em sua poltrona favorita.

— Acredito que interrompemos algo importante. — Parecia encantado consigo mesmo e interiormente divertido. Os olhos apagados brilhavam cada vez que se cruzavam com o olhar escuro e insondável de Mikhail.

— Raven consentiu em converter-se em minha esposa. — Mikhail levou a mão de Raven aos lábios. — Não tive tempo de lhe dar o anel. Vocês chegaram antes que pudesse colocar em seu dedo.

Margaret tocou a Bíblia, belamente encadernada, que descansava sobre a mesa.

— Que romântico, Raven! Casarão na Igreja?

— É óbvio que os jovens devem casar-se na Igreja. Mikhail é cristão e não faria nada inapropriado. — respondeu o Pai Hummer como ligeira reprimenda.

Raven deixou sua mão entrelaçada a de Mikhail, enquanto se sentavam no sofá. Descoloridos, os olhos da Margaret eram afiados como garras.

— Por que esteve escondendo-se, querida? — Seu olhar analisava tudo, tentando descobrir todos os segredos.

Mikhail se moveu, inclinando-se sobre o respaldo prazerosamente.

— Não nos escondemos. Telefonamos à Sra. Galvenstein, a proprietária da pensão, para lhe comunicar que Raven ficaria aqui. Certamente ela disse a vocês.

— A última notícia que tive de Raven é que havia ido ao bosque para lanchar com você. — assegurou Margaret. — Sabia que estava doente e me preocupei, por isso averigüei seu nome e pedi ao pároco que nos acompanhasse até aqui. — Seu agudo olhar se deteve num antigo espelho de prata.

— Sinto havê-la preocupado, Sra. Summers. — disse Raven com voz doce. — Passei por uma gripe horrível. Se soubesse que estava preocupada comigo, a teria chamado. — Assinalou.

— Queria vê-la com meus próprios olhos. — Margaret apertou os lábios. — Somos Americanas e me sinto responsável por você.

— Agradeço-lhe sua preocupação. Raven é a luz de minha vida. — Mikhail se incorporou um pouco com seu sorriso de predador. — Sou Mikhail Dubrinsky. Não acredito que tenhamos sido apresentados formalmente.

Margaret o olhou e elevando o queixo, estendeu a mão a Mikhail, murmurando seu nome. Mikhail deixou que percebesse sua boa vontade e o amor, condimentado travessamente com uma saudável luxúria, que sentia por Raven.

Shelly se apresentou avidamente.

— Sr. Dubrinsky?

— Por favor, me chamem Mikhail. — Seu encanto era tão intenso que Shelly quase caiu da cadeira. Rebolava e cruzava as pernas para que Mikhail tivesse uma melhor visão. — Mikhail então — Shelly desenhou um coquete sorriso. — O pai Hummer nos contou que você é uma espécie de historiador e que conhece todas as tradições da região. Estou fazendo uma investigação sobre folclore. Concretamente, interessa-me saber se existe algum tipo de verdade sobre as lendas locais. Sabe algo sobre vampiros?

Raven piscou, tentando não soltar uma gargalhada. Shelly falava totalmente a sério e estava sob o feitiço de Mikhail. Seria muito embaraçoso se ela risse. Concentrou-se no polegar de Mikhail que estava acariciando a parte interna de sua mão ajudando-a a sentir-se mais forte.

— Vampiros. -Mikhail repetiu o término de forma corriqueira. — A região mais popular para os vampiros é sem dúvida a Transilvânia, mas aqui também temos nossas próprias histórias.

Há muitos contos sobre vampiros ao longo dos Cárpatos. Inclusive existe uma rota turística daqui até a Transilvânia, a rota do Jonathan Harper. Estou seguro de que acharia o mar divertido.

Margaret se inclinou para diante.

— Você crê nestas histórias?

— Sra. Summers! — Exclamou Raven mostrando seu assombro. — Não acredita nisso, acredita?

O rosto de Margaret apagou qualquer indício de expressão, apertando os lábios de forma beligerante.

— Sempre acreditei que existe um pingão de verdade em qualquer história que se manteve através dos anos. Possivelmente seja isso o que crê a Sra. Summers. — Disse Mikhail amavelmente.

Margaret assentiu com a cabeça, visivelmente relaxada, e dirigiu um sorriso benevolente a Mikhail.

— Alegra-me que estejamos de acordo nisto, Sr. Dubrinsky. Um homem de sua posição deve ter, certamente, uma mente aberta. Como é possível que, ao longo dos séculos, tantas pessoas contam as mesmas histórias sem que haja nem um ápice de verdade nestas lendas?

— Verdade em um cadáver vivente? — Raven arqueou as sobrancelhas. — Não sei nada sobre o que aconteceu na Idade Média, mas suponho que daria conta, se começasse a ver mortos que raptam meninos.

— Além disso, esta é a questão. -acrescentou Mikhail — Não tivemos uma longa lista de mortes inexplicáveis, pelo menos que eu saiba, nos últimos anos.

— Mas alguns dos vizinhos contam histórias muito estranhas. — Shelly estava disposto a abandonar suas idéias.

— É óbvio. — Mikhail sorriu contagiosamente. — É melhor para atrair os turistas. Faz alguns anos... Quando aconteceu Pai? Lembra quando Swaney queria aumentar as vendas aos turistas e cravou ele mesmo, o pescoço com agulhas de costura. Até o jornal local tirou fotos. Pendurou uma réstia de alho em volta do pescoço e se dedicou a caminhar pelo povo.

— Como sabe você que não foi real? — Perguntou Margaret.

— As feridas infectaram. Ele era alérgico ao alho e não restou outra opção que confessar a verdade. — Mikhail sorriu travessamente às duas mulheres. — O Pai Hummer lhe deu penitência. Swaney rezou o rosário trinta e sete vezes seguidas.

Pai Hummer jogou a cabeça para trás e riu de boa vontade.

— Na realidade, conseguiu atrair a atenção de todo o mundo durante um tempo. Os jornalistas vieram de todas partes. Foi um espetáculo.

Mikhail fez uma careta.

— Se mal me lembro, tive que passar muito tempo afastado de meu escritório, vi-me obrigado a trabalhar noite e dia, durante uma semana, em consequência.

— Inclusive você levou a pequena aventura, com bom senso de humor, Mikhail. — Disse o Pai Hummer. — estive pelos arredores muitos anos, senhoras e jamais vi um cadáver ambulante.

Raven passou uma mão pelo cabelo, massageando-a cabeça para aliviar a dor aguda que a estas alturas estava insuportável. Sempre associava essa dor ao feito de estar exposta a uma mente doente por muito tempo. Mikhail elevou a mão para massagear delicadamente a têmpora, passando os dedos por sua sedosa pele.

— É tarde e Raven ainda sofre os efeitos da gripe. Poderíamos, continuar a conversa outra noite?

Pai Hummer se levantou imediatamente.

— É obvio, Mikhail. Peço-te desculpas, por interromper, em um momento tão inoportuno. As senhoras estavam nervosas e vir até aqui me pareceu a melhor maneira das tranquilizá-las.

— Raven pode voltar conosco. — ofereceu Margaret muito solícita.

Raven sabia que não sobreviveria a uma viagem em carro com a mulher. Shelly assentia com a cabeça ansiosa, dedicando a Mikhail seu melhor sorriso.

— Muito obrigado Mikhail. Eu adoraria discutir este tema com mais profundidade e possivelmente, importaria se tomasse nota?

— É obvio que não, Senhorita Evans. -Mikhail entregou a ela, seu cartão de visita. — O trabalho me tem absorvido muito e Raven e eu queremos nos casar o mais rápido possível, mas tentarei procurar um tempo – Ele estava guiando seus convidados para a porta, usando seu enorme e musculoso corpo, de uma vez que, com seu sorriso mais cativante, acautelava-lhes de tocar Raven. — Obrigado Sra. Summers, por oferecer-se a cuidar de Raven em meu lugar, mas como nos interromperam, eu gostaria de me assegurar que ela não saia sem o anel.

Quando Raven tentou dar um passo para ficar diante dele, Mikhail a impediu, com um movimento tão natural e gracioso que ninguém notou. Deslizou a mão por seu braço, até segurar sua mão.

— Obrigado por vir. — disse ela, num murmúrio, temerosa de falar muito alto e fazer que sua cabeça estalasse em mil pedaços.

Quando as visitas se partiram, Mikhail a abraçou de forma protetora. Seu rosto tinha uma expressão de escura ameaça.

— Sinto muito que tenha de suportar uma coisa dessas, pequena. — Levou-a para o interior da casa, para a biblioteca.

Raven podia o ouvir recitando palavras em seu idioma, em um suave murmúrio apenas perceptível. Estava amaldiçoando e isso a fez sorrir.

— Ela não é má, Mikhail. Sua mente está confusa é uma fanática. Foi como tocar a mente de um cruzado. Acredita que o que faz é correto. – Ela esfregou a cabeça contra seu rígido queixo.

— É desprezível. — disse Mikhail, cuspiendo as palavras. — É obscena. — Com suavidade, Mikhail, deixou-a sobre a cômoda poltrona. — Veio para me provar, trouxe um sacerdote a minha casa e tentou ser mais forte que eu. Sua intenção em tocar minha mente foi torpe e desajeitado. Usa seu dom para assinalar os que vão morrer. Só leu o que eu lhe permiti.

— Mikhail! Ela acredita em vampiros. Como é possível que crê que você é um cadáver ambulante? Tem dons incomuns, certo, mas não imagino assassinando a uma criança para se manter com vida. Vai à igreja, leva um crucifixo no pescoço. A mulher está doida. — Raven esfregou-se as têmporas tentando aliviar as pontadas de dor.

## Capítulo 6

Mikhail apareceu a seu lado como uma escura sombra, com uma daquelas beberagens na mão.

— E o que aconteceria, se eu fosse um desses místicos vampiros e te mantivesse cativa em minha guarida, pequena?

Raven sorriu olhando seu rosto, agora sério. Seus olhos mostravam dor.

— Entregaria, minha vida a você, Mikhail, embora fosse. E confiaria a você, até a vida de meus filhos. É arrogante e às vezes até despótico, mas jamais poderia ser mau. Se for um vampiro, então as criaturas das lendas não são reais, porque você não é assim.

Mikhail se afastou dela para que não notasse o muito que significavam suas palavras para ele. Aceitava-o total e incondicionalmente. Não importava que ela não soubesse realmente do que estava falando. Via sinceridade em suas palavras.

— A maioria das pessoas tem um lado escuro, Raven, eu mais que nenhum outro. Sou capaz de ser extremamente violento, cruel inclusive, mas não sou um vampiro. Sou, acima de tudo, um predador, mas não sou um vampiro. – Ele empregou um tom brusco.

Raven se moveu para cortar a distância que os separava, para tocar seus lábios e alisar uma profunda ruga de preocupação.

— Jamais pensei que fosse. Parece que crê que esses seres terríveis existam. Mikhail, se isso fosse certo, eu saberia que você não pode ser um deles. Sempre se julga com dureza. Mas eu sinto a bondade em seu interior.

— Pode fazê-lo? — perguntou rigidamente. — Beba isto.

— Seria melhor que não me mandasse a dormir. Vou voltar esta noite à pensão, para minha própria cama. — ela disse muito segura, enquanto tomava o copo de suas mãos. O tom de voz era brincalhão, mas seus olhos refletiam nervosismo. — É claro que sinto a bondade que há em você, Mikhail. Vejo-a em tudo o que faz. Para você, qualquer pessoa é mais importante que você.

Ele fechou os olhos, com uma profunda dor.

— Isso é o que pensa, Raven?

Ela observou o conteúdo do copo, perguntando-se por que suas palavras o feriam.

— Sei. Eu já fiz o que agora exigem de você, mas não tive que ir adiante e levar os assassinos à justiça. Essa idéia deve te corroer todo o tempo.

— Dá muito crédito a minhas ações, pequena, mas te agradeço a fé que deposita em mim. — Sua mão se curvou sobre a nuca de Raven. — Não está bebendo. Aliviará sua dor de cabeça. — Massageou-lhe as têmporas com a relaxante magia de seus dedos. — Como pode retornar à pensão quando sabemos que os

assassinos estão ali? É a anciã a que os guia até os nossos. Agora também sente curiosidade por você.

— É impossível que pense que eu sou um vampiro, Mikhail. Por que ia eu a estar em perigo? Poderia ser útil lá. — um travesso sorriso curvou sua boca. — Ouço melhor há dias. — Raven fez um brinde para ele com o copo e bebeu todo o conteúdo.

— Não há discussão possível quando sua segurança está em jogo. Não a quero no meio desta batalha. -Seu escuro olhar expressava uma clara preocupação.

— Estávamos de acordo em que íamos aceitar-nos um ao outro. Seu mundo e o meu. Tenho que ser eu mesma, Mikhail e tomar minhas próprias decisões. Sei que jamais me deixaria sozinha enquanto persigo um assassino, por isso quero te ajudar, estar contigo. Esse é o significado da vida de um casal.

— Estar afastado de você, em circunstâncias normais, já seria um tortura para mim. Como poderia agüentar, sabendo que está sob o mesmo teto que os assassinos de minha irmã?

Ela tentou brincar com ele para ver se assim desaparecia a escuridão de seus olhos. — Faz um de seus truques e se coloque para dormir ou ensine-me. Eu adoraria poder te deixar fora de jogo. — Ela deslizou a mão por sua garganta provando.

— Acredito que sim. Como se sente, pequena? Melhorou a dor de cabeça?

— Melhorou, obrigado. Então, me diga tudo o que sabe. — Raven o observou, enquanto ele caminhava nervoso de um lado para outro, com toda aquela transbordante energia. — Já fiz isto

antes, Mikhail. Não sou uma principiante e não sou estúpida. A Sra. Summers pode parecer uma doce velhinha, mas sua mente está muito doente. Se estiver assinalando a outras pessoas, como possíveis vampiros, muito mais sofrerão. E os outros devem acreditar na Sra. Summers. Mataram uma mulher...

— A Noelle. — disse-lhe em voz baixa. — Ela chamava-se Noelle.

Raven acariciou o rosto de Mikhail com os olhos, lhe enviando com a mente uma corrente de conforto e bem-estar.

— Noelle. — respondeu amavelmente — foi assassinada como os livros ensinam, como matar a um vampiro. Uma estaca, a cabeça cortada e o alho. É um grupo de maníacos. Ao menos, sabemos por onde começar. Acredito que será mais seguro, se assumirmos que a Sra. Summers está implicada. Portanto, temos dois.

— Essa garota tola, Shelly, está cega. Usam-na para arrancar informação com suas estúpidas perguntas. Não está diretamente implicada, porque não confiam que mantenha a boca fechada. Seu irmão a convenceu, para que estudasse as tradições e o folclore da região e se supõe que este é uma viagem de investigação. Leva-a facilmente por onde ele quer. — Mikhail passou a mão pelo espesso cabelo. Tinha que alimentar-se. A fúria crescia em seu interior, escura e fria, arrastando-se por seu corpo, perigosa e mortal. Jacob não tinha escrúpulos, nem sequer com sua própria irmã, parecia. E tinha olhado Raven com luxúria.

Raven o olhou e se deu conta que ele tinha os olhos fixos nela, sem piscar. Escuros, insondáveis, os olhos de um caçador. Um calafrio lhe percorreu as costas, a mão tremia enquanto alisava a saia.

— O que está acontecendo?

Às vezes, Mikhail parecia um completo estranho, não era o homem quente que sorria e a olhava com ternura e desejo. Agora era um homem frio e calculista, alguém muito mais mortal e ardiloso, que qualquer pessoa conhecida. De forma automática, sua mente voou para a de Mikhail.

Raven piscou tentando que as lágrimas não a delatassem. Seu rechaço foi muito doloroso, um inferno para o Raven.

— Por que Mikhail? Por que me deixa fora? Precisa de mim. Eu sei. Está ansioso em ajudar os outros, de significar tudo para outros. Supõe-se que sou sua companheira, tudo para você. Deixe que eu te ajude. – Ela aproximou-se cautelosamente, devagar.

— Não sabe o que poderia acontecer, Raven. – Ele deu um passo atrás, afastando-se da tentação e de sua dor.

Raven sorriu.

— Você sempre me ajuda, Mikhail. Cuida de mim. Estou te pedindo que confie em mim o suficiente para ser tudo o que você precisa. – Ele permitiu sua mente a ela, para que visse tudo.

Raven sentiu a dor, misturada com a fúria pela morte sem sentido de Noelle, e medo por ela mesma. Amor, um amor forte.

Apetite, físico e sexual. Pura necessidade. Definitivamente, alguém tinha que amar e consolar este homem.

— Preciso que faça o que te peço. – Mikhail disse com desespero, lutando para que sua parte animal não despertasse faminta.

A gargalhada do Raven foi suave e sensual.

— Não. Já há muita gente que acredita que sua palavra é a lei. Precisa que alguém te desafie um pouco. Sei que não me fará mal, Mikhail. Posso sentir o medo que tem de você mesmo. Pensa que há algo em você, que eu não gostarei, que não posso amar, algum tipo de monstro que teme que eu veja. Conheço-te melhor que você mesmo.

— É ousada, Raven e descuidada ante o perigo. – Ele segurou com suas mãos, o respaldo de uma cadeira, ameaçando reduzir a madeira a simples pó. Deixaria as marcas de seus dedos por toda a vida.

— Que perigo, Mikhail? – Raven inclinou a cabeça e o cabelo lhe caiu sobre o ombro. Suas mãos desabotoaram o botão superior da blusa. — Jamais seria um perigo para mim, embora estivesse furioso. A única coisa que está agora em perigo é minha roupa. – Ela deu um passo atrás, rindo novamente, deixando que o som introduzisse em Mikhail e o esquentasse, derretesse seu interior.

O calor se estendeu em espiral por seu corpo, a necessidade o golpeou com força e urgência. A fome o rasgava e ele não distinguia mais que uma neblina avermelhada.

— Está brincando com fogo, pequena, estou completamente fora de controle. — Mikhail a avisou, tentando salvá-la. Por que ela não se dava conta, do quanto ele era egoísta e de que havia tomado o controle de sua vida que não a liberaria? Era o monstro que ela não via. Possivelmente, com o resto do mundo, a fria lógica e a justiça o regiam, mas não com ela. Com o Raven era assaltado por uma série de emoções, que era totalmente alheio até então e que não seria capaz de controlar-se. Fazia coisas de forma inconsciente. Deixava-a sentir a violência que existia em sua mente, quando rasgava suas roupas e tomava seu corpo sem controle algum.

Ela respondeu-lhe com a mente, com a ternura e o amor que seu corpo, ansioso pelo dele, recebia e aceitava seu lado violento. Raven possuía fé cega nos sentimentos de Mikhail, em seu compromisso.

Ele amaldiçoou em voz baixa, atirando para o lado, a roupa que aprisionava seu corpo. Saltou sobre ela como uma pantera.

— Mikhail, eu adoro este vestido. -sussurrou ela, sobre sua garganta, com a risada ainda invadindo sua mente.

Gargalhadas. Alegria. Não havia medo.

— Pois saia dessa maldita coisa. — disse ele, bruscamente, sem se dar conta, que desta forma aumentava a confiança de Raven nele.

Ela demorou a se desvencilhar, irritando-o, enquanto insistia para desabotoar a saia.

— Não sabe o que está fazendo. — Mikhail protestou de forma confusa, mas suas mãos foram suaves sobre o corpo de Raven, tirando sua roupa, com cuidado, até que ela estivesse completamente nua, toda sua pele sedosa à vista e coberta tão somente com os cabelos negros.

Mikhail fechou os dedos sobre a nuca de Raven. Pequena e frágil, ela tinha a pele macia e desprendia um aroma feminino obsessivo, como o do mel silvestre ou uma brisa do ar fresco. Apoiou-a contra a parede, enquanto suas mãos desenhavam os contornos de seu corpo e acariciavam a firmeza de seus seios. Seus dedos absorviam o tato de sua pele para guardá-lo em sua alma. Baixou a cabeça para um mamilo e acariciou-o, demoradamente com a língua. O demônio que habitava em seu interior retrocedeu ante a suavidade de sua pele e ante a total aceitação de Raven. Não a merecia.

O corpo de Raven amoleceu, com o primeiro roçar dos lábios ardentes de Mikhail sobre seu seio. Ela apoiou-se sobre a estante e sentiu o tato da madeira sobre a pele nua de seu traseiro. Um sentimento de antecipação a percorreu excitando-a. Os olhos de Mikhail a devoravam com avidez, possessivo, mas tremendamente terno. Descobrir tudo o que ele sentia por ela, derreteu-lhe o coração e a deixou a ponto de chorar. Onde Mikhail pousava seu olhar, a pele de Raven ardia e lhe doía, ansiando suas carícias.

Elevou os braços por trás de Mikhail para lhe soltar o cabelo e acariciá-lo, passando depois, os dedos pelos músculos fortes e enrijecidos, de suas costas. Podia senti-lo tremer sob suas mãos,

sentia sua natureza selvagem lutando por liberar-se. Ela também sentia que algo selvagem despertava em seu interior. Queria senti-lo entre seus braços, tremendo, com seus endurecidos músculos roçando sua pele e seu corpo derramando-se em seu interior. Enviou-lhe as eróticas imagens que dançavam em sua mente, enquanto saboreava a pele de seu peito.

As mãos de Mikhail estavam em todos lados, como as dela. A boca de Mikhail abrasava sua pele, como a dela. Seu coração pulsava tresloucado, como o dela. O sangue rugia dentro de seus corpos como lava recém saída de um vulcão. Os dedos dele acariciaram a passagem úmida entre as pernas de Raven, explorando-a. Mikhail a levou para o piso, deitando-a e lhe elevando os quadris, para ter melhor acesso a seu sexo umedecido e penetrá-la vigorosamente.

O sangue rugia em seus ouvidos. Todas as emoções formavam um violento torvelinho aumentando sua necessidade.

O corpo de Raven recebeu, deliciado, a invasão de Mikhail, cada vez mais rápida e profunda.

Ele sentia-a ardente e estreita a sua volta, aceitando a tormenta que os envolvia.

Uma fome atroz despertou em Mikhail. Era perigoso, mas desejava o doce sabor de seu sangue, queria sentir novamente, o êxtase do intercâmbio. Mas alimentar-se dela... Grunhiu ante a tentação. Não seria capaz de parar ou de tomar só o necessário, para que ela não precisasse repor seu sangue. Não podia fazer. Ela devia tomar a decisão de fazer parte de seu mundo, de forma

consciente. Era um risco muito grande. Se Raven não sobrevivesse, ele a seguiria. Não queria viver sem ela. Não existiria Mikhail sem Raven.

Seu corpo, suas necessidades e suas maltratadas emoções estavam tomando de novo o controle e o empurravam até o limite. Nunca havia sentido algo tão profundo, um amor tão envolvente por outro ser. Ela era tudo. Seu ar. Seu coração. Beijou-a. Beijos longos e embriagadores. Depois, desceu para sua garganta, para o seio, até encontrar sua marca. Prová-la.

Só uma vez.

Raven moveu entre seus braços, inclinando a cabeça para trás, a fim de facilitar seu acesso, enquanto entrelaçava os dedos no cabelo dele.

— Será melhor que eu me case com você, Mikhail. Precisa desesperadamente, de mim.

Ele elevou o olhar para contemplar a formosa mulher, enquanto faziam amor, aceitando todas e cada uma de suas necessidades. Ela confortava seu coração com sua ternura, suavizava sua mente, brincava com ele e o igualava com seu lado selvagem. Rodeou-lhe o rosto com as mãos enquanto seus olhos negros sondavam as profundezas dos olhos azuis, afundando-se neles. E sorriu.

— Mikhail... — Protestou ela, quando tirou seu membro com suavidade.

Ele a colocou de barriga para baixo sobre o piso, erguendo seus quadris para penetrá-la por trás. Ao introduzir-se nela e rodear

a pequena cintura com as mãos, sentiu-se exultante de alegria.

Ela estava a salvo!

A alegria o percorreu, como um relâmpago branco e ele se abandonou ao prazer do corpo de Raven. Moviam-se pausadamente. A passagem de Raven era incrivelmente estreita, úmido e ardente. Suave veludo envolvente. Uma combinação explosiva.

Os lobos haviam dito a, Jacques que não percebiam alegria nele, mas Raven a havia devolvido. Seu corpo regozijava e brilhava de alegria. Sentiu que Raven se enrijecia, tomada pelos espasmos que a percorriam, mas não se deteve. Continuou em seu interior formando um só corpo. A escura sombra que envolvia sua alma se desmanchava.

Esta pequena e formosa mulher havia conseguido. Diminuiu o ritmo de sua penetração, maravilhando-se com a forma em que Raven compassava seus movimentos. Novamente, a sentiu enrijecer-se sob ele, envolvendo seu membro com seus espasmos. Ouviu-a gritar, depois gemer e então emitir pequenos sons guturais, que o levaram a beira do abismo. Sentiu-se arder e subir ao céu junto com ela, enquanto Raven gritava seu nome.

Deitou-a com cuidado. Acariciou-lhe o cabelo e se inclinou para beijá-la com ternura.

— Não tem idéia do que fez esta noite por mim. Obrigado, Raven.

Ela estava com os olhos fechados e sorriu.

— Alguém tem que ensinar a você, o que é amar, Mikhail. Não possuir nem se apropriar, a não ser do que é o verdadeiro amor, o amor incondicional. — Ela elevou a mão e, ainda com os olhos fechados, seus dedos encontraram seus lábios.— Precisa recordar como se brinca, como se ri. Precisa aprender gostar de você mesmo.

A boca de Mikhail se curvou, num sorriso, suavizando sua expressão.

— Você está parecendo o Pai Hummer.

— Espero que confesse a ele, que se aproveitou de mim. — brincou Raven.

Mikhail ficou sem respiração. Um sentimento de culpa o tomou. Era certo. Havia se aproveitado dela. Possivelmente, não a primeira vez, quando a enorme solidão que havia sofrido, o fez perder o controle. Foi necessário fazer o intercâmbio de sangue para lhe salvar a vida. Mas a segunda vez foi por puro egoísmo. Ele havia procurado o ímpeto sexual e tinha finalizado o ritual. E havia pronunciado as palavras rituais. Estavam unidos. Ele sabia, sabia o que era correto, sentia que sua alma se curava, como só aconteceria junto a sua verdadeira companheira.

— Mikhail? Eu estava brincando. — Raven abriu os olhos, para comprovar o que seus dedos percebiam, ele estava franzindo o cenho.

Mikhail mordeu seus dedos levemente, acariciando-os com a língua. Sua boca era cálida e sensual, seus olhos ardiam de

desejo por ela novamente. O ardor se estendeu pelo corpo de Raven, refletindo-se em seus olhos como resposta.

Ela sorriu travessamente. — Tens tudo, não é verdade? Tem encanto, é tão provocante, que deveria estar trancado sob chaves e tem um sorriso que os homens matariam. Ou matariam as mulheres, a qualquer uma que o olhasse.

Mikhail inclinou-se para beijá-la, tocando-lhe um seio, de forma possessiva. — Esquece de mencionar, que sou um grande amante. Os homens precisam ouvir essas coisas.

— Verdade? — Raven arqueou uma sobrancelha olhando-o. — Não me atrevera a dizer. Já é tão arrogante que não agüento.

— E está louca por mim. Eu sei, sabia? Eu leio as mentes. — De repente, ele sorriu como um menino.

— O que sei, é que da próxima vez que me fazer o amor, poderíamos ser um pouco mais convencionais e procurar uma cama? — Raven se sentou com cautela. Os braços de Mikhail a envolveram.

— Tenho te feito mal?

Ela riu docemente.

— Está brincando? Embora, na verdade, não me importaria que me desse um longo banho, numa banheira quente.

Mikhail esfregou o queixo sobre a cabeça de Raven.

— Acredito que posso, pequena. — Deveria ter pensado que o chão não era precisamente o lugar mais cômodo para você. —

É incrível, como você consegue que qualquer pensamento coerente desapareça de minha cabeça. — Era uma desculpa. Ergueu-a nos braços e atravessou a casa até chegar ao quarto de banho principal. Os olhos de Raven se encheram de ternura. Ela sorriu tão adoravelmente, que Mikhail ficou sem ar.

— É você que me faz comportar de forma um tanto... Primitiva, Mikhail.

Ele soltou um gemido e baixou a cabeça devagar, para beijá-la. Havia tanta paixão e ternura em seu beijo, que Raven sentiu a alma doer. Ele deixou-a cuidadosamente em pé, no chão e lhe segurou seu rosto entre as mãos.

— Jamais conseguirei saciar a fome que sinto por você, Raven, jamais. Mas precisa de um banho e eu preciso me alimentar.

— Comer. — ela o corrigiu, enquanto baixava o corpo para abrir a torneira da água quente. — Diz-se, comer. Não sou a melhor das cozinheiras, Mikhail, mas posso preparar algo.

Os dentes brancos brilharam a luz das velas, enquanto as acendia.

— Não está aqui para ser minha escrava, pequena. Pelo menos, não no âmbito doméstico. — Olhou-a sem pestanejar enquanto Raven recolhia o cabelo num coque, na parte superior da cabeça. Era desconcertante, mas Raven sentiu o corpo estremecer-se sob o calor de seu olhar. Mikhail estendeu a mão para ajudá-la a entrar na banheira. No momento em que sentiu os dedos dele, em volta de sua mão, Raven teve a estranha sensação de que havia

sido capturada. Limpou a garganta e se entrou com cuidado na água. O vapor se elevava formando espirais.

— Você acredita na fidelidade? — Perguntou, tentando ser casual.

Uma sombra escura cruzou suas marcada fisionomia.

— Um homem dos Cárpatos, de minha raça, não sente a infantil versão do amor humano. Se estivesse com outro homem, eu saberia, sentiria. Sentiria seus sentimentos e suas emoções. — Ele traçou uma linha sobre a maçã do rosto de Raven. — Você não gostaria de enfrentar o demônio que há dentro de mim, pequena. Sou capaz da maior violência. Não compartilharei você com ninguém.

— Você nunca me faria mal, Mikhail. Sem importar a causa de sua ira. — Ela disse com voz suave e absoluta convicção.

— Sempre estará segura comigo, — Ele afirmou — mas não posso dizer o mesmo, de quem ameaçasse afastar você de mau lado. Todos os meus, usam a conexão telepática. Uma emoção tão forte como a paixão sexual é impossível de ocultar.

— Quer dizer que aqueles de vocês, que se casam...?

— Tomam uma companheira. — corrigiu.

— Não são infiéis? — Perguntou incrédula.

— Os verdadeiros companheiros não são. Houve exceções... — disse Mikhail, fechando os punhos com força. Pobre Noelle, tão doce, tão obcecada com Rand. — Os poucos que traem o companheiro que escolheram, não têm uma união verdadeira, não

sentem o que deveriam sentir, de outra forma, seria impossível. Por isso é tão importante saber com a mente, com o coração, a alma e o corpo. Como eu sei que você é. — As palavras rituais, não podiam unir aos dois, se não fossem um. A união se realizava entre as duas metades de um mesmo ser, mas não era capaz de encontrar a maneira de explicar, de modo que ela entendesse completamente.

— Mas Mikhail, eu não pertencço a sua espécie. — Raven começava a ser ciente, de que entre eles haviam diferenças que estavam além dos simples costumes e ela precisava levá-las em conta.

Mikhail triturou ervas em uma terrina, colocando-as depois na água da banheira. Ajudariam-lhe com as dores de seu corpo.

— Você saberia se eu tocasse outra mulher.

— Mas a diferença está, em que você poderia fazer que eu esquecesse. — ela falou em voz alta, franzindo os lábios. Mas Mikhail pôde sentir que seu coração se acelerava ante a repentina dúvida que assaltou sua mente.

Ajoelhou-se junto à banheira, tomando o rosto de Raven entre suas mãos. — Sou incapaz de trair você, Raven. Poderia te obrigar a fazer algo pelo bem de sua segurança ou seu amparo, por sua vida ou sua saúde, mas não para que esquecesse uma traição.

Raven umedeceu o lábio inferior com a ponta da língua.

— Não me obrigue a fazer nada a menos que me peça isso antes, como fez quando me sentia doente faz um momento.

Mikhail ocultou um sorriso. Ela sempre tentava usar um tom severo, duro. Raven era sua pequena caixa de dinamite, com mais valentia que sentido comum.

— Pequena, só vivo para te fazer feliz. Tenho que sair agora. Será só um momento.

— Não pode sair sozinho em busca dos assassinos. Estou falando sério, Mikhail. É muito perigoso. Se isso for que está pensando...

Beijou-a sorrindo, de boa vontade.

— Negócios, Raven. Tome um longo banho, dê uma olhada pela casa, meus livros, o que queira. -Sorriu-lhe como um menino.  
— Tenho trabalho atrasado no computador...

— Essa é exatamente a maneira em que planejava passar a noite.

— Outra coisa, — Mikhail havia saído, sem que ela pudesse sequer piscar e voltou rapidamente, também. Pegou sua mão esquerda. — Os teus reconhecerão isto, como um sinal de que está comprometida.

Foi à vez de Raven ocultar um sorriso. Mikhail era territorial, como um animal selvagem, cercando seu espaço. Comportava-se como os lobos que corriam livres pelo bosque. Tocou o anel com um dedo, extasiada. Era um anel de ouro, de formato antigo e tinha um rubi de cor vermelha ardente e rodeado de diminutos diamantes.

— Mikhail, é lindo. Onde encontrou algo tão belo assim?

— Pertenceu a minha família durante gerações. Se preferir algo mais... Um pouco mais moderno... — O anel estava perfeito para seu dedo, onde pertencia.

— É perfeito e você sabe. — Raven disse enquanto o tocava.  
— Eu adorei. Agora vá. Descobrirei todos seus segredos enquanto estiver fora.

Mikhail esta faminto, precisava alimentar-se. Inclinou-se para acariciar com a boca a testa de Raven. Amava-a tanto, que sentia o coração doer.

— Só será hoje, pequena. Eu gostaria de ter uma conversa normal e feliz com você. Cortejá-la como merece.

Raven inclinou a cabeça para fitar os olhos escuros pela emoção.

— Já me corteja muito bem. Vá comer e me deixe.

Mikhail lhe acariciou o cabelo uma vez mais, antes de sair.

Mikhail andou entre as pessoas do povoado, respirando o ar da noite. As estrelas pareciam mais brilhantes, a lua brilhava como a prata brunida. Distinguia as cores de forma clara e intensa. A brisa estava carregada de aromas. Os farrapos de névoa flutuavam pela rua. Estava com vontade de cantar. Havia-a encontrado, após tanto tempo. Raven fazia com que a terra se movesse e seu sangue ardesse, quando estava com ela ou mesmo longe. Havia-lhe devolvido o sorriso e o tinha ensinado o que era o amor.

Já era tarde e as pessoas caminhavam para suas casas. Mikhail escolheu um trio de rapazes. Estava faminto e precisava

estar forte. A noite ia ser muito longa. Tinha intenção de confirmar ou eliminar as suspeitas que recaíam sobre a Senhora Romanov. As mulheres precisavam de uma parteira. E uma afligida ou amargurada era melhor que uma que os traísse na primeira oportunidade.

Convocou os jovens para que se aproximassem, com uma simples ordem, maravilhando-se como tantas outras vezes, do quanto era fácil controlar a suas presas. Uniu-se à conversa, brincando com eles, que falavam sobre as oportunidades de fazer outros dos "negócios quentes". Com vinte anos não se pensava em outra coisa que não fossem mulheres. O dinheiro não importava. Sempre o surpreendia, o quanto o homem humano era desrespeitoso com suas mulheres. Possivelmente não compreendiam, o que seriam suas vidas sem elas.

Levou-os para a escuridão das árvores. Ao notar que ali estaria seguro, se alimentou, assegurando-se de não tomar muito de nenhum deles. Deixou-os como fazia sempre, mantendo tudo sob controle, pois era o mais velho e poderoso. Tinha em conta até o mínimo detalhe. Caminhou com eles durante alguns minutos, assegurando-se de que se encontravam bem antes de deixá-los com uma saudação calorosa.

Mikhail virou as costas e o sorriso se apagou de seu rosto. A noite chamava o caçador que havia nele, provocando um terrível propósito em seu olhar escuro e a boca, muitas vezes sensual, torceu-se num rictus cruel. Seus músculos se agitaram com sua enorme força, flexionando-se e crispando-se. Dobrou a esquina e

desapareceu. Sua velocidade era incrível. Sua mente voou para a de Raven, desejando o contato.

— O que está fazendo tão só nessa velha casa encantada?

Sua suave gargalhada transformou em ternura, a frieza que sentia.

— Esperando que meu grande lobo malvado volte para casa.

— Está vestida?

Desta vez, a resposta se assemelhou ao roçar de seus dedos sobre sua pele, tocando-o intimamente, esquentando seu corpo. Ternura, risos e pureza.

Não suportava estar separado dela, odiava a distância que os separava.

— É óbvio que estou vestida! E se chegar alguma visita inesperada? Não posso recebê-los nua ou posso?

Ela estava brincando, mas a idéia de que alguém se aproximasse de sua casa estando sozinha e desprotegida fez que o medo se deslizasse com um calafrio por seu corpo. Era uma emoção estranha e logo que pôde identificá-la.

— Mikhail? Você está bem? Precisa de mim? Vou contigo.

— Fique onde está. Escute aos lobos. Se incomodarem, me chame em seguida.

Raven duvidou um instante antes de responder, dando a entender que havia se surpreendido com o tom que Mikhail havia

usado.

— Não quero que se preocupe por mim, Mikhail. Já tem demais exigindo de você.

— Possivelmente assim, pequena, mas você é a única por quem eu daria tudo. Beba outro copo de suco. Encontrará na geladeira.

Mikhail rompeu o contato e se deu conta que estava sorrindo, com a pequena conversa. Raven teria protestado por ele haver ordenado que tomasse o suco. Adorava irritá-la de vez em quando. Gostava de ver os olhos azuis se escurecendo, como safiras e escutar o tom afiado em sua voz, sempre tão controlada.

— Mikhail?

Sua voz o deixou perplexo. Ela falava em voz baixa e macia, feminina e alegre. — A próxima vez, tenta me fazer uma sugestão ou simplesmente me peça isso. Vá fazer o que tiver que fazer, eu procurarei em sua extensa biblioteca, um livro sobre boas maneiras.

Esquecendo que estava agachado sob uma árvore próxima à cabana dos Romanov, teve que se esforçar muito em reprimir a gargalhada que ameaçava brotar em sua garganta.

— Não encontrará nenhum.

— Por que não me surpreende?

Desta vez, foi Raven quem rompeu o contato.

Por um instante, ele se permitiu o luxo de envolver-se em sua candura, em seu riso e em seu amor. Por que Deus havia

escolhido esta hora tão escura, a mais escura, para enviá-la como um presente? Não fazia idéia. O que tinha que fazer era inevitável, a sobrevivência de sua raça, exigia. A brutalidade do que tinha que fazer, o enchia de repulsa. Teria que retornar ao lado de Raven com as mãos manchadas de sangue, com a morte de mais de um humano. Não podia fugir deste trabalho, não podia encarregar ninguém a fazê-lo. Sua repulsa não se dirigia para o fato de tirar a vida dos assassinos de Noelle. Era ter de fazer Raven conviver, com o que ele ia fazer. Não seria a primeira vez que tirava a vida a alguém.

Transformou-se e soltou um suspiro. O pequeno roedor se esgueirou facilmente entre as folhas caídas pelo chão e cruzou a clareira, para a cabana. O bater de asas chegou até seus ouvidos e o roedor se deteve em seco. Mikhail enviou uma advertência e a coruja lhe lançou um olhar selvagem, por ter trocado o rumo de seu ataque. O roedor alcançou a segurança das escadas de madeira e com a cauda, começou a procurar uma greta ou um buraco no muro por onde pudesse entrar.

Mikhail tinha captado dois aromas familiares. Hans estava com convidados. O roedor deslizou através de uma fenda entre duas pranchas podres e entrou na casa. Correu sem fazer nenhum ruído, cruzando o chão, até a porta de entrada. Mikhail permitiu que o corpo do roedor processasse os aromas da casa. Moveu-se com cuidado, detendo-se com freqüência, até que chegou a um canto escuro de um quarto.

Heidi Romanov estava sentada numa cadeira de madeira, em frente a ele, chorando em silêncio. Nas mãos fortemente

apertadas, ela segurava um rosário.

Hans falava com três homens, olhavam um mapa estendido sobre a mesa.

— Está equivocado, Hans. A morte de Noelle foi um engano. — Soluçou a Sra. Romanov. — Você ficou louco e atraiu estes assassinos. Meu Deus! Mataste uma garota inocente que tinha sido mãe recentemente. Sua alma está perdida.

— Cale a boca, velha! — gritou Hans com dureza. Seu rosto expressava seu fanatismo. Resplandecia nele, que era um cruzado lutando numa guerra Santa. — Sei o que vi -Benzeu-se enquanto olhava para um lado e outro da cabana, ao ver uma curiosa sombra alada que pareceu sobrevoar a cabana.

Por um instante, todos ficaram paralisados. Mikhail pôde saborear o medo que sentiam e escutar o batimento frenético de seus corações. No interior da cabana, Hans havia pendurado réstias de alho em todas as janelas e sobre as portas. Ficou em pé lentamente, umedecendo-os lábios ressecados e pegou o crucifixo que havia pendurado no pescoço e se aproximou de uma janela para assegurar-se de que tudo estava em seu lugar.

— O que é? Ainda pensam todos que foi um engano, porque a encontramos em uma cama, em lugar de estar dormindo na terra?

— Não havia nada, nem terra, nem nenhum tipo de amparo. — disse sem vontades, um estrangeiro de cabelo escuro. Mikhail reconheceu o cheiro do homem. Era um dos assassinos. Um dos que ficavam na pensão. A fera em seu interior tirou suas garras do

interior do corpo do roedor. Haviam assassinado Noelle, sem sequer assegurarem que ela era o que procuravam.

— Eu sei o que vi, Eugene. — Afirmou Hans. — Depois que Heidi partiu, a mulher começou a sangrar-se. Eu havia ido até lá, para acompanhar Heidi de volta para casa, os bosques são perigosos. Estava indo avisar o marido dela, que retornaria com o Heidi. Ele estava muito agitado e não me viu quando entrei. Vi com meus próprios olhos, ele dar seu sangue a ela. Ela bebeu muito e ele estava pálido e fraco. Saí dali e me coloquei em contato com vocês imediatamente.

Eugene moveu a cabeça.

— Fez o correto. Vim logo que pude e trouxe os outros. Se eles descobriram a maneira de ter cachorrinhos, os demônios nos invadirão.

O homem mais alto dos que se encontravam na cabana, se agitou nervoso.

— Nunca ouvi nada a respeito de vampiros darem a luz a suas crias. Eles matam os vivos para alongar suas vidas. Dormem na terra e protegem suas guaridas. Atuaram antes que pudéssemos estudar tudo isto em profundidade.

— Kurt, — protestou Eugene — vimos a oportunidade e a aproveitamos. E como pôde seu corpo simplesmente desaparecer? Depois de darmos cabo dela, fugimos correndo. Após isso, ninguém viu mais o marido dela e nem o menino. Sabemos que a mulher está morta. Matamo-la, mas não há protestos nem prantos por sua morte.

— Devemos encontrar o marido e o bebê. — ordenou Hans.  
— E a todos os outros. Devemos tirá-los do meio de todos. — ele olhava a noite, fixamente, através da janela. De repente, uma expressão de alarme saiu de seus lábios. — Olhe, Eugene, um lobo. Esse maldito Dubrinsky os protege em suas terras. Algum dia entrarão no povoado e matarão as crianças. — O homem pegou o velho rifle que estava apoiado contra a parede.

— Quem é este Dubrinsky que protege aos lobos? — perguntou Kurt.

— Pertence à Igreja! — Defendeu Heidi, perplexa com a intenção de implicarem com Dubrinsky. — É um homem bom, vai a missa todos os domingos. O pai Hummer é um de seus melhores amigos. Jantam juntos freqüentemente e jogam xadrez. Vi com meus próprios olhos.

Hans despachou o testemunho de Heidi, com um movimento de mão.

— Dubrinsky é mesmo o demônio. Olhem aí fora, vêem o lobo entre os arbustos, vigiando a casa?

— Digo-lhes que isso não é natural. — Disse Eugene baixando a voz. — É um deles.

— É impossível que saibam que fomos nós. — Disse Hans, mas o medo o delatou, pois suas mãos tremiam. Levou-se o rifle até o ombro.

— Terá que conseguir com o primeiro disparo, Hans. — Advertiu Eugene.

O roedor atravessou o piso, numa carreira frenética e saiu. Mikhail saiu do corpo do pequeno roedor numa explosão de força e se transformou no enorme lobo negro com os olhos vermelhos.

Correu a distância que os separava e saltou para cobrir o corpo do lobo menor. Nesse momento, sentiu o fogo atravessar sua carne. O outro lobo se embrenhou no bosque. Embora o sangue saísse de seus quartos traseiros, o enorme lobo não emitiu um grunhido ou fugiu, ao contrário, deu-se a volta e ficou olhando a casa com duas brasas ardentes em lugar dos olhos que encerravam uma promessa. Vingança. Uma escura promessa de que a morte encontraria a todos.

— Mikhail!

O agudo grito de Raven ressonou em sua cabeça.

O lobo negro manteve fixo, o olhar um pouco mais, controlando Hans Romanov. Depois se voltou e simplesmente desapareceu na noite. Nenhum dos homens se atreveu a segui-lo. O lobo negro havia surgido do nada, saltando para proteger o outro, menor. Não era um lobo normal e nenhum dos homens quis persegui-lo pelo bosque.

Mikhail correu até sentir-se seguro, no coração do bosque, antes que a dor e a perda de sangue o obrigassem a tomar sua forma humana. Tropeçou, agarrou-se a um ramo e se deixou cair ao chão.

— Mikhail! Por favor! Sei que está ferido. Onde está? Posso sentir sua dor. Deixe-me ir com você. Deixe-me te ajudar.

Os arbustos se moveram detrás de Mikhail. Ele não se incomodou em voltar a cabeça, sabia que era Byron que estava ali, profundamente envergonhado e cheio de remorsos.

— Mikhail. Deus! Sinto muito. É grave?

— Bastante. — Mikhail fechou a mão sobre a ferida para deter a hemorragia. — O que estava fazendo ali, Byron? Foi uma loucura, uma tolice.

— Mikhail. — O medo e as lágrimas de Raven tomaram sua mente.

— Se acalme, pequena. Não é mais que um arranhão.

— Deixe-me ir com você. — Ela estava lhe rogando e isso rompeu seu coração.

Byron cortou uma tira de sua camisa e enfaixou a coxa de Mikhail.

— Sinto muito. Deveria haver te ouvido, deveria saber que você estaria atrás deles. Pensei que... — sua voz se calou. Ele se sentia incômodo.

— O que pensou? — cortou Mikhail com cansaço. A dor era enorme. Sentia-se enjoado e tinha náuseas, mas de alguma maneira, tinha que reconfortar Raven. Ela lutava para reconfortá-lo, por conhecer o lugar onde estava. Estava tentando ver através de seus olhos.

— Deixe, Raven. Faça o que digo. Não estou sozinho. Um dos meus está comigo. Logo estarei junto a você.

— Pensei que estaria tão envolvido com essa mulher, que não teria tempo para a caça. -Byron baixou a cabeça. — Sinto-me como um idiota, Mikhail. Estava tão preocupado com Eleanor.

— Jamais deixei de lado, minhas obrigações. O amparo dos meus foi sempre em primeiro lugar. — Mikhail não podia tentar curar a ferida, com o Raven em sua mente.

— Eu sei. — Byron passou a mão, pelo cabelo castanho. — Depois do que aconteceu com Noelle, não podia suportar a idéia de que com Eleanor pudesse acontecer o mesmo. E esta era a primeira vez que nos advertia que estava com uma mulher.

Mikhail tentou esboçar um sorriso irônico.

— Também é nova para mim a experiência. Até que tudo deixe de ser novidade é melhor mantê-la perto de mim. Neste mesmo momento está discutindo comigo.

Byron estava perplexo.

— Discutindo contigo? Ela?

— Tem suas próprias idéias. — Ele permitiu que Byron o ajudasse a se levantar.

— Está excessivamente fraco para se transformar. E precisará de sangue e dormir clandestinamente. — Byron enviou uma chamada a Jacques.

— Não posso dormir clandestinamente. Não a deixarei desprotegida. Ela leva meu anel e minha marca. Um movimento em falso, a matarão.

A chegada de Jacques foi precedida por vários redemoinhos de folhas e pequenos tornados sobre o bosque. Jacques amaldiçoou em voz baixa e se ajoelhou junto a Mikhail.

— Precisa de sangue, Mikhail. — Imediatamente, ele desabotoou a camisa.

Mikhail o deteve com um simples gesto. Seus olhos, imensamente cansados e cheios de dor, estudaram os arredores. Byron e Jacques ficaram totalmente imóveis, com seus sentidos em alerta, comprovando as imediações do bosque.

— Não há ninguém. — sussurrou Jacques.

— Há alguém. — corrigiu Mikhail.

Um pequeno grunhido de protesto escapou da garganta de Jacques que, de forma instintiva, colocou-se diante de seu príncipe. Byron franziu o cenho. Estava totalmente confuso.

— Não posso detectar ninguém, Mikhail.

— Nem eu, mas nos vigiam. — Era uma terminante afirmação, tão certa que nenhum dos seus poderia discuti-la. Mikhail jamais se equivocava.

— Chamem o Eric e diga para trazer um carro. — ordenou Mikhail e deixou cair à cabeça para descansar. Jacques estava totalmente em alerta e Mikhail confiava em suas habilidades. Fechou os olhos, mortalmente cansado, perguntando-se onde poderia estar Raven. Não estava conectada a ele. Para manter o contato, teria que utilizar as escassas forças que restavam e neste momento, não podia desperdiçá-las.

Mas o silêncio, tão impróprio dela, preocupava-lhe.

## Capítulo 7

A viagem de carro, para a casa, foi uma tortura para Mikhail. Seu corpo ansiava por sangue, para substituir o que havia perdido. A debilidade aumentava e os traços de seu rosto estavam cada vez mais afilados e mostravam a dor que sentia. Era um dos antigos e todos eles sentiam as emoções e as feridas de forma intensa. Em condições normais, simplesmente teria detido os pulmões e o coração, para deter a hemorragia. Mas Raven mudara tudo. Raven e aquela coisa, o que quer que fosse, que os vigiava. Ainda podia sentir a inquietação sobre ele. Sabia que outro ser os estudava a distância, mesmo enquanto viajavam de carro para sua casa.

— Mikhail. — disse Eric, enquanto o ajudavam a entrar no santuário de seu lar. — Deixe que eu te ajude.

Raven estava na porta, não podia afastar a vista do pálido rosto de Mikhail. Parecia repentinamente ter mais que os trinta anos que mostrava. Em volta de sua boca podiam ver linhas esbranquiçadas, mas sua mente estava tranqüila, e a respiração relaxada. Deu um passo para trás sem dizer nada, para deixá-los entrar. Sentia-se ferida pela negativa de Mikhail ante se oferecimento de ajuda. Se ele preferia a companhia de sua gente, não ia se rebaixar e mostrar o quanto ficara ressentida. Mordeu o lábio inferior, retorcia os dedos e tinha uma expressão de angústia

nos olhos. Tinha que comprovar com seus próprios olhos, que Mikhail ia ficar bem. Levaram Mikhail até seus aposentos enquanto Raven os seguia.

— Posso chamar um médico? — Perguntou, conhecendo de antemão, a resposta. Percebia os sentimentos de todos eles, queriam-na longe de ali. Soube, de forma instintiva, que Mikhail não receberia o tratamento que precisava, até que ela partisse.

— Não, pequena. — Mikhail lhe tendeu a mão.

Ela se aproximou, enlaçando os dedos aos dele. Sempre fora forte e agora estava pálido e consumido. Raven estava a ponto de chorar.

— Precisa de ajuda, Mikhail. Diga-me o que posso fazer.

Seus olhos, negros e frios, encheram-se de amor ao olhar seu rosto.

— Eles sabem o que terá que fazer. Esta não é meu primeiro ferimento e tampouco é o pior que recebi.

Um pequeno sorriso curvou tristemente a boca de Raven.

— Estes eram os negócios dos quais tinha que se ocupar esta noite?

— Sabe que devo pegar os assassinos de minha irmã. — Sua voz soava cansada e sem forças.

Raven odiava discutir com ele nesse momento, mas havia coisas que deviam ser esclarecidas.

— Disse-me que só iria sair, que não faria nada perigoso. Não era preciso me mentir sobre o que estava fazendo. Sei que é o peixe gordo da região, mas eu dedico a isto precisamente. Persigo assassinos. Supõe-se que somos um casal, Mikhail.

Byron, Eric e Jacques se olharam elevando as sobrancelhas. Byron desenhou com os lábios, a expressão 'peixe gordo'. Nenhum deles se atreveu a sorrir. Sequer Jacques.

Mikhail franziu o cenho sabendo que a tinha ferido.

— Não disse nenhuma mentira. Simplesmente saí para investigar um pouco. Infelizmente tudo se complicou. Acredite-me. Não tinha nenhuma intenção de acabar ferido. Foi um descuido acidente.

— Tem predileção para se colocar em problemas quando não estou com você. — O sorriso de Raven não alcançou seus olhos. — É grave o ferimento da perna?

— Nada mais que um arranhão. Não terá que se preocupar.

Novamente, Raven ficou em silêncio, os olhos azuis estudavam o rosto de Mikhail com um olhar longínquo e pensativo, como se não estivesse ali.

Mikhail sentiu que o estômago se retorcia. Raven estava com aquele olhar. O que estava acostumado a mostrar, quando pensava muito. Era só o que precisava, estando ferido, enterrar-se sob o chão assim que tivesse oportunidade. Não queria que ela se distanciasse e havia algo em sua quietude que o preocupava. Ela não podia abandoná-lo. Ele sabia que não poderia, mas não queria que ela quisesse abandoná-lo, que pensasse abandoná-lo.

— Está zangada comigo. — Afirmou.

Raven negou com a cabeça.

— Não, de verdade, não estou. Possivelmente esteja desiludida com você. — Parecia triste. — Disse que não poderia haver mentiras entre nós, mas na primeira oportunidade, menti-me. — Mordeu-se o lábio inferior com força durante um instante. As lágrimas brilhavam em seus olhos, mas ela piscou impaciente para as afastá-las. — Pede-me para que eu tenha plena confiança em você, Mikhail, dá-me a sensação que você precisa confiar também em mim. Deveria ter mostrado mais respeito por mim, pelo menos, por minhas habilidades. Eu persigo assassinos usando uma conexão psíquica. Persigo-os usando a visão de outra pessoa. Alguns dos seus são descuidados e estão muito seguros de si mesmos. Nem sequer se preocupam de bloquear suas mentes. São todos tão arrogantes que nem lhes ocorre a idéia de que um humano, não um dos seus, de uma raça superior, possa penetrar em suas mentes. E tem mais alguém aí fora, que tem a mesma habilidade que eu e lhes mostram aos assassinos. Se eu posso farejar em suas mentes, ela pode fazer também. Meu conselho, se é que lhe interessa, é que tomem precauções.

Raven deu um passo, afastando-se da mão apaziguadora de Mikhail, que continuava estendida.

— Simplesmente estou tratando de salvar suas vidas, não quero ser vingativa. — Era o orgulho que a mantinha em pé. Já havia sentido a perda de Mikhail e da compenetração tão especial que compartilhavam. De alguma forma sabia que jamais haveria outro homem, com quem pudesse rir e falar como eles faziam, com

o que pudesse sentir-se aceita e cômoda. — Não precisa dizer nada, Mikhail. Vi seu pequeno arranhão da primeira fila. Tinha razão, não estavam sozinhos. Eu estava olhando. Ser honesto, em meu idioma, Mikhail, significa ser sincero, dizer a verdade.

Raven tomou ar, tirou o anel do dedo e o deixou com cuidado, com muito esforço, sobre o criado ao lado da cama de Mikhail.

— Sinto muito, Mikhail, de verdade. Sei que estou o desiludindo, mas não encaixo em seu mundo. Não entendo suas regras. Por favor, tenha a bondade de se manter afastado de mim, de não se colocar em contato comigo. Nós abemos que não sou uma boa companheira para você. Partirei no primeiro trem.

Com estas palavras, ela deu a volta, dirigindo-se para a porta, que se fechou com um sonoro bater. Raven a olhou fixamente, sem se voltar.

Respirava-se a tensão no ar, que estava carregado com uma sensação escura, que ela se sentiu incapaz de decifrar.

— Não acredito que seja bom prolongar isto. Precisa de ajuda urgente. É óbvio que o que tentam te fazer é algo que não pode ser feito diante de estranhos. Eu sou simplesmente isso, uma estranha. Deixe-me voltar para casa, onde pertencço, Mikhail, e deixe que lhe ajudem.

— Nos deixem a sós. — Ordenou Mikhail aos outros, que obedeceram a contra gosto.

— Raven, se aproxime de mim, por favor. Estou fraco e me aproximar de você, acabaria com as poucas forças que me restam.

— Havia delicadeza em sua voz e uma honestidade que Raven sentiu romper seu coração.

Fechou os olhos ante o poder hipnótico de sua voz, ante a suave carícia de seu tom, que se assemelhava a uma capa de veludo negro sobre sua pele. Sua voz penetrava o mais profundo de seu ser, envolvendo seu coração.

— Desta vez não, Mikhail. Não só vivemos em dois mundos diferentes, como temos valores totalmente diferentes. Tentamos, sei que você queria, mas não posso continuar. Possivelmente nunca pude. Tudo aconteceu muito depressa e não nos conhecemos de verdade.

— Raven. — Ele pronunciou seu nome com veemência. — Venha para mim.

Ela apertou-se as têmporas com os dedos.

— Não posso Mikhail. Se te permito me enrolar novamente, perderei todo o respeito por mim mesma.

— Então não fica outra opção que me aproximar de você. — Mikhail sentou-se, usando as mãos para mover a perna ferida.

— Não! — Raven gritou dando-a volta angustiada. — Pare, Mikhail. Vou chamar os outros, para que voltem. — Disse recostando-o sobre os almofadões da cama.

Ele segurou-a pela nuca, com surpreende força.

— É a única razão que me mantém com vida neste momento. Disse a você que cometeria enganos. Não pode me abandonar, nos abandonar. Você me conhece, tudo o que é

importante, você conhece. Pode penetrar em minha mente e sabe que preciso de você e jamais te faria mal.

— Já me tem feito mal. Isto dói. Essas pessoas que esperam aí fora são sua família, sua gente. Eu sou de outro país, de outra raça. Este não é meu lar e nunca o será. Deixe que os chame para que o ajudem e permita que eu vá.

— Tem razão, Raven. Eu disse que não haveria mentiras entre nós, mas preciso te proteger de algo violento ou que represente uma ameaça, de algo que possa te fazer mal. — sua mão se movia, acariciando a maçã do rosto até descer aos lábios. — Não me abandone, Raven. Não me destrua. Morrerei se me deixar. — Em seus olhos se lia tudo, persuadiam-na, olhando-a com total resolução. Olhos que não ocultavam a crua realidade de suas palavras, sua completa vulnerabilidade.

— Mikhail. — disse ela, com desespero, em apenas um sussurro. — Você viu e algo, no fundo de minha alma me diz que pertencemos um ao outro. Que você precisa de mim e que jamais serei nada sem você. Mas sei que é uma tolice. Vivi sozinha a maior parte de minha vida e fui bastante feliz.

— Estava isolada, ferida. Ninguém te via, ninguém sabia quem era. Ninguém podia gostar de você ou te cuidar como eu o faço. Não nos faça isto Raven. Por favor.

Ele estreitou seu braço e a atraiu para ele.

Como podia resistir a Mikhail? Era tarde, muito tarde. Sua boca já estava procurando a sua, prendendo-a. Seus lábios eram

quentes, suaves, tão ternos que os olhos de Raven se encheram de lágrimas. Pousou a testa sobre a de Mikhail, muito cansada.

— Fez-me mal, Mikhail. Muito mal.

— Eu sei, pequena. Sinto muito. Por favor, me perdoe.

Um pequeno sorriso curvou os lábios de Raven.

— Assim tão simples?

Mikhail recolheu com o dedo uma lágrima que descia pelo rosto de Raven.

— Não, mas é tudo o que posso te dar neste momento.

— Precisa de ajuda e sei que não posso lhe dar. Pode se colocar em contato comigo quando precisar. Prometo-te que não irei a nenhum lugar, até que esteja melhor.

— Coloque o anel, Raven. — disse ele com suavidade.

Ela negou com a cabeça, afastando-se dele.

— Não, Mikhail. Vamos deixar as coisas assim por um tempo. Me deixe pensar com tranquilidade.

A mão de Mikhail lhe acariciou a nuca, desceu pelo ombro, roçando o braço até fechar-se sobre a mão.

— Amanhã precisarei dormir, dormir profundamente. Quero que esteja protegida desses assassinos. — São perigosos e fanáticos. Por favor, não se descuide.

Raven afastou uma mecha escura da testa de Mikhail.

— Estarei bem, embora esteja sozinha, como estive durante anos. Está tão ocupado cuidando do mundo que pensa que ninguém é capaz de cuidar de você. Prometo-te que não te abandonarei e te prometo que tomarei cuidado. Não vou me esconder em seus armários ou debaixo de sua cama.

Mikhail a segurou, pelo queixo.

— Essa gente é muito perigosa, Raven, são fanáticos. Descobri esta noite.

— Puderam te identificar? — Por um instante, Raven não foi capaz de respirar. Estava desesperada para que seus amigos cuidassem da ferida dele.

— Não, de maneira nenhuma. E não há maneira de que saibam que fui eu. Descobri dois nomes mais. Eugene, muito moreno, com acento Húngaro.

— Esse é Eugene Slovensky. Veio na mesma excursão que os outros.

-Conhece alguém chamado Kurt? – Ele disse apoiando a cabeça no travesseiro, incapaz de bloquear por mais tempo a dor da coxa. Sentia que uma oxidada espada lhe atravessava a carne.

— Kurt Von Puxem. Também está com eles. Havia um terceiro homem, mas ninguém pronunciou seu nome. — Sua voz revelou a debilidade de seu corpo. — Tinha uns quarenta anos, cabelo grisalho e um magro bigode grisalho também.

— Esse deve ser Harry Summers, o marido da Margaret.

— A pensão é um ninho de assassinos. O pior de tudo foi o que a parteira disse a seu marido e a todos outros, que Noelle não era uma não-morta. Como puderam pensar essa tolice quando acabava de dar a luz a um bebê? Deus! Que forma mais horrível de perder a vida. — O sofrimento pela perda de sua irmã o tomou novamente, acrescentando-se à pesada carga da dor física.

Raven podia sentir a dor golpeando-a suas vísceras, com crueldade.

— Vou agora para que eles possam te ajudar, Mikhail. Debilita-se a cada instante. -Inclinou-se para beijá-lo na testa. — Posso sentir sua ansiedade.

Ele segurou-a pela mão.

— Coloque novamente meu anel. -Mikhail acariciava com o polegar a parte interna da mão de Raven. — Quero que coloque, é importante para mim.

— De acordo, Mikhail, mas só o faço, para que possa descansar. Chame seus amigos. Voltarei em seu carro para a pensão. -Acariciou-lhe a pele.

Ele estava frio. Raven colocou o anel, mas Mikhail voltou a segurá-la.

— Não se aproxime deles, fique em seu quarto. Eu dormirei durante todo o dia. Descanse, irei vê-la à noite.

— Não está indo muito rápido? – Ela perguntou enquanto afastava o cabelo de Mikhail. — Acredito que ficará um tempo na cama.

— A estirpe dos Cárpatos se cura rapidamente. Jacques te acompanhará à pensão, para que não te aconteça nada.

— Não é preciso. De verdade. – Ela declinou a idéia, porque não se sentia nada cômoda na presença daqueles estranhos.

— É necessário para minha tranqüilidade. — disse Mikhail, implorando com os olhos doloridos. Quando Raven consentiu com um pequeno movimento de cabeça, Mikhail tentou novamente — antes que vá, por favor, tente tomar outro copo de suco. Servirá para que eu não me preocupe tanto por você. — Sabia, ao ler sua mente, que ela havia tomado um pouco de suco antes, mas seu estômago se rebelou antes que o primeiro gole tocasse seus lábios. Amaldiçoou-se, ele era o responsável do corpo de Raven rechaçar os alimentos humanos. Raven já estava muito magra, não podia perder mais peso.

— O simples aroma do suco me enjoa. – Ela admitiu, querendo lhe levantar o ânimo, mas sabendo que era impossível. – Acredito que peguei um vírus de gripe. Tentarei mais tarde, Mikhail.

— Ajudarei você. – Ele murmurou as palavras com voz muito fraca e os olhos nublados pela preocupação. — Preciso fazer isto por você. Por favor, pequena, me deixe fazer isto.

A suas costas, a porta se abriu e os três amigos de Mikhail entraram. Um deles ficou de pé, esperando, junto à porta. Parecia uma versão muito mais cordial de Mikhail.

— Você deve ser Jacques. – Raven tocou a mão fria de Mikhail uma vez mais antes de sair do aposento.

— E você é Raven. – Ele olhava o anel em seu dedo, sem tentar ocultar seu sorriso de satisfação.

Raven elevou uma sobrancelha.

— Não quero que fique preocupado e me pareceu à forma mais rápida de sair daqui para que sua gente pudesse ajudá-lo. — Tinha sido incapaz de 'usar' ao Jacques para 'ver' o Mikhail. Seu bloqueio mental havia sido muito forte para penetrar. Byron fora um objetivo fácil.

Ao se dirigir para a porta de entrada da casa, Jacques moveu a cabeça e insistiu que ela se aproximasse, com um gesto de seus dedos.

— Ele quer que beba um pouco de suco.

— Oh, deixe! Não disse que ia tomar.

— Podemos ficar aqui à noite toda. – ele disse encolhendo os ombros e esboçando um enviesado sorriso. — Não me importaria. A casa do Mikhail é muito cômoda.

Raven olhou-o com o cenho fechado, tratando de parecer zangada, quando na realidade, estava começando a achar todos eles engraçados. Acreditavam atuar com tanta lógica...

— É exatamente igual a Mikhail. E não tome como um elogio. -acrescentou quando viu que ele parecia estar encantado.

Jacques sorriu novamente, com aquele sorriso enviesado que era capaz de deter o coração de qualquer mulher, para depois fazê-lo em pedaços.

— É de sua família? -aventurou Raven completamente segura. Como não ia ser? Tinha o mesmo encanto, os mesmos olhos e era tão bonito como ele.

— Quando ele quer. – Jacques encheu um copo com suco de maçã e a ofereceu.

— Mas ele não precisa saber se bebi. – Beber o suco a mataria.

— Ele saberia. Sabe tudo. E em todo aquilo que lhe concerne, pode ser um pouco irritável. Assim, beba.

Raven suspirou resignada, e tentou obrigar-se a beber o suco sem incomodar Mikhail. Sabia que Jacques tinha razão sobre ele, em seguida, ele saberia que não havia tomado e parecia ser algo de vital importância para ele. Ao cheirá-lo, começaram as náuseas. Raven tossiu e engasgou.

— Chame-o. — disse-lhe, Jacques. — Deixe que ele te ajude.

— Ele está fraco, não tem por que fazer isto. Enfraquecerá ainda mais.

— Não se entregará ao sono, até que você esteja segura. — Insistiu Jacques. – Ou não sairemos daqui.

— Inclusive fala como ele! – Raven murmurou. — Mikhail, sinto muito. Preciso que me ajude com isto.

Ele enviou-lhe amor e carinho. Uma ordem suave que a permitiu tomar o copo de suco e mantê-lo no estômago, sem vomitá-lo. Enxaguou o copo na pia e o deixou secar.

— Você estava com razão. Não permitiu que mexessem com ele, até que eu bebesse. É tão teimoso.

— Para nós, nossas mulheres estão em primeiro lugar. Não se preocupe por ele. Jamais permitiríamos que acontecesse alguma coisa. — Disse saindo da casa, acompanhando o Raven até o carro que estava escondido entre as árvores. Raven se deteve.

— Escuta-os. Os lobos. Estão lhe falando. Falam com ele. Sabem que está ferido. — Jacques abriu a porta do carro para ela e deslizo os olhos escuros, tão semelhantes aos de Mikhail, pelo corpo de Raven.

— Realmente é difícil encontrar alguém como você, É especial.

— Isso diz Mikhail. Acredito que é bom que os lobos lhe dêem ânimo.

Jacques arrancou o carro.

— Sabe que não pode dizer uma palavra a ninguém sobre o ferimento de Mikhail. Colocaria-o em perigo. — Era uma afirmação, mas Raven pôde sentir a urgente necessidade dele em proteger seu irmão.

E Raven gostou dele por isso. Sentiu que havia um vínculo entre eles, mas não obstante, dirigiu a Jacques um olhar carrancudo como reprimenda.

— Vocês são todos tão arrogantes. Persistem na idéia de que a raça humana não tem grandes poderes telepáticos e que de alguma forma, necessitamos de inteligência. Asseguro a você, que

tenho um cérebro e sou perfeitamente capaz de compreender as coisas por mim mesma.

Jacques sorriu.

— Deve colocá-lo completamente louco. Chamá-lo de 'peixe gordo'. Você esteve genial. Apostaria minha vida, que foi a primeira vez que alguém lhe disse isso.

— Se alguém mais lhe desses problemas deste tipo, ele seria mais... -ela pensou, procurando as palavras adequadas e soltou uma pequena gargalhada. — Seria mais amigável, mais dócil.

— Dócil? Mikhail? Nunca usaria essa palavra para descrevê-lo. Nenhum de nós, o vimos tão feliz como está agora. Obrigado. - Disse Jacques com suavidade, deixando o carro num lugar escuro, deliberadamente.

— Tenha muito cuidado esta noite e amanhã. Não saia da pensão até que Mikhail entre em contato contigo.

Raven ergueu os olhos e fez uma careta.

— Estarei bem.

— Não entende. Se te acontecer algo, perderemos ele também.

Ela parou antes de abrir a porta.

— Eles o cuidarão, verdade? — Não queria admitir, mas já sentia que faltava uma parte muito importante dela. Parecia que haviam arrancado um pedaço de sua alma. Sua mente gritava de

dor porque ansiava pelo contato com Mikhail. Queria se assegurar de que estava bem e que ainda estavam unidos.

— Eles sabem o que terá que fazer. Curará-se rapidamente. Devo voltar com ele. Sem Gregori presente, eu sou o mais forte, o mais próximo a ele. Ele precisa de mim, neste momento.

Mikhail estava fraco, consumido pela dor e uma fome atroz, lhe cravava na alma. Sentia-se culpado. Tinha-a ferido, tinha estado a ponto de perdê-la. Como podia cometer tantos enganos quando ela era tudo o que o importava? Não deveria haver mentido com algo tão corriqueiro.

Raven.

Precisa chegar até ela, roçar sua mente, senti-la e saber que estava bem. Além da dor, da debilidade e da fome sentia um terrível vazio na alma. Sabia perfeitamente que esta sensação poderosa era causada pelo ritual de emparelhamento. Mas saber, não aliviava a necessidade de contactar com ela.

— Mikhail, beba! -Jacques se materializou ao lado da cama, aproximou de seu irmão mais velho, com o rosto marcado pela fúria. — Por que permitiu que fosse sozinho, sem ajuda, Eric?

— Ele só pensa na mulher. — Disse Eric em defesa.

Jacques soltou uma maldição em voz baixa.

— Ela está segura em seu quarto, Mikhail. Deve beber pelos dois. Não pode existir um sem o outro. Se não sobreviver, a condenação à morte ou a viver pela metade no melhor dos casos. — Jacques engoliu a ira, respirando profundamente. — Tome meu

sangue. Dou-lhe livremente, sem reservas. Minha vida é tua, juntos seremos fortes. -Usou as palavras rituais sentindo cada uma delas. Teria dado sua vida pela de seu líder.

Em seguida, começou a letânia curadora, o ritual de cura. Seguiam um ritmo hipnótico em sua antiga língua.

A suas costas, Jacques podia ouvir o murmúrio de suas vozes, sentia o doce aroma das ervas curadoras. A terra dos Cárpatos, com grandes propriedades curadoras havia sido misturada com as ervas e a saliva de todos eles, formando um emplastro que colocavam sobre as feridas. Jacques sustentava seu irmão em seus braços, sentia como sua força e sua vida fluíam para o corpo de Mikhail e deu graças a Deus por ser capaz de curá-lo.

Mikhail era um bom homem, um grande homem e sua gente não podia perdê-lo.

Mikhail sentia que a força voltava a seu corpo, para seus músculos esgotados, seu cérebro e a seu coração. O musculoso corpo de Jacques tremeu enquanto se deixava cair na beirada da cama, segurando Mikhail entre seus braços. Sustentava ainda, a cabeça de seu irmão, para ajudá-lo a beber seu sangue e recuperar todo o que havia perdido.

Mikhail resistiu, surpreso pela força que Jacques ainda possuía e por se sentir ainda fraco, apesar da quantidade de sangue que bebera.

— Não! Estou pondo em perigo sua vida! — Falou-lhe precipitadamente de forma telepática, por que Jacques se negava a soltá-lo.

— Ainda não é suficiente, irmão. Tome o que te ofereço livremente sem pensar em outra coisa que não seja se recuperar.  
— Jacques continuou com a letânia pelo tempo como foi possível, até que, muito fraco para continuar, fez um gesto a Eric.

Eric fez um corte na mão, sem pestanejar, ante a dolorosa ferida aberta. Ofereceu a mão a Jacques que continuava alimentando Mikhail com seu sangue. Eric e Byron continuaram pronunciando as palavras enquanto Jacques se alimentava e alimentava seu irmão.

Toda o aposento estava tomado pelos sentimentos dos que estavam ali. Amor e carinho. Respirava-se limpeza. O ritual de cura começou novamente. Desta vez, Eric precisou de uma pausa quando viu que a cor voltar para rosto de Mikhail e pôde escutar o potente batimento de seu coração e o sangue correr por suas veias.

Byron passou um braço em volta de Jacques para sustentá-lo, ajudando-o a sentar-se numa cadeira. Sem dizer uma palavra tomou o lugar de Eric, dando a Jacques o fluido vital.

Mikhail se moveu, aceitava a dor da ferida como parte do processo de cura, como parte dos mecanismos da vida. Voltou à cabeça, procurando Jacques com seu escuro olhar, encontrou-o descansando sobre ele, branco como uma pluma.

— Você está bem? — sua voz era suave, mas ao mesmo tempo exigente. Mikhail era autoritário em qualquer circunstância. Jacques olhou para cima, pálido e macilento, sorriu e piscou um olho.

— Passo muito tempo salvando sua pele, irmão. Qualquer um pensaria que um homem com duzentos anos mais do que eu teria mais sentido comum e vigiaria melhor, suas costas.

Mikhail sorriu com cansaço.

— Está ficando briguento, por que estou doente.

— Temos quatro horas até o amanhecer, Mikhail. — Disse Eric com seriedade. — Byron e eu devemos nos alimentar. Você precisa ir para a terra. Dentro de pouco, a separação de sua mulher começará a te cobrar. Não pode se permitir esbanjar energias entrando em contato com ela. Tem que ir para a terra, clandestinamente, agora que pode suportar.

— Eu conjurarei os feitiços de amparo e dormirei alguns metros acima de você para assegurar seu amparo. — disse Jacques, tranqüilo. Já havia perdido sua irmã, nas mãos dos assassinos, não ia perder também seu irmão. Ele também precisava do poder curador da terra. Mesmo com o sangue de Eric e Byron, ainda se sentia fraco. Precisava do sono reparador da terra.

Mikhail elevou uma sobrancelha.

— Cinco minutos em companhia de Raven e já está a ponto de provocar um motim. -Um pequeno sorriso suavizou o rictus severo de seus lábios.

Fechou os olhos com cansaço, sentia-se culpado. Seria Raven quem suportaria o peso da noite. Ele estaria profundamente adormecido e muito longe da dor, sem perceber a separação. Muito longe do horror e do ódio daqueles que desprezavam aos de sua

estirpe. Raven estaria rodeada pelos assassinos, em perigo. E o que era pior, teria que suportar a perda de sua conexão psíquica.

— Pequena. — Convocou-a, mandando todo seu amor.

— Está melhor? — Perguntou Raven com alívio.

— Irei a você em breve. Está deitada?

— Sempre pensando na cama, Mikhail. Escutei você antes, seu temor pela vida de Jacques. Sei que era por Jacques. Seus pensamentos por ele estão cheios de carinho. Ele está bem?

— Está cansado. Deu-me sangue. — Manter o contato e salvar a distância era exaustivo, mas era necessário pelo bem dos dois.

— Posso sentir sua fraqueza. Durma agora. Não tem que se preocupar por mim. -Ordenou-lhe Raven com suavidade. Doía-lhe o corpo. Precisava dos seus carinhos, o roçar de seus dedos, ansiava vê-lo.

— Mikhail, está falando com ela. — A voz de Eric ressonou como um trovão. — Não pode.

Jacques fez um gesto a Eric com a mão, dando por concluído o assunto.

— Deveria saber que ele iria fazer. Mikhail, se desejar, qualquer de nós pode lhe ordenar que durma.

— Será muito incômodo para você. Será muito difícil dormir ou comer. Precisarás estar constantemente a meu lado. Sua mente procurará a minha, mas não poderá contactar comigo. Não tenho a

força suficiente para te ajudar a dormir esta noite. Permitiria que Eric ou Byron, lhe dessem a ordem?

Mikhail não gostava da idéia. Raven se encontrou sorrindo. Ele não fazia idéia do quanto ela podia perceber de seus pensamentos. Queria que ela estivesse a salvo, dormindo, enquanto ele dormia também, mas não gostava da idéia de que outro homem fizesse algo tão íntimo como enviá-la para dormir.

— Estarei bem, Mikhail. A verdade é que já é muito ruim aceitar isso de você, imagine de outro. Seria incapaz de aceitar. Estarei bem, prometo-lhe isso.

— Amo-te, pequena. Digo com as palavras que vocês usam e saem do fundo de meu coração.

Mikhail usou as últimas forças que restavam, para pedir um grande favor ao único humano que confiava, para assegurar-se que Raven estaria segura.

Raven fechou os olhos, sabendo que tinha que deixar que ele partisse antes que esgotasse todas suas forças.

— Durma, Mikhail. Como as palavras de sua gente, é meu companheiro.

Ela ficou olhando o teto, tempo depois que Mikhail se calou. Jamais havia se sentido tão sozinha, tão absolutamente abandonada e fria. Envolveu-se nos próprios braços. Abraçou-se forte, sentada sobre a metade da cama e balançando-se num esforço para relaxar. Passara sozinha, toda sua vida e aprendera a

desfrutar de si mesmo, de sua própria companhia, desde que era uma menina.

Raven suspirou. Era absurdo estar apreensiva. Mikhail estaria bem.

Teria oportunidade de ler um livro ou continuar aprendendo o idioma de Mikhail. Caminhou descalça pelo quarto, de um lado para outro. Estava gelada e esfregava os braços com as mãos para conseguir calor.

Acendeu o abajur e tirou da mala, um livro de bolso, decidida a inundar-se nas redes de desenganos e assassinatos, amenizados com um pingo de amor. Leu por mais de uma hora, o mesmo parágrafo, duas ou três vezes. Mas continuou empenhada, até notar que não havia entendido nenhuma só palavra. Frustrada, jogou o livro para o outro lado do quarto.

O que ia fazer com Mikhail? Não possuía família nos Estados Unidos. A ninguém importava se voltasse ou ficasse ali para sempre. Depois do que acontecera, ainda precisava estar com Mikhail. Devia estar com ele. Seu sentido comum lhe dizia, que devia partir antes que as coisas chegassem mais longe. Mas já não havia espaço nem em sua cabeça nem em seu coração para o sentido comum. Passou a mão pelo cabelo, estava tão cansada. Não tinha vontade de retornar para perseguir assassinos.

Então O que ia fazer com Mikhail? Ainda não havia aprendido a lhe dizer não. Ela sabia o que era o amor. Tinha conhecido vários casais que se professavam amor verdadeiro, mas o que ela sentia por Mikhail ia além. Era muito mais que simples

paixão ou afeto, beirava a obsessão. Mikhail estava dentro dela, fluía com seu sangue, envolvia seu coração. Ele penetrara de algum jeito em sua mente, roubando os segredos de sua alma.

Não era só por que seu corpo ansiasse o dele, ardesse pelo dele, que sua pele fervesse de necessidade por ele. Ela se sentia como uma drogada. Isso era amor ou uma obsessão doentia? E, além disso, estavam os sentimentos de Mikhail por ela. Suas emoções eram intensas e sérias. A maneira que ele se sentia, em relação a ela, fazia empalidecer seus próprios sentimentos. Uma relação que a assustava. Ele era territorial, possessivo, feroz e selvagem. Era um homem perigoso, acostumado a ordenar e os outros lhe devotar obediência absoluta. Era juiz, jurado e verdugo. Dele, dependia muitas pessoas.

Raven cobriu o rosto com as mãos. Ele precisava dela. Não tinha a ninguém mais. Precisava, realmente, dela. Notava em seus olhos. Eram frios e inexpressivos quando olhavam os outros, mas se derretiam quando olhavam para ela. Sua boca podia ter um rictus cruel e duro, mas se suavizava quando sorria com ela, falava com ela ou beijava-a. Ele precisava dela.

Voltou a andar pelo quarto, nervosa. Os costumes de Mikhail e sua forma de viver eram tão diferentes das suas. “Está assustada, Raven”. Castigou-se. Pressionou a testa contra a janela. “Está tão assustada, que jamais será capaz de abandoná-lo”. Ele possuía muito poder e o usava sem parar para pensar. Não, não era isso o que a prendia a ele, se fosse justa. Ela também precisava dele. Seu riso, sua ternura e suas carícias. A forma em que seu corpo ardia por ela, seu olhar faminto e possessivo, abrasador. A

urgência de sua necessidade o deixava selvagem. Sua conversa, sua inteligência, seu senso de humor era parecido ao dele. Pertenciam-se. Eram duas metades de um mesmo ser.

Raven ficou em pé no centro do quarto, surpreendida pelo rumo de seus pensamentos. Por que acreditava que se pareciam? Sua mente estava num estado caótico, tremendamente aturdida. Ela estava acostumada a ser sempre fria, pensava de forma racional e agora parecia ser incapaz de obter um só pensamento coerente. Tudo nela chamava Mikhail, só para sentir sua presença, para saber que ele estava perto. Sem pensar, tentou alcançar sua mente e só encontrou o vazio. Ou Mikhail estava muito longe ou dormia induzido por alguma droga. Começou a tremer e se sentiu mais sozinha, que nunca. Faltava-lhe algo. Mordeu os dedos, pois estava nervosa demais.

Seu corpo se movia, porque tinha que se mover. Andou pelo quarto, até se sentir totalmente exausta. O peso que sentia no coração parecia aumentar a cada passo que dava. Era incapaz de raciocinar com coerência ou de respirar. Totalmente desesperada, tentou tocar novamente, a mente de Mikhail, para saber se ele estava a salvo. Encontrou novamente o vazio.

Deitou-se na cama, em posição fetal, abraçando o travesseiro. Ali, na escuridão, dando voltas de um lado a outro, a dor a dominava, consumia-a de tal forma que não podia pensar em outra coisa que não fosse Mikhail. Ele se fora. Abandonara-a e agora estava completamente sozinha, pela metade, uma simples sombra. Começou a chorar de forma dilaceradora. As lágrimas

rapidamente banharam seu rosto, enquanto o vazio se alastrava em seu íntimo. Não poderia seguir vivendo sem ele.

Todos os seus planos para partir, calculados com meticulosidade, já não importavam, não podiam importar. Parte de sua mente, lh dizia que era impossível sentir o que estava sentindo. Mikhail não podia ser sua outra metade, pois havia sobrevivido durante anos sem ele. Não podia estar pensando em atirar-se pelo balcão, simplesmente porque não pudesse contactar com ele. Encontrou-se, de repente, cruzando o quarto lentamente, passo a passo, como se alguém a obrigasse. Abriu as janelas e entrou uma corrente de ar frio e úmido. A névoa cobria por completo as montanhas e o bosque. Era tudo formoso, mas Raven era incapaz de ver. Não podia viver sem Mikhail. Suas mãos seguraram firmemente o corrimão de madeira, e encontraram duas profundas marcas. Seus dedos a acariciaram. Era a única coisa real em um mundo nu.

— Senhorita Whitney?

Envolta em sua dor, não havia notado a presença de outra pessoa. Voltou-se levando a mão à garganta, num gesto protetor.

— Me perdoe por te assustar. -A voz de Pai Hummer era amável. Ele levantou-se de uma cadeira no extremo de seu balcão. Estava com uma manta sobre os ombros, mas Raven viu que ele tremia por causa do frio da noite. — Não está a salvo aqui fora, querida. – Ele pegou-a pelo braço e a levou para o interior, fechando com chave a janela. Raven encontrou de novo sua voz.

— Que estava fazendo aí fora? Como chegou até aí?

O pároco sorriu com presunção.

— Não foi difícil. A Sra. Galvenstein é um membro da Igreja. Sabe que Mikhail e eu somos grandes amigos. Eu lhe disse que Mikhail era seu prometido e que precisava entregar uma mensagem. E como sou o suficientemente velho para ser seu avô, pensou que não havia nenhum perigo em permitir esperar no balcão até que você voltasse. E, é obvio, ela jamais deixaria passar a oportunidade de fazer algo por Mikhail. Ele é muito generoso e pede pouco em troca. Ele fez o investimento inicial da pensão para ela e permitiu que o devolvesse a prazos razoáveis e cômodos.

Raven lhe deu as costas, incapaz de deter o mar de lágrimas.

— Sinto muito, Pai. Agora não posso falar. Não sei o que está me está acontecendo.

Pai Hummer ofereceu um lenço por cima do ombro.

— Mikhail estava preocupado, sabia que esta noite ia ser... Difícil para você. Ele esperava que passasse o tempo comigo.

— Estou tão assustada... -confessou Raven — e sei que é uma tolice. Não há nenhuma razão para ter medo. Não sei por que me estou comportando desta forma.

— Mikhail está bem. Ele é indestrutível, querida, um enorme gato da selva, com nove vidas. Conheço-o há muitos anos. Nada acabará com Mikhail.

O sofrimento invadia cada centímetro de seu corpo, de sua mente e sua alma. Mikhail estava fora de seu alcance, perdido para

ela. De algum jeito, durante aquelas horas que deviam ficar separados, ela havia desaparecido. Raven agitou a cabeça. Sua dor era tão profunda e selvagem que a estrangulava. Sentia-se incapaz de respirar.

— Raven, pare agora mesmo! — Pai Hummer empurrou seu miúdo corpo até a beirada da cama, para que se sentasse. — Mikhail me pediu que viesse te ver e disse que viria amanhã ao cair à noite.

— Você não sabe...

— Porque ele teria me tirado da cama há estas horas? Sou um velho, menina. Preciso descansar. Tem que pensar com clareza. Use seu cérebro.

— Mas tudo é tão real, como se ele estivesse morto e o tivesse perdido para sempre.

— Mas sabe que não é assim. Mikhail te escolheu. O que compartilha com ele é o que compartilham os homens de sua raça, com suas companheiras. Eles dão por certo a união física e mental. Cuidam tanto desta união, que, conforme aprendi ao longo dos anos, nenhum deles está acostumado a sobreviver quando o outro desaparece. A gente de Mikhail procede da terra. São selvagens e livres como os animais, mas têm grandes habilidades e é obvio têm consciência.

Ele estudou o rosto de Raven que estava sulcado pelas lágrimas e em seus olhos podia notar um grande sofrimento. Respirava com dificuldades, mas ele notou que o pranto diminuía.

— Está-me escutando, Raven?

Ela afirmou com a cabeça, lutando desesperadamente para se apegar as suas palavras, para recuperar a prudência. Este homem conhecia Mikhail há anos. Podia sentir o carinho que sentia por ele e estava totalmente seguro de sua fortaleza para superar isto.

— Por alguma razão, Deus te deu o dom de poder estabelecer uma união física e mental com Mikhail. É uma imponente responsabilidade. Tem literalmente sua vida em suas mãos. Deve te sobrepor a este sentimento e usar sua inteligência. Sabe que ele não está morto. Disse a você que voltaria. Enviou-me até você, temeroso de que fizesse mal a você mesma. Pense, raciocine. É humana, não um animal que chama aos gritos seu companheiro.

Raven tentou apegar-se ao que o Pai lhe dizia. Concentrou-se em cada uma de suas palavras, obrigando-as penetrar em sua mente. Inspirava o ar profundamente. Os pulmões ardiam. Era tudo aquilo possível?

Maldito fosse, por fazê-la passar por isso, por saber o que ia acontecer e não evitar.

Raven secou as lágrimas, disposta a se recompor. Disposta a expulsar aquele sofrimento para poder pensar com lógica. Podia sentir como a dor a carcomia e esperava nas raias de sua inconsciência para devorá-la.

— E por que não posso comer nem beber outra coisa que não seja água? — massageou as têmporas e não viu a expressão

de angústia que cruzou pelo curtido rosto do pároco. Ele limpou a garganta.

— Quanto tempo faz que está te acontecendo isto? Seu sobrenome é Whitney, certo?

Aquele terrível vazio permanecia escondido em seu íntimo, em sua mente, disposto a saltar e afundar seus dentes nela. Raven lutou para se controlar. Elevou o queixo.

— Raven, por favor, me chame Raven. Já que parece saber tudo sobre mim. — Estava tentando controlar o tremor. Contemplou as mãos, que tremiam. — Não é absurdo?

— Venha para minha casa, menina. Logo amanhecerá. Pode passar o dia comigo. Consideraria uma grande honra.

— Ele sabia o que ia acontecer comigo, não é? — perguntou em voz baixa, começando a entender tudo — Por isso o enviou. Ele estava com medo de que pudesse me machucar.

Edgar Summer deixou sair o ar de seus pulmões lentamente.

— Temo-me que sim, menina. Eles não são como nós.

— Ele tentou me dizer, mas eu não sou como eles. Por que teria que me acontecer isto? — Raven perguntou novamente. — Não tem nenhum sentido. Por que Mikhail pensou que me ia acontecer isto?

— Completaram o ritual. Você é sua outra metade. A luz que ilumina sua escuridão. Não podem estar um sem o outro.

Venha comigo, Raven. Vamos para minha casa. Sentaremos e falaremos de Mikhail até que ele venha te buscar.

## Capítulo 8

Raven duvidou, mas a idéia de saber mais sobre o Mikhail era tentadora, muito tentadora.

— Agora que acredito saber o que está me acontecendo é possível que seja capaz de me cuidar. É muito tarde, Pai e já me sinto muito mal por havê-lo feito me vigiar sentado aí fora, com o frio da noite.

Pai Hummer lhe deu um tapinha na mão.

— Tolices, menina. Diverte-me dar estes pequenos recados. Na minha idade, a gente deseja que ocorram coisas imprevisíveis. A Sra. Galvenstein deixou o fogo aceso na saleta, se não quer ir comigo, vamos até lá conversarmos um pouco.

Raven agitou a cabeça com veemência, protegendo instintivamente Mikhail. A pensão abrigava entre os muros, a muitos de seus inimigos. Jamais colocaria Mikhail em perigo, sem importar as dificuldades que ela estivesse passando.

Edgar Hummer suspirou.

— Não posso te deixar sozinha, Raven. Dei minha palavra a Mikhail. Ele tem feito muito por minha congregação e pelas pessoas deste povoado e pede muito pouco em troca. — O pároco esfregou o queixo pensativo. — Devo ficar com você, menina, se por acaso piorar.

Raven engoliu a saliva. Margaret Summer estava dormindo, em algum lugar do edifício. Raven podia se ocultar. Podia ocultar o sofrimento mais intenso, mas Margaret seria capaz de ler com facilidade, a preocupação natural de Pai Hummer. Se ela podia, Margaret também o faria. Esclarecendo suas idéias, Raven pegou sua jaqueta, limpou os resíduos de lágrimas da face e desceu as escadas diante do pároco, antes de mudar de opinião. O mais importante para ela nesses momentos era proteger Mikhail. Era uma necessidade que se convertia parte da própria alma.

Fora, Raven subiu o zíper da jaqueta até o queixo. Mudara de roupa ao chegar à pensão, estava de jeans e blusa. A névoa cobria tudo. Era uma capa espessa que se elevava a um metro do chão. Fazia muito frio. Olhou o pároco com atenção, seu inglês podia ser um pouco hesitante, mas seu rosto e seus descoloridos olhos azuis mostravam inteligência e integridade. Estava gelado pelo tempo que tinha permanecido no balcão e era muito velho para sair do aconchego de sua casa, para levar a cabo sua tarefa, no meio da noite.

Ela estava com o cabelo despenteado, afastou umas mechas do rosto, enquanto se esforçava por caminhar com tranqüilidade atravessando o povoado. Deveria ser um lugar pacífico, mas não era assim, ela sabia que havia um grupo de fanáticos que assassinavam a todo aquele que tomavam por vampiro. Sentia uma profunda dor no peito, no coração. Sua mente precisava assegurar-se, pelo menos com um ligeiro roçar, que Mikhail estava bem. Ficou olhando para o ancião que caminhava a seu lado. Seu passo era vigoroso. Notava-se que era uma pessoa

sossegada e que infundia calma a outros. Era um homem em paz consigo mesmo e com os que o rodeavam.

— Está seguro de que ele está vivo? – a pergunta saiu de seus lábios antes que pudesse detê-la, no preciso momento em que começava a sentir-se orgulhosa por obter uma aparência normal.

— Absolutamente, menina. Deu-me a impressão de que passaria este dia em algum lugar onde não poderia ficar em contato conosco da forma habitual, até o anoitecer. –Ele enviou-lhe um sorriso cúmplice. — Eu utilizo sua casa. As intrigas eletrônicas me fascinam. Quando vou a sua casa, gosto de usar seu computador. Ele me deixar fazer tudo o que quero com ele. Numa ocasião o bloqueei, e Mikhail levou um bom tempo para averiguar o que eu havia feito. – O olhar do pároco era travesso. — É obvio que poderia ter falado a ele, mas acabaria toda a graça.

Raven sorriu.

— Mikhail é um homem que pensa como eu. Alegra-me vê-lo encontrar a alguém que também lhe causa esse tipo de problemas. Ele precisa de você, sabe disso. Toda essas pessoas lhe fazendo reverências e metendo-se em confusões, não é bom para ele. — Faço-o o melhor que posso, Raven. -admitiu o pároco — mas não temos que contar a ele. Algumas coisas devem ser segredo entre nós.

Raven sorriu, relaxando um pouco.

— Estou de acordo com o Senhor. Quanto tempo faz que conhece Mikhail? — se não podia ficar em contato com ele, tocá-lo mentalmente, possivelmente falar dele acalmasse a ferida aberta

que lhe provocava esse vazio. Descobriu que começava a zangar-se com Mikhail. Ele deveria tê-la preparado.

O pároco olhou para o bosque, para o lugar onde estava à casa de Mikhail, depois elevou os olhos para o céu. Conhecia Mikhail desde que ele era um jovem sacerdote, recém saído do seminário, enviado a este pequeno povoado, no meio do nada, longe de sua terra natal.

Quando Raven o olhou, seus olhos azuis tinham um olhar cruel.

— Não quero colocá-lo em apuros, Pai. Não quero que tenha que me mentir. Encontrei-me nessa mesma posição para proteger Mikhail e não sei muito bem por que o fiz. Só Deus sabe, Mikhail não me pediu isso. -Havia dor em sua voz, ódio e confusão.

— Não mentiria, Raven – ele disse.

— Omitir uma verdade é igual a mentir, Pai? — as lágrimas brilhavam de novo em seus olhos. – Está me acontecendo algo que não entendo e me aterroriza.

— Ama-o?

Podia ouvir o som de seus passos no silêncio que precede o amanhecer. Seus corações pulsavam sem interrupção e o sangue corria por suas veias. Enquanto passava pelas portas das casas, podia escutar roncões, rangidos, sussurros e os gemidos de um casal fazendo o amor. Seus dedos procuraram o anel de Mikhail como se fosse um talismã. Segurou-o na palma da mão, desta forma parecia lhe ter mais perto. Amava-o? Sentia-se fascinada, estimulada por Mikhail. A química entre eles era explosiva e muito poderosa. Mas

Mikhail continuava sendo um mistério. Um homem perigoso que vivia em um mundo de sombras que ela era incapaz de compreender.

— Como se pode amar o que não se conhece, o que não se compreende? — Podia ver o sorriso de Mikhail enquanto fazia esta pergunta, a ternura de seus olhos, ouvir suas gargalhadas, as conversas de horas entre eles e os silêncios que os uniam cada vez mais.

— Conhece Mikhail. É uma mulher extraordinária se pode perceber sua bondade e sua compaixão.

— Mas tem uma parte ciumenta... e possessivo é um adjetivo que fica pequeno nele. -assinalou Raven. Conhecia-o, sim. Conhecia o bom e o mau, nele, e o havia aceito. Mas agora, dava-se conta de que, embora ele houvesse aberto sua mente, ela só viu retalhos dele.

— Não esqueça sua veia protetora, e seu profundo sentido do dever. — contra-atacou o Pai Hummer com um pequeno sorriso.

Raven encolheu os ombros, estava a ponto de chorar de novo. Era humilhante não poder se controlar quando sabia que o pároco tinha toda a razão. Mikhail não estava morto. Estava em algum lugar, dormido por causa do ferimento e entraria em contato com ela assim que fosse capaz.

— A intensidade do que sinto por ele me aterroriza, pai. Não é normal.

— Ele daria sua vida por você. Mikhail seria incapaz de te fazer mal. Se o conhecer, um pouco embora seja, sei que pode

iniciar uma relação com ele, sabendo que nunca seria infiel, que jamais te levantaria a mão e que estaria sempre em primeiro lugar para ele -Edgar Summer disse, completamente convencido. Sabia que estava certo, da mesma forma que sabia que havia um Deus no céu.

Raven limpou as lágrimas com o dorso da mão.

— Acredito que ele não me faria mal, eu sei. Mas, e aos outros? Tem tantos dons, tanto poder. A oportunidade de usá-los de forma incorreta é tremenda.

O Pai Hummer abriu a porta de sua pequena casa e com um gesto da mão, a convidou a passar.

— Crie que isso é o que tem feito? Ele é um líder por direito de sangue, sua linha dinástica se perde no tempo. Chamam-lhe o Príncipe, embora jamais admitirá diante de você. Procuram seu guia e sua liderança, da mesma forma que minha congregação faz comigo.

Raven precisava fazer algo, acendeu o fogo na lareira de pedra, enquanto o pároco fazia o chá.

— Ele é um príncipe de verdade? — por alguma razão, aquilo a diminuía. Deixando de lado todo o resto, estava a ponto de comprometer-se com a realeza. Essas coisas nunca funcionavam.

— Temo-me que sim, menina. — Admitiu Pai Hummer, tristemente. — Ele é quem decide, a sua é sempre a última palavra. Possivelmente por isso, tende a atuar como se fosse uma pessoa tremendamente importante. Tem muitas responsabilidades, e desde que eu o conheço, jamais evitou nenhuma delas.

Raven se sentou no chão, afastando os cabelos do rosto sulcado de lágrimas.

— Às vezes, quando Mikhail e eu estamos juntos, sinto que completamos as duas metades de um mesmo ser. Pode ser sério, pensativo, e tão solitário. Eu adoro fazê-lo rir a gargalhadas, devolver a vida a seus olhos. Mas então, faz coisas que... — sua voz se desvaneceu.

Pai Hummer lhe deu a xícara taça de chá, sentando-se em sua poltrona favorita. — Que tipo de coisas? — perguntou de forma educada.

Raven soltou o ar muito lentamente, soluçando.

— Estive sozinha a maior parte de minha vida. Sempre tenho feito o que quis. Quando quero, faço as malas e me mudo para outro lugar. Viajo muito e valorizo muito minha liberdade. Jamais tive que responder perante a ninguém.

— E prefere esse tipo de vida, a que poderia compartilhar com Mikhail?

As mãos de Raven tremeram, ao rodear a xícara com os dedos, para absorver o calor.

— Faz perguntas muito difíceis, Pai. Pensava que Mikhail e eu podíamos chegar a algum tipo de relação, de compromisso. Mas tudo aconteceu muito rápido e agora, não sei se tudo o que sinto é certo. Ele sempre está comigo. Agora, de repente, não está e não posso suportar. Olhe-me, sou um desastre. Você não me conhecia antes, mas estava acostumada a estar sozinha freqüentemente.

Sou completamente independente. Mikhail pode ter feito alguma coisa, para que tudo isto esteja acontecendo?

— Mikhail nunca te obrigaria a amá-lo. Não estou seguro de que tenha a habilidade de fazer tal coisa.

Raven tomou um gole do relaxante chá.

— Eu sei. Mas e isto de agora, o que é? Por que não posso ficar longe dele? Eu gosto de estar sozinha, valorizo muito minha privacidade, mas ainda assim, sem seu contato, estou caindo aos pedaços. Desmorono-me, Pai. Você tem idéia do quanto é humilhante, para alguém como eu?

Pai Hummer deixou a xícara de chá sobre o pires e a observou preocupado. — Não tem que se sentir humilhada, Raven. Mikhail me contou. Quando um homem de sua espécie encontra sua verdadeira companheira, pode dizer as palavras rituais, É um voto para uni-los como se supõe que devem estar. Se ela não for à companheira adequada, a verdadeira, esse voto não afeta a nenhum dos dois, mas se a mulher é, não podem viver um sem o outro.

Raven levou uma mão à garganta de forma defensiva.

— Que palavras? Ele disse quais eram essas palavras?

Pai Hummer moveu a cabeça, negando. Seu olhar era de pena.

— Só me disse que, uma vez pronunciadas as palavras, à mulher adequada, ela está vinculada, unida a ele e não pode escapar. As palavras são como nossos votos matrimoniais. A Estirpe

dos Cárpatos tem valores diferentes dos nossos. Para o bem e para o mal. Não existe divórcio entre eles, não pronunciam nem sequer o término porque não o conhecem. As duas pessoas que formam o casal são realmente duas metades de um mesmo ser.

— E o que acontece se um deles não é feliz? – Raven retorcia os dedos, nervosa. Recordava ter ouvido Mikhail dizer palavras estranhas. Mas a lembrança era muito vaga, como de um sonho.

— O homem dos Cárpatos fará tudo o que for necessário para assegurar a felicidade de sua companheira. Nem entendo de que forma atua esse vínculo, mas Mikhail me disse que a união é tão forte, que não pode fazer outra coisa, além de procurar a felicidade para sua mulher.

Raven tocou o pescoço, detendo-se no lugar de sua pulsação, sob a orelha.

— O que seja que fez, funcionou, Pai. Porque eu não sou da classe de mulheres que se atiram de uma janela, porque não podem ver seu homem por algumas horas.

— Suponho que deveríamos nos dar por satisfeitos, se Mikhail está sofrendo um pouco de seu próprio remédio. — disse o Pai Hummer com um pequeno sorriso.

O coração de Raven bateu com força em seu peito e seu corpo se agitou em repentino protesto. A simples idéia de que Mikhail pudesse sofrer era terrivelmente perturbadora. Tentou forçar um sorriso como resposta.

— Acredito que de algum jeito está a salvo de sentir.

O pároco estudou seus traços sombrios, desfigurados pelo sofrimento, enquanto tomava um gole de chá.

— Acredito que Mikhail teve muita sorte ao encontrar você. É muito forte. É igual a ele.

— Estou dissimulando muito bem. -disse Raven, esfregando os olhos com os dedos, — porque me sinto morrer por dentro. E não estou muito contente com Mikhail.

— Não acredito que deva estar, mais ainda assim, seu primeiro instinto é protegê-lo. Horrorizou-lhe a idéia de que ele sofresse o que você está sofrendo.

— Eu não gosto de ver ninguém sofrer. Há algo muito triste em Mikhail, como se levasse o peso do mundo sobre seus ombros durante muito tempo. Às vezes, contemplo seu rosto e há tanto sofrimento ali... Não só em seus olhos, mas também na expressão de seu rosto, em seus traços. — Raven disse suspirando. — Suponho que não tem sentido, mas ele precisa de alguém que afaste as sombras de sua vida.

— Essa é uma afirmação muito interessante, menina. E devo dizer que entendo perfeitamente, sei o que quer dizer. Eu vejo o mesmo nele. Afastar as sombras de sua vida. — repetiu as palavras em voz alta, murmurando a respeito. — Essa é a idéia. É exatamente isso.

Raven assentiu com a cabeça.

— É como se ele já vira muita violência, muitas coisas horríveis que o empurrassem cada vez mais para a escuridão. Quando estou perto dele tenho essa sensação. Ele é o guardião,

que permanece firme diante de uma porta diabólica e malévola e mantém os monstros sob controle, para que o resto de nós, possamos continuar com nossas vidas e nem sequer sejamos conscientes de que estamos ameaçados.

Pai Hummer ficou sem respiração.

— Assim é como o vê? Como o guardião da porta?

Raven assentiu, com a cabeça.

— É uma imagem muito real em minha mente. Sei que provavelmente lhe parecerá melodramático.

— Eu gostaria de poder ter dito essas palavras. Eu mesmo. -murmurou o pároco. – Ele veio a mim, muitas vezes em busca de consolo e nunca soube com exatidão o que lhe dizer. Rezava para que Deus lhe enviasse ajuda e ele encontrasse a resposta para suas perguntas, Raven. Ele, possivelmente, enviou você.

Raven tremia de pés a cabeça, lutando continuamente contra a tortura que sua mente estava submetida. Contra a necessidade de tocar em Mikhail, contra a idéia de que ele podia ter desaparecido da face da Terra. Respirou profundamente, a fim de se tranquilizar. Estava agradecida ao pároco.

— Não acredito ser a resposta de Deus, Pai. Neste mesmo momento eu gostaria de chorar.

— Pode superar isto, Raven. Sabe que ele vive.

Raven tomou um gole de chá. Estava quente e delicioso. Devolveu-lhe um pouco de calma a seu corpo, mas não foi capaz de temperar o terrível vazio gelado, que devorava sua alma. Devagar,

pouco a pouco, esse buraco negro ia aumentando. Tentou concentrar-se em outras coisas, desfrutar da conversa do pároco, um homem que conhecia Mikhail e por quem tinha carinho e consideração. Tomou outro gole de chá, lutando desesperadamente para se manter calma.

— Mikhail é um homem extraordinário. — disse o Pai Hummer, esperando distraí-la. — É um dos homens mais amáveis que conheço. Tem um extraordinário sentido do bem e do mal e uma vontade de aço.

— Já notei. — assentiu Raven.

— Claro que sim. Mikhail é um homem que poucos queriam ter como inimigo. Mas também é leal e afetuoso. Vi-lhe levantar este povoado, quase com suas próprias mãos, depois de que aconteceu uma catástrofe. Cada pessoa que vive aqui é importante para ele. Há nobreza em Mikhail.

Raven abraçava os joelhos e se balançava para frente e para trás. Respirar era muito difícil, cada entrada de ar que penetrava em seus pulmões era pura agonia.

— Mikhail. Onde está? — O grito saiu de seu coração. Precisava dele. Precisava tocá-lo. Precisava que ele respondesse ao menos uma vez. Só uma vez.

O vazio negro ameaçava engolir-lhe. Mordeu o lábio inferior com força, deliberadamente, percebendo com gosto, a dor, concentrando-se nele. Ela era forte! Tinha cérebro. Aquilo que a consumia, que a convencia de que não poderia continuar sem o Mikhail, não a venceria. Não era real.

De repente, Pai Hummer ficou em pé, levantou Raven, colocando-a a seu lado.

— Já é suficiente, Raven. Vamos para fora e cuidemos meu jardim. Quando sentir a terra entre seus dedos e respire o ar fresco. Sentirá-se melhor. — Se não desse resultado, teria que se ajoelhar e rezar.

Raven gargalhou, através das lágrimas.

— Pai, quando me toca, leio seus pensamentos. Está certo que um pároco odeie a idéia de ficar de joelhos?

Ele a soltou como se seu contato o queimasse, e depois começou a rir também.

— Querida, com a minha idade, com minha artrite, amaldição mais que rezo quando me ajoelho. E acabou de descobrir um de meus grandes segredos.

Apesar de tudo, os dois riram com vontade enquanto saíam à luz do sol. Os olhos de Raven se encheram de lágrimas, protestando pelo intenso brilho do sol. Teve que fechá-los, para acabar com a dor que sentia e que se infiltrava em seu cérebro. Protegeu-se com uma mão.

— O sol é muito brilhante! Doem-me os olhos se os abrir. Não lhe acontece com o senhor?

— Acho que Mikhail tenha algum óculos de sol por aqui. Está acostumado a fazer essas coisas quando perde uma partida de xadrez.

O pároco entrou, remexeu numa gaveta e retornou com os óculos de sol, feitos especialmente para Mikhail. Eram muito grandes para Raven, mas Pai Hummer o arrumou com um pedaço de borracha. Raven abriu os olhos com cuidado. Os óculos eram surpreendentemente leves e os cristais muito escuros. O alívio que sentiu nos olhos foi instantâneo.

— São fantásticos, mas não conheço a marca.

— Foi um amigo de Mikhail que o fez.

O jardim era belo. Raven afundou as mãos na rica terra escura. Seus dedos se fechavam, segurando-a aos punhados e o peso que sentia no coração desapareceu, tornando mais fácil respirar. Tinha uma estranha urgência por deitar-se no chão e cobrir-se com a rica terra. Fechar os olhos e absorver as propriedades pelos poros de sua pele.

O jardim de Pai Hummer, a ajudou a suportar as longas horas da manhã. O sol do meio-dia a fez procurar refúgio no santuário da casa. Mesmo com a proteção dos óculos, ardiam seus olhos. Ardiam-lhe e se enchiam de lágrimas com a potente luz do sol. Também sua pele se tornou sensível. Estava avermelhada e queimada embora nunca houvesse acontecido antes.

Voltaram para interior e se arrumaram para jogar xadrez, enquanto Raven se concentrava em lutar com seus demônios. Estava muito agradecida ao Pai Hummer por sua presença. Sem ele estava segura de não ter sobrevivido à separação de Mikhail. Bebeu mais um pouco de chá para rebater a terrível debilidade que invadia seu corpo pela falta de comida.

As horas do meio-dia pareceram intermináveis. Raven suportou o vazio, com alguns ataques de pranto. Às cinco da tarde estava completamente exausta e decidida, para poder proteger seu orgulho, a passar as poucas horas que restavam até o entardecer, por sua conta. Mikhail a buscaria em duas horas, quando muito em três, se dissera a verdade. Se Raven queria recuperar seu orgulho, sua independência e sua dignidade, tinha que enfrentar aquelas últimas horas, sozinha. O sol ainda feria seus olhos, apesar dos escuros óculos de sol e embora estivesse bem mais baixo no céu e parcialmente abafado por nuvens. Não teria conseguido voltar para a pensão, andando pelo povoado, sem o amparo dos óculos.

Felizmente, a pensão estava relativamente tranqüila. A Senhora Galvenstein e seus empregados estavam atarefados preparando o jantar e arrumando o restaurante. Não se via nenhum dos outros hóspedes e Raven chegou a seu quarto, sem que ninguém notasse sua presença.

Tomou uma demorada ducha, deixando que o jorro de água quente golpeasse sua pele, esperando que a terrível necessidade que sentia por Mikhail, passasse. Trançou os cabelos e deitou-se na cama completamente nua. O ar fresco refrescava sua pele, ainda quente pela ducha, aliviando-a. Raven fechou os olhos e foi consciente do som das baixelas ao serem colocadas nas mesas. Inconscientemente, se pegou a essa nova capacidade, explorando-a. Parecia uma boa maneira de deixar de lado, o sofrimento e a dor. Raven descobriu que se concentrando um pouco, podia aumentar ou diminuir o volume dos sons, inclusive fazer com que desaparecessem. Podia se concentrar e ouvir até os insetos zumbiam na despensa. Também ouvia os ratos correndo através

das paredes e a uns quantos no apartamento de cobertura. A cozinheira e a ajudante discutiam a respeito das obrigações desta última. A Sra. Galvenstein cantarolava uma desafinada canção enquanto trabalhava na cozinha. Mas foram sussurros que chamaram a atenção de Raven. Os sussurros de uma conspiração.

— De maneira nenhuma Mikhail Dubrinsky ou Raven Whitney são não-mortos. -discutia acaloradamente, Margaret Summers. — Pode ser que ele conheça essa gente, mas não é um vampiro.

— Temos que ns partir agora. — Era a voz do Hans. — Não voltaremos a ter outra oportunidade como esta. Não podemos esperar os outros. Não tenho intenção de esperar escurecer.

— Já é muito tarde. -A voz do Jacob era queixosa. — Restam poucas horas até o pôr-do-sol. Levará uma hora, até chegar lá.

— Não, se nos apressarmos. Está enterrado no chão. - Insistiu Hans. — Amanhã já estará livre.

— Ainda acredito que deveríamos esperar Eugene e os outros. — queixou-se Jacob. — Têm mais experiência.

— Não podemos esperar. — Decidiu Harry Summers. — Hans tem razão. Os vampiros sabem que estamos atrás deles e provavelmente troquem seus ataúdes de lugar cada noite. Não podemos deixar escapar esta oportunidade. Pegue logo as ferramentas.

— Ainda acredito que esse Dubrinsky é um deles. Estou convencido de que era jovem quando meu pai nasceu. — disse

Hans de forma inexorável.

— Digo a você que ele não é. — Margaret era inflexível.

— O efeito que ele tem sobre as mulheres é estranho e a quão extremos chegam para protegê-lo. — disse Hans, silenciando à mulher mais velha.

Raven podia ouvir os ruídos que faziam os assassinos, enquanto reuniam suas ferramentas mortais. Tinham convencido Hans, Jacob e Harry para que matasse Mikhail? Ou a outro da gente dele? Levantou-se da cama e colocou roupa, chamando Mikhail com a mente, enquanto colocava meias e as botas de montanha. Encontrou de novo um negro vazio por resposta.

Murmurando juramentos, Raven deslizou por sua cabeça, uma camisa de cambraia azul claro. Não conhecia ninguém da polícia local, nem sabia onde podia encontrá-los. De todas as formas, quem ia acreditar que havia caçadores de vampiros? Era ridículo. E o Pai Hummer? Não, de maneira nenhuma, ele poderia perseguir a ninguém, na sua idade, através das montanhas.

— Colocarei tudo isto no carro. — dizia Jacob.

— Não! Iremos mais rápido a pé. Podemos cortar o caminho pelo bosque. Coloquem tudo nas mochilas. — insistia Hans — Depressa, não temos muito tempo. Devemos chegar antes que despertem e recuperem todas suas forças.

Raven procurou algum tipo de arma. Não encontrou nada. Quando ajudava o FBI em algum caso, os agentes a acompanhavam, eles levavam as armas. Inspirou para relaxar-se,

mantendo afinada a conexão com o grupo enquanto saíam da pensão.

Estava segura de que havia quatro pessoas: Margaret, Harry, Jacob e Hans. Deveria ter suspeitado de Jacob. Ele havia deixado doente, na noite que tentou jantar com eles. Deveria ter notado as reações naturais de seu corpo ante um psicopata assassino. Mas o tinha atribuído a um excesso de emoções por tudo o que havia acontecido antes.

E então, Jacob a tocou. Não pôde tomar parte no assassinato de Noelle ou ela o teria sabido. Harry e Margaret o teriam convencido de que havia vampiros nos arredores. Eles eram fanáticos, gente muito perigosa. Raven sabia agora que Shelly era alheia a tudo isto. Estava sentada na cama, em seu quarto, escrevendo notas para o trabalho.

Era possível que tivesse a oportunidade de falar com Jacob, de o fazer entender o quanto doentes e fanáticos por vampiros eles estavam.

Pegando os óculos escuros, saiu de seu quarto e atravessou o saguão sem que ninguém a visse. Era necessário ocultar seus pensamentos e suas emoções com Margaret Summers tão perto. Desde que conhecera Mikhail e começou a usar a telepatia para comunicar-se com ele, cada vez achava mais simples enfocar seus pensamentos.

Esperou até que o grupo desapareceu no caminho que levava ao bosque. Seu coração parou de bater, por instantes e voltou a pulsar com força. Sua boca secou. O caminho que eles

pegaram levava até a casa de Mikhail. Estava segura de que era o mesmo. Mikhail estava indefeso, ferido e dormindo, graças aos medicamentos que lhe haviam administrado, para dor.

Raven começou a correr, cuidando para que os assassinos não a descobrissem ao aproximar-se muito. Se fosse necessário, defenderia Mikhail com a própria vida, mas não queria forçar um confronto, se pudesse evitar.

Nuvens escuras e ameaçadoras cruzavam o céu. O vento começou a dar sinais de que se aproximava uma tempestade, arrastando as folhas secas pelo caminho enquanto que os ramos mais ligeiros das árvores se balançavam sobre ela.

Ao baixar a temperatura, Raven tremeu. O medo a dominava.

-Mikhail! Escute-me!

Enviou desesperada a imperiosa ordem, enquanto rezava e rogava poder conseguir, agora que se encontrava mais perto, qualquer tipo de barreira psíquica que as drogas tivessem erguido.

Ouviu o som de uma respiração irregular e se deteve, ocultando-se atrás de uma enorme árvore. Harry Summers ficara para trás, incapaz de seguir a marcha imposta pelo grupo. Tentava recuperar o fôlego. Raven o observou enquanto ele ofegava ao encher de ar seus pulmões.

Eles embrenhavam-se cada vez mais nas montanhas. Com um suspiro aliviado, Raven se deu conta, que haviam tomado uma bifurcação do caminho e agora se afastavam de Mikhail. Enviou uma silenciosa oração em agradecimento a Deus e começou a

caminhar rápido atrás de Harry. Movia-se com o sigilo de um dos lobos de Mikhail e isto a deixou totalmente pasma. Nenhum ramo rangia sob seus pés, nenhuma só pedra movia sob seus passos. Se pudesse também ter a mesma força. Estava muito fraca pela falta de alimento e se encontrava exausta pela falta de sono.

Raven elevou o queixo num gesto desafiante. Essas pessoas não cometeriam outro assassinato sem sentido. Não importava que a vítima escolhida não fosse Mikhail. Tentaria evitar o que se propunham fazer, fosse o que fosse. Harry a fazia ir mais devagar do que gostaria, já que parava para descansar a cada pouco. Pensou em adiantar-se, internando-se nas árvores paralelas ao caminho, mas desprezou a idéia, dessa maneira os inimigos a notariam.

Meia hora mais tarde Raven olhou nervosa ao céu. As árvores formavam densos grupos em alguns lugares enquanto que em outros apareciam grandes clareiras, o que a obrigava a ir ainda mais devagar. Não se atrevia a ser vista nos lugares mais abertos. E agora o vento soprava em rajadas mais fortes e cada vez mais frio. Apressada, temendo perder o grupo, Raven tinha esquecido de pegar a jaqueta. Ainda demoraria mais de uma hora para que o sol desaparecesse totalmente, mas as nuvens estavam cada vez mais escura. As tempestades se formavam rapidamente nestas montanhas e descarregavam sua fúria durante horas. Na seguinte ladeira do caminho, Raven parou de repente.

Diante dela, se estendia um prado de erva verde e flores silvestres. Havia uma casa meio escondida entre as árvores e rodeada de exuberantes arbustos. Harry havia alcançado os outros

a certa distância da casa, estavam formando um círculo e olhavam para chão. Harry sustentava uma estaca de madeira e Hans uma enorme faca. Estavam entoando algum tipo de hino e orvalhavam a terra com água que tiravam de uma vasilha. Jacob apertava em suas mãos, uma pá.

Uma onda de náuseas assaltou Raven e depois aquela peculiar sensação de pânico que começava na parte baixa das costas e se estendia pelo abdômen, endurecendo cada um de seus músculos. Aquela dor não era dele. Pertencia à outra pessoa. Ela precisa sair à superfície para que nascesse seu bebê.

— É a rameira do diabo, está em trabalho de parto. — falou Margaret com a face desfigurada pelo asco e o ódio. — Sinto seu medo. Sabe que estamos aqui e que está indefesa.

Jacob afundou a pá na terra branda. Hans começou a cavar de forma frenética. O terrível som do metal, se chocando com as rochas, revolveu o estômago de Raven. Era a perfeita música de fundo para suas depravadas mentes, doentes de fanatismo.

Raven imaginou que percebia a dor da terra, chiando pelo ultraje que estava sendo submetida. Lutou tentando respirar e se acalmar. Precisava de um plano. A mulher devia ter ficado presa num dos inúmeros túneis das minas que se estendiam sob as montanhas, ou possivelmente em algum tipo de prisão. Sentia muita dor, estava em trabalho de parto. Temia por sua vida e pela vida do bebê a ponto de nascer.

Raven captou os rastros mentais, seguiu o rastro e bloqueando todo o resto se concentrou e conseguiu chegar até a

mente da mulher. Esperou até que passou a contração e de forma delicada tentou ficar em contato com ela.

— A mulher que está com os assassinos é capaz de ouvir seus pensamentos, sente seu medo e sua dor. Proteja-te e canaliza com muito cuidado qualquer conversa que mantenha comigo ou nos colocará em perigo.

Raven percebeu o atordoamento da mulher, depois nada. Timidamente, a mulher respondeu.

— É um deles?

— Não. Está presa? Estão cavando a terra.

Pânico, terror e depois o vazio enquanto a mulher lutava por controlar-se.

— Não quero que meu bebê morra. Pode me ajudar? Pode nos ajudar? Por favor, nos ajude!

Outra contração atravessou o corpo da mulher, envolvendo-a em dor.

— Está tentando contatar com alguém! — agitou-se Margaret. — Depressa!

— Mikhail! Precisamos de você! — Raven enviou o pedido, desesperançada. O que podia fazer? Estava muito longe para poder procurar ajuda nas autoridades, ou uma equipe de resgate. Precisava de alguém. De qualquer pessoa que a ajudasse traçar um plano para salvar a mulher e ao bebê.

— Devo subir à superfície. — disse desesperada, a mulher.  
— Não posso permitir que meu bebê morra. Meu companheiro tentará lutar com eles enquanto eu dou a luz.

— Matarão a todos. Tente resistir. Pode agüentar meia hora mais, mais?

— Chegarão antes até nós. Sinto-os em cima de mim, perturbando a terra. Têm a morte em suas mentes

— Tentarei ganhar um pouco de tempo.

— Quem é?

A mulher parecia muito mais calma agora, decidida a manter o controle já que alguém a ajudava do exterior.

Raven respirou profundamente e deixou o ar sair devagar. Como podia responder para tranqüilizá-la? Se dissesse seu nome, Raven Whitney não conseguiria nada, nem sequer que confiasse nela.

— Sou a mulher de Mikhail.

O alívio que a mulher sentiu, chegou até Margaret quem se agitou novamente, instigando os homens para que cavassem mais rápido.

Raven saiu caminhando muito tranqüila do bosque, passeando devagar e despreocupada, murmurando enquanto caminhava. Harry foi o primeiro em vê-la. Raven escutou a maldição que escapou de seus lábios e o aviso, em forma de sussurro, que enviou a outros. Jacob e Hans deixaram de cavar, Hans olhava inquieto para o céu.

Raven os saudou com a mão enquanto sorria de forma inocente.

— Olá a todos. O que estão fazendo? Não é formoso este lugar? — girou sobre mesma com os braços estendidos. — As flores são preciosas verdade? Perguntou de forma carinhosa. Teve muito cuidado de manter uma boa distância com eles. — Estou chateada, porque esqueci minha câmara fotográfica.

Os quatro assassinos trocaram olhares culpados, estavam muito nervosos. Margaret foi primeira a se recuperar, enviando a Raven um tranqüilo sorriso de boas vindas.

— É encantado vê-la de novo, querida. Está muito longe da pensão.

— Pensei que me faria bem, uma boa caminhada e um pouco de ar fresco. Estão caminhando também? — Raven não pretendia tremer enquanto esfregava os braços com as mãos para gerar em calor. — Parece que virá outra tormenta. Estava já pensando em voltar quando vi vocês. -Voltou à cabeça para dar uma olhada na casa. — Eu adoraria viver aqui, entre as montanhas, rodeada da natureza. -Olhou diretamente para Hans, sorrindo inocentemente. — Sua terra é formosa. Deve ser precioso viver aqui.

Todos pareciam culpados e muito confusos, como se não fizessem idéia do que fazer. Jacob foi o primeiro a se recuperar. Atirou a pá para o lado e se aproximou dela. Raven ficou sem respiração. Sentia-se tão indecisa como eles. Não se atreveria a sair correndo e partir, mas tampouco queria que Jacob a tocasse.

Raven deu um passo para trás e deixou que se desvanecesse o sorriso de seu rosto.

— Interrompi algo?

Nesse instante, a mulher apanhada sob a terra sofreu outra dolorosa contração. Raven a sentiu em seu corpo, como uma poderosa onda e a dor fluiu através dela. De forma instantânea, Margaret centrou sua atenção em Raven, esquadrinhando seu olhar.

Só podia fazer uma coisa e Raven a fez.

Ofegando pelo horror, correu para o grupo.

— OH meu Deus! Alguém está presa em uma mina e está a ponto de dar a luz! Margaret! É isso o que acontece? Alguém foi procurar ajuda?

Em sua carreira para o grupo se afastou deliberadamente de Jacob, girando à esquerda. Deteve-se bruscamente junto ao buraco que tinham cavado. O ar estava carregado e denso, difícil respirar. Reconheceu uma versão tênue do feitiço de proteção usado por Mikhail. O companheiro da mulher grávida devia ter erguido uma rápida barreira, com a intenção de deter aqueles fanáticos.

— Tudo está bem. -disse Margaret com voz tranqüila, como se falasse com uma menina. — Essa coisa que está aí abaixo não é humana.

Raven levantou a cabeça, seus olhos azuis tinham um olhar de perplexidade.

— Não pode senti-la? Margaret, disse-me que tinha certas habilidades. Há uma mulher presa aí e está tendo um bebê. Nesta região há muitas minas, deve ter ficado presa em uma delas. Posso sentir seu medo.

— Não é humana. — Margaret caminhou com cuidado, rodeando a fossa, aproximando-se de Raven. — Eu sou como você, Raven. Somos irmãs. Sei o doloroso que foi para você perseguir a todos os assassinos que entregou à justiça, porque eu faço o mesmo.

Raven engoliu o nó de pânico que fechava sua garganta. Margaret parecia doce e educada, mas beirava ao fanatismo. Seus olhos tinham um olhar diabólico e o estômago de Raven se contraiu.

Possivelmente pudesse entrar em contato com Jacques.

— Margaret, você deve sentir sua dor, seu medo. -Raven tinha a boca seca e uma dor aguda lhe atravessava a cabeça. — Você sabe quem sou eu, o que sou capaz. Jamais cometeria um engano num caso como este.

Hans voltou a afundar a pá na terra, murmurando uma advertência aos outros. O vento agitou suas roupas e fez com que se inclinassem. As nuvens se escureceram, negras como o carvão, enquanto o vento se agitava entre eles. Um relâmpago riscou um arco de uma nuvem a outra e o trovão retumbou como uma advertência.

— Isto aí é uma não-morta. Uma vampiresa. Alimenta-se do sangue de nossas crianças. — Margaret se arrastou como pôde até

Raven, tentando vencer a força do vento.

Raven moveu a cabeça, rechaçando as palavras da mulher mais velha, pressionando seu ventre com as mãos.

— Você não pode acreditar nisso, Margaret. Os vampiros são ficção. Esta mulher é muito real. Os vampiros não têm bebês. Vamos, Jacob! Não pode acreditar esta tolice.

— Ela é um vampiro, Raven e vamos matá-la. — Disse assinalando a mochila, aberta no chão, onde estavam as estacas. Seus olhos brilhavam antecipando o momento. Parecia ansioso por realizar sua tarefa.

Raven deu uns passos para trás.

— Todos vocês estão loucos.

— Por favor! Ajude-me! Chame Mikhail! — O angustiante grito destilava dor e pânico.

Raven reagiu imediatamente.

— Mikhail! Jacques! Nos ajudem.

— A diablesa está falando com Raven. -Informou Margaret

— Por favor, chama Mikhail. Ele virá por você. — uivou a mulher.

— Detenha-a. — gritou Margaret. — A vampiresa está falando com Raven pedindo que procure ajuda. Não o faça Raven. Ela está te enganando. Não chame o Dubrinsky.

Raven virou se afastando deles. Correu sob a tormenta, enquanto enviava uma chamada frenética a Mikhail, a qualquer um

deles que a escutasse. Chegou até as árvores, antes que Jacob a alcançasse, apanhando-a pelas pernas e atirando-a ao chão.

O golpe a deixou sem ar e sentiu que tudo girava a seu redor. Ficou imóvel por um instante com a face no chão do bosque, perguntando-se o que havia acontecido. Jacob atirou-se sobre ela de forma abrupta, para sentar-se sobre suas costas, ajoelhando-se escarranchado sobre seu corpo. Raven viu que seu rosto infantil estava contraído pela luxúria e pelo desejo de dominá-la. Seu corpo emanava um nauseabundo cheiro de cocaína.

— Mikhail!

Sua imploração foi dolorosa, pois sabia o que Jacob tinha em mente e ela seria incapaz de detê-lo. Não era forte o suficiente.

O vento soprou com mais violência. Ao longe, se ouviu o uivo de um lobo e a resposta de outro. Ainda mais longe, um urso grunhiu zangado.

— Acredita-se inteligente, se vendendo ao melhor. Tão inocente e inalcançável. — Jacob pegou a camisa de Raven com as mãos e rasgou até a cintura, deixando à vista seus seios que chamaram imediatamente a atenção do homem.

— Sinto muito. Desculpou-se num grito, a mulher presa, sentindo-se totalmente culpada. Tinha falhado em tentar ocultar seus contatos mentais com Raven. Permitira que Margaret Summers escutasse seus gritos.

— Mikhail! Por favor! — O desesperado chamado de Raven continuava. — Deve me ouvir. Preciso de você. Deus! Ajude-me, por favor. Ajude a essa pobre mulher.

Jacob rugiu e a esbofeteou várias vezes.

— Ele te marcou, deixou sua marca sobre você. Meu Deus! Tornou-se um deles. -Fechou as mãos ao redor da garganta de Raven ameaçando deixá-la sem ar. — Impregnou-te como aos outros. Sei que foi ele.

Quando ele levantou o braço, Raven percebeu o brilho metálico. Jacob lhe cravou a adaga enquanto a olhava com ódio e fúria. A dor se deslizou pelo abdômen de Raven, o sangue emanava da ferida. Jacob tirou a adaga da carne de Raven e o levantou novamente.

## Capítulo 9

A terra retumbou, agitando-se e tremendo. A adaga de Jacob cravou profundamente pela segunda vez. O vento desatou seu poder letal, enviando folhas, e ramos pequenos que atravessavam o ar como adagas. A adaga a atravessou pela terceira vez. Um raio brilhou e golpeou o chão enquanto retumbava o trovão, sacudindo a terra com seu atroz som.

A adaga a encontrou pela quarta vez.

Os céus se abriram e a chuva caiu, como se tivessem arreventado as comportas de uma represa. Jacob estava coberto de sangue. Separou-se dela, voltando à cabeça enquanto o céu se escurecia. Podia ouvir os outros gritar de medo.

— Maldita seja.

Tentou apunhalá-la uma quinta vez, num gesto de fúria e desafio. Uma mão invisível o apanhou antes que a lâmina pudesse afundar-se no corpo de Raven.

Dedos se fecharam com dureza a sua volta, a faca girou para a garganta dele e por um instante, longo e eterno, viu horrorizado como a folha sangrenta se aproximava pouco a pouco de sua própria carne, cravando-se nela subitamente, enterrando-se até o punho.

Os lobos surgiram do bosque, rodearam o prado, seus olhos brilhantes fixos nas três pessoas que tratavam de se esquivar os ramos que voavam pelo ar. Margaret gritou e saiu correndo. Harry a imitou cegamente e Hans tropeçou e caiu de joelhos quando a terra voltou a tremer e a se sacudir.

— Raven.

Mikhail se materializou junto a seu corpo, enquanto o medo por lhe torcia as vísceras. Arrancou-lhe o jeans, para poder ver a gravidade de suas feridas.

A terra voltou a tremer, abrindo uma fenda no prado. Mikhail pressionou suas mãos sobre as feridas pulsantes, tentando frear o horrível fluxo de sangue. Jacques se fez visível emitindo um vago resplendor, depois Eric e Byron. Tienn chegou, junto com Vlad. Gregori se precipitou dos céus, em volta dos três assassinos humanos, rodeados pela manada de lobos. Ali, no prado, com o mundo derrubando-se a sua volta, tomou a forma de um enorme lobo negro. Um lobo de olhar enlouquecido e faminto, que prometia vingança.

— Meu Deus! — Jacques estava de joelhos junto a Mikhail, reunindo punhados de terra fértil.

— Byron, busque ervas. Vá logo!

Em questão de minutos cobriram as feridas de Raven com seus cataplasmas. Mikhail os ignorou, embalando Raven em seus braços. Seu enorme corpo inclinava-se de forma protetora, para protegê-la da forte chuva. Todo seu ser estava concentrado, enfocado.

— Não deve me deixar, pequena. — Ordenou — Não permitirei.

O relâmpago brilhou, estalando como um látego no céu para depois golpear a terra. Seguidamente retumbou o trovão, sacudindo as montanhas.

— Jaques! Eleanor vai dar a luz! — Vlad estava desesperado.

— Leve-a para dentro de casa. Chama celeste e Deirdre — Jacques empurrou desdenhosamente o corpo do Jacob, enquanto colocava sua corpulenta figura para resguardar Raven.

— Não está morta. — sibilou Mikhail ao ler a compaixão nos olhos de seu irmão.

— Está morrendo, Mikhail — A certeza encheu de dor o peito de Jaques.

Mikhail a aproximou para ele e inclinou a cabeça até apoiar sua face contra a dela.

— Sei que pode me ouvir. Deve beber, Raven. Beba tudo o que possa.

Sentiu o débil sinal em sua mente. Ternura, arrependimento e muita dor.

— Deixe-me ir.

— Não! Jamais! Não fale. Tão somente beba. Se me ama, faça por mim, por minha vida, beba o que te ofereço.

Antes que Jacques pudesse adivinhar suas intenções e tentasse detê-lo, Mikhail fez um profundo corte na própria jugular. O sangue escuro escorreu rapidamente, Mikhail a obrigou a aceitá-lo. Usou todo o poder que possuía para obter sua submissão. Sua vontade dobrou, mas seu corpo estava muito fraco para imitá-la. Engolia o sangue que fluía para sua boca, mas era incapaz de sugar. Os relâmpagos se abatiam sem cessar sobre a terra. Uma árvore explodiu em chamas, provocando uma violenta chuva de lascas. A terra voltou a sacudir-se.

Gregori apareceu sobre eles. O mais escuro dos homens dos Cárpatos, seus prateados olhos, frios como o gelo, mostravam a promessa de morte.

— Os lobos fizeram seu trabalho. — disse Eric com tom grave — Os relâmpagos e terremotos farão o resto.

Jaques o ignorou, agarrando o ombro de Mikhail.

— Já basta Mikhail. Está se enfraquecendo muito. Perdeu muito sangue. Tem ferimentos internos.

Uma raiva negra tomou Mikhail. Jogou para trás a cabeça e rugiu sua negativa. O eco retumbou pelo bosque e as montanhas, como o estalo de um trovão. As árvores circundantes se incendiaram, explodindo como dinamites.

— Mikhail. — Jacques não afrouxou sua mão, que apertava o braço dele. — Detenha-se, agora.

— Agora ela tem meu sangue, ajudará a se curar. Se conseguirmos que o sangue permaneça em seu corpo, colocaremos na terra e realizamos o ritual de cura. Viverá.

— Já está bom! Maldito seja! — a voz de Jacques deixava notar o autêntico pânico.

Gregori tocou Mikhail com suavidade. — Se você morrer, velho amigo, não teremos nenhuma oportunidade de salvá-la. Devemos cooperar.

A cabeça de Raven caiu, sem vida, para trás. Seu corpo estava mole, como o de uma boneca de pano. O sangue de Mikhail deslizava da ferida do pescoço, caindo livremente por seu peito. Jacques se abaixou para o corpo do irmão, mas Gregori se adiantou e fechou o corte.

Mikhail não prestava atenção a nada que acontecia a sua volta. Todo seu ser, toda sua força estava concentrada em Raven. Ela se afastava, apagava-se pouco a pouco. Seu coração pulsava irregular, um batimento do coração, uma pausa.

O silêncio ao redor deles era irreal e opressivo.

Com uma maldição, Mikhail deitou Raven no chão, para fazer respiração boca a boca e estimular seu coração com uma massagem cardíaca. Sua mente procurava o caminho para chegar a Raven e encontrou uma pequena luz, vacilante e pequena, muito esfumada. Ela flutuava em meio à dor. Estava mais fraca do que ele imaginava. Respirava por ela, fazia a massagem, chamava-a, obrigando a voltar com uma ordem. E volta a repetir o processo.

Uma corrente de água caiu pela ravina rochoso que estava a suas costas, era um muro sólido com enorme velocidade e força. A terra voltou a tremer. Duas árvores estalaram em enormes chamas, apesar da forte chuva.

— Nos deixe ajudar. — ordenou Gregori com voz suave.

Jacques afastou seu irmão com muito cuidado e se encarregou ele mesmo de continuar com a massagem cardíaca enquanto Gregori insuflava ar nos pulmões de Raven.

Inspirar, expirar.

Jacques obrigava ao coração de Raven a continuar bombeando. E Mikhail se viu livre para poder se concentrar em sua mente. Percebeu uma ligeira agitação. Era o mais ligeiro dos toques, mas soube que era ela e se pegou aquele caminho, seguindo-a resolutamente.

— Não me abandone.

Raven tentou afastar-se dele. Haveria muita dor se seguisse à voz de Mikhail.

Aterrorizado, Mikhail gritou seu nome.

— Não pode me deixar, Raven. Não poderei continuar vivendo sem você. Volte para mim. Volte para mim ou te seguirei onde quer que vá.

— Tenho seu pulso — disse Jacques — é fraco, mas está aqui. Precisamos de um meio de transporte.

Algo brilhou, emitindo pequenos fochos de luz na crescente escuridão. Tienn apareceu ao lado deles.

— Eleanor deu a luz, o bebê vive. — anunciou — É um varão.

Mikhail deixou que o ar saísse entre seus dentes e disse:

— Ela traiu Raven.

Jacques advertiu Eric com um movimento de cabeça, que não devia falar, que não devia defender a mulher. Mikhail fervia com fúria assassina. O mais ligeiro engano poderia o provocar. Era a fúria que sentia, que estava desencadeando a tormenta e os terremotos.

Mikhail voltou a afundar-se na mente de Raven, sustentando e absorvendo parte de sua dor. A viagem até sua casa passou numa espécie de bruma. Chovia muito e os relâmpagos continuavam a rasgar o céu e faziam um ruído seco ao cair na terra. O povoado estava deserto e às escuras, não havia eletricidade devido à intensidade da tormenta. Dentro de suas casas, as pessoas rezavam e se apertavam uns contra outros, desejando poder sobreviver ao temporal, sem entender que suas vidas dependiam da valentia e da tenacidade de uma pequena mulher.

O corpo de Raven, murcho e inerte, foi despojado de toda a roupa manchada de sangue e colocado na cama de Mikhail. Espremeram as ervas curadoras, queimando algumas delas nas terrinas. Trocaram-lhe os emplastros das feridas por outros mais fortes, tentando deter a hemorragia. Com dedos trêmulos, Mikhail tocou os hematomas de seu rosto e as marcas escuras que destacavam sobre seus seios brancos, onde Jacob a tinha ferido, raivoso de ciúmes e cego pela droga. A ira atravessou Mikhail e desejou poder romper o pescoço de Jacob com as próprias mãos.

— Ela precisa de sangue — disse subitamente.

— Você também. — Jacques esperou que Mikhail tampasse o corpo de Raven com um lençol antes de oferecer sua mão. — Bebe tudo o que possa.

Gregori lhe pôs a mão no ombro.

— Me perdoe Jacques, mas meu sangue é mais forte, tem um imenso poder. Permita-me ajudar meu amigo.

Jacques concordou e Gregori abriu um corte sobre a veia de sua mão. Todos permaneceram em silêncio enquanto Mikhail bebia o poderoso sangue de Gregori. Jacques soltou um suave suspiro.

— Raven tomou seu sangue três vezes? — Tentou que sua voz soasse casual. Não queria que houvesse nenhum tom de recriminação para seu líder e irmão.

Os escuros olhos de Mikhail piscaram em advertência.

— Sim. Se sobreviver, será provavelmente um dos nossos.

Estava mais para dizer que se existisse a possibilidade dela sobreviver para ser assassinada pelo mesmo que a tinha convertido.

— Não podemos procurar ajuda médica humana para ela. Se nossos métodos não funcionarem, Mikhail, seus doutores tampouco serão de utilidade. — advertiu Jacques.

— Maldito seja! Por acaso acredita que não me dou conta do que fiz? Que não sei que falhei com ela e não a protegi? Acredita que não sei que foram minhas ações egoístas que puseram sua vida em perigo? — Mikhail rasgou a camisa manchada de sangue e a jogou no lugar mais afastado do quarto.

— É absurdo olhar atrás. — disse Gregori com calma.

As botas e as meias de Mikhail caíram ao chão. Ele deitou-se na cama ao lado de Raven.

— Não pode tomar diretamente meu sangue, está muito fraco. Não temos mais remédio que usar o primitivo método da transfusão.

— Mikhail... — advertiu Jacques.

— Não temos outra opção. Não bebeu tudo o que necessitava. Não podemos perder tempo com discussões. Peço a você meu irmão, e a você, Gregori, como amigo, que façam isto por nós. — Mikhail embalou a cabeça do Raven em seu colo, recostou-se sobre os travesseiros e fechou os olhos com cansaço quando começaram o antiquado processo.

Se vivesse mil anos mais, Mikhail jamais esqueceria aquele pequeno roçar de asas em sua mente quando jazia como um morto sob a terra. Quando seu cérebro notou o que significava, seu coração se aterrorizou e a fúria tomou sua alma. Percebera o crescente medo de Raven. A mão de Jacob sobre seu precioso corpo, os brutais golpes e a dilaceradora sensação da adaga enquanto abria passo por sua pele e suas vísceras. Tanta dor e medo... E culpa por sentir que havia falhado ao proteger Eleanor e seu bebê.

O ligeiro roçar da mente de Raven tinha penetrado em sua consciência, num sussurro cheio de dor e remorso.

— Sinto muito, Mikhail. Falhei com você.

Seu último pensamento coerente havia sido para ele. Mikhail estava irado. Aborrecido com Eleanor por não ter tido a disciplina necessária em seu contato telepático, por não ter aprendido a canalizar seus pensamentos para uma só mente. Mikhail compreendeu, enquanto jazia indefeso, encerrado na terra. Os alicerces de sua existência, sua própria vida e suas crenças se sacudiram. Quando saiu da terra junto com Jacques, alcançou a mente de Jacob e afundou a adaga em sua garganta até o punho.

A tempestade tinha impedido Vlad de sair de seu enterro e ajudar Eleanor, temendo que um momento de desorientação ou cegueira, desse aos assassinos a oportunidade de acabar com sua mulher.

Mikhail procurou a mente de Raven, penetrando devagar nela, com amor e calor, usando seus braços como refúgio. Tinha a agulha cravada em seu braço, igual a Raven. Não tinha dúvida de que seu irmão vigiaria o monitor atentamente. Jacques estava com a vida de Mikhail e a de Raven em suas mãos. Se ela morresse, Mikhail a seguiria. Ele sabia que a negra fúria que permanecia escondida no fundo de seu coração colocaria em perigo qualquer ser que estivesse perto dele, j fosse humano ou de sua estirpe.

Só lhe cabia esperar que Gregori administrasse a justiça dos seus com ele, rápido e preciso.

— Não. – Mesmo inconsciente, Raven tentava salvá-lo.

Mikhail lhe acariciou o cabelo.

— Durma, pequena. Precisa te curar e o sono te ajudará.

Usando sua mente, ajudou-a a respirar. Inspirar, soltar o ar. Obrigava os pulmões de Raven a encher-se de oxigênio, ao mesmo tempo em que, os seus o faziam. Compassou o ritmo de seus corações. Fez cargo de todas as funções vitais do corpo de Raven, para assegurar sua sobrevivência.

Jacques sabia que Mikhail deixava claro. Se Raven morresse, também perderiam Mikhail. Nesse mesmo momento, seu irmão estava usando todo seu poder para que o sangue de Raven corresse por suas veias, que seu coração seguisse pulsando e seus pulmões trabalhassem. Era um processo exaustivo.

Gregori procurou os olhos de Jacques por cima da cabeça de Mikhail. Ele não permitiria que o casal morresse. Era seu trabalho curá-los.

— Eu o farei, Jacques. — e não era uma petição.

O ar se agitou no aposento e Celeste e Eric se materializaram.

— Ele escolheu segui-la. — disse a mulher com suavidade.  
— A ama até esse ponto.

— Sabem também? — perguntou Jacques

— Mikhail se afasta. — Respondeu Eric. — Todos os membros de nossa estirpe podem sentir. Há alguma possibilidade de salvá-los?

Jacques olhou para cima. Estava com profundas olheiras, e seus olhos escuros, tão parecidos com os de Mikhail, estavam cheios de sofrimento.

— Ela luta por ele. Já sabe que escolheu segui-la.

Gregori, captou a atenção de todos. — Nossa única opção é salvar os dois. É o único que devemos ter em mente.

Celeste se aproximou do Raven.

— Me deixe fazer isto por ela, Jacques. Sou uma mulher e levo um bebê em meu ventre. Não cometerei nenhum engano.

— Gregori é um curador, Celeste. Está grávida e é muito difícil. — negou Jacques.

— Os dois estão doando seu sangue. Podem cometer um engano. — Celeste afastou o lençol do corpo e Raven. Seu gemido foi audível. O horror que refletia seu rosto era real. Inconscientemente, deu um passo atrás.

— Meu Deus, Jacques. É impossível.

Furioso, Jacques a afastou com uma cotovelada. Gregori se interpôs entre eles, com os prateados olhos derramando seu olhar sobre Celeste. Brilhavam com uma fria ameaça e uma terrível reprimenda.

— Ninguém dúvida que serei eu que se ocupe a curar Raven. E ela se curará. Enquanto realizo meu trabalho, quero a minha volta, só a aqueles que tenham fé. Vá, se não poder me ajudar. Devo estar plenamente convencido, igual aos que ficarem a meu lado. Ela viverá porque não tem outra alternativa.

Gregori colocou as mãos sobre as feridas do abdômen de Raven, fechou os olhos e saiu de seu corpo para entrar naquele que jazia, horrivelmente mutilado, tão quieto que parecia não ter vida.

Mikhail sentiu como Raven se agitou de dor. Tentava afastar-se, desvanecer-se para que esta nova e dolorosa sensação não a alcançasse. Mikhail a rodeou com mais força, sustentou-a para que Gregori completasse o intrincado trabalho de reparar todos os danos internos.

— Relaxe, pequena. Estou contigo.

— Não posso agüentar. — Mais que palavras, Raven lhe transmitia sensações. E muita dor.

— Escolha por nós dois, Raven. Não irá sozinha.

— Não! — gritou Jacques em agudo protesto. — Sei o que está fazendo, Mikhail. Beba agora ou não continuarei com a transfusão.

A ira conseguiu tirar Mikhail de seu estado semi-inconsciente. Jacques enfrentou a fúria que ardia em seus olhos com fria calma.

— Está muito fraco pela perda de sangue para me desobedecer.

— Então, deixa que beba. — Disse com palavras cheia de uma ira gelada e negra como a noite e que levavam implícitas, uma ameaça de morte.

Jacques deixou sua garganta ao alcance de Mikhail sem dúvidas, tentando não emitir um grunhido de dor enquanto seu irmão cravava profundamente os dentes e bebia com avidez, como um animal selvagem. Jacques não lutou nem deixou escapar som algum. Ofereceu sua vida a trocou da de Raven e Mikhail. Eric se

aproximou deles quando os joelhos de Jacques se dobraram e caiu sentado sobre a cama, mas Jacques o afastou sem se mover sequer.

Mikhail elevou subitamente a cabeça, seu rosto refletia tanto sofrimento e estava tão atormentado, que Jacques sentiu a alma doer.

— Me perdoe, Jacques. Não há nenhuma desculpa para a forma em que te tratei.

Eric se aproximou rapidamente de Jacques, para lhe dar seu sangue.

— Como pôde alguém fazer isto? Ela é tão bondosa, tão valente. Arriscou sua vida para ajudar uma estranha. Como pode alguém querer lhe fazer mal? — perguntou Mikhail elevando seu olhar ao céu.

O silêncio foi à única resposta. Mikhail fixou seu olhar em Gregori. Observou-o trabalhar totalmente concentrado no ritual de cura. A letânia que murmurava, o apaziguava, aliviando em grande parte o tortura de sua alma. Podia sentir Gregori com eles, dentro do corpo de Raven, trabalhando, conjurando a magia para reparar suas vísceras, num processo lento e extremamente doloroso.

— Não mais sangue. — Sussurrou Jacques com voz rouca enquanto acendia as velas e incensos e começava outra letanía.

Gregori se moveu, assentiu com a cabeça, ainda tendo os olhos fechados.

— O corpo de Raven está sofrendo as mudanças da conversão. Nosso sangue umedece seus órgãos e trabalha para transformar tudo e repará-los. O processo requer tempo.

Voltou a inundar-se nas profundas feridas. O útero de Raven estava maltratado e era muito importante, que estivesse em perfeitas condições. Deveria ficar totalmente restaurado.

— Seu ritmo cardíaco é muito lento. — disse Jacques fracamente enquanto se deslizava da beirada da cama até o chão, quando se deu conta que estava sentado ali, ficou perplexo.

— Seu corpo precisa de mais tempo para completar a mudança e curar-se. — acrescentou Celeste, observando como trabalhava Gregori. Sabia que estava presenciando um milagre. Nunca havia estado tão perto do legendário homem dos Cárpatos. Do homem que todos falavam em sussurros. De fato, poucos dos seus estiveram, alguma vez perto de Gregori. O poder e a força emanavam de cada poro de seu corpo.

— Ela está bem. — confirmou Mikhail cansado. — Continuarei respirando por ela e me assegurando que seu coração siga pulsando. Eric, cuide de Jacques.

— Descanse, Mikhail e cuide de sua mulher. Jacques estará bem. Tienn está aqui, se por acaso, apresentar algum problema. Gregori ainda tem por diante muitas horas de trabalho. — respondeu Eric — Se for necessário, podemos chamar outros para que nos ajudem.

Jacques elevou a mão para seu irmão. Mikhail a tomou.

— Deve aplacar sua ira, Mikhail. A tormenta é muito forte. As montanhas rugem com você. — Fechou os olhos e deixou que sua cabeça descansasse sobre a cama. Mikhail ainda segurava sua mão.

Raven se sentia quase alheia ao que acontecia no interior de seu corpo. Através de Mikhail era consciente da presença de outros no aposento, e de seus movimentos. De alguma forma, Mikhail estava com ela no interior de seu corpo, respirando com ela. E havia alguém mais, alguém que não conhecia, mas que também pinçava em seu interior, trabalhando como faria um cirurgião. Reparando as enormes feridas de seu corpo, seus órgãos internos, especialmente seus órgãos reprodutores. Só queria que ele se detivesse, que deixasse a dor inundar e a levar a um lugar onde não sentisse nada. Só queria partir. Estava muito cansada. Seria tão fácil. Desejava.

Rechaçou a paz, tão sedutora, e lutou pela vida. À vida de Mikhail. Queria passar seus dedos pelas rugas de dor que certamente mostraria sua boca. Queria aliviar sua culpa e sua raiva. Assegurar que ela tinha escolhido fazer as coisas a seu modo. Quase era incapaz de fazer frente ao amor que Mikhail demonstrava, total, incondicional. Infinito. E sobre tudo, percebia e era totalmente consciente, das estranhas mudanças que sofria seu corpo.

Nenhum dos que estavam no aposento, a tocou. Estava envolta e totalmente protegida no refúgio do amor de Mikhail. Ele respirava, ela respirava. O coração do Mikhail pulsava, o dela pulsava.

— Dorme, pequena. Eu cuidarei os dois.

Após longas e exaustivas horas, Gregori se ergueu. Seu cabelo estava empapado em suor e o rosto cinzento e sulcado de rugas. O corpo estava dolorido e fatigado.

— Fiz o melhor que pude. Se ela viver, poderá ficar grávida. O sangue de Mikhail e a terra completarão o processo de cura. A mudança está se produzindo rapidamente. Ela não o entende e não está lutando contra. — Passou uma mão, coberta pelo sangue de Raven, no cabelo — Só luta pela vida de Mikhail, só pensa em que ele não morra, na forma em que o afetaria sua própria morte. Acredito que é melhor que não compreenda nada do que está acontecendo realmente. Não sabe a enormidade de seus ferimentos. Sofre muita dor, mas não é uma covarde esta mulher, não foge dele.

Jacques já estava preparando novos cataplasmas para trocar os que já estavam empapadas de sangue.

— Podemos lhe dar mais sangue? Ainda perde mais do que eu gostaria e está tão fraca que temo que não sobreviva a esta noite.

— Sim. — respondeu Gregori com cansaço e seriamente — Mas não mais de um litro ou dois. Devemos fazer isso devagar ou vamos alarmá-la. O que ela aceitaria que fizéssemos com Mikhail, não vai aceitar em seu corpo. Dêem-lhe o meu sangue. É forte como o de Mikhail e ele já está muito fraco tentando manter seus pulmões e seu coração funcionando.

— Está cansado, Gregori. — protestou Jacques. — Aqui há mais gente.

— Mas o sangue não é como a meu. Faz o que digo. — Gregori se sentou tranqüilamente e observou como lhe cravavam a agulha na veia.

Ninguém discutiu com ele. Era a lei e só Mikhail podia considerá-lo como um verdadeiro amigo.

Celeste inspirou ar profundamente, queria dizer algo a Gregori que mostrasse a admiração que sentia por ele, mas o olhar que ele lhe lançou, a deteve.

Gregori era a calma no olho do furacão, mas sua frieza era letal.

Jacques deixou que o prezado líquido vital de Gregori fluísse nas veias de Raven. Não era nem a forma mais rápida nem a melhor para assegurar uma rápida recuperação, mas as sugestões de Gregori acalmaram as preocupações de Jacques. Só quando teve comprovado que o sangue fluía sem problemas, sentou-se. Tinham que se organizar e deixar claros todos os detalhes que deviam ser tomados, com precisão. Mikhail acreditava que esses detalhes salvavam vistas.

— Precisamos avaliar os danos que os nossos tenham sofrido. Todos os assassinos morreram ou algum escapou?

— Hans, o casal americano e o homem que atacou Raven, sim. — Eric foi nomeando — Só morreram os que estavam presentes. Nenhum humano poderia sobreviver à intensidade da

tempestade junto à raiva assassina dos lobos. Se houvesse algum observador inesperado, Mikhail ou os lobos saberiam.

Gregori moveu-se. Estava muito cansado e sua enorme força começava a desvanecer-se devido aos contínuos esforços.

— Não havia ninguém mais. – Disse de forma arrogante como se ninguém fosse questionar sua palavra, e é obvio, ninguém o fez.

Jacques notou que um pequeno sorriso aparecia em seus lábios pela primeira vez durante toda a noite.

— Mas, deixou toda a área limpa, Eric?

— Por completo. Os corpos foram queimados, todos juntos sob uma árvore, como se tivessem procurado refúgio e um raio os tivesse alcançado. Não há rastro de ferimento nos corpos – informou Eric.

— Amanhã enviarão uma equipe de resgate em busca de Hans e os turistas. Byron, sua casa está perto do lugar e os outros assassinos suspeitarão de você. Não te aproxime de lá. Vlad deve tirar Eleanor e o menino desta área.

— Estão em condições de viajar? – perguntou Gregori.

— De carro, sim.

— Façam então durante a noite. Tenho uma casa que uso às vezes, durante o inverno, Está bem protegida e o acesso é difícil, — o sorriso que curvou seus lábios não chegou a seus olhos prateados. – Eu gosto da privacidade e neste momento não está ocupada. Ofereço-a livremente para proteger à mulher e ao bebê

durante todo o tempo que necessitarem. A casa está a mais de cem milhas deste lugar e neste momento me dedico a vagar pelo mundo. Não os incomodarei.

Antes que Vlad pudesse protestar, Jacques deixou o assunto concluído.

— Excelente idéia. Isso soluciona um de nossos problemas. Byron tem seus próprios refúgios. Parta agora, Vlad. Proteja bem a Eleanor. Ela é muito valiosa para todos nós, igual o bebê.

— Devo falar com o Mikhail. Eleanor está muito perturbada por ter colocado em perigo a vida de Raven.

— Mikhail neste momento está fora de si. – disse Jacques, tirando a agulha do corpo inerte de Raven e do braço de Gregori. A respiração de Raven era tão imperceptível que Jacques se perguntava como era possível que Mikhail a mantivesse com vida. – terá que esclarecer coisas em outra ocasião. Ele está sendo forçado a usar todas suas energias para salvar Raven. Sua mulher não pode respirar por si mesmo, neste momento.

Vlad franziu o cenho, mas se submeteu quando Gregori o despediu com um gesto de sua mão. Deveria ter ficado e discutir a decisão com o Jacques. Tinha que ajudar sua companheira a se liberar do sentimento de culpa, mas todos obedeciam Gregori. Era a mão direita de Mikhail e o mais implacável de seus caçadores. O verdadeiro médico, curador, de sua gente. Além disso, custodiava Mikhail como se ele fosse um tesouro.

— Nenhum dos nossos se alimentou esta noite. – assinalou Eric, observando atentamente os pálidos traços de sua mulher. –

Nenhum humano se atreveu a sair.

— É muito arriscado entrar numa casa. – suspirou Jacques, desejando poder se consultar com Mikhail.

— Não o incomode. – disse Gregori – Ela precisa dele, mais que nós. Se ela morrer, o perderemos e nossa raça não terá nenhum futuro. Noelle foi à última mulher que sobreviveu à infância, e fazem quinhentos anos. Necessitamos desta mulher para que perpetue nossa espécie. Devemos ter toda nossa força. Ainda não acabamos com nossos inimigos.

Mikhail se moveu, abrindo os olhos. A tortura continuava ali.

— Não acabamos ainda. Há pelo menos outros dois, embora possivelmente sejam quatro. Eugene Slovensky, Kurt Von Puxem. Não conheço a identidade dos dois restantes ou se realmente estão implicados. Na pensão saberão seus nomes. A Sra. Galvenstein nos proporcionará. – ele baixou os olhos — Os dedos de Mikhail se enterraram no cabelo de Raven, tentando desta forma arrancá-la das garras da morte.

Jacques observou os longos dedos acariciar com amor, o cabelo da mulher.

— Podemos enterrá-la, Gregori?

— Sem dúvida. Aceleraria o processo.

Eric e Jacques desceram para preparar o porão, abrindo a terra com uma simples ordem. No buraco, entravam os dois corpos unidos um ao outro. Transladaram Raven com muito cuidado, Mikhail se manteve a seu lado, sem falar, totalmente concentrado

em seu coração e seus pulmões. Na tênue luz que continha todos os seus desejos de viver.

Inundou-se nas profundidades da terra e imediatamente começou a sentir as propriedades curativas do fértil solo, enquanto a mesma rodeava seu corpo como a um leito.

Com um movimento de suas mãos, Mikhail formou um pequeno túnel sobre suas cabeças e ordenou à terra que os cobrisse por completo. Sentiu como a terra se condensava contra suas pernas e as de Raven, cobria seus corpos e os pressionava para as profundezas.

O coração de Raven deu um salto, perdendo por completo o ritmo, apesar do controle de Mikhail.

— Estou viva! Estão nos enterrando vivos!

— Se acalme, pequena. Procedemos da terra, ela nos cura. Não está aqui sozinha, estou com você.

— Não posso respirar.

— Eu respiro pelos dois.

— Não suporto. Detenha-os.

— A terra possui propriedades curativas, Raven. Deixe-os que trabalhem. Sou um homem dos Cárpatos, sou da terra. Não há nada a temer. Nem o vento, nem a terra, nem a água, nós os dominamos.

— Eu não sou uma mulher dos Cárpatos. — Sua mente estava totalmente embargada por um profundo terror.

— Dominamos a Natureza. Nada pode te fazer mal.

Raven fechou sua mente a Mikhail e começou uma luta frenética que só conseguiria acabar com sua vida. Mikhail reconheceu que discutir seria inútil, ela não aceitava o fato de se sentir rodeada pela terra, de estar enterrada. Saiu imediatamente levando-a em braços, flutuando, forçando seu coração a levar um ritmo mais lento, mais normal.

— Temia que acontecesse. – disse a Jacques que ainda se encontrava no porão. – Nosso sangue corre forte por suas veias, mas sua mente ainda está presa aos limites humanos. Enterrar significa a morte para ela. Não tolera a profundidade da terra.

— Então devemos trazer a terra à superfície. – disse Jacques.

— Está fraca, Jacques. – disse Mikhail apertando Raven contra o peito. Seu rosto se contraiu pelo sofrimento. – Não encontro o sentido do que lhe têm feito.

— Não tem, Mikhail. – respondeu Jacques.

— Fui egoísta com ela, ainda sou egoísta. Deveria tê-la deixado morrer, mas não pude. Deveria havê-la seguido, mas não sei sairia deste mundo, de forma pacífica.

— E se o tivesse feito, o que aconteceria com todos nós? Ela representa a esperança para nós, é nossa única oportunidade. Devemos ter esperança, Mikhail. Sem ela, sem ter esperança, nenhum dos nossos poderá continuar vivendo muito mais. – Jacques parou, na porta do porão. – conseguirei um colchão. Byron,

Eric e eu o cobriremos com a terra mais rica que possamos encontrar.

— Alimentaram-se?

— Ainda é noite, temos muitas horas pela frente.

Dispuseram uma espécie de cama no porão, usaram ervas e incenso e cobriram o colchão com uma grossa camada de terra. Novamente, Mikhail e Raven deitaram juntos. A cabeça de Raven sobre o peito de Mikhail, enquanto ele a rodeava com seus braços. Jacques imprensou a terra ao redor do corpo de Raven, para que chegasse a todos os contornos de seu corpo. Cobriram-nos com uma magra capa de terra, a modo de manta, e jogaram um lençol em cima para que Raven sentisse o tato reconfortante do algodão, no pescoço e na face.

— Mantenha-a tranqüila, Mikhail. – O animou Jacques – As feridas estão cicatrizando, mas ainda perde sangue. Não é muito e podemos lhe dar mais, em algumas horas.

Mikhail roçou sua face com a sedosa cabeça de Raven, fechando os olhos.

— Vá se alimentar, Jacques, antes que desabe. – murmurou com cansaço.

— Irei quando os outros retornarem. Não os deixaremos desprotegidos.

Mikhail fez um movimento de protesto, mas então, um sorriso suavizou os duros contornos de sua boca.

— Me lembre de lhe dar algumas lições, quando me recuperar.

Adormeceu com o som da risada de Jacques em seus ouvidos e com Raven envolta em seus braços.

Fora, a chuva se converteu em fina garoa e o vento havia amainado. As nuvens se afastavam. A terra estava tranqüila depois da série de terremotos. Os gatos, os cães e os animais, normalizaram seu comportamento e os animais selvagens saíram dos refúgios.

Raven despertou pouco a pouco, sentia-se dolorida. Antes de abrir os olhos, avaliou a situação. Estava ferida, deveria estar morta. Estava nos braços de Mikhail e seu vínculo mental era mais forte que nunca. Ele a havia resgatado da morte e se ofereceu para morrer com ela, se ela decidisse partir. Podia escutar os sons da casa sobre sua cabeça, o relaxante som da chuva sobre o telhado e nos vidros das janelas. Alguém se movia pela casa. Se tentasse, saberia com exatidão quem era e em que lugar da casa se encontrava, mas era muito exaustivo concentrar-se tanto.

Devagar, permitiu que o horror do que havia acontecido voltasse a sua cabeça. A mulher dando a luz, o horrível fanatismo que havia levado o brutal assassinato, à loucura. O rosto de Jacob enquanto a golpeava e arrancava sua roupa.

O pequeno grito de alarme fez Mikhail estreitar seu abraço, acariciando-a com o queixo na cabeça.

— Não pense nisso. Deixe-me que te ajude a dormir novamente.

Raven fechou os dedos ao redor do pescoço de Mikhail, precisava sentir a segurança da pulsação dele.

— Não. Quero recordar-me, para superar o que aconteceu.

A irritação de Mikhail foi instantânea e a perturbou enormemente.

— Está fraca, Raven. Precisarás de mais sangue e tem que dormir mais. Seus ferimentos são sérios.

Ela se moveu, elevando um pouco o corpo. A dor a sujeitou.

— Não pude contactar você. Tentei, Mikhail, para ajudar à mulher.

Ele aproximou os dedos de Raven para seus lábios e os apertou num doce beijo.

— Nunca mais voltarei a falhar com você, Raven.

Havia muito mais dor na mente e no coração de Mikhail, que no corpo de Raven.

— Eu decidi segui-los, Mikhail. Eu decidi me implicar e ajudar à mulher. Eu sabia exatamente do que eram capazes todos eles. Não ignorava o que aconteceria. Não o culpo, por favor, não pense que me falhou.

Era difícil falar, custava muito trabalho. Queria dormir, queria o bendito alívio de ter a mente e o corpo livres.

— Me deixe que te ajudar a dormir. – Sussurrou Mikhail com suavidade. Sua voz era uma carícia, seus dedos roçando sua mão, um feitiço.

Raven engoliu o sim que lutava por sair de seus lábios. Não seria uma covarde. Como era possível ainda estar viva? Como? Recordava o terrível momento em que Jacob apertou seus seios. Tudo foi sujo. Sua pele se arrepiou com a lembrança. Queria esfregar-se até que não restasse lembrança do toque asqueroso e de seu rosto, desencaixado pela loucura. Cada estocada da adaga abrindo uma ferida mortal.

A tempestade, os terremotos, o trovão e os relâmpagos. Os lobos saltando sobre os Summers e sobre o Hans. Como era capaz de ver de forma tão clara em sua mente?

A ira de Mikhail. Além de qualquer medida, além dos limites de um corpo físico. Nada era capaz de conter uma fúria tão turbulenta. Saía de seu corpo e alimentava a tormenta, até a terra tremia e se sacudia. Os relâmpagos caíam sobre a terra e a chuva alagava tudo.

Tudo era real? Havia acontecido ou era um horrendo pesadelo? Não. Ela sabia que era real e que estava muito perto de descobrir uma verdade horrível. Havia muita dor, estava muito cansada e Mikhail era seu único consolo. Queria voltar a refugiar-se nele, deixar que ele a protegesse e a mantivesse a salvo, até recuperar as forças. Mikhail se mantinha atento, esperando, deixava-a escolher. Insuflava-lhe calor, amor e proteção, mas ainda assim, ocultava algo em seu interior. Algo que ela não podia acessar.

Raven fechou os olhos e se concentrou. Começou a recordar

Mikhail apareceu repentinamente a seu lado. Seus olhos negros e hipnotizadores cobertos de medo e dor. Seus braços sustentando-a com força, sua mente procurando e encontrando a sua, ordenando que ficasse ali, que se ancorasse a terra embora seu corpo estivesse morrendo. Seu irmão estava ali e havia mais dos seus. Puseram algo sobre seu abdômen, algo que parecia penetrar em seu corpo, quente e cheio de vida. Uma letanía relaxante a rodeava.

O medo e a perplexidade emanavam dos amigos de Mikhail. O sangue de Mikhail, doce, cálido e revitalizante tomou seu corpo, encheu seus órgãos, voltando a dar forma a seus músculos. Não através das veias...

Raven ficou rígida. O sobressalto deixou seu cérebro embotado. Era impossível respirar. Não era a primeira vez que acontecia. E afloraram outras lembranças. A frenética voracidade de Mikhail, sua boca apertada sobre o peito dele, faminta...

— Oh! Deus!

As palavras saíram em estrangulado protesto.

Era verdade, não era uma alucinação. Mas seu cérebro humano rechaçava essa verdade. Era impossível. Não podia ser possível. Estava imersa num pesadelo e a qualquer momento despertaria. Era o que estava acontecendo. Estava misturando tudo. A crença fanática nos vampiros que os assassinos praticavam, junto com os poderes de Mikhail. Mas seus agudos sentidos lhe diziam outra coisa. Diziam-lhe a verdade. Estava tombada em

alguma câmara subterrânea, com terra sob seu corpo e rodeada de terra por todos lados.

Mikhail esperava, permitindo que a mente de Raven reunisse a informação e a analisasse. Não ocultava nada, mesmo quando ela se inundou em suas próprias lembranças. A reação de Raven o surpreendeu. Havia esperado gritos, lágrimas e histeria.

Raven quase saltou do colchão, deixando escapar um pequeno grito de dor. Separou-se dele, sem se importar com as conseqüências que o movimento teria em seu corpo.

Mikhail falou de forma severa. Sua voz soou muito mais brusca do que ele desejara. O temor por sua segurança era muito mais importante que sentir compaixão por ela. Sua ordem a paralisou, apanhando-a indefesa no chão. Só seus olhos estavam vivos, cheios de terror enquanto ele se agachava a seu lado, passando as mãos sobre suas feridas, procurando a extensão do dano ocasionado.

— Relaxe, pequena. Sei que tudo isto é muito traumático para você. — murmurou franzindo o cenho ao ver a quantia de sangue que emanava de três das quatro feridas. Elevou-a em braços, embalando-a perto de seu coração.

-Deixe que eu vá.

Seu pedido soou em sua mente e ecoou em seu coração.

— Jamais. — os traços do rosto do Mikhail eram uma implacável máscara de granito. Ele olhou para as portas do porão,

sobre suas cabeças e elas responderam, abrindo-se de par em par.

Raven fechou os olhos.

— Mikhail, por favor, não posso ser como você.

— Não tem idéia de como sou. – disse ele brandamente, elevando-se no ar até o andar superior, com cuidado de que nada tocasse o corpo de Raven – os humanos misturam a verdade sobre minha raça com histórias de não-mortos, raptos de bebês, assassinatos e vítimas submetidas a torturas. Somos uma raça que pertence à terra, ao céu, ao vento e à água. Como qualquer outra, temos dons e limitações.

Ele não entrou em detalhes sobre a procedência dos vampiros. Ela tinha que saber a verdade, mas não tudo de repente.

Mikhail a levou para um dos quartos de hóspedes, deixando-a com supremo cuidado sobre a cama.

— Não somos os vampiros de seus relatos de terror. Não somos os mortos vivos, pelo amor de Deus. Nós amamos, acreditam em Deus, trabalhamos e prestamos serviço a nossos países. É repugnante ver os humanos pegarem a suas mulheres e a suas crianças. É repugnante ver uma mãe humana abandonar um bebê. Repugna-nos ver os humanos comer a carne dos animais. Para nós, o sangue dá vida, é sagrado. Jamais desonraríamos ao ser humano ou matando-o. Está proibido manter relações sexuais com um humano e depois beber seu sangue, já seja homem ou mulher. Sei que nunca deveria ter tomado seu sangue, errei. Mas foi um engano, porque não expliquei o que podia acontecer. Eu sabia que você é minha verdadeira companheira e que sem você, minha

vida não poderia continuar. Deveria ter mais controle. Pagarei por toda a eternidade, por isso. Não podemos desfazer o que já está feito.

Mikhail elaborou alguns cataplasmas e os colocou de forma precisa sobre os ferimentos. O medo de Raven, sua repulsão a idéia de que ele a havia traído, mordiam-lhe a alma e o forçava a chorar por ela, pelos dois.

— O que fiz com você, não foi o mesmo que ter relações sexuais com uma mulher. Não tivemos simplesmente sexo. Meu corpo a reconheceu como minha companheira. Não havia maneira de ignorar a chamada. Deveria ter escolhido acabar com minha vida. O ritual exige o intercâmbio de sangue. Não é apetite. É um intercâmbio sensual, erótico e formoso que reafirma o amor e a fidelidade. A primeira vez que bebi seu sangue, tomei muita sem pretender, devido ao êxtase no qual me inundei. Estava totalmente fora de controle. Não fiz bem te prender a mim, sem que entendesse por completo, o que significava. Mas permiti que escolhesse. Não pode negar isso.

Raven contemplava seu rosto e notava o sofrimento em seus olhos negros, o medo que sentia por ela. Queria tocá-lo, apagar as rugas de preocupação, lhe assegurar que ela era capaz de enfrentar tudo o que ele estava pedindo, mas que seu cérebro não aceitava suas palavras.

— Teria escolhido a morte, se tivesse permitido partir com você. — Ele afastou o cabelo do rosto, com dedos ternos e gentis. — Você sabe, Raven. O único modo de a salvar era te converter numa de nós. Você escolheu viver.

— Eu não sabia o que estava fazendo.

— Se soubesse, teria escolhido a morte para mim?

Seus olhos azuis, confusos e desconcertados, procuraram o rosto de Mikhail com um olhar obsessivo.

— Me libere, Mikhail. Não quero estar desta forma tão indefesa.

Mikhail cobriu o corpo de Raven com um lençol.

— Seus ferimentos são graves. Precisa de sangue, e do sono reparador para se curar. Não te mova.

Seus olhos o castigavam. Mikhail tocou o queixo de Raven com suavidade. Liberou-a enquanto a olhava atentamente.

— Me responda, pequena. Sabendo o que somos, teria me enviado à eterna escuridão?

Raven fez um esforço supremo para manter-se calma. Parte dela ainda não podia acreditar no que estava acontecendo, enquanto outra lutava por entendê-lo e ser justa.

— Disse a você que podia te aceitar, inclusive te amar como é, Mikhail. E sabia o que dizia. Continuo pensando o mesmo. — Estava fraca que pouco podia falar. — Sei que é um bom homem. Não há maldade em você. Pai Hummer disse que eu não podia te julgar segundo nossos costumes e não o farei, Teria escolhido a vida para você. Amo-o.

Havia muita tristeza em seus olhos, para que ele se sentisse aliviado.

— Mas? – perguntou com suavidade.

— Posso aceitar em você, Mikhail, mas não em mim. Nunca poderia beber sangue. Adoeço em pensar. — Ela umedeceu os lábios secos, com a língua. — Pode voltar a me fazer humana? Possivelmente com uma transfusão?

Mikhail, pesaroso, negou com a cabeça.

— Então, deixe-me morrer. Só eu, não você. Se me amar, deixa que parta.

Os olhos de Mikhail se converteram em duas brasas.

— Não entende. Você é minha vida. Meu coração. Não existe Mikhail sem Raven. Se desejar procurar a eterna escuridão, devo ir com você. Jamais conheci a dor e o êxtase do amor de minha gente até que a conheci. É o ar que respiro, o sangue que corre por minhas veias, minha alegria, minhas lágrimas, meus sentimentos. Não poderia continuar vivendo uma existência nua e vazia. Seria impossível. A tortura que sentiu durante as horas que não podemos nos contactar mentalmente, não seria nada comparado ao inferno que estaria me condenando.

— Mikhail. – Ele sussurrou, angustiada – Eu não pertencço à Estirpe dos Cárpatos.

— Sim, pequena. Por favor, dê tempo para se curar, para absorver tudo o que te aconteceu e se adaptar. – Ele estava pedindo com voz suave e persuasiva.

Raven fechou os olhos para impedir que as lágrimas brotassem de seus olhos.

— Quero dormir.

Ela precisava de mais sangue. A transfusão seria mais singela se ela não fosse consciente do que acontecia. O reparador sono da terra a reconfortaria, em qualquer caso, aceleraria o processo curativo de seu corpo. Misericordiosamente, Mikhail obedeceu a seu pedido e a enviou a um profundo sono.

## Capítulo 10

Raven despertou soluçando, com os braços entrelaçados ao redor do pescoço de Mikhail, apertando-o contra ela e derramando lágrimas ardentes sobre seu peito. Mikhail abraçou-a, para aproximá-la ainda mais, de forma protetora, sujeitando-a tão forte que temia lhe fazer mal. Raven parecia tão frágil e ligeira, disposta a afastar-se voando dele. Deixou-a chorar, enquanto acariciava seu cabelo, para tranquilizá-la.

Quando ela começou a se acalmar, sussurrou palavras ternas em seu próprio idioma. Palavras tranquilizadoras e de esperança. Finalmente, Raven relaxou no refúgio de seu abraço, destroçada e exausta.

— Levará tempo, pequena, mas nos conceda uma oportunidade. Podemos fazer coisas maravilhosas. Pensa nas coisas que poderá desfrutar. Se transformar num animal, voar com os pássaros ou correr livremente com os lobos.

Raven levou seu pequeno punho à boca para afogar um som estrangulado, misturado de pânico e de riso histérica. Mikhail acariciou a parte superior de sua cabeça com o queixo.

— Jamais deixarei que enfrente tudo isto sozinha. Se apóie em minha força.

Raven fechou os olhos ante outra onda de histeria.

— Não compreende a enormidade do que fez. Arrebataste minha própria identidade. Não, Mikhail! Sinto-o protestar em minha mente. O que pensaria se de repente despertasse como um humano, se jamais voltasse a ser um homem dos Cárpatos? Incapaz de voltar a correr livremente ou de voar. Sem poderes especiais, sem poder se curar com a terra, sem a habilidade de poder se comunicar com os animais. Sua própria essência teria desaparecido. Teria que comer carne para sobreviver. — Ela sentiu o repentino asco de Mikhail. — Note, sua raça considera asquerosa a simples idéia. Tenho medo. Contemplo o futuro e me aterrorizo, sou incapaz de pensar. Ouço coisas, sinto coisas. Eu... — sua voz se apagou antes de seguir reconhecendo seus sentimentos — Não nota, Mikhail? Não posso fazer isto, sequer por você.

Mikhail passou os dedos pelos cabelos de Raven, e desenhou um caminho por seu rosto.

— Você dormiu profundamente e ninguém a incomodou. — não disse que ela havia tomado sangue, mais duas vezes, enquanto estava adormecida, que seu corpo já superara a fase da mudança e havia se refugado de todas as toxinas humanas. Mikhail deu-se conta, que Raven devia conhecer certos aspectos de sua forma de vida, bem devagar — Desejas que procuramos o descanso eterno?

Raven lhe golpeou o peito com o punho fechado.

— Nós não Mikhail! Eu.

— Não há você ou eu. Só existe o nós.

— Já não sei quem ou o que sou. — disse ela suspirando para tomar ar e relaxar.

— É Raven, a mulher mais valente e formosa que conheci. — Ele disse com sinceridade, lhe afastando o sedoso cabelo do rosto.

Raven estava tensa, quase rígida pela necessidade de rechaçar as tranqüilas afirmações de Mikhail.

— Posso sobreviver sem tomar sangue? Tomando sucos e cereais?

A mão de Mikhail procurou a do Raven e entrelaçou os dedos com os dela.

— Eu gostaria que fosse assim, mas não é. Deverá tomar sangue para sobreviver.

Raven deixou escapar um pequeno som como negativa sentando-se encurvada longe dele. Era inverossímil e aterrador para poder compreendê-lo. Apegava-se à idéia de que tudo era um pesadelo.

Mikhail se sentou na cama, deixando-a que se afastasse e assim ele pudesse afastar o lençol de seu magro corpo. A mente de Raven bloqueava qualquer possível explicação que proporcionava. Tentando distraí-la, inclinou-se sobre ela para examinar cada uma das pálidas cicatrizes.

— Suas feridas quase estão curadas.

Ela sentou-se, completamente atônita.

— Isso é impossível.

Mikhail afastou as mãos, para que ela pudesse ver os ferimentos. Os olhos azuis aumentaram de tamanho, incrédulos,

enquanto que os de Mikhail se transformaram em brasas ardentes, percorrendo com ardor os seios nus. Raven mordeu o lábio inferior enquanto o rubor se estendia por todo seu corpo. Pegou o lençol, dando um forte puxão, voltou a se cobrir.

Mikhail mostrou os dentes brancos, num sorriso predador, de pura sedução masculina. Inclinou-se ainda mais, sobre o corpo de Raven de modo que acariciou sua orelha com a boca enquanto lhe falava, seu hálito era quente, sedutor e sensual.

— Beije cada centímetro de seu corpo. Estive em todos os lugares de sua mente. – disse enquanto mordiscava o lóbulo da orelha de Raven, provocando um estremecimento por sua costa, – apesar de que devo reconhecer que o rubor fica muito bem em você.

Raven se deu conta de que não podia respirar e que um calor abrasador subia por seu corpo. Apertou a testa contra os fortes músculos do peito de Mikhail para que ele não notasse como seus olhos flamejavam em resposta.

— Mikhail. – o advertiu – Não há como mudar o que sinto, embora tente me seduzir. Sei que não posso dirigir esta situação.

— Ouço seus pensamentos, pequena. Você obstina em fechar sua mente para eu não compreendê-la. – sussurrou as palavras em um tom mortalmente sedutor. – Te darei o que desejas. Não posso suportar mais tempo, vê-la infeliz. – Ele elevou a mão para o próprio peito, por baixo do queixo de Raven, deixando-a imóvel no lugar, onde pulsava seu coração.

O estômago de Raven se contraiu ao adivinhar suas intenções, ao perceber o aroma adocicado do sangue, misturado com seu aroma masculino. Antes que pudesse detê-lo, antes que pudesse sequer protestar, o fluido vital de Mikhail fluía livremente, descendo por seu peito. De forma instintiva, Raven apertou as mãos sobre o pequeno corte.

O medo fez com que o olhasse de modo selvagem, e gritasse de forma frenética.

— Pare, Mikhail. Não faça isto. – as lágrimas molhavam seu rosto. – Por favor, me diga o que devo fazer para te salvar. – havia verdadeiro desespero em sua voz.

— Você pode detê-lo

— Não posso Mikhail. Detenha-o você. Está-me assustando! – disse Raven, apertando o corte, com a força que era capaz, ainda assim o sangue seguia emanando, escorrendo entre seus dedos.

— Sua língua e sua saliva têm o poder de curar.– sua voz era escura e hipnótica. Inclinou-se para trás, como se suas forças fraquejassem. – Mas não se oponha a minha decisão, de tirar minha vida a menos que você deseje viver também, porque me nego a voltar para um mundo de escuridão.

Ela inclinou a cabeça, procurando seu peito com ansiedade e passou a língua pelos corte, selando a incisão como se nunca houvesse existido. Seu cérebro se sentia enojado, mas não seu corpo. Algo selvagem se ergueu em seu interior; seus olhos vagaram sonolentos e sensuais. A paixão se estendeu e seu corpo desejou o contato com o Mikhail, despertou a fome por suas

carícias. Era uma intensa chamada, Raven queria mais, necessitava do êxtase erótico que só Mikhail podia lhe proporcionar.

Mikhail moveu as mãos para segurar com elas, a cabeça de Raven e entrelaçar seu cabelo, colocando-s para trás, até deixar sua garganta totalmente exposta. Moveu os lábios sobre a pele suave onde à pulsação estava vibrando.

— Está segura, Raven? – Foi um sussurro tão sensual que o corpo de Raven se umedeceu em resposta. – Quero que esteja completamente segura. Tem que estar convencida de que esta é sua escolha.

Raven lhe rodeou a cabeça com os braços, embalando-o.

— Sim. – a lembrança da boca de Mikhail sobre sua pele, do prazer ardente que atravessava sua alma, provocou um fluxo de umidade em seu corpo. Ela queria-o. Precisava.

— Entrega-se livremente a mim? – Mikhail disse, enquanto saboreava com a língua, a textura de sua pele, roçando o lugar onde pulsava a veia de seu pescoço, para descer pelo vale de seus seios.

— Mikhail... – seu nome era um pedido. Raven temia que a espera fosse muito para Mikhail e que não pudesse viver, nem respirar, nem se fundir completamente com ela pelo sangue que havia perdido.

Mikhail a elevou com facilidade, para fora, embalando-a entre seus braços. Sugou prazerosamente, um de seus mamilos. Raven ofegou e se arqueou contra ele. Seu corpo reconhecia o selvagem aroma que desprendia de Mikhail e que conquistava a

parte selvagem que despertara em seu interior. O doce aroma do sangue a chamava.

Reconheceu o aroma do ar fresco e abriu os olhos para descobrir a noite, que lhe sussurrava com o mesmo poder sensual que os batimentos do coração de Mikhail. As árvores balançavam sobre de suas cabeças e o vento refrescava seu corpo, avivando sua necessidade.

— Este é nosso mundo, pequena. Sinta sua beleza, ouça sua chamada.

Era como um deslumbrante sonho, os dois rodeados da tênue névoa, formando parte da noite. As estrelas faziam esconderijo sobre o dossel de ramos e folhas. A lua se escondia atrás das nuvens que atravessavam, rápidas, o céu. Raven escutava os sons da vida por todos os lados. A seiva das árvores, o sussurro dos animaizinhos, o bater de asas, o eco do selvagem grito do caçador noturno ao perder sua presa.

Mikhail elevou a cabeça para o céu e deixou sair um selvagem uivo de alegria, que obteve uma rápida resposta. Raven pôde perceber o deleite na réplica dos lobos. Encheu seu coração e em seu interior, a parte selvagem continuou crescendo.

Mikhail a levou por um labirinto de caminhos, para o interior das montanhas, até chegar à entrada de uma caverna que descia às profundezas da terra.

— Ouça-a. – ordenou enquanto passava sob as misteriosas sombras – Ouça como a terra canta para você.

Raven era capaz de distinguir as ricas nervuras de brilhantes minerais, nas paredes que se erguiam sobre o estreito corredor, que emitiam brilhos como se os raios do sol iluminassem o túnel. Podia ouvir o eco de uma correnteza através das múltiplas câmaras. Os morcegos se chamavam uns aos outros e a terra lhes dava boas vindas.

Mikhail a levava com passos firmes e seguros, pelo labirinto de túneis sem dúvidas. Cada passo, os afundava nas profundezas da terra até chegar a uma caverna cheia de vapor. A água caía numa cascata, até uma série de pequenos lagos, rodeados por estalactites que brilhavam como jóias.

Mikhail se dirigiu para lago mais afastado da cascata, onde a água borbulhava como o champanhe, suave e espumosa sobre a pele. Inundou-se na água, com Raven em seus braços, rodeados de vapor.

As pequenas bolhas faziam cócegas sobre a pele sensível, dançando e brincando como dezenas de dedos, formando espuma e acariciando como se fossem línguas travessas. Com movimentos lânguidos e preguiçosos, ele começou a lavar o esbelto corpo de Raven, seus pequenos pés, suas panturrilhas, suas coxas. Raven se deixava acariciar, compassando com movimentos as carícias, fechando os olhos para entregar-se às prazerosas sensações. O sangue dos Cárpatos corria ardente por suas veias. As necessidades e desejos dos homens e mulheres dos Cárpatos lutavam com as limitações e tabus humanos que seu cérebro insistia em lembrar.

As mãos de Mikhail deslizaram sobre o estômago liso de Raven, numa terna carícia. Seus dedos traçaram com adoração,

cada cicatriz, tirando todos os restos dos cataplasmas e de sangue seco. Ele acariciou cada costela, suas costas e finalmente seu rosto e a seu cabelo. Era tão terno e tão suave, que Raven sentia desejos de chorar. Ele ainda não a havia acariciado intimamente, em nenhum lugar, e seu sangue já começava a esquentar, a derreter seu corpo. Suspirava em ter Mikhail em seu interior.

Raven abriu os olhos azuis, sonolentos e provocadores, escurecidos pelo desejo. Inclinou a cabeça para poder olhar o rosto de Mikhail e depois se moveu para lavar seu corpo, como ele fizera com ela. Não tinha intenção de ser apaixonada, mas cada carícia de sua mão estava destinada a inflamar o corpo de Mikhail, a atormentá-lo. Deteve-se nos cachos escuros que cobriam o ventre liso, e depois deslizou seus dedos de forma tentadora até os poderosos músculos de seu peito, limpando até o mínimo rastro de sangue de sua pele. Havia muito sangue e ela estava preocupada, queria que Mikhail se alimentasse para que pudesse repor tudo o que havia perdido.

Uma pequena parte de seu cérebro reconheceu que a idéia deveria ser detestável, ainda assim, seu corpo pedia desesperadamente. Ansiava ter sua boca sobre seu corpo. Sentia-se vorazmente faminta. Suas mãos vagaram até a parte baixa do ventre de Mikhail, detendo-se nos marcados ossos dos quadris.

Sentiu que ele enrijecia todos os músculos e respirava de forma brusca. Um profundo gemido lutava em sair de sua garganta e fazia que Raven sentisse labaredas percorrendo seu corpo. Seus dedos encontraram a dura evidência de sua ereção, atormentando-o e seduzindo-o. Acariciava-o enquanto deslizava a palma da mão

pela suave textura da pele e se fechava a seu redor, comprovando sua dimensão. Mikhail grunhiu pelo esforço que estava lhe custando manter-se sob controle. Desta vez, Raven participaria ativamente do ritual. Não havia maneira de protestar, de que negasse não soubesse o que estava fazendo. Mikhail estendeu as pernas para sustentar-se ante os tremores que Raven estava provocando em seu corpo. Com a língua, ela seguia o percurso de uma gota de água que deslizava do pescoço até o peito.

Raven sentiu como seu corpo se contraía, se fazia cada vez mais pesado e ardente, consumido pela paixão. Deslizou a língua preguiçosa e sensualmente pelo lugar onde pulsava o coração de Mikhail. Sentiu como seu sangue saltava nas veias e acelerava o ritmo para igualar o dela. Enquanto isso, suas mãos o acariciavam, atormentando e prometendo prazeres. Seus cabelos roçavam o corpo de Mikhail, enquanto ela perseguia pequenas gotas de água, cada vez mais baixo. Sentiu que Mikhail estremecia quando provou seu sabor, e que empurrava seu corpo para sentir a suavidade de sua boca. O sentimento de poder que Raven experimentava era incrível. Mikhail enredou as mãos nos cabelos azeviche, enquanto pequenos gemidos selvagens escapavam de sua garganta. Raven lhe arranhava as coxas com as unhas, delicadamente, deixando-o selvagem, provocando a enlouquecer por ela e só pensasse na paixão que ambos sentiam.

Mikhail a levantou, aproximando-a de seu corpo e procurou com as mãos, seu firme traseiro, massageando-o.

— Eu te reclamo como minha companheira.

As palavras saíram num sussurro, como um conjuro de magia negra, de séculos de antigüidade. Subiu as mãos pelas costas de Raven, e se dirigiu a seus seios, rodeando-os por completo para depois descer pela pele acetinada de seu abdômen até encontrar o ninho de cachos negros como a noite.

Raven gritou quando os dedos de Mikhail começaram uma lenta e tortuosa exploração sob a água. Abriu a boca sobre o peito de Mikhail, respirando rapidamente, mas em suaves gemidos. O anseio crescia, alimentando o fogo de seu interior. Algo selvagem e desinibido lutou por sair, por liberar-se. Podia ouvir seus corações pulsando, o sangue de Mikhail que agora a pertencia. Sentiu seu corpo pulsar com vida, com necessidade, com uma fome tão voraz que acreditava precisar de tudo o que ele pudesse lhe dar, para encher-se e se sentir completa. Precisava de sua mente, aquele apetite erótico e insaciável, aquela luxúria que a fazia arder e suspirar por ele. Precisava que seu corpo a possuísse de forma selvagem e sem nenhum tipo de dúvidas.

E precisava de seu... Sangue.

As mãos de Mikhail se fecharam sob a nuca de Raven, impulsionando-a para a margem do lago.

— Pertença-te. Ofereço-te minha vida. Tome o que necessite, o que queira de mim. – ao sussurrar as palavras, abriu a porta a uma necessidade infinita. Seus dedos se moveram agressivos, seu corpo a pressionou sobre o chão, metade na água, metade sobre a terra.

Raven sentiu a suave areia sob ela, enquanto o duro corpo de Mikhail aprisionava o seu. Havia um gesto implacável em seus traços escuros, e uma fome ardente em seus olhos. Quando Raven se introduziu em sua mente, encontrou uma ereção primitiva e selvagem, um animal disposto a reclamar. Um homem dos Cárpatos com a implacável decisão de possuir sua companheira. Também encontrou um amor tão intenso que Raven logo que pôde abrangê-lo. Ternura e adoração. A adoração que um homem sentia pela única mulher que jamais queria perder.

Mikhail afastou os joelhos de Raven quando viu a ciência, a seu compromisso, no fundo de seus olhos azuis. Ela ardia, vibrava de necessidade, lhe oferecendo seu corpo. Penetrou-a com força até o fundo da quente passagem de Raven. O picante aroma feminino, misturado ao masculino, flutuou a seu redor para unir-se ao desejo que os embargava. Mikhail deslizou os dentes e a língua pelo pescoço de Raven, baixando para capturar um dolorido mamilo. Suas mãos reclamavam, exploravam e provocavam cada centímetro do corpo feminino. Mikhail se comportava com rudeza, seus dentes se cravavam sobre a pele suave, sua língua aliviava depois qualquer rastro de dor. Parecia não poder aproximá-la o suficiente. O estreito calor de Raven o envolvia, esticando-o e inflamando-o, alimentando seu desenfreado desejo.

Seu membro se movia dentro de Raven, enchendo-a profundamente, aumentando o ritmo de suas investidas para suavizá-lo deliberadamente, no momento seguinte. Da garganta de Raven, saíam pequenos gemidos, seu corpo pedia aos gritos, a liberação e os aveludados músculos de seu sexo, o apanhavam com ferocidade.

Raven se esfregou de forma frenética contra o corpo de Mikhail, incitando-o a afundar-se nela, ainda mais profundamente, mais rápido, mais forte. Seu sangue era lava ardente e precisava muito mais dele. Tudo. Ansiava por um acoplamento mais profundo, ansiava que a boca de Mikhail se alimentasse dela, queimasse-a, marcasse-a e os unisse para toda a eternidade.

— Mikhail... – ela gemeu.

Ele elevou a cabeça. Os olhos escuros ardiam com fome.

— Pertenço-te, Raven. Tire de mim o que necessite. Eu tirarei de ti.

Mikhail levou a cabeça de Raven até seu peito e sentiu que suas vísceras se encolhiam, inflamando-se com o tato da língua de Raven sobre seus músculos. Seu coração parou, por instantes, quando os dentes de Raven o arranharam, provando-o. Sentia uma dor cadente, um relâmpago azul, de prazer erótico. Seu membro se inflamou, endurecendo-se e aumentando ainda mais, quando Raven cravou seus dentes profundamente.

Mikhail jogou a cabeça para trás experimentando o mais primitivo êxtase. Um gemido de puro prazer escapou de seus lábios. Seu corpo sujeitava o de Raven contra o chão, movendo-se poderosamente sobre ela, inundando-se nela, enquanto Raven o envolvia, aprisionando-o e fechando-se em torno dele, alcançando o clímax seguidamente. Mikhail recuperou o controle. O ritual se completaria e o intercâmbio de sangue seria, desta vez, voluntário.

Enterrando as mãos no cabelo de Raven, segurando-a firmemente, repetiu as palavras que os uniriam.

— Dou-te meu amparo, minha fidelidade, minha mente, meu coração, minha alma e meu corpo. Para compartilhar tudo com você. Sua vida, sua felicidade e seu bem-estar estarão em primeiro lugar para mim. É minha companheira e está, unida a mim para toda a eternidade e sempre sob meu cuidado.

Afastou os cabelos de Raven para observar, com os olhos semicerrados, famintos e vigilantes, como ela fechava as pequenas incisões, enviando com a língua, a chama que dançavam sobre seu corpo quente. Mikhail a beijou com todo o domínio masculino que possuía, abrasou a garganta de Raven com sua boca, até chegar à pulsação desenfreado. Fechou as mãos sobre seus pequenos quadris. Ainda estava dentro de Raven, sentindo seu calor e sua misteriosa feminilidade.

Esperou.

Ela girou a cabeça, lhe oferecendo a garganta.

— Tome o que é teu, Mikhail. Tome o que me pede.

Raven murmurou as palavras numa agonia, de antecipação e necessidade. A incerteza e o anseio, característica do erotismo da raça dos Cárpatos, faziam-na estremecer-se.

Enquanto a penetrava, introduzindo-se por completo e novamente em Raven, ele afundou os dentes com ferocidade em seu pescoço. Ela gritou, envolvendo-o em seus braços, arqueando o corpo para que ele bebesse enquanto entrava nela, afirmando sua posse, seu direito sobre ela, levando-os além dos limites da Terra. O corpo de Raven se fechava em torno do membro de Mikhail, insistente e firmemente, apertado. Mikhail abandonou qualquer

intenção de manter o controle e a tomou segundo seu desejo, penetrando-a selvagememente, até que Raven se tornou agressiva e impetuosa, clamando por ele, até que os pequenos gemidos e o doce sabor do seu sangue levaram seu impetuoso corpo, a beira do abismo. Então Mikhail se desmanchou dentro dela, sentindo pela primeira vez, em toda sua vida, completamente satisfeito, totalmente feliz.

Estavam unidos. Os corações pulsavam selvagememente, respirando trabalhosamente, enquanto longas ondas de prazer seguiam sacudindo seus corpos. Mikhail rolou sobre suas costas, de modo que seu corpo sustentasse Raven, apoiando os seios ainda túrgidos, sobre seu estômago e descansando a cabeça sobre seu peito.

Mikhail acariciou seu cabelo, deixando que o intimidante amor que sentia por ela, a envolvesse. Sentia a fragilidade do momento e não queria se arriscar a pronunciar uma palavra inadequada. Sua mente era um quente refúgio de amor e a compartilhou, desejoso, com ela.

O intenso prazer os separou da realidade durante um bom momento. Raven deleitava-se com a poderosa reação de seu corpo. Cada minúscula célula estava viva e se agitava de satisfação. Não parecia possível poder experimentar tanto prazer. Moveu lentamente a mão para afastar o cabelo do rosto. O pequeno movimento fez com que seus músculos se apertassem em torno dele. Mikhail. Quem era este homem que tão facilmente havia arrebatado sua vida e seu próprio corpo? Raven levantou a cabeça e estudou seu rosto. Ele era um homem belíssimo, másculo,

moreno e misterioso. Seus olhos ocultavam muitos segredos. Sua boca era tão sensual que a deixava sem respiração.

— Me explique o que acabo de fazer, Mikhail.

Os olhos de Mikhail eram dois poços insondáveis, vigilantes.

— Depositaste sua vida em minhas mãos. Descanse tranqüila, pequena, está a salvo comigo.

Ela levou-se a ponta da língua aos lábios subitamente secos. Seu coração martelava no peito, alarmada pela enormidade da decisão que havia tomado. Ainda sentia o sabor de Mikhail na boca, seu aroma em seu corpo, seu sêmen deslizando-se por sua coxa e Mikhail ainda estava com seu membro no interior de seu corpo. Sensual e ardentemente rodeado por ela.

— Qual é meu sabor? – perguntou ele em voz baixa e irresistível, sussurrando com o hálito contra sua pele. O toque da fantasia.

Raven fechou os olhos com força, como uma criança que queria se afastar de tudo.

— Mikhail. — Seu corpo estremeceu, apertando-o ainda mais, ao ouvir sua voz, ao escutar a erótica pergunta.

Mikhail se desvencilhou dela, mantendo seu abraço, enquanto entrava novamente no espumoso lago.

— Diga-me, Raven.

Beijou-a, provocadoramente, na garganta. Eram beijos minúsculos e embriagadores como o vinho.

Raven passou um braço pelo pescoço de Mikhail, entrelaçando os dedos em seus cabelos.

— Como o bosque... Selvagem, indomável e tão erótico que me faz enlouquecer. — a confissão saiu repentinamente, como se ela admitisse um grande pecado.

As bolhas da água, roçavam e estalavam contra seus corpos sensíveis, acariciando suas intimidades. Mikhail deitou-se para trás, levando-a consigo, segura em seu colo. O traseiro de Raven acariciava seu sexo, enviando chamas que corriam por suas veias.

— Você é doce e picante, aditiva e muito sensual. — Ele roçou com os dentes a nuca de Raven, enviando um arrepio de prazer por suas costas.

Raven estava quieta em seus braços, enquanto sua mente rememorava o impacto do que havia feito. Jamais se saciaria de Mikhail. Havia algo selvagem entre eles, que jamais se daria por satisfeita. Raven era incapaz de unir tudo. Sua mente se negava a admitir no que se convertera. Não fazia a menor idéia do que se referia Mikhail, quando dizia "alimentar-se", mas ela só conhecia o que tinha compartilhado com ele. Sempre estava relacionado com o sexo? Ele havia dito que não, mas não se imaginava tomando sangue voluntariamente. Fechou os olhos com força. Não poderia ter com ninguém mais, o que compartilhara com Mikhail. Não podia imaginar-se tomando o sangue de um humano.

Mikhail achegou sua cabeça contra o corpo, massageando seu cabelo. Murmurava com voz muito baixa e irresistível. Precisava de tempo para adaptar-se a seu novo sangue e às intensas

emoções e urgentes necessidades. Havia participado desejosa, do ritual de emparelhamento. Realizara o intercâmbio de sangue sem necessidade de que ele forçasse sua submissão. Estavam irrevogavelmente unidos e não havia nenhuma razão para que se recriminasse ou temesse por seu futuro. Devia deixar que sua mente aceitasse a nova realidade pouco a pouco.

Mikhail foi duramente honesto consigo mesmo. Após de esperar durante séculos por esta mulher, não queria compartilhá-la com ninguém. Jamais havia considerado, que o ato de alimentar-se, fosse algo tão íntimo. Até então, era uma simples necessidade. Mas a imagem de Raven, mordendo o pescoço de outro homem, parecia enlouquecedor. Cada vez que lhe dava seu sangue, se sentia sexualmente excitado, e o possuía, uma sufocante necessidade de protegê-la, rodeá-la de carinhos e atenções. Não conhecia os sentimentos dos outros homens dos Cárpatos, com suas companheiras, mas sabia com certeza, que qualquer homem que se aproximasse de Raven, estaria em sério perigo. A sensação era a mesma que o cérebro e Raven enviava a seu corpo.

Raven se agitou entre os braços de Mikhail, languidamente.

— Estava pensando em algo inquietante e você o separou de minha mente, não é? – disse com um indício de diversão.

Mikhail a liberou para vê-la inundar-se sob a água espumosa, saindo de novo à superfície alguns metros mais longe. Seus enormes olhos se moviam sobre o corpo de Mikhail. Ela estava, definitivamente, provocando ele.

— Começo a pensar que minha primeira impressão a respeito de seu caráter era certa. É arrogante e mandão.

Mikhail se aproximou dela, nadando com braçadas preguiçosas.

— Mas sou muito provocante.

Raven se jogou para trás, salpicando água em seu rosto, com a palma da mão.

— Mantenha-se afastado de mim. Cada vez que se aproxima, possuímos-nos com loucura.

— Esta é uma ocasião excelente para te repreender por colocar sua vida em perigo. Nunca deveria ter seguido os assassinos da pensão. Sabia que eu não poderia te ouvir, se pedisse ajuda. — disse enquanto nadava para ela, tão implacável como um tubarão.

Raven se acovardou e saiu caminhando do pequeno lago, para lançar-se no maior. A água estava fria em contraste com sua pele acalorada. Apontou o dedo para Mikhail, enquanto sua boca se curvava num sorriso.

— Avisei você que ia te ajudar. Mas, de qualquer maneira, se brigar comigo, não tenho outra solução, que lembrar a você, o quanto foi pouco ético ao me prender a você, sem meu consentimento. Diga-me, se eu não tivesse seguido os assassinos e Jacob não me tivesse apunhalado, teria continuado sendo uma mulher humana, verdade?

Mikhail saiu subitamente da piscina, deixando Raven sem fôlego. Ele era magnífico, masculino e poderoso. Ele impulsionou-se

para saltar no ar e mergulhar de cabeça, no lago. O coração de Raven começou a saltar em seu peito, uma vez que sentia seu sangue chamar o dele.

Ele saiu à superfície, por trás de Raven, apanhando-a pela cintura e aproximando-a a ele, mantendo-os flutuando, com suas poderosas pernas. — Ainda continuaria humana. — assentiu com um feitiço de magia negra em sua voz, que enviou uma onda de calor ao corpo de Raven, apesar da frieza da água.

— Se continuasse humana, como você poderia continuar a ser meu companheiro? — Ela empurrou, com o traseiro, o centro do quadril masculino, desfrutando da repentina excitação de comprovar que o corpo de Mikhail se inflamava e endurecia em resposta a seu contato. Apoiou a cabeça sobre o ombro dele.

— Teria escolhido envelhecer com você e morrer quando você morresse. — Sua resposta foi brusca. Uma de suas mãos se fechou sobre um seio, enquanto os cabelos de Raven roçavam seu corpo, enviando dardos de prazer, insuportáveis para Mikhail.

Raven elevou de repente a cabeça, virando-se para enfrentar seu olhar, procurando com os olhos azuis, os misteriosos dos olhos de Mikhail.

— Fala sério? Teria ficado a meu lado enquanto eu envelhecesse?

Mikhail assentiu com a cabeça, tocando sua face com suavidade, numa delicada carícia.

— Teria envelhecido contigo. Quando sua respiração se apagasse, assim teria feito a minha.

Raven moveu a cabeça.

— Como posso resistir a você, se me roubar o coração?

O sorriso de Mikhail fez o coração de Raven bater forte.

— Acredito que não deve resistir, pequena. Sou metade de você. — Ele disse rodeando o pescoço de Raven com as mãos, atraindo-a tão perto dele, que suas bocas se encontraram e se uniram, derretendo-se no beijo, enquanto mergulhavam nas frias águas do lago natural.

Já era tarde da noite, quando Mikhail a levou de volta para casa. Raven se envolveu com rapidez, numa de suas camisas.

— Notou que não tenho roupa aqui?

Apenas podia manter o olhar em Mikhail, porque cada vez que seus negros olhos deslizavam por seu corpo, se sentia enrubescer. Ainda podia sentir o cheiro do corpo de Mikhail no seu, a força de sua posse.

— Preciso voltar para a pensão. Todas minhas coisas estão lá.

As sobrancelhas do Mikhail se elevaram. Era o momento de lhe dizer que realmente, ela não precisava de roupa. Embora, por outro lado, seus objetos pessoais ajudariam ela suportar as mudanças. Ele estendeu um braço para pegar sua própria roupa.

— Estou seguro que a Sra. Galvenstein enviará suas coisas. Vou me assegurar-se que o façam imediatamente. Estarei fora um momento, Raven. Há uns quantos assuntos que preciso esclarecer. Aqui estará a salvo.

Raven elevou o queixo, desafiante.

-Vestirei alguma roupa e irei contigo. Não quero passar outra vez pelo que passei, por que não podia entrar em contato com você. Foi um inferno, Mikhail.

Seus olhos escuros fixaram o rosto de Raven, com ternura.

— Jamais desejei que acontecesse isso, Raven. Gregori me forçou a um sono profundo para me recuperar, pequena, e não pude te responder. Nunca imaginei que...Enviei o Pai Hummer pensando que eu dormiria, mas que poderia sair à superfície, se houvesse necessidade de a proteger.

— Mas não foi o que aconteceu.

Mikhail negou com a cabeça.

— Não, Raven. Gregori me forçou a dormir. Nós não saímos à superfície, se Gregori nos ordena dormir. Ele não sabia nada de você, nem de sua necessidade de sentir meu contato. Foi minha culpa, sinto muito.

— Entendo... – reconheceu Raven – Agora pode ver por que não posso estar com você. Tenho medo, Mikhail. Tenho medo de mim mesma, de você e do que posso fazer.

— Desta vez não, pequena. – disse Mikhail docemente, desejando que tudo fosse de outra maneira. – É essencial encontrar ao resto dos assassinos. Não posso permitir que te espreite nenhum perigo. Aqui estará a salvo. E eu não estou dormindo. Posso me colocar em contato com você, como você comigo, se precisar. Não tem por que estar assustada.

— Eu não sou do tipo de mulher que fica em casa segura porque você ordena. – objetou Raven.

Mikhail deu a volta. Sua figura era imponente, poderosa e seu rosto era uma máscara implacável. Era ameaçador e parecia invencível.

Raven deu um passo para trás, de forma involuntária e os olhos azuis ficaram imediatamente, de uma profunda cor safira.

Mikhail tomou sua mão para aproximá-la dos lábios.

— Não me olhe assim. Estiveram a ponto arrancar você de meu lado. Tem idéia do significado para mim despertar para ouvir seu grito? Sentir seu medo e saber que essa asquerosa forma de homem estava golpeando você? Sabe o que foi sentir como a adaga rasgava seu corpo? Esteve a ponto de morrer em meus braços, Raven. Eu respirava por você e obrigava seu coração a continuar pulsando. Tomei uma decisão, que sabia que você jamais entenderia, e que jamais me perdoaria por isso. Não estou preparado para arriscar sua vida novamente. Poderia entender?

Raven pôde sentir como o corpo de Mikhail estremecia, devido às intensas emoções. Ele envolveu-a em seus braços, aproximando-a dele.

— Por favor, Raven, Me deixe guardar você numa concha, pelo menos, até que consiga apagar essa imagem de minha mente.

Ele entrelaçou os dedos com as espessas mechas, estreitando a esbelta figura de Raven contra seu corpo, aproximando-a tanto dele, o quanto fosse possível, como se desta

forma, pudesse protegê-la de qualquer mal. Raven colocou os braços em pescoço.

— Está bem, Mikhail. Não me acontecerá nada. – disse lhe, acariciando sua garganta com os lábios, tentando fazê-lo sentir seguro, afastar seus medos e de uma vez, também os seus. – Temos que nos adaptar.

O beijo de Mikhail foi terno e doce.

— Precisa ir com calma. Seis dias de descanso e cura não foram suficientes.

— Seis dias? Isso é incrível. Analisaram seu sangue?

Mikhail a soltou, contra vontade.

— Nenhum dos nossos pode se aproximar de um centro médico humano. Nos mesmos, nos cuidamos.

Raven pegou uma escova e começou a desembaraçar o cabelo, ainda úmido.

— Quem era a mulher que estava sob o chão?

O rosto do Mikhail eclipsou, apagando qualquer expressão amável.

— Chama-se Eleanor. Teve um menino. – sua voz carecia de emoção.

Raven se sentou na cama com as pernas cruzadas, inclinando a cabeça enquanto se escovava o cabelo.

— Não gosta de Eleanor?

— Ela traiu você, Raven. Permitiu que essa maldita mulher a ouvisse e eu estive a ponto de te perder por isso. – Mikhail falou enquanto abotoava a camisa, e o simples feito de ver seus longos dedos, realizando a tarefa, deixou Raven fascinada. – Estava sob meu cuidado. O que significa, Raven, que todos os membros de nossa raça devem colocar sua segurança acima de suas vidas.

Raven mordeu o lábio inferior. Podia perceber, sob a aparente falta de emoção de Mikhail, uma fúria implacável dirigida para aquela desconhecida. Os sentimentos de Mikhail eram incrivelmente intensos e até esse momento jamais os havia experimentado. Adaptar-se à nova situação estava difícil, tanto para ele, como para ela.

Raven escolheu as palavras com extremo cuidado.

— Alguma vez viu uma mulher dando a luz, Mikhail? É muito doloroso e causa pavor. Para que a mulher possa manter o controle, deve estar num lugar seguro. Ela temia pela vida do bebê. Por favor, não a julgue com tanta dureza, eu teria ficado histérica, nas mesmas circunstâncias.

Mikhail rodeou o rosto de Raven com as mãos, acariciando sua sedosa pele com os polegares.

— Você é bondosa. Eleanor quase a deixou matar.

— Não, Mikhail. Jacob esteve a ponto de me matar. Eleanor tentou manter-se tranqüila todo o tempo que pôde. Ela não tem culpa, todos nós sim, temos parte de culpa nisto.

Mikhail se afastou um pouco dela.

— Sei que devia ter mantido você a meu lado. Jamais deveria ter enterrado, mesmo precisando dos poderes curativos da terra. Gregori só pensava em me proteger.

Raven viu refletido no espelho, a profunda dor que atravessava o rosto de Mikhail.

— Houve um momento, pequena, quando despertei para ouvir seu grito, que me encontrei preso no chão, incapaz de te ajudar. Minha fúria alimentava a tormenta. Enquanto abria caminho até a superfície, pude sentir cada uma das punhaladas e soube que havia falhado. Nesse momento, Raven, enfrentei algo terrível, selvagem e monstruoso, que vive dentro de mim e que ainda não examinei em detalhe. Se ele a tivesse matado, ninguém, ouça-me por Deus, ninguém mais estaria seguro. — Suas costas estavam rígida e ele controlava a voz, enquanto confessava. — Nem humano, nem homem ou mulher dos Cárpatos. Só posso pedir a Deus, que se acontecer algo parecido, novamente, que Gregori acabe comigo imediatamente.

Raven se levantou e rodeou seu rosto com as mãos.

— Às vezes, o sofrimento faz que todos nós colocamos para fora, o que gostaríamos de ocultar. Ninguém é perfeito. Nem Eleanor, nem eu e tampouco você.

Uma ameaça de sorriso, suavizou seus formosos lábios.

— Vivi durante séculos, suportando caçadas a vampiros, guerras e traições. Até que você chegou a minha vida, jamais havia perdido o controle. Jamais quis alguém... Dessa forma. Jamais tive nada a perder.

Raven segurou a cabeça de Mikhail entre as mãos, até colocá-lo a sua altura e depositou pequenos beijos, com os quais pretendia curar suas dores.

— É um bom homem, Mikhail. – sorriu de forma travessa, com olhos zombeteiros — O que acontece é que possui muito poder e isso não é bom para você. Mas não se preocupe, conheço muito bem a esta garota americana. É muito desrespeitosa e acabará com todo esse toque engomado e arrogante de você.

A resposta de Mikhail, um pouco lenta, foi uma gargalhada que dissipou a tensão de seu corpo. Envolveu-a em seus braços e a levantou do chão, girando com ela enquanto a apertava contra seu corpo. Como sempre acontecia, o coração de Raven começou a pulsar com violência. Suas bocas se uniram e eles continuaram girando pelo quarto, até caírem na cama.

A risada de Raven foi suave.

— Não acredito que possamos...

O corpo de Mikhail já estava sobre o seu e separando suas coxas com o joelho, para ter melhor acesso a seu suave e acolhedor ninho.

— Acredito que, simplesmente, deveria estar nua e me esperando. – ele gemeu enquanto a acariciava para assegurar-se que estava preparada para recebê-lo.

Raven levantou os quadris convidando-o.

— Não estou segura de que saibamos fazer amor numa cama.

A última palavra foi um gemido de prazer. Mikhail acabava de penetrá-la.

Novamente, Mikhail procurou seus lábios e o riso se misturou ao doce sabor da paixão. Acariciou seus seios com posse e enterrou os dedos em seu cabelo. Havia alegria no coração de Raven e em sua mente, compaixão e doçura.

A eternidade junto a ela estaria cheia de suas risadas e de seu entusiasmo pela vida.

Mikhail sorriu pelo simples prazer de poder.

# Capítulo 11

Mikhail estava fora, já duas horas e Raven andava pela casa, familiarizando-se com os aposentos. Gostava da solidão e estava agradecida por dispor de tempo para entender tudo com lógica. Por muito que tentasse, não podia acreditar no que se convertera. A única imagem certa em sua mente era Mikhail. Estava continuamente com ela, invadindo seus pensamentos e afugentando os desvarios que cruzavam por sua cabeça deixando o espaço tão somente para ele.

O sangue de Mikhail corria por suas veias, seu aroma impregnava seu corpo e levava sua marca no peito e na garganta. A cada passo que dava, o movimento de seu corpo lhe recordava que Mikhail a havia possuído. Envolveu-se ainda mais, na camisa dele, para ter mais perto sua presença. Raven sabia que ele se estava bem e vivo, pois ficava em contato freqüentemente, reconfortando-a com sua calma. Deu-se conta, que recebia com agrado, o roçar de sua mente, mais ainda, desejava e estava segura que com Mikhail acontecia o mesmo. Que ele sentia a mesma necessidade imperiosa de unir suas mentes.

Andar pela casa, de repente, se tornou cansativo, uma prisão em vez de um lar. Raven se envolveu numa capa de Mikhail com um suspiro. O grande alpendre a chamava, a noite parecia pronunciar seu nome, convidando-a a sair. Abriu a porta e

subitamente, o ar noturno passou a seu lado, refrescando-a e rodeando-a de misteriosos aromas. Vagou pela varanda, apoiou-se numa das altas colunas e encheu seus pulmões com o ar da noite. Sentiu uma chamada que a atraía e, inconscientemente, afastou-se, caminhando vagorosamente pelo atalho.

A noite cantava e sussurrava em seu ouvido, convidando-a a entrar no bosque. Um mocho assobiou enquanto cruzava o céu, três cervos saíram cautelosamente de seu refúgio para beber a água fria. Raven percebeu sua alegria em estarem vivos, aceitavam sua luta diária no ciclo da vida e da morte. Podia escutar a seiva correndo pelas árvores como a ida e vinda da maré. Seus pés nus sempre encontravam a terra mais macia, evitando os ramos, os espinhos e as rochas. O som da água, do vento e do batimento do coração da terra, chamavam-na.

Tomada numa espécie de transe, Raven vagou sem rumo, envolta na capa negra de Mikhail, seu cabelo solto, negro como a noite, caía em cascata abaixo dos quadris. Era uma figura etérea, com sua pele quase transparente à luz da lua e os enormes olhos de um azul tão profundo que eram quase violeta. A capa se abria de vez em quando, deixando entrever a pele nua de suas torneadas pernas. Sua mente percebeu uma alteração que comprometia a serena beleza da noite.

Sufrimento. Lágrimas.

Raven parou, piscando com rapidez enquanto tentava esquadrihar seus arredores. Estivera vagando, numa espécie de formoso sonho. Voltou-se, olhando para o lugar de onde procediam

às intensas emoções. Inconscientemente, seus pés começaram a se mover e sua mente começou a analisar a informação.

Era um humano. Um homem de uns vinte e poucos anos e estava em profundo sofrimento. Havia ódio em seu coração, contra o pai, confusão e culpa por haver chegado muito tarde. Algo no íntimo de Raven respondeu à assustadora necessidade do rapaz. Ele estava escondido junto a uma enorme árvore, nos confins do bosque. Estava com as pernas encolhidas e ocultava o rosto entre as mãos.

Deliberadamente, Raven fez ruído ao se aproximar. O jovem elevou o rosto sulcado de lágrimas, ao vê-la, seus olhos se aumentaram. Tentou ficar em pé torpemente.

— Por favor, não se levante. — disse Raven em voz baixa e suave como a noite. — Não pretendia o incomodar. Não podia dormir e saí para passear. Você gostaria que me fosse?

Rudy Romanov se encontrou olhando fixamente, com temor reverencial, a uma figura de sonho, que parecia ter saído da névoa. Jamais havia visto uma criatura como ela, tão envolta em mistério como o bosque. As palavras engasgaram em sua garganta. Seria seu sofrimento que a convocara? Será que podia acreditar nas supersticiosas e ridículas histórias que seu pai havia contado? Histórias de vampiros e mulheres da escuridão, de sereias que atraíam os homens, causando sua morte.

O moço a olhava fixamente, como se Raven fosse um fantasma.

— Desculpe-me. – murmurou Raven docemente e deu a volta para deixá-lo sozinho.

— Não! Não se vá. – falava inglês com um forte sotaque. – Por um instante, quando surgiu entre a névoa, não parecia uma mulher, um ser real.

Recordando-se que de como estava vestida sob a capa, Raven se envolveu na grossa malha, ainda mais.

— Você está bem? Quer que chame alguém para te ajudar? O pároco, possivelmente? Sua família?

— Já não tenho ninguém. Sou Rudy Romanov. Deve ter ouvido as notícias sobre meus pais.

Uma imagem atroz tomou a mente de Raven. Viu os lobos saírem do bosque, com os olhos vermelhos brilhando com ferocidade e um enorme lobo negro dirigia-os e jogaram ao chão, Hans Romanov. Da cabeça do jovem, Raven captou a imagem de sua mãe, Heidi, caída sobre a cama com os dedos de seu marido ao redor da garganta. Ficou sem ar por um instante. Este rapaz havia sofrido muito! Seus pais haviam morrido há poucas horas. O fanático de seu pai havia assassinado a sua mãe.

— Estive doente. É a primeira vez que saio em dias. – disse ela aproximando-se dele, sob os extensos ramos das árvores. Não podia lhe dizer a verdade. Não podia dizer que ela estava envolvida nos acontecimentos.

Para Rudy, Raven era um formoso anjo enviado para lhe dar consolo. Ansiava tocar sua pele para comprovar se realmente era tão suave como parecia à luz da lua. Sua voz, provocante, mas

relaxante, parecia um doce sussurro que acalmava e curava sua mente. Engoliu o nó que havia formado em sua garganta.

— Meu pai assassinou a minha mãe. Se eu tivesse voltado para casa um pouco antes... Minha mãe me chamou e me contou, não sei que tolices, que ele ia matar uma mulher. Meu pai imaginava que havia vampiros no povoado, que se alimentavam de nossos vizinhos. Sempre foi um homem muito supersticioso, mas nunca pensei que ficaria completamente louco. Minha mãe me disse que ele, junto com um grupo de fanáticos, estavam perseguindo e caçando vampiros, e que assinalavam importantes membros da comunidade, como objetivos. Pensei que ela estava exagerando, como fazia sempre. — baixou o olhar para suas mãos. — Deveria tê-la ouvido, mas disse que ninguém mais parecia haver se informado do assassinato da mulher. Disse que meu pai tinha mentido, que não era verdade que a tivessem assassinado. Demônios! Possivelmente não o fizessem, mas ele estava louco. Estrangulou minha mãe. Ela morreu com seu rosário entre as mãos.

Rudy se secou os olhos com dedos trêmulos. De algum modo, que ele não conseguia compreender, esta mulher estava em sua mente, lhe dando carinho e tentando que compreendesse o que acontecera. A ilusão era tão real que seu corpo se agitava e foi consciente de que estavam completamente sozinhos. Sem pensar, lhe ocorreu que ninguém sabia que ela estava com ele. A idéia era perturbadoramente excitante, em meio de sua dor.

— Fiquei um dia mais na Universidade porque tinha que fazer um exame muito importante para mim. Não acreditava que meu pai tivesse intenção de matar ninguém, e muito menos, uma

mulher. Minha mãe era parteira. Ela trouxe muitas crianças ao mundo e ajudou muita gente. Eu disse a ela, que iria para casa, e que tentaria saber o que estava acontecendo. Ela queria pedir ajuda ao Pai, mas eu a dissuadi.

— Eu gostaria de tê-la, conhecido. — disse Raven com sinceridade.

— Teria gostado dela, todos a apreciavam. Ela deve ter tentado deter meu pai. À noite da tempestade, ele saiu com um grupo de forasteiros. Foi quando deve ter assassinado minha mãe, antes de abandonar a casa. Assegurou-se que ela não dissesse nada nem o detivesse. Ele morreu ao cair um relâmpago na árvore onde tinha procurado refúgio. Estava irreconhecível, igual a outros, totalmente calcinado.

— Que horrível para você! — Raven passou uma mão pelo cabelo do rapaz, para afastá-los de seu rosto. Um gesto provocador e inocente. Uma combinação poderosa.

A névoa se estendeu do bosque até a casa que estava afastada dos precipícios. Infiltrou-se pela grade de ferro, pulverizando-se pelo pátio de entrada. Condensou-se numa alta coluna, emitindo brilhos e unindo-se, até que o sólido corpo de Mikhail se materializou diante da porta de entrada. Murmurando uma ordem enquanto elevava a mão, desfez o feitiço de segurança e entrou na casa. Soube imediatamente que Raven partira.

Seus olhos eram gelo negro. Mostrou as presas brancas que brilharam sob a luz. Reprimiu um gemido. O primeiro pensamento que lhe ocorreu, foi que alguém a tinha levado, que estava em

perigo. Mandou uma ordem a seus sentinelas, os lobos, para que o ajudassem em sua busca. Inspirando profundamente para se acalmar, permitiu que sua mente a localizasse, identificando o lugar onde se encontrava. Não foi difícil seguir seu rastro, mas ela não estava sozinha. Um humano estava com ela. Um homem.

Foi incapaz de respirar e seu coração estava a ponto de parar. Fechou as mãos apertando os punhos. O abajur que estava a seu lado estalou em pedaços. Lá fora, o vento começou a soprar, formando minúsculos tornados que deslizavam entre as árvores. Mikhail saiu da casa e saltou, desdobrando enormes asas para sulcar o céu. Por baixo dele, os lobos uivaram e começaram a correr em fechada formação.

Planou em silêncio, posando-se sobre os grandes ramos das árvores, em cima de Raven. Ela estava afastando o cabelo da face do rapaz, daquela forma tão dela, provocadora e feminina. Mikhail imediatamente sentiu sua compaixão e a necessidade de consolar o rapaz. Também percebeu que ela estava exausta. O humano estava sofrendo, disso não havia dúvida, mas também estava excitado. Podia ouvir seu coração pulsando desenfreado e o sangue amontoando-se e aumentando sua masculinidade. Mikhail leu seus pensamentos com facilidade. Não eram nada inocentes.

Mikhail se impulsionou para saltar, estava furioso, muito mais furioso que preocupado por ela. Pousou-se no chão, a uma distância prudente de onde eles se encontravam, fora de sua vista, e então começou a aproximar-se a grandes passos. Era uma figura poderosa e enorme que surgia da noite, aparecendo entre as árvores. Viram-no surgir ameaçador e formidável. Os duros ângulos

de seu rosto eram desumanos. Seus olhos brilhavam sem piscar, escuros e mortíferos, com brilhos vermelhos que o acrescentavam um toque feroz, sob a luz da lua.

Rudy se sentiu ameaçado e caiu ao chão, tentando segurar a misteriosa dama com a vaga idéia de protegê-la. Embora Mikhail estivesse a certa distância dos dois, aumentou a velocidade até converter-se numa mancha imprecisa e segurou Raven, antes que Rudy, pegando sua mão para encadeá-la a ele, enquanto a escondia com seu corpo.

— Boa noite, Sr. Romanov – disse Mikhail afavelmente. Seu tom de voz era baixo e sedoso e tanto Raven como Rudy sentiram um calafrio. – Possivelmente seria amável de sua parte, me explicar o que faz sozinho nesta parte do bosque, há estas horas, com minha mulher.

Ao pronunciar a última frase, um lobo uivou de forma sinistra, muito perto deles e o eco ressonou através do bosque, flutuando com a brisa noturna, como uma ameaça.

Raven se moveu inquieta, mas os dedos de Mikhail em sua mão, ameaçavam romper seus ossos.

— Não fale, pequena. Se quiser que este humano veja a luz do sol, me obedecerá. É o filho de Hans Romanov. Em sua mente estão as sementes que seu pai plantou.

Raven estava muito pálida.

— Mikhail, seus pais...

— Meu controle pende de um fio. Não o rompa!

— Sr. Dubrinsky — Rudy o havia reconhecido. Ele podia ser um inimigo implacável ou um valioso amigo. A voz de Mikhail soou tranqüila, calma, mas ainda assim, parecia capaz de assassinar alguém. — Não planejamos isto. Vim aqui porque... — sua voz se desvaneceu. Juraria que tinha visto os lobos rondando entre as árvores e seus olhos brilhavam com a mesma ferocidade que os do caçador que estava plantado diante dele. Com um só olhar a esse rosto desumano, Rudy esqueceu o próprio orgulho. — Eu estava sofrendo. Ela estava passeando e me ouviu.

As silenciosas figuras dos lobos foram aproximando. Mikhail sentiu sua avidez, a chamada do sangue. Empapando-se nesta sensação e misturando-a com os ciúmes, e a besta do interior do Mikhail se elevou, rugindo por ser liberada. O humano proclamava sua inocência, mas a luxúria percorria seu corpo e seu desejo sexual podia cheirar-se. Era simples e fácil para Mikhail, descobrir a sombra da loucura no filho, deixada ali pelo pai.

O escuro olhar de Mikhail percorreu a pequena figura de Raven. Ela fazia seu coração deixar de pulsar, deixá-lo sem fôlego. Raven jamais olhava além da superfície, treinou-se para não procurar o íntimo das pessoas. Mikhail viu sua compaixão, sua tristeza, sua falta de forças e algo mais. Ele havia feito-lhe mal. Viu no profundo dos seus grandes olhos. A dor estava ali junto a um medo muito real, pois sabia que os lobos estavam perto. Raven ouvia como os lobos insistiam para que Mikhail protegesse sua companheira. Para ela, estava sendo um golpe terrível, se dar conta do quanto Mikhail era suscetível à lógica primitiva dos animais. Raven tomava ciência de que havia uma parte animal, muito desenvolvida em Mikhail. Nesse instante, Mikhail a atraiu para seu

lado, rodeando-a com um braço, aproximando-a do calor de seu corpo. Enviou uma silenciosa ordem aos lobos, percebendo sua resistência, sua relutância em obedecer, porque sentiam o antagonismo de Mikhail para o humano, sua própria ânsia de sangue, sua necessidade de eliminar um inimigo que podia ameaçar a segurança de sua companheira.

— Inteirei-me da morte de seus pais. – se obrigou a pronunciar as palavras enquanto protegia Raven com seu abraço. – Sua mãe era uma grande mulher. Sua morte é uma perda irreparável para nossa comunidade. Seu pai e eu tínhamos nossas diferenças, mas jamais desejaria a morte de um homem.

Raven tremia pelo frio e pela revelação da intensa animosidade que Mikhail era capaz de experimentar para qualquer pessoa.

Ela era a luz que limpava sua escuridão e não entendia que Mikhail fosse, acima de tudo, um predador. Ele acariciou-a com a mão, para reconfortá-la. Aumentou a ordem que havia dado aos lobos.

— É melhor que volte para sua casa, Sr. Romanov. Precisa descansar e o bosque não é um lugar seguro. A tormenta deixou aos animais inquietos.

— Obrigado por ser tão amável. – disse Rudy a Raven, com pouca vontade de deixá-la junto a um homem capaz de maior violência.

Mikhail observou como o jovem retornava à segurança do povoado.

— Está gelada, pequena. – disse brandamente.

Raven piscou para afastar as lágrimas, obrigando suas trêmulas pernas a seguir andando, um passo atrás de outro. Não podia olhar para Mikhail, não se atrevia. Só havia saído a desfrutar da noite e então ouvira Romanov. Sua natureza a obrigava a ajudar a outros sempre que fosse possível. Agora, ela tinha colocado em movimento, algo escuro e mortífero em Mikhail, algo que a preocupava profundamente.

Mikhail caminhava intranquilo a seu lado, observando o rosto que ela mantinha, conscientemente, afastado de sua vista.

— Está indo pelo caminho equivocado, Raven. – Ele disse, apoiando a mão em suas estreitas costas, para guiá-la.

Raven se esticou e imediatamente afastou dele e de sua mão.

— Possivelmente não quero voltar, Mikhail. Não te conheço, absolutamente.

Havia mais dor que ira em suas palavras. Mikhail suspirou de forma audível e a alcançou, tomando sua da mão com força.

— Conversaremos em casa, acomodados e aquecidos. Não aqui fora, onde está se congelando. – e sem esperar sua resposta, pegou-a nos braços e se moveu com enorme velocidade. Raven se apertou contra ele, encostando a face em seu ombro. Tiritava de frio e de medo. Medo do Mikhail, de seu futuro e do ser em que se convertera.

Mikhail a levou diretamente ao dormitório, acendeu o fogo com um movimento de sua mão e deixou Raven sobre a cama.

— Pelo menos podia ter colocado sapatos.

Raven se envolveu no amparo da capa de Mikhail e o olhou com os olhos entreabertos.

— Por que? E não me refiro aos sapatos.

Mikhail acendeu as velas e espremeu uma variedade de ervas que encheram o dormitório de uma doçura calmante e reconfortante.

— Sou um homem dos Cárpatos. Por minhas veias corre o sangue da terra. Esperei a minha companheira durante séculos. Os homens dos Cárpatos não gostam que nenhum outro homem se aproxime de suas mulheres. Estou lutando com emoções desconhecidas para mim, Raven. Não são fáceis de controlar e você não se comporta como o faria uma mulher dos Cárpatos. – Seus lábios se curvaram, num pequeno sorriso, enquanto se apoiava de forma indolente sobre a parede. – Não esperava voltar para casa e me encontrar com o fato de que havia partido. Você mesma se põe em perigo, Raven, e isso é algo que os homens de minha estirpe não permitem. E para o cúmulo, encontro você com um humano, com um homem.

— Ele estava sofrendo – disse Raven em voz baixa.

Mikhail deixou escapar um som de surpresa.

— Ele se sentia atraído por você.

Raven piscou, procurando o olhar de Mikhail com os olhos azuis perplexos e inseguros.

— Mas... Não, Mikhail, está equivocado, deve estar equivocado. Eu só tratava de lhe dar consolo. Ele perdeu a seus pais... – Ela parecia estar a ponto de chorar.

Mikhail a silenciou com um gesto de sua mão.

— E você queria estar em sua companhia. Não procurava um encontro sexual, mas precisava de companhia humana, não o negue. Pude sentir essa necessidade em você.

Raven passou a língua pelos lábios, nervosa. Não podia negar. Tinha sido um ato inconsciente por sua parte, mas agora que Mikhail o expressava com palavras, soube que ele estava certo. Havia sentido a necessidade de ter companhia humana. Mikhail era intenso e seu mundo tão estranho. Raven odiava lhe fazer mal, odiava tê-lo levado ao limite de seu controle.

— Sinto muito. Não pretendia mais que dar um curto passeio. Quando o ouvi, senti a necessidade de me assegurar que estava bem. Não sabia, Mikhail. Juro que não sabia que inconscientemente procurava companhia humana.

— Não estou a culpando, pequena. – Sua voz era tão terna que Raven sentiu derreter seu coração. – Posso ler suas lembranças com facilidade. Sei quais eram suas intenções. E jamais a culparia por ter uma natureza compassiva.

— Suponho que temos dificuldades a enfrentar. – disse Raven com suavidade. – Não posso ser o que você quer que seja, Mikhail. Você usa a palavra “humano” como se fosse uma maldição,

considera-os inferiores a você. Alguma vez pensou que tem preconceito com minha raça? Pode ser que por minhas veias, hoje, corra o sangue dos Cárpatos, mas minha mente e meu coração são humanos. Não tinha intenção de trair você, saí para passear, isso é tudo. Sinto muito, Mikhail é que em toda a minha vida conheci a liberdade e mesmo que meu sangue seja diferente, não vai fazer que eu seja diferente.

Mikhail passeava de um lado para outro, com energia contida, exsudando poder e coordenação, com movimentos rápidos.

— Não tenho nenhum preconceito. — negou.

— É óbvio que tem. Você olha minha raça com ódio, Mikhail. Teria ficado contente se eu tivesse usado o sangue de Romanov para me alimentar? É aceitável usá-lo como alimento, mas não para manter uma conversa amável?

— Eu não gosto da imagem que tem de mim, Raven. — Mikhail disse, cruzando o aposento para tirar a capa de Raven. O ambiente era quente e cheirava a natureza, a bosques e prados.

Raven tirou a capa dos ombros, contra vontade. Mikhail franziu o cenho ao notar que ela estava só com a camisa branca. Embora chegasse aos joelhos e cobrisse seu traseiro, uma generosa porção das coxas ficava à mostra, por baixo da abertura. O efeito era incrivelmente provocante, somado à aos longos cabelos que caíam em desordenadas ondas por seu esbelto corpo, roçando a cama. Mikhail soltou um juramento em voz baixa. Poucas palavras em sua própria língua, mas agradecia aos céus, por não ter notado que debaixo da capa, ela só estava de camisa. Provavelmente teria

despedaçado a garganta de Romanov se soubesse. A idéia de Raven aproximando-se do moço, sorrindo, hipnotizando-o com seus olhos de sereia para inclinar a cabeça sobre seu pescoço, roçá-lo com sua boca, sua língua, seus dentes... As vísceras de Mikhail se retorceram, rebelando-se. Ele passou uma mão pelo cabelo, pendurou a capa no armário e encheu o antigo lavamãos e a jarra, com água temperada. Quando conseguiu ter, sua imaginação sob controle, foi capaz de respondê-la com sua habitual ternura.

— Não pequena. Depois de pensar, não posso dizer teria ficado contente se você se alimentasse dele.

— Não é o que devo fazer? Uma mulher dos Cárpatos converte os humanos despreparados em suas presas? – Raven falou, as raiais do pranto.

Mikhail levou a água até a beirada da cama e se ajoelhou diante dela.

— Estou tentando compreender meus sentimentos, Raven, porque não têm nenhum sentido. – e ele começou a lavar os pés dela, com suavidade. – Quero sua felicidade acima de tudo, mas sinto a necessidade de te proteger. – suas mãos eram ternas, ao tirar todo o rastro de terra.

Raven baixou a cabeça, esfregando-as têmporas.

— Eu sei, Mikhail, e inclusive o entendo. É que sempre vou ser assim, sou impulsiva. Acontecem-me coisas de repente. Num momento, quero fazer voar um cometa e é no seguinte que me verá fazer.

— Por que não ficou em casa? Pedi a você, tempo para lutar contra o medo que tenho de te perder. — Sua voz era tão suave que os olhos de Raven se encheram de lágrimas.

Acariciou-lhe o cabelo escuro com as pontas dos dedos, sentindo uma surda dor na garganta.

— Queria sair no alpendre, na varanda, para tomar ar fresco. Não tinha nenhuma outra idéia, mas à noite me chamou...

Mikhail elevou o olhar, com os olhos negros quentes, pelos sentimentos que despertava.

— Foi por minha culpa. Deveria ter disposto feitiços de amparo nas portas.

— Mikhail, sou capaz de me cuidar. — os olhos azuis eram sérios, transparecendo a verdade de suas palavras. Realmente, Mikhail não devia se preocupar.

Ele fez o que pôde para ocultar um sorriso. Raven era muito boa e sempre pensava no bem dos outros.

— É a mulher mais formosa do mundo, Raven. Não existe nada de mesquinaria em você, não é?

Raven o olhou, indignada.

— É obvio que sim. Não sorria dessa forma, Mikhail. Posso ser tão mesquinha quando preciso ser. De qualquer forma, o que tem que ver isso com o que estávamos falando?

Mikhail subiu a mão pelo corpo de Raven, por baixo da seda de sua camisa.

— Estávamos falando de que preciso proteger à única pessoa que me importa. À única pessoa que conheço, que só vê bondade nos outros.

— Nem todo mundo é bom. – negou ela, surpresa pelo fato de que Mikhail tivesse essa imagem dela. – Sabia que Margaret Summers era uma fanática.

A mão de Mikhail subiu ainda mais para acariciar a suave pele do seio de Raven, para rodeá-lo com a palma da mão. Ele estava com os olhos totalmente negros, com um profundo olhar pela emoção que o embargava.

— Lembre que a defendeu.

Raven não conseguia que respirar, por causa da ociosa e indolente exploração que Mikhail estava fazendo em seu corpo. Estava além do fato físico, sentia-a em seu interior, admirando-a embora quisesse dobrar sua vontade. Sentia-o em seu corpo, roçando sua mente e acariciando seu coração. Raven notava como os sentimentos que Mikhail possuía por ela, cresciam até quase consumi-lo.

Mikhail deixou escapar um ligeiro suspiro.

— Não chegarei a nenhum lugar desta forma, não é? Sempre consegue me desarmar. Sou o líder de minha gente, Raven. Não posso consentir isto. Não tenho outra opção que delegar ordens.

Raven elevou as sobrancelhas.

— Ordens? – Repetiu — Acredita que vai me dar ordens?

— É obvio. É o único recurso que me resta para não me tornar um bobo diante dos meus. A menos, é claro, que tenha uma idéia melhor – o riso se percebia em seus olhos.

— O que tenho que fazer para me divorciar de você?

— Sinto muito, pequena. – respondeu moderadamente – Não sei o que significa essa palavra. Diga-a em meu idioma, por favor.

— Sabe muito bem que seu inglês é muito melhor que meus conhecimentos de seu idioma. – disse Raven — Como se separa um companheiro do outro? Ir cada um para seu lado. Separar-se. Não continuar vivendo juntos.

O brilho de diversão em seus olhos se converteu em júbilo.

— Não existe, e se existisse, Raven. – Mikhail disse inclinando-se para se aproximar, até que Raven sentiu seu hálito na face. – Jamais eu te deixaria partir.

Raven parecia muito inocente, com os olhos totalmente abertos. A mão de Mikhail sobre seu seio e seu polegar acariciando um mamilo faziam dificultava sua respiração.

— Só estava tentando te ajudar. A realeza tem poucas opções, tem que levar em conta, a opinião das pessoas. Pode confiar em que eu te ajudarei a refletir sobre estes assuntos, Mikhail.

A risada de Mikhail foi maliciosa e masculina.

— Suponho que devo estar agradecido por ter uma companheira tão inteligente. – disse ele, enquanto seus dedos

desabotoavam um botão da camisa de Raven. Só um, para abrir um pequeno espaço, por onde continuar sua preguiçosa exploração.

Raven ficou sem fôlego. Mikhail não estava fazendo nada que não fosse tocá-la, mas suas carícias eram tão ternas e deixavam ver tanto amor, que Raven se derretia.

— Tento compreender seu estilo de vida, Mikhail, de verdade. Mas acredito que meu coração ainda não o capta. – disse tentando ser sincera – Não sei nada de suas leis ou de seus costumes. Nem sequer sei que é na realidade, nem o que eu sou agora. Ainda me vejo como uma humana. Nem sequer estamos casados aos olhos de Deus ou das pessoas.

Mikhail jogou a cabeça para trás e soltou uma gostosa gargalhada.

— Crê que essa frágil cerimônia humana é um vínculo mais profundo que um verdadeiro ritual dos Cárpatos? Ainda tem muito que aprender sobre nós.

Raven se mordeu o lábio inferior.

— Te passou pela cabeça, que possivelmente, eu não sinta nenhum vínculo mediante esse ritual? Tem pouca consideração pelas coisas que para mim são sagradas.

— Raven! – Estava atônito. — Isso é o que pensa? Que não tenho respeito por suas crenças? Não é certo.

Raven baixou a cabeça, de modo que seu sedoso cabelo ocultou a expressão de seu rosto.

— Sabemos tão pouco um do outro. Não sei nada do ser em que me converti. Como posso satisfazer suas necessidades ou as minhas se nem sequer souber o que ou quem sou?

Mikhail permaneceu em silêncio. Seus insondáveis olhos escuros estudavam o rosto triste e o sofrimento nos olhos de Raven.

— Possivelmente haja algo de verdade em suas palavras, pequena. — disse enquanto seguia com uma mão os contornos de seu corpo, o estreito talhe, a pequena cintura, até chegar a seu rosto. — Olho para você e contemplo um milagre. A maciez de sua pele, a forma em que se move, como a água quando flui, o roçar de seu cabelo como a seda, o modo em que seu corpo envolve ao meu, me enchendo por completo, me dando a força que preciso para continuar com uma tarefa que parece inútil, mas ainda assim é necessária. Contemplo-a, formosa, com um corpo perfeito e feito para mim...

Raven se moveu inquieta, mas Mikhail a manteve onde estava, elevando seu queixo para que ela visse seus olhos.

— Mas não é seu corpo o que me cativa, Raven. Não é sua pele sem mácula, nem a perfeição de nossos corpos quando nos unimos. É quando me uno mentalmente a você, quando vejo quem é realmente. Dou-me conta do milagre que é. Posso te dizer quem é. É a compaixão personificada. É a ternura. É uma mulher valente que está com vontade de arriscar sua vida por um completo estranho. É uma mulher que usa o dom que lhe causa grande dor, para ajudar os outros. Não indício de dúvida em sua entrega, você é assim. Há tanta luz em você, que brilha através de seus olhos e sua

pele a irradia por seus poros de tal maneira que qualquer pessoa que te contemplar, pode notar facilmente sua bondade.

Raven continuou olhá-lo fixamente, perdida em seus hipnóticos olhos negros. Mikhail pegou sua mão, beijou-a, para logo deslizar a mão, sob sua camisa e colocar onde seu coração pulsava com força.

— Olhe-me, Raven. Olhe meu coração e minha alma. Una sua mente à minha e me olhe como sou. Conhece como sou.

Mikhail esperou em silêncio. Um instante. Outro. Sentiu a repentina decisão de Raven de conhecer o ser ao que se unira, que era seu companheiro. Sua mente fez uma pequena tentativa, a princípio, um roçar ligeiro e delicado, como a asa de uma mariposa. Foi cuidadosa ao mover-se através de suas lembranças, temendo descobrir algo que pudesse ferir Mikhail. Ele percebeu seu gemido quando viu a crescente escuridão. O monstro que habitava em seu interior, a mancha de sua alma. As mortes e as batalhas, das que ele era responsável. A crua feiúra de sua existência antes que ela chegasse a sua vida. A solidão que o devorava, que devorava a todos os homens de sua raça, o absoluto vazio que suportavam século após século. Raven viu sua decisão em não perdê-la, jamais. Seu caráter possessivo, seus instintos animais. Tudo o que Mikhail era estava ali, diante dela. Mikhail não ocultou nada, nem as mortes que ele tinha perpetrado nem as que tinha ordenado, nem sua completa certeza de que mataria a qualquer um que a separasse de seu lado.

Raven afastou sua mente, seus olhos azuis estavam cravados nos de Mikhail, que sentiu seu coração começar a pulsar

loucamente. Não havia condenação nos olhos de Raven, só uma serena calma.

— Você viu a fera que está presa por toda a eternidade. Somos predadores, pequena e a escuridão que cresce em nós, só encontra equilíbrio na luz de nossas mulheres.

As mãos de Raven, suaves e amorosas, rodearam o pescoço de Mikhail.

— Que lutas terríveis vocês sofrem, e especialmente você. Ter que tomar tantas decisões de vida ou de morte, sentenciar amigos ou membros de sua família, deve ser uma carga insuportável. Você é forte, Mikhail e sua gente, faz bem em acreditar em você. O monstro que te enfrenta dia a dia é parte de você. Possivelmente é o que te faz ser forte e decidido. Tem uma visão negativa, dessa parte de sua. Pensa que é má, quando na verdade é a que te dá o poder, a habilidade e a força que necessita para fazer o que deve fazer por sua gente.

Mikhail baixou a cabeça. Não queria que Raven visse a expressão de seus olhos e o que suas palavras significavam para ele. Sentia algo em sua garganta, que ameaçava asfixiá-lo. Não a merecia, jamais a mereceria. Ela era generosa... Enquanto ele queria mantê-la cativa e obrigá-la a encontrar uma forma de viver com ele.

— Mikhail, – Raven disse com voz fraca, enquanto roçava seu queixo com os lábios – eu estava sozinha até que você apareceu em minha vida. – Sua boca encontrou o canto dos lábios masculinos. – Ninguém me conhecia, ninguém sabia quem era

realmente e as pessoas me temiam, porque sabia coisas deles e eles não eram capazes de saber o mesmo de mim. – Ela o envolveu em seus braços, reconfortando-o como se ele fosse uma criança. – É tão horrível me querer para você, sabendo que junto a mim acabaria sua terrível solidão? Realmente acredita que deve se condenar por isso? Amo você. Sabe que te amo incondicional e totalmente. Aceito o que você é.

Mikhail passou uma mão pelo cabelo.

— Não posso controlar minhas emoções, Raven. Não posso te perder. Não tem idéia de como era minha vida, sem a luz do sol, sem risos. Séculos de completa solidão. Sei que um monstro vive em mim. Torna-se mais poderoso a cada ano que vive. Temo por Gregori. Ele é vinte e cinco anos mais jovem que eu, mas leva o peso de séculos de caçar não-mortos. Asila-se conscientemente dos seus e às vezes não o vejo até cinqüenta anos. Nem me chegam notícias dele. Seu poder é imenso e a escuridão cresce nele. É uma existência vazia, fria, dura e implacável e o monstro sempre luta no interior para liberar-se. Você é minha salvação. É tudo tão novo para mim neste momento. O medo de te perder está muito recente. Não sei o que faria, se tentassem afastar você de meu lado.

A mão de Raven encontrou a sua, entrelaçando os dedos.

— Noelle deu a luz a um menino. Eleanor também. Não há mulheres que aliviem o negro vazio dos homens. E Gregori é o que mais o sofre. Vaga pela terra aprendendo seus segredos, fazendo experiências que ninguém se atreve a questionar. Não diz a ninguém, mas ele possui muito mais poder e conhecimentos que eu. Jamais tivemos uma razão para nos enfrentar e ele sempre vem

a mim, quando precisa, mas percebo seu distanciamento. – Mikhail disse, enquanto esfregava os olhos com cansaço. — O que posso fazer? Cedo ou tarde fará sua escolha. E de qualquer forma o perderemos.

— Não o entendo.

— Quando nos alimentamos, a sensação de poder sobre a vida do outro ser é muito aditiva e se torna fácil seduzir a nossas vítimas... Ninguém pode sobreviver à escuridão e ao desespero durante mil anos. Gregori vive desde as cruzadas até que o homem pôs o pé na lua, sempre lutando com o monstro que habita nele. A única salvação que temos é achar nossa companheira. E se Gregori não a encontrar, procurará o amanhecer ou sucumbirá à transformação. Temo o pior.

— O que é a transformação?

— Matar por simples prazer, pelo poder que supõe. Converter-se no vampiro que os humanos reconhecem. Utilizar às mulheres antes de alimentar-se delas, obrigando-as a converter-se.— respondeu Mikhail duramente. Gregori e ele haviam caçado juntos em várias ocasiões, seus próprios amigos que se transformaram, e haviam descoberto, o quanto podiam ser depravado um homem dos Cárpatos transformado em vampiro.

— Teria que deter Gregori? – O medo a transpassou como uma flecha ardente. Começava a compreender a complexidade da vida de Mikhail – Disse que era mais poderoso que você.

— Sem dúvida. Tem liberdade de ação e muita mais experiência em caçar e perseguir os não-mortos. Aprendeu muito,

viveu em todos os lugares da terra. Seu tremendo poder só é ultrapassado por sua imensa solidão. Gregori é para mim um irmão, mais que um amigo. Estivemos juntos desde o começo. Não desejaria falhar com ele ou ter que o caçar. Eu não gostaria de ter que medir minhas forças com ele. Ele lutou em numerosas batalhas por mim, e junto a mim. Compartilhamos nosso sangue, curamos-nos um ao outro. Protegemos um ao outro quando precisamos.

— E Jacques? – Ela começava a sentir carinho pelo homem que tanto se parecia com Mikhail.

Mikhail se levantou e o verteu a água. Parecia cansado.

— Meu irmão é duzentos anos mais jovem que eu. É forte, sábio e muito perigoso em certas circunstâncias. O sangue de nossos antigos corre forte por suas veias. Jacques viaja, estuda e se for necessário, não vacilaria em tomar a seu cargo, a responsabilidade dos nossos.

— Leva o peso de sua gente sobre as costas. – a voz de Raven era um murmúrio. Acariciava o cabelo castanho escuro com suavidade.

Mikhail se sentou com cuidado, observando-a com olhos cansados.

— Somos uma raça que desaparece, pequena. Temo que só estou atrasando o inevitável. Dois dos assassinos escaparam. Os outros dois suspeitos, Antón Fabrezo e Dieter Hodkins também partiram no trem. Corre a voz entre os nossos, mas desapareceram. Ouvi rumores de um grupo organizado de caçadores de vampiros

que surgiu recentemente. Se estes homens se juntarem a verdadeiros cientistas, seriam ainda mais perigosos.

— Sei que a Raça dos Cárpatos provém da terra e que sua forma de cura está apoiada na terra, em seus poderes naturais. Mas, Mikhail, possivelmente o ressentimento e os preconceitos que tem contra a raça humana, têm feito passar por cima de algumas de suas vantagens.

— Insiste em acreditar que tenho preconceitos, mas não é assim. Eu gosto de muitos humanos. – disse Mikhail enquanto se precavia, que não podia resistir a desabotoar os botões da camisa que cobria o corpo nu de Raven. Em seu interior havia algo profundo, primitivo, que o fazia desejar olhá-la, saber que podia e quando tivesse vontade.

Raven lhe sorriu, afastando o cabelo do rosto, com seu gesto provocador. O movimento abriu sua camisa, e a pele nua atraiu Mikhail. Seus seios arredondados se elevaram apetitosamente para desaparecer sob uma nuvem que seda. A visão o deixou sem fôlego.

— Me escute, meu amor. Ter vários quantos amigos e sentir carinho por certos indivíduos de uma raça, não quer dizer que não tenha preconceitos. Viveste com suas habilidades tanto tempo que acha que está certo. Somente por poder controlar a mente humana e usar os homens...

Mikhail ofegou, perplexo ante o fato que ela pudesse pensar tal coisa. Fechou a mão sobre o tornozelo de Raven que estava sobre a cama.

— Nunca tratei aos humanos mal. Muitos deles são meus amigos, embora Gregori e outros pensem que estou louco. Observo-os crescer e desejo poder sentir o que eles sentem. Não, pequena... Não acredito que os trate mal.

Raven inclinou a cabeça, olhando atentamente com seus enormes olhos de safira.

— Possivelmente não os trata assim, mas sinto o que você sente, Mikhail. Pode ocultar isso de você mesmo, mas eu vejo com clareza. — suavizou suas palavras com um sorriso — Sei que não quer se sentir superior, mas é excessivamente fácil nos controlar.

Mikhail expressou seu desacordo com um gemido.

— Falhei cada vez que tentava te controlar. Não tem nem idéia da tentação que supõe, forçar sua submissão, cada vez que se coloca em perigo. Devia ter seguido meus instintos... Mas não, permiti você voltar para a pensão.

— O amor que sente por mim, fazia você retroceder. — Ela disse enquanto se estirava para tocar o cabelo de Mikhail — Não deveria ser sempre assim entre duas pessoas? Se realmente amar o que sou e quer me ver feliz, então deve saber que tenho de fazer o que surge em mim de forma natural, o que acredito que é correto.

Mikhail lhe acariciou o pescoço com um dedo, descendo por garganta até o vale entre seus seios, fazendo-a estremecer com o repentino calor de seu toque.

— Isso é certo, pequena, mas também acontece o mesmo com minhas necessidades. Não posso fazer mais que conseguir que

seja feliz. E minha felicidade depende completamente de sua segurança.

Raven não pôde evitar sorrir.

— Acredito que isso demonstra sua natureza matreira. É possível que precise examinar atentamente a ingenuidade dos humanos. Confia tanto em seus dons, Mikhail, mas os humanos devem encontrar outras formas de fazer as coisas. Estamos unindo dois mundos. Se decidirmos ter um bebê...

Ele se mexeu, inquieto. Os olhos escuros emitiam brilhos.

Raven captou o decreto implacável do homem dos Cárpatos antes que Mikhail pudesse ocultar-lhe.

— Terá.

— Se decidimos ter um bebê algum dia... – Raven insistiu, ignorando sua autoridade – e se for um menino, o educaremos nos dois mundos. E se for uma menina, será educada com liberdade de pensamento, para que desenvolva suas próprias idéias. Estou falando sério, Mikhail. Jamais, me ouça, jamais consentirei trazer um bebê a este mundo para que se converta em uma égua de cria para qualquer desses homens. Ela será consciente de seu próprio poder e escolherá sua própria vida.

— Nossas mulheres tomam suas próprias decisões. – disse Mikhail em voz baixa.

— Estou segura de que existe algum tipo de ritual, que assegure que ela escolha ao homem adequado. – imaginou Raven –

Me dará sua palavra de que está de acordo comigo ou jamais verá um bebê em meu seio.

Mikhail acariciou seu rosto com as pontas dos dedos.

— Quero sua felicidade acima de tudo e também quero que meu bebê seja feliz. Temos anos para pensar em tudo. Quando aprendermos a manter o equilíbrio entre os dois mundos e saibamos que chegou a hora, estarei absolutamente de acordo contigo.

— Sabe que vou cobrar o que falou. – Ela o advertiu.

Mikhail sorriu, acariciando o rosto de Raven entre suas mãos.

— Conforme passar os anos, sua força e seu poder aumentarão. Já está me aterrorizando, Raven. Não sei se meu coração agüentará os anos que virão.

Ela riu e sua gargalhada soou como uma melodia. As mãos de Mikhail seguraram seus seios, abrangendo-os, enquanto inclinava a cabeça ante a tentadora oferta. Sua boca estava úmida, quente e necessitada. Seus dentes morderam a pele sensível. O cabelo de Mikhail acariciou o torso de Raven como centenas de pequenas línguas. Ela deitou-se para trás, para apoiar-se sobre a cabeceira, e passou os braços em volta de Mikhail.

Mikhail deitou na cama com a cabeça sobre o colo de Raven.

— Vai colocar meu ordenado e certinho mundo, de pernas para o ar, não é?

Entrelaçando os dedos em seus cabelos e desfrutando de do tato sedoso de seus cabelos, sobre a pele nua de seus quadris e suas coxas, Raven brincou.

— Realmente, tenho intenção de fazer o melhor que posso. Sua gente precisa entrar neste século.

Mikhail sentiu como seu corpo relaxava e a paz o invadia, suavizando a terrível tensão. A beleza da alma de Raven penetrou nele. Como podia cobrar sua necessidade de chegar a alguém que sofria, quando tinha sido essa mesma compaixão que o tinha arrancado das escuras sombras, para um mundo cheio de luz e alegria? Podia sentir dor e ira, mas ao menos, era capaz de sentir alguma coisa. Uma emoção imensa. Alegria. Luxúria. Desejo sexual. Amor.

— É minha vida, pequena. Pediremos ao Pai Hummer que nos case segundo seus costumes. – seus dentes brancos brilharam ao sorrir, os olhos escuros estavam quentes pelo regozijo. – Aceitarei o matrimônio como um vínculo e você apagará a palavra “divorcio”, junto a seu significado, de sua memória. Isso me fará feliz. – disse ele sorrindo com aquela dissimulação masculina, brincando com ela.

Raven traçou com o dedo, a curva do queixo forte.

— Como acertas as coisas, para que tudo se solucione a seu favor?

A mão de Mikhail encontrou a suave pele de sua coxa.

— Não tenho a resposta, pequena. Possivelmente seja puro talento – disse voltando a cabeça para separar com a boca a

abertura da camisa, envolvendo-se com a pele nua do corpo de Raven.

Um gemido escapou da garganta de Raven ao sentir a língua de Mikhail sobre sua pele. Moveu as pernas para que ele pudesse se acomodar e afundou os dedos no cabelo castanho escuro.

Mikhail intensificou sua carícia, fazendo Raven estremecer de prazer. Podia sentir seu próprio sangue arder e correr com rápida e selvagem excitação. Podia sentir a alegria cantando por suas veias. Rodeou com seus braços os quadris dela, para aproximá-la ainda mais, tocando-a com sua língua. Pretendia tomar-se seu tempo, lhe dar muito prazer.

Ela era sua mulher, sua companheira e ninguém podia lhe proporcionar o êxtase que ela lhe dava.

## Capítulo 12

O dormitório do Mikhail estava situado sob o subsolo da casa. Tudo estava silencioso e escuro como uma tumba. Mikhail e Raven estavam juntos na enorme cama, seus corpos entrelaçados. Uma perna de Mikhail descansava sobre a coxa de Raven e seu enorme corpo a protegia, mantendo-a abraçada muito perto de seu coração. O silêncio no quarto era sepulcral, sequer podiam ouvir suas respirações. Seus corpos pareciam carecer de vida.

A casa parecia estar inerte, silenciosa como se contesse a respiração, esperando a que chegasse a noite. Os raios do sol penetravam através das janelas e pulverizavam sua luz sobre os livros encadernados em pele, sobre os mosaicos do chão na entrada, criando uma neblina dourada sobre a madeira.

Sem advertência prévia, Mikhail começou a respirar, para ouvir-se um sibilar lento e longo, lembrando o som de uma serpente venenosa preparada para atacar. Os olhos escuros se abriram de par em par, malévolos, brilhando com a fome do predador, com a fúria de um lobo preso. Os movimentos de seu corpo eram lentos, precisava repor sua força com um profundo sono. Unido como estava ao ciclo da noite e o dia, soube imediatamente que era meio-dia e que o duro e implacável sol estava em seu ponto mais alto e letal.

Algo estava errado. Algo havia conseguido penetrar nas profundezas de seu sono e o havia despertado, embora precisasse continuar dormindo. Seus dedos se crisparam e longas unhas, semelhantes a garras rasgaram o colchão. Faltavam muitas horas até o pôr-do-sol. Esquadrinhou os arredores, numa meticulosa busca. A casa vibrava com a repentina tensão e o ar se agitava com inquietação. Os alicerces pareciam se encolher de terror ante a ameaça invisível.

Além da grade de ferro, fora da casa, Rudy Romanov passeava inquieto de um lado para outro. Seu coração estava enegrecido pela fúria, igual a sua mente. A cada quatro passos, golpeava os grossos e retorcidos barrotes de ferro da grade, furioso e frustrado, com um taco de beisebol.

— Demônio! Não-morto! — O vento arrastava as palavras para a casa.

Mikhail grunhiu, seu corpo estava ainda preso nas neblinas do sono, mas seus instintos estavam plenamente em alerta. Seus lábios se contraíram, num silencioso grunhido, deixando à vista as presas. Ouviu-se outro longo assobio.

Em sua mente, ressonavam as acusações lançadas com fúria, por Rudy.

— Encontrei as provas reunidas por meu pai durante anos. Tudo! Tudo está aí. A lista de seus serventes, maldito. Assassino! Ímpio! Monstro! Transformou a essa formosa mulher em sua pervertida escrava! Teria-me usado para somar suas hostes.

Eram a loucura provocada pelo sofrimento e a ira, misturadas a um desejo fanático de vingança. Rudy Romanov acreditava em tudo o que seu pai tinha entesourado como provas e tinha vindo a matar o vampiro que governava sobre todos outros. Mikhail compreendeu imediatamente o perigo. O ar estava espesso. Chamou Raven, roçando sua mente numa carícia tenra.

— Acorde, meu amor. Estamos em perigo.

Raven começou a respirar, devagar e de forma irregular. Com a advertência de Mikhail na cabeça, comprovou a ameaça, automaticamente, no interior do dormitório. Sentia seu corpo murcho e sem vida, precisava urgentemente continuar dormindo. Seu cérebro parecia estar embotado e não entender nada.

-Romanov está junto à grade.

Raven piscou, tentando limpar a neblina que envolvia seu cérebro.

— Hans Romanov está morto.

— Seu filho vive, está lá fora. Sinto sua ira e seu ódio. É perigoso. O sol está em seu ponto alto e estamos muito fracos. Não pode entrar, mas tampouco podemos sair.

Custou-lhe um considerável esforço e uma enorme concentração, o simples feito de esfregar o rosto contra o peludo peito de Mikhail. Tentou limpar a garganta.

— Posso abrir a porta e ver o que ele quer. Direi-lhe que você está trabalhando, sentirá-se como um imbecil e irá embora.

Mikhail embalou a cabeça de Raven, ela ainda pensava como uma humana, inconsciente do terrível preço que pagavam, por serem imortais.

— Ainda está aturdida, não o ouve. Seu estado mental é terrivelmente perigoso.

Raven não fazia a menor idéia do preço que pagaria por amá-lo. O sol a destruiria, se encontrasse força para sair da cama.

Ela se aconchegou ao corpo de Mikhail como uma gata, sua necessidade de dormir era assustadora.

— Ouça-me, pequena. Deve permanecer acordada! — A ordem foi imperiosa. Mikhail a abraçava com toda a força de seu amor e da necessidade de protegê-la.

Raven levantou os olhos para poder esquadrihar os arredores. A ira de Rudy Romanov parecia ter vida própria e exigia sua morte. Raven sentiu a como golpeava com força em sua mente.

— Ele está louco, Mikhail. – disse, elevando a mão com um movimento difícil e lento, tentando colocar em ordem seu espesso cabelo. O ar era muito denso ou ela estava excessivamente fraca. O que acontecia é que o simples gesto lhe exigiu uma intensa concentração.

– Ontem à noite, ele foi tão doce, sofria pela morte de sua mãe, mas agora está convencido de que somos seus inimigos. É um homem culto, Mikhail. É por minha culpa que estamos agora em perigo, por me haver aproximado dele? Devo ter feito alguma coisa que lhe fez suspeitar. – a mente de Raven estava nublada pela culpa.

Mikhail esfregou seu queixo contra o cabelo de Raven.

— Não fez, pequena. Rudy encontrou alguma coisa entre os papéis de seu pai. Ontem à noite não suspeitava nada, somente sofria. Algo o convenceu que as acusações de seu pai estavam certas. Acredita que somos vampiros.

— Não acredito que alguém vai acreditar nele, embora mostre as evidências que supostamente tem. Pensarão que ainda está aturdido pela dor. – Raven temia pela segurança de Rudy, tanto como a de Mikhail e ela.

Mikhail lhe acariciou o queixo com dedos ternos. Era característico dela sentir pena por um homem que tinha na mente, o desejo de acabar com suas vidas. Subitamente, o corpo de Mikhail sacudiu ao lado de Raven. A casa encolheu de medo e gemeu silenciosamente, um milésimo de segundo antes que a primeira explosão chegasse a seus ouvidos.

Sobre eles, no primeiro piso, os cristais das janelas estalaram em pedaços. Os antigos móveis se fizeram em lascas. Alguns instantes depois, outra explosão fez tremer a casa, destruindo a parede da ala norte.

As presas de Mikhail brilharam na escuridão. O assobio de sua respiração era uma promessa de vingança. O aroma acre e rançoso da fumaça se introduziu através do teto, enchendo a casa, tornando-se cada vez mais espesso, até formar uma nuvem que fazia ardessem seus olhos e chorassem. No primeiro andar, as chamas começaram a queimar e crepitar com avidez sobre os livros e os quadros. Sobre o presente e o passado de Mikhail. Línguas

vermelhas e alaranjadas que consumiam vorazmente os pertences que Mikhail havia entesourado durante os longos séculos de sua existência. Rudy queria destruí-lo tudo, sem saber que Mikhail possuía muitas casas, com muitos mais tesouros.

— Mikhail! – Raven sentia a angústia de seu companheiro ao presenciar a morte de sua casa predileta, devorada pelas chamas. Os pútridos aromas do ódio, do medo e a fumaça, se misturavam na casa.

— Devemos descer. A casa acabará por cair. – na mente de Raven, ouvia-se a dureza e a frieza de Mikhail.

Raven tentou sentar-se, mas seus movimentos eram penosamente lentos.

— Temos que sair da casa. Se descermos, ficaremos presos entre o chão e as chamas.

— O sol está alto, temos que nos enterrar. – seu abraço se fez perceptivelmente mais intenso, na intenção de valorizar o que Raven precisava para confrontar o que deviam que fazer. – Não temos outra escolha.

— Vá você, Mikhail. – disse Raven enquanto o medo a dominava. Em seu estado, se sentia uma inutilidade. Ainda que tentasse se mover para descer para o porão, não poderia nunca se enterrar viva. Estaria completamente louca, quando voltasse para a superfície. Definitivamente, não podia se comprometer, mas tinha que incentivar Mikhail para que ele fizesse. Ele era muito importante, sua gente precisava dele.

— Vamos os dois juntos, meu amor. — Ele introduziu força em sua voz. Uma força que seus músculos não deixavam notar, pois suas extremidades pareciam pesar como chumbo. Custou-lhe um tremendo esforço levantar-se da cama. Seu corpo se plantou no chão, pesadamente. — Vamos, podemos fazer isto.

A fumaça, agora era mais espessa e o quarto estava quente como um forno. O teto começou a enegrecer-se de forma ameaçadora. Eles estavam com os olhos doloridos pela fumaça e chorosos.

— Raven! — a ordem foi terminante.

Raven saiu da cama fazendo rodar o corpo, caindo no chão com tanta força, que ficou sem ar nos pulmões. Sentia em sua cabeça, milhares de alarmes soando de uma vez. Havia muito fumaça e a casa rugia sobre suas cabeças.

Raven se moveu, passo a passo, seguindo os dolentes movimentos de Mikhail sobre o chão.

Arrastavam-se, pois se sentiam muito fracos e não conseguiam usar os joelhos ou as mãos. Deitados no chão e usando os braços para se arrastarem, chegaram à entrada oculta do porão. Raven teria feito o que fosse para levar Mikhail a um lugar seguro.

O calor do incêndio sugava todo o ar, de modo que seus corpos estavam banhados em suor e seus pulmões ardiavam e trabalhavam com supremo esforço. Mesmo unindo suas forças, parecia impossível levantarem a tampa que protegia a entrada.

— Concentre-se, — disse Mikhail, instruindo-a — use sua vontade.

Raven deixou de lado o medo, a fumaça o fogo, a agonia e a ira de Mikhail pelo incêndio de seu lar. E a fera que se elevava em seu interior. Concentrou seus pensamentos, centrando-se na pesada tampa. Com infinita lentidão, ela começou a se mover. A princípio foi um leve rangido de metal e madeira, uma espécie de protesto. Mikhail alimentou sua força e poder com a de Raven e finalmente, a tampa se abriu, mas com muita dificuldade.

Ficou à vista, o enorme buraco que descia até o porão. Deixaram-se caírem exaustos, um sobre o outro, abraçando-se durante um instante, com os corações pulsando freneticamente e os pulmões abrasados pelas nuvens de fumaça que giravam a seu redor.

Os escombros do telhado começaram a cair sobre o teto que ainda se mantinha intacto sobre suas cabeças. O fogo rugia como um monstro gigantesco, num incêndio dantesco e temível. Raven deslizou a mão na de Mikhail. Ele a rodeou com seus dedos.

— O telhado veio abaixo e o teto do primeiro piso não demorará a fazê-lo.

— Baixe você, Mikhail. Esperarei aqui todo o tempo que possa. — O abismo sob seus pés era tão aterrorizante, como o incêndio.

— Os dois juntos. — A ordem de Mikhail era lei.

Raven sentiu a mudança que se produzira nele. Já não era um homem carinhoso, mas um dominante homem dos Cárpatos, uma fera que reunia toda a sua força e esperava. Um inimigo estava destroçando seu lar e seus pertences, ameaçando a vida de

sua companheira. Mikhail deixou escapar o ar entre seus dentes, num som mortal e lento que fez o coração de Raven pulsar forte. Com ela sempre era doce, tenro e amoroso. Ante ela agora, a fera havia sido liberada.

Raven engoliu o medo, fechou os olhos e acalmou sua mente. Tinha que encontrar a forma de descer para esse tenebroso lugar, sob o porão, por Mikhail. Como sempre, ele se introduziu em sua mente, de forma poderosa.

— Pode fazer isto, meu amor. É leve como uma pluma e ligeira que pode flutua no ar. – Ele construiu a sensação para ela e Raven sentiu seu corpo leve como o ar, imaterial. Mantendo os olhos fechados, notou como o ar se agitava suavemente a seu redor, refrescando sua pele. Sentia Mikhail em sua mente, não obstante seu corpo não era mais que um efêmero vestígio entrelaçado ao dele.

A escuridão os envolveu, acariciando-os e guiando-os até o fértil solo. Raven abriu os olhos, atônita e encantada de se ver pisando na terra do porão. Havia flutuado no ar como uma pluma. Era uma experiência estimulante, e durante um instante, o prazer que sentiu afastou o medo e o horror do fogo. Haviã movido um objeto pesado somente com a mente, e agora, acabavam de transpassar o ar, flutuando como a brisa. Apoiou-se em Mikhail, estava exausta.

— Não posso acreditar no que acabamos de fazer. Baixamos, flutuando de verdade. – Num abrir e fechar de olhos afastou a destruição que a rodeava e se deleitou na maravilhosa sensação de ter se convertido em um novo ser.

Mikhail a aproximou mais em reposta, rodeando com os braços seu esbelto corpo para protegê-la com o seu, muito mais poderoso. A sensação de júbilo se apagou. Estava no interior de Mikhail igual a ele estava dentro dela e percebeu seu frio, amargo e desumano propósito. Não se parecia em nada ao fogo ardente de sua raiva negra. Era pior, muito pior. Este Mikhail era um homem dos Cárpatos em todo seu poder, mortífero como qualquer mítico vampiro. A total falta de emoção, a enorme força de sua vontade de aço e sua firme determinação, mostrava que ele se vingaria rápido e brutalmente. Não havia meio termo. Romanov tinha passado a ser seu inimigo e seria destruído.

-Mikhail. – disse, enchendo a mente de Mikhail de paz e compaixão. – Perder seu lar desta forma, todas as coisas que o rodearam e reconfortou durante tanto tempo, deve ser como perder parte de você. – o consolou esfregando seu rosto sobre o poderoso peito. – É um momento terrível para nós dois, um momento terrível em nossas vidas, mas podemos reconstruí-lo, de modo que fique mais forte que nunca.

Mikhail apoiou o queixo na cabeça de Raven, enviando onda atrás onda, de amor e carinho, com sua mente. Mas em seu interior, ainda aninhava aquela intensa frieza que as palavras de Raven não haviam conseguido dissipar. Só ela despertava sua ternura, com o resto do mundo não havia mais lei que matar ou morrer.

Raven tentou novamente.

— O sofrimento consegue que as pessoas façam coisas estranhas. Rudy Romanov perdeu seus pais, brutalmente. Seu pai assassinou a própria esposa. Algo que Rudy tenha achado... Fez que

o ache culpado pelo que aconteceu. Provavelmente se reprove por ter pensado que seu pai estava louco. O que ele está fazendo é terrível, mas não é pior que o que você fez aos assassinos de sua irmã.

— Não estava pensando em minha irmã quando lutei contra os assassinos. – os pensamentos de Mikhail eram crus. — Não pode comparar. Os assassinos nos atacaram primeiro. Teria deixado eles tranquilos, se não tivessem vindo depois. Falhei-te uma vez, pequena, hoje não voltarei a falhar.

— Aqui estamos a salvo. As pessoas do povoado devem apagar o incêndio e provavelmente internem Rudy em um hospital, ou o levem a prisão. Pensarão que está louco e não se preocupe pelo fato de que as pessoas pensem que morremos no incêndio, ao não encontrarem nossos corpos. Podemos dizer que fomos visitar celeste e Eric, organizando os preparativos para as bodas.

Ela não o entendia e Mikhail não sabia como lhe dizer que não estavam a salvo. O fogo rugia sobre suas cabeças, consumindo o chão do andar inferior tão rapidamente como havia feito com os pisos superiores. Em pouco tempo, se veriam obrigados a procurar refúgio nas profundezas da terra. E tampouco, tinha a segurança de que, unindo suas forças, pudessem abrir um buraco para os dois. Ou tampouco podia forçá-la a dormir profundamente. Seus poderes estavam diminuídos, eram quase inexistentes há esta hora dia.

Viveriam ou morreriam juntos. Estariam obrigados a permanecerem deitados no chão. Raven teria que suportar o fato de estar enterrada com vida, durante as horas que subtraíam até o pôr-do-sol, e ainda restavam muitas horas. Rudy Romanov infligira

uma insuportável tortura a Raven. Mikhail conhecia seu mais profundo temor, a asfixia. Separou os lábios, em outro silencioso grunhido. A morte de seu lar, que ele tanto amava, poderia ser perdoada, mas não poder fazer nada junto a uma atormentada Raven, durante a angústia do enterro, não havia perdão possível.

Os pensamentos de Raven se centravam em Mikhail, na perda que estava sofrendo. Sentia compaixão por Romanov, e a preocupava, a possibilidade de que outras pessoas estivessem em perigo por causa das provas que Rudy possuía.

Se Mikhail tivesse força suficiente, a teria beijado, mas o fez com a mente. Em seu beijo psíquico, conjurou todo seu amor e sua admiração pela compaixão, pelo amor incondicional e a generosidade de Raven.

Os olhos azuis se aumentaram, com matizes de profundo violeta e docemente sonolentos, ao sentir os beijos de Mikhail.

Sentia tanto amor... Fechou os olhos durante um instante, saboreando o momento, Raven conseguia que ele se sentisse amado e cuidado. Não havia se sentido assim, durante séculos, e se sentia profundamente agradecido de ter vivido tantos anos para poder encontrar uma verdadeira companheira.

O rugido do incêndio se fez ainda mais forte. Uma viga caiu sobre o teto da estadia onde se encontrava, e as faíscas se pulverizaram sobre eles através da tampa e junto a elas, se introduziu também a fumaça e o pestilento aroma da morte.

A morte de seu lar.

— Não temos outra opção, meu amor. – Mikhail soube ser muito terno. – Devemos nos enterrar.

Raven fechou os olhos, em seu interior, surgiu o pânico.

— Mikhail, amo você.

Suas palavras estavam cheias de sofrimento, de aceitação do inevitável. E o inevitável era a morte, não revisto. Queria fazer tudo o que ele necessitasse, mas estava além de suas forças, a terra não a tragaría estando ainda com vida.

Mikhail não podia perder tempo em discussões.

— Aumente minha ordem com as forças que ainda restam em você. Deixe que fluam para mim, ou serei incapaz de abrir a terra.

Raven faria qualquer coisa para salvá-lo. Se ele precisava de suas últimas forças, que assim fosse. Aumentou sua ordem sem dúvida alguma, com um amor total e generoso.

A terra se abriu ao lado de Mikhail, deixando um buraco que parecia ter sido escavado com limpeza. O aroma do solo era fresco e relaxante, e Mikhail se sentia profundamente atraído. Entretanto, Raven sentia o autêntico terror subindo em espiral por seu corpo, ante a úmida escuridão. Tentou manter sua mente calma.

— Vá você primeiro. – sabia que não poderia o seguir, e que era essencial que Mikhail acreditasse o contrário, de outra forma não haveria modo de o salvar.

Em um abrir e fechar de olhos, Mikhail girou sobre seu corpo, levando Raven encerrada em seus braços e se arrastou até a

abertura, deixando-se envolver nos amorosos braços da terra. Sentiu o mudo grito de Raven ressonando em sua própria mente. Endureceu seu coração para não ceder ante o violento medo que tomava Raven, e usou suas últimas forças para fechar o solo sobre eles. Ser uma tênue sombra na mente de Raven, lhe permitia conhecer todas e cada uma de suas intenções. Ela não pretendia se enterrar com ele.

Raven gritava. Mikhail a sentia selvagem e fora de controle em sua mente. Era um terror ancestral, inerente ao ser humano. Raven suplicava, rogava-lhe, mas ele se limitava a mantê-la cativa entre seus braços, absorvendo as feitas ondas de pânico. A mente de Raven era só pânico e caos, Mikhail estava exausto. Havia usado as poucas forças que restaram, para colocar os dois a salvo.

Durante todos os séculos de sua vida, jamais havia conhecido o significado da palavra ódio. Conheceu-o ali, deitado e sentindo-se incapaz de enviar Raven ao esquecimento, com sua casa ardendo sobre sua cabeça e vendo Raven se encaminhar para as raias da loucura. Novamente ela havia escolhido a vida para os dois, e essa decisão custara um enorme sofrimento a ela. Se quisesse ajudá-la, tinha que reunir forças, e a única forma de obtê-la era desconectar-se por completo dela e cair no rejuvenescedor sono dos imortais, permitindo que a terra o revigorasse. Uma nova onda de ódio o pegou, totalmente.

— Raven. — Até seu forte vínculo psíquico, agora estava difícil de pôr em prática. — Pequena, ralentize seu coração, una seus batimentos do coração aos meus. Não precisará de ar, não tente respirar.

Mas Raven não o ouvia. Ela lutava desesperadamente para conseguir um pouco de ar onde não havia nenhum. A sensação de ter sido traída se uniu ao pânico e à histeria, Mikhail usaria sua mente para dobrá-la, decidiria por ela.

Mikhail decidiu não dormir, ao contrário, manteve-se alerta com as mãos entrelaçadas no cabelo de Raven e o corpo absorvendo as propriedades curativas da terra. Não a deixaria enfrentar só, o que ela considerava um enterro. Estava decidido a compartilhar seu terrível trauma, o tempo como durasse sua tortura. O caos mental de Raven, pareceu durar uma eternidade. Quando seu corpo se esgotou por completo, ficando totalmente exausta, começou a asfixiar-se e de sua garganta brotou um horrível grito.

— Raven! — a voz de Mikhail foi imperiosa, mas seus poderes eram uma mera sombra e o medo dela excessivamente grande. Mikhail podia sentir como a garganta de Raven se fechava, sentia-o como se fosse a sua própria, e ouvia seus terríveis estertores da morte.

Selou sua mente um instante, permitindo que a terra o abraçasse, que o banhasse em seu bálsamo curativo. A terra lhe sussurrava brandamente, cantarolava-lhe uma espécie de canção de ninar que se introduzia em seu corpo, o revitalizando e lhe devolvendo a energia. Proveu-lhe da tranquilidade necessária para enfrentar a tortura de Raven.

— Me sinta a seu lado, pequena, me sinta.

Sua mente ainda era um caos e a sensação de asfixia continuava

— Me sinta Raven, te conecte comigo. — estava sendo muito paciente. Era a calma do olho do furacão. — Raven, não está sozinha, estou em sua mente, contigo. Tranqüilize-se e conecta comigo um momento. Bloqueie sua mente e busca-me.

— Mikhail... — Ela estava furiosa, ferida, aos pedaços. — Não posso suportar isto. Ajude-me. Por você.

— Se entregue a mim.

Não mencionou o lugar onde se encontravam. Enviou à mente de Raven a sensação de sua crescente força e a promessa de ajuda e descanso. Sua mente estava cheia de amor e poder. Ela precisava acreditar nele, precisava unir sua mente à dele, para poder perceber os poderes curativos da terra, como ele estava fazendo.

Raven sabia que ficaria louca. Sempre a tinham aterrorizado os lugares fechados. Não importava que Mikhail assegurasse que não precisasse de ar, ela precisava. Bloquear o medo e o terror ao saber estar enterrada nas profundezas da terra, custou várias tentativas e toda a disciplina que foi capaz de convocar. Arrastou-se até a mente de Mikhail, entregando-se a última tentativa e se isolou da realidade, daquilo no que se convertera, pelo que tinha que fazer para sobreviver.

Mikhail mantinha a flutuação com muita dificuldade. Notava-a leviana e ligeira em sua mente. Muito tranqüila, sem aceitar os poderes curativos da terra, mas sem lutar contra a

situação em que se encontrava. Não respondeu a suas perguntas. Ele a percebia como um pequeno floco de neve, enrolado em sua mente.

Levou um momento para perceber uma ligeira onda de poder, um estremecimento, como se um olho, através de uma bola de cristal, observasse-os a seu lado. Não estavam sozinhos. A presença agitou sua mente, contactando com ele.

Era um homem dos Cárpatos. Muito poderoso.

Gregori.

— Está bem, meu amigo.

Mikhail pôde perceber a fria ameaça. Conheciam-se muito bem, após tantos séculos unidos contra a adversidade.

Gregori não havia perguntado, e Mikhail estava muito surpreso, realmente perplexo, ante a conexão mental de Gregori. Raven e ele estavam profundamente na terra, o sol estava alto e todos os seus deviam estar fracos. Como Gregori era capaz de realizar essa façanha? Ninguém era capaz, nem nas lendas antigas, de tempos remotos.

— Sua mulher precisa dormir, Mikhail. Permita-me te ajudar.

Ele estava muito longe, Mikhail pôde detectá-lo, mas ainda assim, a conexão psíquica entre eles era forte. Se Gregori obrigasse Raven a dormir, daria-lhe poder sobre ela. Mikhail estava indeciso. Podia confiar em Gregori? Seus poderes eram tremendos.

Escutou uma risada carente de humor.

— Ela não sobreviverá, Mikhail. Mesmo contigo a seu lado, suas limitações humanas superam seu desejo de ajudá-la.

— E nesta distância pode fazer? É seguro? Afastará-a da tortura, sem cometer nenhum engano? – no fundo, Mikhail desejava que ele estivesse certo. Gregori era seu curador e se estava dizendo que Raven não sobreviveria ao enterro, somente confirmava suas piores suspeitas.

— Sim, através de você. É a única pessoa deste planeta, para quem jurei fidelidade, Mikhail. Sempre tiveste minha lealdade, é meu amigo e minha família. Até que sua companheira ou alguém me entregue à minha, é a única pessoa que se interpõe entre a escuridão e eu.

Gregori jamais teria admitido tal coisa se a ocasião não fosse uma funesta emergência e estava lhe dando a única razão que reafirmava sua confiança. Em seu interior se misturaram o carinho e o remorso.

— Obrigado Gregori. Estou em dívida contigo.

— Tenho a intenção de que seja o pai de minha companheira. – Gregori disse com uma tênue inflexão na voz, desconhecida para o Mikhail, que deixava claro que Gregori já se assegurara que tudo saísse segundo seus desejos.

— Tenho a impressão que a filha de Raven seria um pequeno demônio. – disse Mikhail tentando captar o significado do enigma.

— Não tenho nenhuma dúvida de que serei capaz de confrontar esse desafio. – respondeu Gregori vagamente. –

Obrigarei sua mulher a que durma o sono dos imortais. Dessa forma, suas limitações humanas não a atormentarão.

A ordem de Gregori foi suave, mas clara, despótica e impossível de ignorar. Raven deixou escapar um último suspiro e sua respiração e seu coração, pararam. Sua mente bloqueou o terror e seu corpo recebeu os poderes curativos da terra.

— Durma agora, Mikhail. Se alguém o incomodar, saberei em seguida.

— Não tem que me proteger, Gregori. Já tem feito muito por nossa gente. Coisas que eles não conhecem. Jamais poderei te pagar.

— Não posso fazer outra coisa, Mikhail, nem quero. – Ele disse enquanto se afastava.

Mikhail se entregou ao prazer luxurioso do sono, deixando que a terra o devolvesse seus imensos poderes. Precisaria deles, para levar a cabo sua vingança. Envolveu Raven com mais força em seus braços enquanto tomava seu último fôlego, seguro de que não existia mais perigo.

O sol pareceu demorar, além da conta, para desaparecer no horizonte. O céu estava com a cor de sangue, com tênues matizes de laranja e rosa. Quando apareceu a lua, as nuvens a cobriram com um véu, e um anel sinistro a rodeou, como mau presságio. Os farrapos de névoa se deslocavam pelo chão, ao redor das árvores e dos arbustos. Uma suave brisa empurrava às nuvens, acariciando os ramos das árvores e tentando, em vão, dispersar o aroma de fumaça que persistia no bosque. O vento roçou as negras cinzas, as

vigas queimadas, as pedras enegrecidas e tudo o que ficara em pé, da que uma vez, foi à casa de Mikhail Dubrinsky.

Dois lobos cheiravam as enegrecidas ruínas, elevando seus focinhos ao céu e uivando de dor. Outros lobos responderam no bosque, dando rédeas a sua tristeza. Depois de alguns instantes, o eco desvaneceu. Os dois lobos rodearam as chamuscadas ruínas e farejaram os dois sentinelas, ocultos entre as sombras da grade de ferro, firmemente alertas.

Os lobos partiram com rapidez, voltando para as sombras do bosque. Havia percebido uma clara ameaça nas duas letais figuras. O silêncio envolveu novamente as montanhas, como uma mortalha. As criaturas do bosque se enrodilharam em suas tocas e refúgios, para não enfrentar o aroma das cinzas e da morte do que fora o lar de um ser que era parte deles.

Sob a terra, dois corpos jaziam imóveis, sem vida.

No silêncio, um coração começou a pulsar, forte e rápido. O sangue começou a circular pelas veias e um comprido assobio foi o sinal do despertar dos pulmões. Mikhail abriu os olhos, esquadrinhando os arredores. Passava da meia-noite, o fogo se extinguiu há muito. Os bombeiros, investigadores e os curiosos há tempo, haviam voltado para suas casas. Percebeu Jacques e a Gregori acima de sua cabeça. Ninguém mais, nem humano nem dos seus, andava por perto. Mikhail centrou sua atenção em Raven. Era uma enorme tentação pedir a Gregori que a despertasse, mas seria egoísta e não a beneficiaria. Era melhor que permanecesse dormindo até que estivesse na superfície. Ela não necessitava de nenhuma lembrança de sua terrível tortura. Mikhail abraçou seu

corpo frio e imóvel durante um longo momento, aproximando-a de seu coração.

Depois começou a arrastar-se até a superfície, e por um momento, ficou ligeiramente desorientado ao sentir o ar da noite. Assim que foi capaz, impulsionou-se para o céu, o melhor lugar para proteger Raven se fosse necessário. O ar se introduzia em seus pulmões e aliviava seu corpo. As plumas brilharam à luz da lua e as enormes asas se expandiram e começaram a bater no ar, elevando o grande mocho sobre o céu. Do alto, começou a dar voltas sobre o bosque, procurando qualquer possível inimigo que pudesse ser o bastante imbecil para ameaçá-los.

Mikhail precisava da liberdade de voar pelo céu, para afastar as lembranças do terror de Raven, cujos gritos ainda ressonavam com força em sua mente. Lançou-se para o chão, deixando-se cair livremente até se dissolver numa neblina. As pequenas gotas de água se pulverizaram entre as árvores e se reuniram, até formar o corpo de um enorme lobo. Mikhail correu então sem esforço, mantendo a endemoniada velocidade, enquanto se esquivava dos arbustos, das árvores e saltava sobre o prado. Uma vez no chão, acalmou sua mente e dirigiu-se para as enegrecidas ruínas, voltando para sua musculosa forma humana, e se aproximou a grandes passos, de seu irmão. Era consciente de que toda a natureza a seu redor, da que ele fazia parte, podia perceber sua gelada ira. Estava enterrada profundamente, mas alterava a harmonia do bosque e do ar. Seus inimigos não escapariam.

Jacques se incorporou lentamente, como se passara horas esperando. Levou a mão à nuca, esfregando o cabelo encaracolado. Mikhail e ele se olharam fixamente com um profundo sofrimento. Jacques se aproximou do Mikhail e abraçou Mikhail, mostrando seu afeto, totalmente estranho nele. O abraço foi breve e rígido. Dois rígidos carvalhos. Mikhail sabia que Raven teria rido deles.

Gregori permanecia escondido no chão, sua ampla silhueta rivalizava com os enormes troncos das árvores. Estava totalmente imóvel, e seu sombrio rosto carecia de emoção. Seus olhos eram duas ranhuras prateadas, como o mercúrio, movendo-se sem descanso no rosto de granito. Elevou-se devagar. Exsudava poder e perigo.

— Obrigado por vir. – disse Mikhail simplesmente.

Gregori. Seu velho amigo. Sua mão direita. O curador dos seus, o implacável caçador dos não-mortos.

— Levaram Romanov para o hospital e o mantêm sedado. – disse Jacques em voz baixa – Eu disse aos vizinhos do povoado, que Raven e você haviam se ausentado durante alguns dias. É muito conhecido e todos eles se sentem ultrajados pelo que aconteceu.

— Podemos neutralizar a ameaça que supõe para os nossos? – perguntou Mikhail.

— Podemos minimizá-la. – disse Gregori convencido. – Mas Romanov já enviou a maldita evidência a todos os outros. Devemos nos preparar para o assédio. Nosso modo de vida deverá mudar por completo durante um tempo. – ele elevou os ombros, despreocupadamente.

— Que evidência?

— Rastros digitais, fotos. Já estava drogado, Mikhail. Os médicos acreditam que está completamente louco e que é um perigo para ele mesmo e para os outros. As imagens que captei de sua mente eram muito confusas. Seus pais, principalmente sua mãe. Evidentemente, ele descobriu o cadáver. Sua casa. Culpa. E o incêndio. – Gregori varreu o céu com um lento olhar de seus olhos cinzas. Suas marcadas linhas permaneciam totalmente inexpressivas.

O perigo emanava de Gregori. Seu corpo, cada gesto que fazia falava de poder, de ameaça. E embora sua expressão fosse neutra e vazia, Mikhail sentia a fera no interior do corpo de seu amigo, selvagem e indomável, arrastando-se sob a superfície, lutando por sua liberação. Seus olhares se encontraram. Mikhail o entendia muito bem. Não havia esperança, era outra guerra. Mais mortes. E para um homem dos Cárpatos, cada morte significava um sussurro mais poderoso, a porta para a transformação em um vampiro. A violência era a única sensação que sentia um homem dos Cárpatos de centenas de anos, uma breve sensação, mas existente. E em si mesmo, a sensação o levava a um mundo escuro e sem esperança.

Gregori afastou o olhar, não queria ver compaixão nos olhos de Mikhail.

— Não temos outra opção que o desacreditar.

— Antes, Raven deve estar a salvo e protegida enquanto cuidamos deste problema. – disse subitamente Mikhail.

— O estado de sua mulher é muito delicado. – Advertiu Gregori com suavidade – Traga-a à superfície e a vista, antes que desperte.

Mikhail assentiu com a cabeça. Gregori lia claramente suas intenções. Não a teria despertado no interior do que para ela era uma tumba fria. Jacques e Gregori se internaram no bosque, respeitando a intimidade do momento. Quando teve Raven em seus braços, Mikhail pensou em embelezá-la com um traje americano. Um pouco de fibra natural, fácil de conseguir, para um homem dos Cárpatos. Jeans e camiseta.

— Gregori.

Raven despertou tossindo, levando-as mãos à garganta, desesperada para introduzir ar em seus ardentes pulmões. Estava confusa, aterrada e lutava desesperadamente.

— Sinta o ar sobre sua pele. –ordenou Mikhail, mas com suavidade, acariciando o lóbulo da orelha de Raven com os lábios. – Sinta a noite, o vento. Está a salvo em meus braços. A noite é formosa, olhe-a, os aromas e as cores nos falam.

Os olhos azul-violeta de Raven olhavam tudo sem ver nada. Respirava profundamente. O ar fresco da noite estava obrando magia, aliviando a sensação de sufoco em sua garganta. As lágrimas brilhavam como diamantes em seus olhos, umedecendo seus cílios.

— Estou aqui contigo, Raven. – Mikhail disse deliberadamente em voz alta para parecer o mais humano possível. – À noite nos chama, nos cumprimentando, ouve-a? Há

enorme beleza no murmúrio dos insetos e de todas as criaturas noturnas. Escute-os, Raven. – disse usando uma rítmica entonação, quase hipnótica.

Raven encolheu as pernas e apoiou a testa sobre os joelhos e encolhida, balançava-se sobre si mesmo. Sua prudência pendia por um tênue fio. Limitava-se a respirar, a alegrar-se em poder fazê-lo, enquanto se concentrava no complexo funcionamento de seus pulmões.

— Quero te levar a um lugar mais seguro, a qualquer lugar longe daqui. – Mikhail assinalou com um gesto de mão, as negras ruínas do que uma vez foi seu formoso lar.

Raven permaneceu com a cabeça encurvada. Continuava respirando e Mikhail entrou de novo em sua mente. Não havia nenhum pensamento de culpa ou de traição. A mente de Raven estava fragmentada, ferida. Ela tentava simplesmente sobreviver. Sentia-se cômoda, vestida com suas roupas habituais e com a presença de Mikhail. A fúria gelada e a necessidade de vingar-se de forma violenta, tomaram vida nele.

— Irmã... – disse Jacques surgindo do bosque junto com Gregori. Sentou-se ao lado de Raven. Ao notar que ela não elevava a cabeça, acariciou seu ombro. – Os lobos estão tranquilos esta noite. Ouviu-os antes? Choravam pela perda da casa de Mikhail. Agora estão em silêncio.

Raven piscou, fixando o olhar perdido em Jacques. Não disse nada, parecia procurar entre suas lembranças a identidade do homem. Sua pequena figura tremia, entre os três poderosos corpos.

— Pode fazer desaparecer suas lembranças. – sugeriu Gregori. Certamente, sem entender por que, Mikhail não fazia o que era óbvio para ele.

— Raven não gostaria.

— Não se inteiraria. – respondeu Gregori com um pouco de impaciência na voz. Ao ver que Mikhail não respondia, suspirou. – Permita-me curá-la, então. Ela é muito importante para todos nós. E está sofrendo desnecessariamente.

— Ela gosta de fazer tudo a seu modo. – Mikhail era consciente de que Gregori o acreditava louco, mas ele conhecia Raven. Tinha seu próprio gênio, e suas próprias idéias sobre o bem e o mal. Não gostaria que lhe tirasse suas lembranças. E entre companheiros não podiam existir mentiras, Mikhail estava decidido a lhe dar tempo para assimilar o que haviam suportado. Acariciou a pele aveludada do rosto de Raven, seguindo a linha das maçãs, com dedos ternos.

— Tens razão, pequena. Construiremos nosso lar, juntos e mais forte que antes. Procuraremos um bom lugar, no bosque e o encheremos com nosso amor, tanto amor que sobrarão até para nossos lobos.

Os olhos azul-violeta piscaram com repentina compreensão, procurando o rosto de Mikhail. Raven umedeceu os lábios com a ponta da língua, e tentou um indício de sorriso.

— Não acredito que seja feita para ser uma mulher dos Cárpatos. – disse com um fio de voz.

— Você é tudo o que uma mulher dos Cárpatos deveria ser.  
— disse Gregori solícitamente, com um tom de voz baixo e harmônico. Uma cadência relaxante e curativa. Tanto Mikhail, como Jacques ouviam extasiados a irresistível modulação. — É perfeita para ser a companheira de nosso príncipe e livremente, ofereço-te minha fidelidade e meu amparo como fiz com a Mikhail. — usou uma inflexão de voz muito baixa que se introduziu na destrocada mente de Raven, como um bálsamo.

O olhar perdido de Raven se fixou em Gregori. Seus cílios revoaram e seus olhos se mostraram tão escuros que pareciam de cor púrpura.

— Você nos ajudou. — procurou os dedos de Mikhail para entrelaçá-los com os seus, sem afastar o olhar do rosto de Gregori. — Estava muito longe e o sol muito alto, e ainda assim soube o que acontecia e pôde nos ajudar. Deve ter sido tremendamente difícil para você. Percebi que chegava até mim e afastava o que eu era incapaz de suportar.

Os olhos cinzas, quase do mesmo tom que a prata, converteram-se em duas estreitas ranhuras brilhantes. Esses olhos hipnotizavam. O tom de voz baixou ainda mais.

— Mikhail e eu estamos unidos por um vínculo especial. Os longos e escuros anos de vazio e solidão sem esperança. Possivelmente você é a esperança para nós dois.

Raven o olhou séria, sustentando seu olhar.

— Me agradaria muito.

Mikhail sentiu uma onda de amor e orgulho por Raven. Havia tanta compaixão nela. Embora sua mente estivesse ferida e machucada, e Gregori ocultava seus pensamentos a todos eles, Raven havia dado conta que ele lutava para sobreviver e precisasse que alguém o aproximasse para a luz, para a esperança. Mikhail podia ter dito que Gregori era um ser escorregadio, como a água entre os dedos, que ninguém era capaz de mantê-lo sob controle, que possuía e seguia sua própria lei e era um homem escuro, perigoso, a beira de um imenso abismo, que conduzia à loucura.

Mikhail rodeou Raven pelos ombros.

— Vamos levar você a um lugar seguro. – disse, como se ele fosse uma menina.

Ela o olhou por um longo momento e sorriu de forma genuína. O sorriso alcançou seus olhos e os iluminou pela primeira vez aquela noite.

— Se pudessem se ver, os três. É muito gostoso que me tratem como se fosse uma frágil boneca de porcelana, especialmente quando me sinto quase como se fosse, mas Mikhail está dentro de mim, e eu dentro dele. Sinto o que ele sente e conheço seus pensamentos, embora ele trate de ocultar. – Ela disse enquanto se inclinava sobre o peito de seu companheiro, elevando a cabeça para beijar a escura linha de seu queixo – Quero bem a vocês, por tentar me proteger, mas não sou fraca. Simplesmente tenho que chegar a um acordo com as barreiras humanas que minha mente insiste em levantar. Nenhum de vocês pode me ajudar, tenho que fazê-lo eu mesma.

Jacques estendeu a mão para Raven, num gesto de antiquado cavalheirismo. Ela a tomou e se levantou do chão. Mikhail também ficou a seu lado, aproximando-a com um braço para seu corpo, para protegê-la. Ela precisava desse contato, o do fornido corpo de Mikhail, a seu lado. Gregori fazia às vezes de guarda-costas, comprovando os arredores, o ar e o chão. Movia-se de tal forma, que seu corpo protegia continuamente, seu príncipe e sua companheira.

As três imponentes silhuetas rodeavam a menor, movendo-se em uníssono, como se fossem guardas de honra, com passos lentos e compassados e mentes serenas, sem indício de impaciência ou avidez por continuar com a tarefa que tinham pela frente. A fome já perseguia Mikhail, mas de momento, deixou-a de lado. Quando Raven roçou sua mente, sentiu amor e preocupação e um enorme desejo de agradá-la.

Raven desfrutava ao sentir o suave tato das folhas sob seus pés, enquanto caminhava pelo bosque. Elevou o rosto para receber o roçar do vento e inspirar profundamente, descobrindo todos os segredos que a brisa transportava. Cada inseto, cada sussurro das folhas, cada movimento dos ramos das árvores, aliviava o medo que seu coração albergava, expulsando as terríveis lembranças.

— Eu posso fazer que desapareçam por completo. — ofereceu Mikhail brandamente.

Raven o dedicou um sorriso tranquilizador e se moveu ligeiramente para aproximar-se mais a ele. Era consciente que para o Mikhail, aquilo devia ter sido uma enorme tentação, e que os

outros dois homens deviam pensar que estava perdendo a razão, por não havê-lo feito.

— Sabe que prefiro conservar minhas lembranças. Todas e cada um delas.

Caminharam durante uma hora, enquanto Mikhail os guiava por um caminho ascendente, serpenteante, muito estreito, internando-se cada vez mais no bosque. A cabana estava escondida atrás de um penhasco. O arvoredo era espesso e chegava até os muros da construção. De fora, parecia pequena, escura e abandonada.

Jacques e Gregori se encarregaram de transformar o interior. A capa de pó desapareceu com um movimento de mãos, as pequenas toras de lenha crepitaram na lareira ao acender o fogo. As velas se acenderam e o aroma do bosque penetrou no interior.

Raven entrou sem protestar. Gregori e Jacques se moviam de um lado a outro do pequeno aposento, provendo os de todas as comodidades que eram capazes, em tão pouco tempo. Depois, retornaram ao amparo do bosque, deixando a sós, Mikhail e Raven.

Raven passeava de um lado para outro, mantendo-se a certa distância de Mikhail. Ainda estava muito delicada. Segurou o respaldo de uma cadeira, procurando desta forma ajudar suas mãos, que deixassem de tremer, ao segurar-se ao familiar tato da madeira.

— Obrigado pelos jeans, Mikhail. – Ihe dedicou um tênue sorriso por cima do ombro.

Ela era inocente e ao mesmo tempo, provocadora. E tão frágil. Em seus olhos azuis, Mikhail não viu ira, nem acusações, só o amor que sentia por ele.

— Me alegro de que você goste, embora continue dizendo que é um traje masculino e pouco apropriado para uma mulher formosa. Esperava que suas palavras a fizessem sorrir.

— Vou sorrir, para afastar esse olhar dolorido. – Raven olhava pela janela, esquadrinhando facilmente a escuridão. – Não quero voltar a fazê-lo jamais. – disse sinceramente, completamente convencida, para que ele soubesse que falava sério.

Mikhail tomou ar profundamente, engolindo-a primeira resposta que veio aos lábios e escolhendo cuidadosamente as palavras.

— Nosso sangue e, por conseguinte nosso corpo, precisam da terra. Em uma noite, o ferimento de minha perna desapareceu. Os seus, mortais e profundos, curaram em seis dias.

Raven contemplava as folhas que o vento arrastava pelo chão.

— Sou muito inteligente, Mikhail. Posso ver por mim mesma que o que diz é certo. Posso me maravilhar e aceitar este fato, mas não quero voltar a fazer isso. Não posso. Não o farei, e te peço que aceite este defeito em mim.

Mikhail cruzou a distância que os separava e, atraiu-a para seus braços.

Ali a sustentou. No interior de uma velha cabana, na parte mais profunda do bosque e das montanhas. Sofria pela perda de seu lar, de seus livros, de seu passado, mas, sobretudo, sofria por sua incapacidade em relação a Raven. Podia governar a terra, os animais e o céu, mas não podia obrigar-se a apagar as lembranças da mente de Raven, porque ela pedira que não o fizesse. Uma petição inocente e insignificante.

Raven elevou a cabeça e estudou suas sombrias feições, com olhos sérios. Com suavidade, traçou com os dedos, cada ruga de preocupação que sulcava a testa de Mikhail.

— Não fique triste por minha culpa e deixa de carregar tudo. As lembranças são coisas úteis e quando for mais forte, poderei examinar tudo isto, estudá-las de todos os ângulos e possivelmente conseguir estar totalmente cômoda com as coisas que devemos fazer para nos proteger. – um pingo de humor e de cepticismo passou por suas cabeças. — Sabe, meu amor, que não é responsável por minha felicidade nem por minha saúde. Escolhi todos os passos no caminho até chegar aqui, desde que nos encontramos pela primeira vez. Eu o escolhi. Com total clareza, em meu coração e em minha mente, eu o escolhi. Se tivesse que fazer de novo, ainda sabendo pelo que teria que passar faria-o sem duvidar.

O sorriso de Mikhail derreteu seu coração. Ele segurou seu rosto entre as mãos, e baixando a cabeça, beijou-a nos lábios. Nesse instante, a eletricidade vibrou entre eles, e soou um estalo. Raven percebia todo seu amor nos lábios úmidos de Mikhail. Uma fome profunda e aguda se elevou neles. Para ambos, o som do

sangue, o batimento dos corações e a explosiva química que surgia cada vez que se tocavam, tornou-se insuportável. Os ternos lábios de Raven levavam o sabor de um amor intenso, embora Mikhail a apertasse com rudeza para aproximá-la ainda mais de seu corpo, enredando os dedos em seu cabelo para mantê-la a seu lado, toda a eternidade.

Raven se fundiu em seu abraço e por um instante se sentiu lânguida, uma sensação de abandono, que a converteu em doce calor que temperou Mikhail. Ela foi à primeira em afastar-se. Era fácil perceber a fome que aguilhoava, Mikhail porque lhe acontecia o mesmo. Seu corpo precisa alimentar-se, após o penoso sofrimento do dia anterior. Olhou seus encantadores traços masculinos, ficando extasiada na curva sensual de sua boca e no sonolento e provocador olhar escuro.

Raven beijou sua garganta enquanto suas mãos trabalhavam para desabotoar os botões de sua camisa. Sentia o próprio corpo se contrair, a fome e a paixão pulsando em seu interior. Deslizou os lábios sobre sua pele, aspirou seu aroma, que trazia o selvagem mistério da noite. O anseio cresceu dentro dela, estendendo-se como o fogo. Provou com a língua a textura de sua pele, seguindo os contornos dos fortes músculos e subindo novamente para a garganta, para acariciar o lugar onde sua pulsação vibrava com rapidez.

— Amo você, Mikhail. — sussurrou contra seu pescoço. O sussurro de uma sereia que trazia imagens de seda e velas, cetim e paixão. Um corpo de cetim, úmido e ardente.

Os músculos de Mikhail se contraíram com a antecipação, sua necessidade dela aumentava. Raven era um milagre, com sua beleza e sua mistura de fragilidade, valentia e compaixão. A mão que se segurava seu cabelo, atraiu-a ainda mais. A boca de Raven era uma chama que se movia por seu peito, abrasando-o com seus beijos até que a mente de Mikhail não distinguiu mais que uma neblina avermelhada. A fome o aguilhoava.

— Isto é perigoso, pequena. — a arrogância em suas palavras encerravam uma aveludada sedução.

— Preciso de você. — sussurrou Raven enquanto seu hálito soprava os pequenos mamilos de Mikhail e ela traçava estranhos desenhos sobre seu peito.

Realmente precisava dele. A dureza do corpo de Mikhail havia banido a lembrança da terra fechando-se sobre sua cabeça. Raven se movia inquieta contra ele, deslizando as mãos para abrir a camisa e abrindo o zíper de sua calça, que oprimia o membro enrijecido de Mikhail, baixando-a para deixá-lo livre. O gemido de Mikhail foi arrebatado quando os dedos de Raven se fecharam sobre ele.

— Preciso te sentir em meu interior, Mikhail, vivo e real. Preciso como jamais o necessitei. Toque-me, Mikhail. Toque-me por todo o corpo. Preciso de você dentro de mim.

Mikhail tirou a camiseta de Raven, passando-a por cima da cabeça para depois jogá-la a um lado. Rodeou com as mãos, a cintura estreita, enquanto Raven se arqueava para que ele pudesse passar o rosto entre seus cremosos seios. O roçar áspero da barba

enviou pequenas chamas em todas as terminações nervosas. Mikhail acariciou com a língua, a delicada mandíbula, a garganta e o pescoço. Devagar, com muito cuidado, atormentando-a deliberadamente, desceu de forma preguiçosa até um mamilo. Raven sentiu que uma onda de umidade descia por seu corpo e que uma selvagem dor a consumia. Quando a boca de Mikhail se fechou sobre seu objetivo, quente e erótica, Raven gritou e jogou a cabeça para trás, arqueando seu corpo ainda mais, oferecendo-se às exigências dos abrasadores lábios.

Sem qualquer aviso, o monstro que habitava em Mikhail se liberou, grunhindo de forma possessiva e arrancando os ofensivos jeans dela. Arranhou com os dentes o ventre liso enquanto se ajoelhava para provar, através das finas meias, o sabor de sua pele. Raven o sentia selvagem. De um puxão, Mikhail rasgou as meias e a atormentou com suas carícias.

Raven voltou a gritar, recebendo a fera selvagem que crescia nele, deixando crescer seu lado selvagem para igualar seus anseios. Quando se viu livre das roupas, Raven pressionou seu corpo contra a ávida boca de Mikhail, que deixou escapar um grunhido possessivo. Mikhail se maravilhava com a selvagem resposta de Raven, a seu repentino ataque.

Ela precisava sentir suas mãos, prendendo-o desinibida, para aproximá-lo ainda mais, sem esconder os inarticulados gemidos que saíam de sua garganta. Raven contraiu os músculos enquanto ardia por sentir o alívio que tanto precisava. Seus gemidos se converteram em uma súplica.

Grunhindo de prazer, com o corpo vibrando selvagem e insuportavelmente tenso, levou-a até as raias do prazer. A poderosa sensação do suave interior de Raven, tão úmido, junto aos aromas de seus corpos, se misturaram, para formar parte do insaciável desejo de Mikhail. Queria que ela soubesse que era dela, queria fazê-la arder, queria vê-la loucamente desesperada, como ele se sentia.

Os inarticulados gemidos de Raven, suplicando e pronunciando seu nome, ressonaram em sua mente, esticando seu corpo insuportavelmente. O poder de fazê-la sentir daquela forma, aguçou sua ânsia e sua fome física e sexual o fizeram querer devorá-la por completo. Seu corpo exigia as carícias de Raven, a seda de sua boca sobre sua pele, a sensação de seus dentes. A pele de Mikhail ansiava seu tato. Ainda grunhindo, Mikhail seguiu acariciando-a com a boca, aproximando-a cada vez mais do abismo, para deter-se no último momento e deixar que o miúdo corpo se convulsionasse, espasmo sob espasmo, precisando de mais, exigindo o duro membro de Mikhail enchendo-a por completo.

Raven ficou de joelhos para baixar a calça de Mikhail, deixando livre e totalmente exposto, seu membro, as suas carícias. Voltou a levantar-se arranhando as firmes nádegas e procurando com a língua os poderosos.

Na mente de Mikhail ressonou a risada de Raven, sedutora e sensual. A larga cabeleira azeviche roçava suas coxas fazendo a carícia tornar-se quase dolorosa. Ela estava provocando-o a sofrer, e a fez saber, com um gemido suplicante e depois com uma arrogante ordem. Quando Raven o obedeceu, baixando sua boca

para saboreá-lo, umedecendo toda a extensão de seu membro, Mikhail esteve a ponto de perder o sentido. Se antes se deleitou na sensação de poder que tinha sobre o corpo de Raven, agora era ela que desfrutava, a que se recreava com o que podia fazer a seu corpo.

Os gemidos de Mikhail se fizeram ainda mais selvagens, quase ameaçadores. Movia os quadris, introduzindo-se na boca de Raven, freneticamente. Quando não pôde suportar por mais tempo, separou-a dele, levantando-a pelos braços e a deitou sobre o chão. Em um segundo, afastou suas coxas e a deixou totalmente exposta a seu olhar. Introduziu-se nela com um firme e brusco movimento, enchendo-a por completo e profundamente.

Raven gritava cada vez que Mikhail a penetrava poderosamente, quase com agressividade. Cada investida de seu corpo, muito mais profunda e poderosa que a anterior, afundava-se em seu estreito e aveludado sexo. Raven lambeu o pescoço de Mikhail.

— Me alimente, Mikhail. Alimente-me enquanto me possui e depois te darei tudo o que precisa. – sussurrou como uma feiticeira, acrescentando a voz à sedução de seu tentador corpo. Nunca antes havia suplicado seu sangue, o líquido vital de Mikhail e a idéia era tão provocante, como sua boca sobre sua pele.

O corpo de Mikhail endureceu e embora foi incapaz de diminuir o ritmo de seus quadris, sentiu a antecipação do prazer quando Raven voltou a lambeu seu pescoço. Enquanto numa poderosa investida, afundava-se em seu corpo, Raven cravou os dentes profundamente. E então, o calor abrasador junto com o

relâmpago de luz azul atravessaram seu corpo. Mikhail jogou a cabeça para trás, deleitando-se na deliciosa mistura de dor e prazer.

O adocicado aroma do antigo sangue de Mikhail se misturava aos aromas almiscarados de seus corpos, e cada sucção da boca de Raven coincidia com uma contração dos músculos interiores, que aprisionavam cada vez mais ferozmente o membro de Mikhail.

Ele compassou deliberadamente seus movimentos, deleitando-se na sensação de Raven tomando seu sangue, sua semente e a essência de sua vida para as guardar no interior de seu corpo. Ela seguia sugando, tentando com os lábios, o poderoso corpo masculino. Uma doce tortura, uma prisão de veludo entre suas pernas igualando o fogo que provocava sua boca.

A carícia da língua de Raven ao fechar as feridas enviou uma última onda de prazer a ambos enquanto ainda estavam unidos e Mikhail cobrindo o corpo dela, apoiando-se sobre os cotovelos para não deixar cair todo seu peso em cima dela. Cada um de seus músculos estava tenso de necessidade, de desespero. Sua fome ia além da imaginação, jamais havia experiente uma sensação similar.

As mãos de Raven acariciaram o cabelo de Mikhail e seu queixo. Sorriu, o seduzindo por completo, elevando os quadris e contraindo seus músculos para aumentar a pressão sobre seu membro. Atraiu a boca de Mikhail para a sua e a tomou com avidez, compartilhando com ele o doce sabor de seu sangue,

atormentando-o, prolongando a tortura e fazendo com que Mikhail se abandonasse.

Mas ele voltou a tomar o controle, bebendo avidamente da sedosa boca de Raven, acariciando com a língua, sua garganta e detendo-se por um instante sobre sua pulsação para mordiscar e atormentar enquanto seguia investindo, com dureza e profundidade. Raven murmurou seu nome, aproximando a cabeça de Mikhail até seu seio, elevando seu corpo em suplicante convite. Ele acariciou a cremosa pele com seu áspero queixo, internando-se no profundo vale. Tomou ambos os seios com as mãos, e capturava um mamilo em um úmido beijo. O corpo de Raven se estirou e o prazer estalou insistindo-a a seguir o ritmo que ele marcava. Mikhail elevou o rosto, seus olhos estavam aturdidos pela paixão. Estavam hipnóticos, provocadores e a atraíam para sua mente, para sua alma. Baixou a cabeça para acariciar os seios com os lábios e sugá-los, deixar beijos ardentes sobre eles. Seus quadris se afundaram mais uma vez em Raven e uma vez mais, procurou seu olhar, com uma clara petição.

— Sim, por favor. — sussurrou ela, com urgência, enquanto o insistia a baixar a cabeça até seu frenético corpo. — Quero que o faça, Mikhail.

Os dentes de Mikhail roçaram um seio enviando um calor cadente ao corpo de Raven, que se retorcia com os sucessivos espasmos de prazer. Então, afundou as presas com ferocidade, com fome insaciável e seguiu penetrando-a porque precisava sentir a mistura de fogo e veludo que o envolvia. Bebeu dela, tomando sua

vida para guardá-la dentro de seu corpo, unindo sua mente a dela, reclamando seu corpo com uma clara dominação masculina.

Era perigoso. Docemente perigoso. Sexo ardente entrelaçado com um amor puro e uma completa fusão de almas e mentes. Mikhail queria que esse momento durasse para sempre, ambos compartilhando um mesmo corpo, a mesma pele, a mesma mente. Certeira e rápida, lenta e profunda, cada investida provia uma deliciosa tortura. O sangue de Raven chegava até cada uma de suas células, aumentando suas forças e diminuindo as dela, igual a corpo de Raven esgotara o seu. Mikhail sentiu que seu membro se endurecia ainda mais, de forma impossível, penetrando até o fundo e levando-os a ambos a um doloroso e prazenteiro abismo, totalmente fora de controle, até explodirem num êxtase que os dissolveu, convertendo-os em pequenos pedacinhos que caíam de volta a terra.

Raven continuava sob Mikhail, escutando os batimentos de seus corações, com os dedos enredados nas mechas escuras de Mikhail. Seu corpo pertencia a este homem que ainda a acariciava com a língua enquanto lambia uma pequena gota de sangue que deslizava pela curva de seu seio e deixou uma série de pequenos beijos até chegar à garganta, subindo para aprisionar seus lábios num beijo cheio de doçura, enquanto acariciava seu pescoço com o polegar, maravilhando-se da textura da pele.

Mikhail se sentia surpreso pelo momento em que Raven havia escolhido para aceitar com totalidade sua nova vida. Não tinha dúvida de que ela o amava e que se sentia comprometida com ele, mas sabia que a enojava, a forma em que foi convertida. E

após outra experiência traumática, entregou-se sem reservas, a esta nova vida. Mikhail soube então que, por mais longa que fossem suas vidas, Raven jamais seria uma mulher previsível.

-Tem uma ligeira idéia do muito que te amo? – perguntou-lhe Mikhail com suavidade.

Raven piscou e cravou os olhos violeta nos dele, enquanto um encantador sorriso curvava seus lábios.

— Sim, tenho uma pequena idéia. – ela disse enquanto acariciava com um dedo, uma ruga de preocupação na testa de Mikhail – Estarei bem esta noite. Vá fazer o que tiver que fazer e não se preocupe por mim.

— Preferiria que dormisse um pouco. – disse ele, levantando-se para aliviar seu peso, surpreso ao notar que ainda estava com a calça.

— Isso é porque sente tanta fúria por Romanov, que não quer que eu saiba o que vai fazer. – comentou Raven enquanto ficava de lado para apoiar-se sobre um cotovelo. Seus cabelos espalharam-se por seu corpo e formando um tênue véu sobre seus seios.

As vísceras de Mikhail encolheram ante a visão e seus olhos brilharam negros com a repentina chama de desejo. Raven sorriu, e ele se inclinou para provar a doce tentação, endurecendo com a língua um mamilo.

Raven acariciou os cabelos de Mikhail.

— Você está pensando que se deixar Jacques como meu guarda o estará protegendo. – seus olhos refletiram ternura, ao olhá-lo – Crê que o que vai fazer é inaceitável para mim, mas eu acredito em você, Mikhail. Sei que é um homem bom e justo. Tem todo o direito de desprezar Rudy Romanov, mas sei que é capaz de deixar esse desprezo de lado e fazer o que é correto. É um rapaz confuso, zangado, traumatizado e apavorado pelas brutais mortes de seus pais. O que encontrou que o relaciona com aquelas mortes, o levou a uma crise nervosa. É uma horrível tragédia.

Mikhail fechou os olhos e deixou escapar o ar de seus pulmões com lentidão. Raven sabia como atar suas mãos de forma efetiva. Como podia ir matar um homem por ter torturado Raven, quando ela se mostrava tão compassiva que até o perdoava?

— Vá se alimentar antes de vê-lo. Deixou-me fraca e se não te incomoda um toque do humor negro dos Cárpatos, espero que traga o jantar quando voltar a casa.

Mikhail a olhou totalmente atônito, durante um instante só houve silêncio, depois, os dois romperam em audíveis gargalhadas.

— Vista-se. – Ele ordenou a Raven com fingida dureza. – Não posso permitir que atormente o pobre Jacques.

— Pretendo atormentá-lo, certamente. Ele precisa ser um pouco menos sério.

— Jacques é o homem dos Cárpatos menos formal. Reteve as emoções muito mais tempo que nenhum outro. Só faz um par de séculos que as perdeu.

— É tão sério quando ordena às mulheres o que têm que fazer. Tem idéia muito clara, sobre qual seria seu comportamento. Vou fazê-lo esquecer.

Mikhail elevou as sobrancelhas.

— Estou seguro que o manterá ocupado enquanto estamos fora. Faça-me um favor, pequena. Não seja muito dura com ele.

Ambos sorriam enquanto vestiam a roupa.

## Capítulo 13

Rudy Romanov estava profundamente sedado. O aroma de narcótico chegava ao nariz de Mikhail. A idéia de introduzir sangue poluído em seu corpo o enojava, mas era necessário para poder ler os pensamentos de Romanov com total liberdade. Raven o havia deixado partir. Sua fé nele era total, igual a seu amor e sua confiança. Embora todas as células de seu corpo pediam a gritos a morte de Romanov, Mikhail não podia trair a confiança que Raven depositara nele.

— Deixe que eu faça isso. – disse Gregori brandamente, pois lera com facilidade, os desejos de Mikhail.

— Sua alma sofreria um grande risco. –assinalou Mikhail.

— A continuação de nossa raça merece. Romanov é um perigo e não podemos permitir que nos espreite. Devemos concentrar todos nossos esforços na busca de mulheres que perpetuem nossa estirpe, não em lutar contra caçadores de vampiros. Acredito que só existe um punhado de mulheres humanas com grande habilidade psíquica que pode unir-se a nós.

— No que o apóia para afirmar isso? –perguntou Mikhail, acrescentando uma sutil ameaça a sua modulada voz. Experimentar mulheres era um crime imperdoável.

Os olhos de Gregori se estreitaram e brilharam. O vazio negro crescia em seu interior, a mancha escura se estendia por sua alma. E não fez nenhum esforço para ocultar a Mikhail. Parecia querer lhe mostrar, o desespero da situação em que se encontrava.

— Fiz uma infinidade de coisas horríveis, escuras e imperdoáveis, mas jamais usaria uma mulher para experimentos. Deve ser eu a tomar o sangue de Romanov, se insistir em deixá-lo com vida. – não era uma pergunta.

Os dois homens dos Cárpatos deslizaram com facilidade pelos estreitos corredores da ala de psiquiatria do hospital. Os humanos que se encontravam ali sentiram uma sensação de frio a seu passo, nada mais. Ninguém os viu cruzar o edifício. Entraram através da fechadura de uma das portas, tomando a forma de uma nuvem de vapor que mais parecia uma espessa névoa. No aposento envolveram o corpo de Romanov como uma mortalha. Romanov gritou, o medo se apoderou de seu corpo ante a visão da neblina movendo-se a sua volta, como uma serpente, escorregando por suas costelas, suas mãos, fechando-se em torno de seu pescoço e apertando-o cada vez mais forte. Podia sentir essa sensação em toda a pele, enquanto o vapor retorcia seu corpo como um saca-rolha. Quando tentou segurar a névoa, suas mãos a atravessaram. Sentia horríveis vozes murmurando em sua cabeça, sussurrando e ameaçando. Ele cobriu as orelhas com as mãos, tentando deter o pernicioso murmúrio. Um fio de saliva caiu pelo canto de sua boca, aberta pelo efeito dos tranquilizadores; sua garganta trabalhava de forma compulsiva.

A neblina se dividiu em duas. Uma parte flutuou para um canto do quarto e ficou flutuando rente ao chão e a outra, se espessou lentamente, emitindo brilhos e começou a tomar forma humana, até que o corpo de um homem musculoso, de ombros largos, com olhos frios como a morte, apareceu ante ele. Rudy começou a tremer de forma incontrollável, enrodilhou-se a um extremo da cama. A aparição era muito impressionante e ameaçadora, para não ser real.

— Romanov... —e as presas de Gregori brilharam no escuro quarto.

— O que é? —as palavras brotaram num rouco grasnado.

Os olhos pálidos prateados e sem piscar, estreitaram-se até formar duas fendas, prenderam os de Rudy e os transpassaram, hipnóticos, prementes. — Venha a mim, me alimente. Se converta em meu servidor até que seja digno de se entregar a escura maldição.

Os olhos de Romanov mostraram a repentina compreensão, o horror e o crescente pânico. Gregori sussurrou novamente, agora com voz irresistível e sedutora. Uma arma poderosa.

— Servirá-me agora, obedeça minha ordem e me informe quando for necessário. — Dizendo isto, ele baixou devagar a cabeça.

Romanov soube que sua alma estava perdida. Podia perceber o incrível poder do estranho, sua imensa força e a habilidade de fazer coisas impossíveis para um humano. A imortalidade. A idéia o seduzia, tentava. Foi para ele de boa

vontade, inclinando a cabeça para deixar exposta sua garganta. Sentiu uma respiração ardente e uma dor aguda quando as presas se cravaram em profundidade. Podia notar como seu sangue fluía, saindo de seu corpo como uma corrente. A dor era intensa, um inferno que era incapaz de deter, mas tampouco desejava detê-la. Um curioso torpor o invadiu, suas pálpebras estavam pesadas para poder elevá-las.

A névoa voltou a espessar-se no quarto, envolvendo ao Gregori, arrastando-se entre ele e sua presa. Contra vontade, Gregori levantou a cabeça de sua presa com um grunhido de protesto e deixou que o murcho corpo escorregar até o chão, com supremo desprezo.

— Quase o mata! – cuspiu Mikhail.

— Merece morrer. Está podre e vazio por dentro e sua alma é corrupta. Quer noites intermináveis, mulheres indefesas e o poder de outorgar a vida ou morte à humanidade. Há muito de seu avô e seu pai nele. É uma concha vazia, com vermes que devoram o bom que fica nele. Sua mente é um labirinto de desejos retorcidos.

— Se Romanov morrer de uma enorme perda de sangue...

— Não sou tão descuidado. – disse enquanto afastava o corpo que jazia a seus pés. –Viverá. Seu avô começou tudo isto...

— Chamava-se Raúl, lembra-se Gregori? Estava louco como um velho, mas era pervertido como um moço. Batia e ofendia sua mulher e perseguia mulheres jovens. Detive-o uma vez. – disse Mikhail repentinamente pensativo.

— E não só ganhou seu ódio, mas também suas suspeitas. Vigiou-o constantemente, após. Ele vigiava você a cada oportunidade, esperando encontrar alguma coisa que o condenasse. Transmitiu suas suspeitas a Hans. – Gregori voltou a empurrar o corpo –Romanov usou um fax para enviar cópias das provas a várias pessoas. Os originais estão em sua casa, sob as tábuas do assoalho da casa de seus pais. – Gregori vigiou atento, a intenção de Rudy, em escapar, arrastando-se pelo chão. – Cedo ou tarde, virão.

O corpo de Gregori brilhou, dissolveu-se e a névoa girou em volutas pelo quarto em longos fiapos que se moviam como serpentes, onde os dois homens haviam estado. O vapor se aproximou do lugar onde Romanov se encolhia, morto de medo, no chão e deteve-se junto a sua cabeça, junto a sua garganta e então, a névoa se dissolveu deixando um indefeso e soluçante Romanov.

Mikhail e Gregori deslizaram pelo do corredor, silenciosos e rápidos, internando-se na friagem da noite. Depois de experimentar a depravada mente de Rudy, precisavam voltar a sentir a terra. Uma vez no exterior, Gregori obrigou seu corpo a expulsar os tranqüilizantes através de seus poros, para se ver livre de qualquer efeito. Mikhail, que o observava atentamente, maravilhou-se ante a facilidade com que ele levou a cabo a tarefa. Gregori permaneceu em silêncio durante a viagem à casa de Romanov. Mikhail respeitava sua necessidade de respirar os aromas da noite, de sentir o tato da terra sob seus pés, escutar o canto dos lobos, e do resto das criaturas noturnas que se expressavam em uma relaxante cadência.

Uma vez seguros no lar de Romanov, Gregori se dirigiu, sem vacilar, ao ponto exato onde os papéis estavam escondidos sob o piso de madeira. Mikhail pegou as velhas fotografias e o fardo de documentos sem dar uma olhada.

— Me conte tudo o que viu em sua mente.

Os olhos do Gregori brilharam, sua aparência era feroz.

— Um homem chamado Slovensky, Eugene Slovensky, é membro de uma sociedade secreta dedicada a desfazer-se dos vampiros. Von Puxem, Antón Fabrezo e Dieter Hodkins são os supostos peritos que investigam e assinalam às vítimas. Slovensky recruta novos membros que confirmam e realizam os assassinatos.

Mikhail soltou uma eloqüente maldição.

— Outra nova caçada de vampiros acabaria com nossa gente.

Gregori encolheu seus largos ombros.

— Procurarei e destruirei estes homens. Você pega Raven e vá para longe daqui. Noto seu protesto, Mikhail, mas é a única maneira, e ambos sabemos.

— Não comprarei minha felicidade em troca de sua alma.

Os olhos prateados contemplaram Mikhail e depois procuraram a noite.

— Não resta outra opção. Minha única esperança é achar minha companheira. Faz muito que não tenho emoções. Limito-me a satisfazer minhas necessidades. Meu corpo não evidencia nenhum

tipo de desejo e só minha mente está ativa. Não posso lembrar os sentimentos que você experimenta agora. Devo ter logo uma companheira, resistirei alguns anos mais, depois procurarei o descanso eterno.

— Não se entregará ao sol, Gregori, não sem me dizer isso antes. —Mikhail elevou a mão para sossegar o protesto de seu amigo. —Eu passei pelo mesmo que você. Estive sozinho com o monstro lutando por obter o controle, com minha alma cada vez mais negra. Nossa gente precisa de você. Deve permanecer forte e lutar contra a fera escondida em seu interior.

Os olhos do Gregori, frios e ameaçadores, emitiram um perigoso brilho na escuridão da casa.

— Não superestime meu carinho nem minha lealdade, Mikhail. Devo ter uma companheira. Se alguma mulher acordar algum sentimento em mim, o que seja, luxúria, posse, qualquer sentimento, tomarei o que é meu e não permitirei que ninguém me arrebate. —e subitamente, o enorme corpo do Gregori se dissolveu entre brilhos, formando pequenas gotas de água e passando por baixo da porta, para entregar-se aos acolhedores braços da noite.

— Vamos desta casa onde só há morte e loucura. Possivelmente, é o sangue maldito do Romanov, que corre por meu corpo, que está falando.

Com um suspiro, Mikhail o seguiu, internando-se na noite.

As volutas de névoa, idênticas, refulgiam sob a luz da lua, unindo-se aos farrapos de neblina que se levantavam a escassa altura do chão do bosque. Ansioso por voltar a estar junto de

Raven, Mikhail se deslizava entre as árvores, dirigindo-se para a clareira que separava as casas, do bosque profundo. Ao passar pela casa do pároco e internar-se na pequena pradaria, sua mente detectou uma pequena alteração. A advertência fez seu corpo sacudir o suficiente para voltar até a casa de Pai Hummer e, sob a proteção das árvores, retomar seu aspecto humano. Roçou a mente de Raven. Nada a ameaçava.

— O que é? –perguntou Gregori enquanto se materializava a seu lado.

Esquadrinharam cuidadosamente a área, em busca de algum perigo. Era o solo que falava de violência, de botas que pisavam com força e de sangue derramado.

Mikhail elevou o olhar, golpeado pela dor, para os prateados olhos de Gregori, e ambos se giraram simultaneamente para a cabana de seu velho amigo.

— Eu irei primeiro. –disse Gregori, com toda a compaixão que foi capaz de refletir em sua voz. Caminhava com fluidez diante de Mikhail, aproximando-se da entrada da casa.

A pequena cabana, ordenada e acolhedora, havia sido destroçada, de cima a baixo. Os singelos móveis estavam quebrados, as cortinas rasgadas e os antigos pratos de louça eram puro pedaços. Os livros do pároco estavam rasgados e seus desenhos feitos farrapos. As infusões, cuidadosamente guardadas pelo Pai em pequenas latas de metal, jaziam sobre o chão da cozinha. Seu fino colchão estava rasgado e os lençóis em tiras.

— O que estavam procurando? – murmurou Mikhail em voz alta, vagando pela cabana tão familiar para ele. Agachou-se para recolher uma torre, encerrando a conhecida peça de xadrez em seu punho. Havia manchas de sangue no chão e na velha poltrona esculpida.

— Não há nenhum cadáver. – assinalou Gregori, abaixando-se para recolher uma antiquíssima Bíblia encadernada em pele. A encadernação era muito boa e o couro brilhava, onde os dedos do pároco, a havia segurado tão freqüentemente. – Mas onde penetra a podridão, deixa sempre um rastro. – Gregori entregou a Bíblia a Mikhail, observando como seu príncipe, sem dizer uma palavra, guardava o livro sob sua camisa, sobre sua pele.

O musculoso e dotado corpo de Gregori, se inclinou e emitiu uma espécie de resplendor. Seus braços se cobriram de pelos, de suas unhas surgiram grandes garras e as presas apareceram em seu focinho. O enorme lobo negro saltava pela janela, transformando-se no ar. Mikhail o seguiu, saltando entre as árvores, seguindo seu rastro, com o focinho rente ao chão, em volta da cabana. Levava-os ao interior do bosque, afastando-se da cabana, subindo cada vez para as montanhas. Seguindo o rastro se separavam de Jacques e Raven. Quem quer que seja, que levou o Pai, queria estar a sós para levar a cabo seu sujo encargo.

Mikhail e Gregori devoravam a distância em louca carreira, ombro a ombro, e com o mesmo propósito escuro e mortal em seus corações. Farejavam o ar e de vez assim que afundavam o nariz no chão para se assegurarem de estar no caminho certo e sentir o cheiro de Pai Hummer. Os poderosos músculos vibravam nas costas

dos animais, seus pulmões e corações trabalhavam como máquinas. Os animais se separavam de seu caminho, encolhendo-se de terror a seu passo.

Um aroma desconhecido e desagradável emanava de uma árvore; Mikhail se deteve. Eles haviam cruzado os limites do terreno de sua alcatéia de lobos e entravam no território de outra. Os lobos estavam acostumados a atacar os intrusos. Mikhail enviou uma chamada, deixando que o vento levasse sua mensagem, para tentar localizar o casal alfa.

Com o aroma do sangue do Pai, era fácil seguir o rastro, mas Mikhail começou a sentir um estranho desassossego, algo o escapava. Haviam se deslocado por quilômetros, perseguindo um rastro que jamais mudava e o aroma não era mais fresco nem tampouco desaparecia, sempre era o mesmo. Um pequeno ruído sobre suas cabeças foi à única advertência. O som de uma rocha contra outra. Estavam numa estreita garganta escarpada. Ambos se dissolveram com presteza, convertendo-se em pequenas gotas de água, em neblina. A chuva de rochas passou sobre eles inutilmente, não podiam fazer mal a um ser imaterial.

Mikhail e Gregori se lançaram ao vôo simultaneamente, e tomaram de novo seus corpos humanos quando puseram os pés sobre o escarpado com graça felina. Não havia nenhum cadáver, e certamente, tampouco encontraram a assaltante. Mikhail olhou Gregori com inquietação.

— Isto não é obra de um humano.

— O pároco não andou esta distância e nenhum humano o trouxe até aqui. — disse Gregori pensativo. — Usaram seu sangue como isca, para nos atrair até aqui. — ambos esquadrihavam a zona, usando todas as armas que dispunham. — Este é o trabalho de um vampiro.

— É suficientemente inteligente para não deixar seu próprio rastro.— observou Mikhail.

Vários lobos saíram por entre as árvores, com os olhos vermelhos fixos em Mikhail. Grunhindo e mordendo o ar, para fazer ouvir os estalos de suas mandíbulas, lançaram-se para as duas altas e elegantes figuras que permaneciam imóveis ao lado do precipício. Gregori se converteu num torvelinho demoníaco, lançando os animais pela ravina, rompendo ossos e sem fazer nenhum tipo de som, a uma velocidade impressionante, tão incrível que seu próprio corpo parecia uma mancha imprecisa.

Mikhail não se moveu. Sua alma se encheu de tristeza pela inútil perda daquelas vidas. Era uma tragédia. Gregori era capaz de destruir vistas sem remorsos, facilmente, sem nenhum tipo de sentimento. Isso demonstrou a Mikhail, mais que qualquer outra coisa, quão desesperada era a situação de sua gente.

— Arriscou-se muito. — murmurou Gregori, como reprimenda, enquanto se materializava junto a Mikhail. — Eles estavam programados para o destruir, deveria ter saído do lugar.

Mikhail observou a destruição e a morte que os rodeavam. Não havia nenhum corpo próximo a ele.

— Sei que jamais permitiria que se aproximassem. O vampiro não descansará até que te destrua, Gregori.

A boca de Gregori se curvou num sorriso feroz.

— Essa é minha idéia, Mikhail. Este é meu convite. Ele pode te desafiar abertamente se o desejar, mas está traindo você, te entregando aos humanos. Tal traição jamais será tolerada.

— Precisamos encontrar Pai Hummer. – disse Mikhail com suavidade. — É muito velho para sobreviver a um ataque tão brutal. O vampiro não o manterá com vida, quando o sol começar a sair.

— Mas por que ele traçou todo este plano? – Murmurou Gregori, que pensava em voz alta. — Deve ter suposto que não o apanharia na garganta e tampouco os lobos poderiam com você.

— Está tentado me entreter. – os negros olhos de Mikhail piscaram com repentino temor. Uma vez mais, sua mente procurou por Raven. Ela estava mortificando Jacques, com suas tiradas.

Mikhail inspirou repentinamente.

— Byron. No povoado, sabem que ele é o irmão de Eleanor. Se Eleanor, seu filho e Vlad foram os objetivos dos fanáticos, é possível e lógico, que Byron também o seja.

Enquanto seu corpo se contorcionava e dobrava-se, as plumas começava a surgir, emitindo brilhos iridescentes sob a pálida luz que tingia o céu. Ele enviou uma brusca advertência ao jovem Byron. As poderosas asas batiam o ar com força, voando depressa, tentando ajudar o melhor amigo de seu irmão.

Gregori inspecionava as montanhas. Seus olhos percorriam os escuros penhascos que se elevavam sobre o bosque. Saltou do precipício e seu corpo começou a transformar-se enquanto se deixava cair na terra. As asas se moveram com força, elevando-o para céu, para a superfície da rocha que sobressaía sobre o topo das árvores. A entrada da caverna era uma pequena fresta na parede de pedra. Foi fácil para ele, desfazer os feitiços de amparo, para poder entrar pela estreita abertura, Gregori se dissolveu uma vez mais, tornando-se uma tênue neblina e fluiu através da greta.

A passagem se alargou abruptamente, a água caía pelas paredes pelos dois lados do corredor rochoso que desembocava numa ampla câmara. A guarida do vampiro. Agora tinha seu aroma. Um brilho de satisfação iluminou os olhos prateados de Gregori. O vampiro não encontraria seu lugar de descanso. O não-morto aprenderia que ninguém ameaçava o Príncipe Mikhail e saía ileso, antes devia enfrentar Gregori.

Raven caminhava inquieta de um lado a outro da cabana, sorrindo para Jacques.

— Tenho muita paciência.

— Dá para notar. – assentiu secamente, Jacques.

— Vamos, Jacques. –disse Raven atravessando de novo o aposento e dando a volta para olhar para ele. — Não acha isto um pouco esquisito?

Jacques se acomodou no respaldo da cadeira e um malicioso sorriso, tipicamente masculino, deslumbrou Raven.

— Estar encerrado com uma formosa lunática, quer dizer?

— Isso... Todos os homens dos Cárpatos se acreditam graciosos?

— Só aquele que têm cunhadas que ricocheteiam nas paredes. Cada vez se parece mais com uma bola de ping-pong. Se acalme, mulher.

— Quanto demora um assunto como este? Mikhail estava muito bravo.

Com estudada tranqüilidade, Jacques se acomodou ainda mais na cadeira, apoiando-se na parede quase até perder o equilíbrio e elevou uma sobrancelha.

— As mulheres têm uma imaginação muito fértil.

— Inteligência, Jacques, não imaginação. – Raven o corrigiu amavelmente.

Jacques lhe dedicou um sorriso.

— Os homens dos Cárpatos entendem a fragilidade nervosa das mulheres. Não podem suportar as adversidades que os homens suportam.

Raven chutou o pé da cadeira, com força, deixando que Jacques caísse de costas no chão. Com os braços cruzados, olhou-o com superioridade.

— Os homens dos Cárpatos são muito presunçosos, querido cunhado. –anunciou Raven. — mas não são nada brilhantes.

Jacques a olhou fixamente, com falsa ferocidade.

— Tem um ponto de mesquinharia em você, Raven. – disse levantando-se repentinamente, com os olhos escuros sérios e inquietos. — Coloque isto. – Do nada, ele tirou uma grossa blusa de lã.

— Como faz isso? – A Raven, parecia simples magia.

— Um membro de minha espécie pode fabricar algo que proceda da natureza. – Ihe disse com uma entonação, que denotava sua ligeira distração. – Ponha isso Raven. Estou começando a me sentir preso nesta cabana. Precisamos sair, onde possa farejar o perigo, saber de onde vem.

Raven se envolveu na maciez da blusa e saiu para o alpendre, com Jacques.

— Quase é dia... –particularizou Raven.

Jacques encheu de ar seus pulmões, de forma brusca.

— Cheiro a sangue. Dois humanos e um deles me é familiar.

— Pai Hummer... –disse Raven, nervosa. — É seu sangue – e começou a descer as escadas, mas Jacques, muito mais precavido a pegou pelo braço.

— Não gosto disso, Raven.

— Está ferido, Jacques. Sinto sua dor, não é um homem jovem.

— Possivelmente. Mas por que veio até aqui? Esta cabana está muito afastada e poucos conhecem sua existência. Como é que

o pároco vem parar aqui quando estamos perto de nossa hora mais vulnerável?

— Poderia estar morrendo. Mikhail confia nele. – disse Raven firmemente. Seu coração procurava Pai Hummer. — Temos que ajudá-lo.

— Ficaré atrás de mim e fará o que eu disser. – ordenou Jacques, obrigando-a a proteger-se atrás de seu corpo. – Deu a Mikhail minha palavra de que a protegeria com minha vida e isso é o que pretendo fazer.

— Mas... -Raven engoliu o resto do protesto. A determinação de Jacques era muito clara.

— Fareje o vento, Raven. Agora é uma mulher dos Cárpatos. Busque sempre além do óbvio, não olhe só com os olhos e com o coração. Chamei Mikhail, está longe, mas voltará com rapidez. E se aproxima o amanhecer. – Jacques se afastou do alpendre, e fazendo um movimento circular se dirigiu para a espessura das árvores. — Há outro.

Raven tentou farejar, esquadrinhando em todas direções para encontrar o perigo. Sentiu-se inquieta, mas só pôde detectar Pai Hummer e o outro homem aproximando-se muito devagar.

— Por que é que não capto, Jacques?

Então o percebeu com clareza, uma turbulência, uma perturbação na harmonia da natureza, um poder que desequilibrava a ordem terrestre.

Viu o Jacques ficar sem respiração. Seus olhos negros, tão parecidos com os de Mikhail, brilharam com repentina ameaça.

— Vá embora daqui, Raven. Corra. Vá rápido e não olhe para trás. Esconda-se do sol e espere a chegada de Mikhail.

— Posso te ajudar. – Ela estava aterrorizada. Algo terrível os estava ameaçando, algo que Jacques, era óbvio, temia. Raven não podia dar volta e sair correndo, deixando seu cunhado só frente ao perigo. — Não posso partir, Jacques.

— Não entende! Você é mais importante que eu, que o pároco ou que qualquer de nós. É nossa única esperança de futuro. Deixe este lugar. Não faça com que eu falte com meu irmão.

A indecisão lutava com sua consciência. Pai Hummer apareceu ante eles, muito mais frágil do que recordavam. Estava com o rosto inchado e arroxeadado, quase impossível reconhecê-lo. Pela primeira vez deixava ver sua verdadeira idade, oitenta e três anos que pesavam sobre seu velho corpo.

— Vá, Raven! – disse Jacques deixando escapar o ar entre os dentes, movendo-se de novo num amplo círculo sem deixar de olhar o pároco. Seus olhos se moviam sem descanso, procurando, sempre procurando.

— Deve partir agora.

O outro homem chegou. Parecia-se muito a Eugene Slovesky, mas era muito mais loiro e jovem. Movia-se as costas do pároco e o empurrava, dando tapas em suas costas, de forma cruel.

O pároco tropeçou, caindo para diante sobre um joelho, tentou endireitar-se, mas caiu de bruços, com o rosto sobre o pó. O homem loiro lhe deu um chute, com rancor.

— Levante-se maldito velho. Levante-se ou o matarei aqui mesmo.

— Deixe-o! – Gritou Raven com os olhos cheios de lágrimas.  
— Pai Hummer! – ela desceu os degraus em louca carreira.

Jacques se adiantou e a interceptou com seu corpo, tão rapidamente que o olho humano não percebeu o movimento. Empurrou-a de volta ao alpendre.

— É uma armadilha, Raven. Sal daqui.

— Mas Pai Hummer... — Ela gritou a Jacques, em protesto.

— Venha aqui, senhora... – gritou o homem que se parecia com Slovensky. Abaixou-se, pegou Pai Hummer e o colocou de joelhos. Uma navalha estava apoiada no pescoço do sacerdote. —O matarei agora mesmo se não fizer o que digo.

Jacques deu a volta. Seus olhos brilhavam com uma luz vermelha. Rugiu em forma de advertência, provocando calafrios nas costas de Raven e fazendo que o assaltante Pai Hummer perdesse a cor de seu rosto.

O vento começou a soprar a seu redor, enviando folhas secas e ramos aos pés de Jacques. Uma criatura pareceu materializar-se do nada, golpeá-lo no peito, agarrá-lo e lançá-lo contra uma árvore.

Raven gritou.

— Mikhail, onde está?

— Vou para lá. Saia daí.

Jacques e o espectro voavam, chocando-se contra os troncos das árvores. As garras destroçavam os corpos e se mordiam com as presas. O peso deles quebravam ramos enquanto trocavam continuamente de forma durante o mortal combate. O vampiro estava forte, acabava de matar e beber sangue recentemente. Lançou-se sobre Jacques, provocando sua queda e rasgando seu corpo ao mesmo tempo.

— Corra Raven, é a você que ele busca –adverteu Jacques. – Vá enquanto possa.

Ela podia escutar Jacques respirar trabalhosamente, debilitava-se. Raven jamais havia atacado a outro ser humano em sua vida, mas estava claro que Jacques estava em perigo.

— Mikhail... – ela estava desesperada. O amanhecer se abatia sobre eles quando se lançou sobre as costas do vampiro para afastá-lo de Jacques.

— Não, afaste-se! – gritou Jacques, de forma inapelável e morto de terror.

— Não, Raven! – Mikhail repetiu a ordem, à distância.

— Não, mulher, não faça! –disse com ferocidade a voz de Gregori em sua cabeça.

Sem compreender, mas sabendo que sua vida estava em perigo, Raven tentou escapar, saltando novamente para trás. Mas o vampiro a segurou pela cintura, num abraço impossível de romper,

e virando a cabeça, com os olhos brilhantes por seu triunfo, afundou as presas na mão de Raven e bebeu o rico e espesso sangue. Queimava e doía como se a estivessem marcando com um ferro candente, o vampiro rasgava sua carne e sorvia seu sangue, cravando profundamente as presas.

Mikhail e Gregori tentavam afogar com a força de suas mentes, o vampiro, fechando seus dedos ao redor de sua garganta. Embora um ataque como aquele, a aquela distância, era pouco efetivo em um membro de sua raça, ao combinar suas forças, conseguiram que o não-morto ficasse durante um instante sem ar. Jacques aproveitou para golpear o vampiro com renovada ferocidade, empurrando-o para trás e obtendo que Raven ficasse livre e caísse no chão. O sangue brotava de sua mão, deixando de gotas carmesins no chão do bosque. Por um momento, os dois opositores ficaram imóveis, distraídos pela vermelha visão, voltando-se para agarrar ao Raven.

— Feche a ferida! – grunhiu o vampiro com voz rouca.

— Raven, morrerá sangrando. – Jacques se esforçava por manter a calma, tentando que ela compreendesse a gravidade da situação.

O vampiro golpeou então, rasgando o estômago de Jacques, de modo que ele teve que usar suas mãos para tampar as feridas de forma protetora. A cabeça de vampiro se contorceu, formando um focinho alargado e arremeteu como um lobo para a garganta desprotegida de Jacques, rasgando e destroçando.

Raven gritou e se lançou de novo sobre o vampiro, golpeando com ferocidade, sua cabeça e os braços. Desdenhosamente, a asquerosa criatura deixou cair o corpo de Jacques, que caiu como o de uma decomposta boneca de trapo sobre a vegetação. Novamente, pegou a mão de Raven para levar à boca, seus olhos sorriam sobre os de Raven, enquanto fechava as feridas. Raven sentiu uma náusea profunda ante o fétido contato. Seu corpo se rebelava ante o sujo toque.

— Lembre-se, humano, ela é minha. —ordenou ao Slovensky. — Voltarei por ela esta noite.—Disse o vampiro liberando-a e saltando para o céu.

Raven caiu sobre suas mãos, de joelhos e tentou se aproximar do corpo imóvel do Jacques.

— Esse vampiro o matou. —gritou histérica. E enquanto suas mãos tocavam o chão do bosque, Pegou punhados de terra. — Oh, Deus, ele está morto! Deixou que essa coisa o matasse! — usando seu magro corpo a modo de escudo, para impedir que vissem o que fazia, Raven tampou as feridas do pescoço de Jacques, misturando sua saliva curadora com a terra. — Beba, Jacques, agora, para que possa esperar a que cheguem Mikhail e Gregori. — com a mão sobre a boca de Jacques, Raven continuou soluçando de forma dramática, agradecendo, por uma vez, de que os homens pensassem que as mulheres se tornavam histéricas ante uma crise.

— Mikhail, Jacques está ferido de morte. Está ao alcance do sol. — Ela sentiu que o humano se aproximava e a agarrava pelas mãos, como advertência. Jacques estava muito fraco, alimentando-

se cegamente, quase perdeu seus batimentos do coração. Havia perdido uma enorme quantidade de sangue.

Com grande dignidade, Raven cobriu a cabeça de Jacques e sua mão com a blusa de lã, agachando-se para lhe dar um beijo de despedida.

— Não me abandone, Jacques. Deve viver. Por mim, por Mikhail, por todos nós. Não deixe que ganhem. – mas não podia detectar nenhum pulso, o coração de Jacques não pulsava.

Slovensky a levantou, pegando-a por um ombro. Ela estava mortalmente pálida, muito enjoada e extremamente fraca.

— Já basta de chorar. Se me causar algum problema, matarei o padre e se me fizer mal, o vampiro o matará. – Ele disse enquanto a empurrava para que começasse a descer pelo atalho.

Raven elevou o queixo, olhando-o friamente, com os olhos avermelhados.

— Então, suponho, que por seu bem, é essencial que o Pai Hummer se mantenha com vida não?

Raven soube, ao invadir sua mente, que o homem não acreditou nem por um instante, que o pároco fosse um dos homens de Mikhail, nem tampouco um servidor do diabo. Tinha visto o poder de vampiro e o ansiava para ele mesmo, queria ser recompensado com presteza.

James Slovensky, via com clareza o ódio e a compreensão, nos grandes olhos azuis. Não gostou do que viu

refletido neles e voltou a dar-lhe outro empurrão para que seguisse andando.

Raven usou todas suas forças para manter-se sob controle e toda sua determinação para continuar caminhando pelo escarpado solo. Jamais havia se sentido tão fraca, sequer podia ajudar Pai Hummer. Todas as suas energias eram empregadas em seguir colocando um pé diante do outro. De repente, desabou-se sentada no chão, atônita ao compreender que não tinham chegado a nenhum lugar e que suas pernas simplesmente não podiam a sustentar. Estava gelada, por dentro e por fora, e temia jamais não voltar a sentir calor.

— Alimente-se do padre. — ordenou o vampiro, deixando transparecer sua ira no tom de voz.

Raven piscou, e procurou por todos lados, quando a voz soava em sua cabeça. O vampiro havia estabelecido um laço de sangue com ela e podia controlá-la a sua vontade.

— Vá para o inferno. — Raven se alegrou por sua infantil resposta.

A risada do vampiro foi uma ameaça.

— Deu sangue ao Jacques, devia ter imaginado. Ele não viverá, assegurei-me de o infligir um ferimento mortal.

Raven reuniu todo o ódio de que foi capaz, deixando que fluísse em sua mente. Estava difícil pensar claramente e havia caído ao chão tantas vezes, que havia perdido a conta. Seu seqüestrador a jogou no assento traseiro de um carro, ao lado do Pai, e começou a descer pela montanha, a uma velocidade suicida. Raven se deitou

no assento, agradecida de que os vidros do carro fosse escuros. A letargia a invadia e seu corpo estava pesado como o chumbo.

— Se alimente! — A ordem do vampiro foi implacável e áspera.

Raven agradecia por poder desafiá-lo. Não podia dormir, não se atrevia, até saber se Jacques estava a salvo.

Mikhail e Gregori se apressavam sob o sol. As asas se moviam com ferocidade enquanto se aproximavam voando, de velha cabana. Enterrariam-se sob o chão, levando Jacques, assim que tivessem oportunidade.

— Raven. — Ela o ouviu mais perto, enchendo sua mente de amor. — Está muito fraco.

— Salve Jacques. Venha por mim esta noite, Mikhail. O vampiro pode ler meus pensamentos e acredita-se a salvo. Acredita que serei a isca para te apanhar. Não o permita. — Desesperada, Raven tentava enviar as palavras com clareza, mas seu cérebro estava muito embotado.

— Raven? — chamou-a Pai Hummer lhe tocando a testa. Estava geadá. Sua pele estava pálida, quase translúcida e os olhos azuis se afundavam nas conchas como duas flores esmagadas contra seu rosto. — Pode falar? Mikhail está vivo?

Raven assentiu com a cabeça, observando angustiada a face machucada do pároco.

— O que lhe fizeram? Por que o machucaram desta forma?

— Estão seguros de que eu conheço os lugares onde Mikhail esconde seus ataúdes. De acordo com o André...

— Quem é André?

— O vampiro traidor que está mancomunado com estes assassinos. Ele é um verdadeiro não-morto que se alimenta de crianças e destrói tudo o que é sagrado. Sua alma está perdida para toda a eternidade. Só sei que André parece estar levando a cabo os mitos a respeito dos vampiros com um propósito determinado. Afirma que Mikhail é o chefe dos vampiros e que se tiverem êxito e o matarem, todos os que estão sob sua influência recuperarão sua existência humana. Deve ter estabelecido um vínculo de sangue com eles, inadvertidamente, e o usa para controlá-los.

Raven fechou os olhos com cansaço. Seu coração se engenhava para continuar pulsando com menos sangue que o necessário e seus pulmões bramavam por um pouco de oxigênio.

— Quantos são?

— Três que eu saiba. Este é James Slovensky, seu irmão Eugene é o suposto líder e seu homem de ação é Antón Fabrezo.

— Ambos ficaram na pensão. Pensamos que haviam abandonado o país. Este vampiro, André, deve ser mais poderoso do que suspeitamos.

Sua voz se desvanecia, e ela falava cada vez mais devagar. O Pai Hummer a olhou atentamente enquanto ela tentava levantar o braço para afastar o cabelo da face. Seu braço parecia muito pesado e seu rosto tinha uma expressão distante. Ajudou-a com suavidade.

— Raven! —a voz de Mikhail soava angustiada.

Era muito difícil responder, requeria muita força. O pároco se sentou, de modo que a cabeça de Raven descansasse sobre seu braço. Raven tremia de frio.

— Preciso de uma manta para cobri-la.

— Cale-se, velho. — Ordenou Slovensky. Seus olhos vigiavam constantemente o céu através do pára-brisa do carro. O sol estava alto, mas grandes nuvens o cobriam, ocultando sua luz.

— Se ela morrer, André o fará desejar ter morrido também.  
— insistiu Edgar Hummer.

— Preciso dormir. — disse Raven com voz fraca, sem abrir os olhos. Nem sequer se assustou quando a jaqueta de Slovensky caiu inesperadamente sobre sua face.

Mikhail foi obrigado a se afastar imediatamente do sol. Sem óculos escuros e sem nenhum tipo de amparo, seus olhos e sua pele ardiam. Posou-se sobre uma árvore, num ramo próximo ao chão e recuperou seu corpo humano enquanto saltava a distância que o separava do chão. O corpo de Jacques jazia ao sol, uma blusa de lã tampava seu pescoço e seu rosto. Sem olhar a extensão das feridas de seu irmão, Mikhail o pegou nos braços e se deslizou sobre o chão, para o labirinto de cavernas.

Um enorme lobo negro se uniu, saindo da espessura, correndo a seu lado. Os olhos brilhavam ameaçadores. Atravessaram juntos os estreitos túneis até chegar a uma câmara ampla, coberta de vapor. O lobo negro se retorceu, e o cabelo

desapareceu dos musculosos braços, quando Gregori recuperou sua verdadeira forma.

Mikhail deixou o corpo de Jacques sobre o rico chão com muito cuidado e tirou a blusa de lã. Amaldiçoou em voz baixa, e notou que as lágrimas se amontoavam nos olhos e na garganta.

— Pode salvá-lo?

As mãos de Gregori moveram sobre o corpo, sobre as horríveis feridas.

— Jacques deteve o coração e os pulmões para conservar o sangue. Raven está fraca porque o alimentou. Misturou sua saliva com a terra e fez emplastos para tapar os ferimentos. Já estão começando a sanar, mas necessitarei suas ervas, Mikhail.

— Salve-o, Gregori – disse Mikhail enquanto seu corpo se dobrava e se cobria de pêlos, alongando-se para tomar forma enquanto corria pelo túnel de passagem, saindo das vísceras da terra. Não se atrevia a pensar em Raven e em quanto fraca ela podia estar. A letargia também invadia seu corpo, exigindo entregar-se ao sono.

Convocando toda seu enorme força e sua vontade, convertida em aço ao longo dos anos, Mikhail saiu no terreno espaçoso em plena carreira. O corpo do lobo estava desenhado para correr velozmente, e assim ele o fez. Corria rente ao chão, com os olhos convertidos em duas estreitas ranhuras. As garras arranhavam o chão e as patas traseiras tomavam impulso para saltar sobre os troncos caídos. Jamais diminuiu o passo enquanto atravessava ravinas e saltava por cima das rochas.

O fato de que o céu estivesse nublado o ajudava a paliar os efeitos do sol, mas ainda assim, seus olhos choravam ao se aproximar da cabana. O vento começou a soprar, trazendo o odor do suor e do medo. Um homem. A fera rugiu em silêncio. Toda a fúria reprimida estalou até alcançar uma ira candente e o lobo se deteve, totalmente escondido. Novamente, o dominavam os instintos predadores. Moveu-se a favor do vento, correndo em silêncio entre os espessos matagais para se aproximar com sigilo, dos dois homens que pensavam pegá-lo numa emboscada. É óbvio que o traidor sabia que Mikhail correria em ajudar seu irmão. O vampiro era muito ardiloso e havia previsto todas as opções. O traidor esperara longo tempo, alimentando o fanatismo de Hans Romanov. Provavelmente, foi ele que ordenou Romanov matar sua esposa. O lobo abaixou-se sobre o ventre, arrastando-se até ficar a alguns metros do homem mais alto.

— Chegamos muito tarde. — sussurrou Antón Fabrezo enquanto se levantava para observar o atalho que levava a cabana.  
— Alguma coisa saiu errada.

— Maldito carro, tinha que estragar. — se queixou Dieter Hodkins. — Há sangue por todos lados. Houve uma briga, estou seguro.

— Acredita que André matou Dubrinsky? — perguntou Antón.

— Esse é nosso trabalho, mas o sol já saiu. Se Dubrinsky estiver vivo, estará dormindo em seu ataúde em algum lugar. Podemos dar uma olhada à cabana, mas não acredito que vamos encontrar alguma coisa. — disse irritado, Dieter.

— André não ficará muito contente. —disse preocupado Antón — Quer que Dubrinsky tenha uma morte espetacular.

— Devia é nos ter dado um carro mais decente. Disse a ele que o meu tinha uma avaria. — falou Dieter com impaciência. Acreditava na existência dos vampiros e em seu dever de exterminá-los.

Dieter ficou em pé devagar, examinando a paisagem com muito cuidado.

— Vamos, Fabrezo. Possivelmente tenhamos sorte e Dubrinsky já esteja metido no ataúde, na cabana.

Antón soltou uma risada nervosa.

— Eu lhe cravo a estaca e você lhe corta a cabeça. A forma de matar um vampiro é um enredo.

— Cubra-me, enquanto inspeciono o lugar. — ordenou Dieter enquanto entrava no mato, com o rifle preparado. De repente, os arbustos que estavam diante deles, abriram-se dando passo a um enorme e forte lobo. O coração de Dieter parou por um instante, ficou paralisado, incapaz de se mover.

Os olhos negros brilhavam com maldade. Estavam chorosos e avermelhados. Afiadas presas brancas, emitiram brilho, reluzentes de saliva. Durante trinta segundos, o lobo capturou Dieter com seu olhar, aterrorizando-o. Sem aviso, investiu com a cabeça baixa e as mandíbulas abertas, apanhando um tornozelo pela bota e rompendo o osso de forma audível, com um horrível rangido, graças a sua enorme força. Dieter gritou e caiu no chão. O lobo o soltou imediatamente e retrocedeu, olhando-o com olhos distantes.

Dos arbustos, Fabrezo tinha visto Dieter Hodkins cair ao chão e gritar, mas não viu o que havia acontecido. O pânico na voz de Hodkins fez Antón começar a sentir terror. Demorou mais de um minuto, para poder pronunciar uma palavra.

— O que aconteceu? Não vejo nada. – instintivamente, ele retrocedia entre os arbustos, mantendo a pistola no alto, com o dedo no gatilho, preparado para disparar no que se movesse. Queria advertir Dieter para guardar silêncio, mas ele se manteve calado com o coração batendo no peito, pelo sobressalto.

Dieter tentava preparar o rifle para poder disparar, entre o pânico e o terror, os venenosos olhos negros o induziam, mas sequer podia apertar o gatilho com suficiente rapidez. Os olhos do lobo mostravam muita inteligência, fúria e raiva. E esse olhar assassino estava dirigido a ele. Eram os olhos da morte, que o estavam hipnotizando. Era incapaz de desviar o olhar e não pôde, quando o lobo abriu sua garganta. Pelo menos, não sentiu nada e agradeceu o rápido final. Os letais olhos mudaram a expressão no último momento, repentinamente triste, enquanto o lobo tirava a vida do homem.

Depois, sacudiu a peluda cabeça e deslizou novamente, entre os arbustos, em busca de Antón Fabrezo. Podia ouvir seu coração pulsando, acelerado pelo terror, fervendo de vida. Podia ouvir o sangue quente fluindo por seu corpo, que cheirava a medo e suor. O júbilo sacudiu o corpo do lobo. Precisava de sangue, precisava matar. Não obstante, Mikhail se livrou da necessidade, pensando em Raven, em sua compaixão e em sua valentia. Nesse

momento, o sol encontrou um buraco, numa espessa nuvem e os olhos do Mikhail foram assaltados por milhares de alfinetes.

— Preciso das ervas, Mikhail. O sol está alto e o tempo acaba para Jacques. Termine já.

O lobo esperou a que a nuvem cobrisse novamente o sol e então caminhou desafiadoramente para o claro, expondo deliberadamente as costas a Fabrezo, cujos olhos se estreitaram e deixou ver um diabólico sorriso. Pegou a pistola com as duas mãos e colocou o dedo no gatilho, mas antes que pudesse apertá-lo, o lobo girou no ar e esmagou o peito de Antón, abrindo os ossos, para chegar ao mesmo coração.

O lobo saltou sobre o corpo de forma desdenhosa para correr até a cabana. Os olhos lhe choravam constantemente, mas a debilidade que invadia seu corpo era mais difícil de ignorar. Consciente do passar do tempo, o lobo subiu a toda velocidade, as escadas que levavam ao alpendre da cabana, até chegar à porta. Uma garra se dobrou, alongando-se até formar dedos que seguraram a maçaneta da porta e a abriu. A necessidade de entregar-se ao sono era tremenda, mas Jacques esperava as ervas. As patas dianteiras do lobo eram agora duas mãos que seguravam a bolsa das ervas e a colocaram em volta do pescoço peludo e musculoso. O lobo partiu em frenética carreira sob o sol, por cima da cobertura de nuvens que antes o ocultava.

De forma inesperada, retumbou um trovão. O céu se viu sulcado de negras nuvens carregadas de chuva que ajudaram Mikhail a proteger-se do sol. A tempestade descarregou sobre o bosque rapidamente. O forte vento arrancava as folhas e

empurrava os ramos das árvores. Um relâmpago rangeu e caiu sobre a terra, como um furioso látego de luz. O céu se converteu num ameaçador caldeirão de nuvens em ebulição. Mikhail se dirigiu para as cavernas e através do estreito labirinto de túneis, chegou à câmara principal, transformando-se em plena carreira. O frio olhar de Gregori deslizou por Mikhail, enquanto este soltava a bolsa das ervas.

— É uma proeza que tenha sido capaz de amarrar os sapatos sem minha ajuda durante todos estes séculos.

Mikhail se deixou cair ao lado de seu irmão, cobrindo-os doloridos olhos com a mão.

— É mais milagroso que se tenha mantido com vida, com suas ostentosas manobras.

A câmara se encheu das antigas palavras, tão velhas como o tempo. A voz de Gregori era formosa, mas implacável. Ninguém possuía uma voz como a dele, hipnótica e formosa. A letania era uma âncora onde se apegar, no confuso mar onde Jacques flutuava. A rica terra misturada à saliva de Gregori foi colocada em torno do pescoço do ferido. O sangue de Gregori, antigo e poderoso como nenhum outro, fluía pelas maltratadas veias de Jacques. Gregori espremeu e misturou algumas ervas, acrescentando aos cataplasmas que cobriam os ferimentos do pescoço.

— Já acudi as feridas interiores, ele está muito fraco, Mikhail, mas Jacques é forte. Se o enterrarmos profundamente e lhe darmos tempo, curará. – disse Gregori enquanto colocava um

emplastro na mão de Mikhail. — Coloque isso sobre os olhos. Ajudará até que estejamos sob o chão.

E ele estava com razão. O emplastro era fresco e aliviava o fogo que Mikhail sentia. Mas em algum lugar de seu interior, outro pesadelo começava a tomar forma. Um vazio imenso e negro começava se estender por sua alma, sussurrando pensamentos negros e descontraídos. Não importava quantas vezes tentasse alcançar a mente de Raven, sempre encontrava um silêncio por resposta. Um nada. Seu cérebro lhe dizia que Raven dormia profundamente, mas o sangue dos Cárpatos pedia a gritos, para estar em contato com ela.

— Precisa ir para a terra agora. — assinalou Gregori. — Selarei as entradas com os feitiços de amparo e me assegurarei de que ninguém nos incomode.

— Sim, com um grande luminoso que diz “Gregori dorme aqui, não lhe incomodem?” — perguntou Mikhail com uma nota de advertência em seu tom de voz.

Gregori baixou o corpo de Jacques para o profundo buraco escavado na terra, sem se incomodar pelo sarcasmo de Mikhail.

— Também podia ter escrito seu nome no céu depois de sua espetacular atuação, Gregori.

— Quero que o vampiro saiba quem sou, a quem ousou escolher como inimigo. —disse Gregori encolhendo os ombros, em um descuidado gesto de poder.

A fome se arrastou pela pele de Mikhail, deixando a sensação de milhares de formigas que mordiam sua carne,

aguilhoavam seus órgãos e despedaçavam seus nervos. Elevou os olhos inchados e vermelhos para o rosto sério, embora curiosamente sensual, de Gregori. Seu amigo possuía um enorme poder que resplandecia em seus olhos prateados.

— Acredita que com Raven já estou completo e que não precisarei mais de você, então atraí deliberadamente o perigo, afastando-o de mim e dos meus, porque no fundo crê que já não pode mais suportar sua existência. Abre os braços ao perigo da caça, porque está procurando um modo de acabar com sua vida. Mas nossa gente precisa de você, agora mais que nunca, Gregori. Temos esperança. Há um futuro para nós se formos capazes de sobreviver durante os anos vindouros.

Gregori deu um fundo suspiro e afastou o olhar, dos duros olhos de Mikhail, onde resplandecia a censura a seu comportamento.

— Há uma razão para salvar sua vida, mas salvar a minha não tem sentido.

Mikhail passou uma mão por seu cabelo.

— Nossa gente não pode sobreviver sem você, Gregori, e honestamente, eu tampouco.

— Está tão seguro de que não vou me transformar? —O sorriso do Gregori carecia de humor, era zombeteiro. — Tem muito mais fé que eu mesmo. Este vampiro é desumano, está embriagado do próprio poder. Deseja dar morte, destruir. Eu caminho por essa linha fronteira todos os dias. Seu poder não é mais que uma pluma ao vento comparado com o meu. Não tenho coração, Mikhail

e minha alma é escura. Não quero esperar até não ser capaz de tomar minha própria decisão, não quero te obrigar a me caçar e me destruir. Minha vida foi proteger você e lhe ser fiel. Não esperarei até ter que ser açoitado.

Mikhail moveu uma mão para abrir a terra sobre o lugar onde estava seu irmão.

— É nosso maior curador, muito valioso para todos nós.

— Sim... E por isso, murmuram meu nome com temor, com medo.

Sob seus pés, a terra tremeu repentinamente, agitando-se e retumbando. O epicentro do terremoto estava a uma enorme distancia de onde se encontravam, mas não tiveram dúvidas, em acreditar que a origem do mesmo foi a raiva do vampiro ao encontrar sua guarida destruída.

O não-morto havia entrado crédulo em sua toca, até que viu o corpo do primeiro lobo. A cada giro no túnel foi encontrando os cadáveres de seus sequazes, até que a alcatéia inteira esteve a seus pés. O medo se converteu então, em profundo terror. Não era obra de Mikhail, cujo sentido de justiça e dever, o levaria a perdição. Não, aquilo era obra do Escuro. De Gregori.

Ao vampiro, não havia passado pela cabeça que o Escuro pudesse jogar nesta partida. André saiu como um raio da segurança de sua guarida, no momento em que a terra tremeu e as paredes de pedra vieram abaixo. O choque dos blocos de granito estiveram a ponto de lhe arrebentar os tímpanos. Um vampiro, com muitas mortes nas costas era muito mais suscetível ao sol e à letargia que

invadia os membros da Estirpe dos Cárpatos. André tinha muito pouco tempo para encontrar um buraco seguro. Ao sair da montanha, enquanto esta se desintegrava, o sol golpeou seu corpo com tanta força, que lhe escapou um grito de agonia. O pó e as pedras saíam de seu lar e o eco da risada zombeteira de Gregori, flutuou sobre os escombros do terremoto.

— Não, Gregori. – disse Mikhail com um pingo de diversão em sua voz, entregando-se flutuando, aos braços da terra. — Este é um bom exemplo, de por que sussurram seu nome com pavor. Ninguém entende seu humor negro como eu.

— Mikhail?

Mikhail deixou quieta a mão com a que ia ordenar à terra que se fechasse sobre seu corpo como uma manta.

— Não colocaria em perigo, nem você e nem Jacques, com meu desafio. O vampiro não pode atravessar meus feitiços.

— Nunca temi o André e sei que seus feitiços são fortes. Acredito que nosso amigo já está bastante problema em ter que encontrar um lugar para se ocultar do sol. Não nos incomodará hoje.

## Capítulo 14

Pai Hummer caminhava em volta das paredes, do lugar onde se encontravam. Não havia janelas e parecia ser uma construção sólida. As paredes eram grossas, e possivelmente haviam tirado o som. Nem um raio de luz chegava até ali e a total escuridão era sufocante. O pároco havia estendido todas as mantas disponíveis sobre o gelado corpo de Raven, mas estava convencido de que ela já havia morrido pela perda de sangue. Não era capaz de detectar o mais ligeiro rastro de pulsação e nem de respiração desde que os jogaram ali. Após batizar Raven e lhe administrar a extrema-unção, Pai Hummer havia começado a registrar a estadia procurando uma saída.

O vampiro, André, estava utilizando Raven, para atrair Mikhail a este lugar. Edgar, que conhecia bem Mikhail, sabia que a armadilha funcionaria. Mikhail viria, e que Deus tivesse piedade da alma de Slovensky.

Um pequeno som, o de uma trêmula respiração, atraiu sua atenção. Pai Hummer voltou para junto de Raven, que tremia de forma incontrolada sob as mantas. Estava ainda mais fria que antes. O pai a rodeou com seus braços, procurando consolo para ambos.

— O que posso fazer por você?

Raven abriu os olhos. Podia ver na escuridão com total nitidez e examinou a bem construída cela e o rosto preocupado de Pai Hummer.

— Preciso de sangue.

— Estarei encantado de te dar o meu, menina. – respondeu o pároco, imediatamente.

Raven percebeu a debilidade do ancião. De toda forma, ela não podia tomar sangue do mesmo modo que fazia Mikhail. Sua mente procurou a reação de seu companheiro. Mas a dor fez que sua cabeça estalasse, emitiu um suave gemido e levou as mãos às têmporas.

— Não tente, pequena. – a voz de Mikhail soava forte e conseguiu acalmá-la. — Conserve suas forças, estarei logo contigo.

— Jacques vive? – Ela sentiu que uma dor aguda atravessava sua cabeça, ao enviar a mensagem.

— Graças a você. Descanse. –era uma ordem. Uma ordem implacável e clara.

Um pequeno sorriso se deixou adivinhar no canto dos lábios de Raven.

— Fale comigo, Pai. Distraia-me. – Estava muito fraca, mas não queria que o ancião percebesse.

— Falarei em voz baixa para que não nos ouçam –disse Edgar junto a seu ouvido. — Mikhail virá, você sabe. Jamais nos abandonaria neste lugar. – Ele esfregava os braços de Raven com suas mãos, tentando esquentar seu fatigado corpo.

Raven assentiu com a cabeça, uma difícil tarefa tendo em conta que parecia ser feita de chumbo.

— Conheço-o. Daria sua vida por nós sem pensar.

— Você é sua companheira e sem você, ele se converteria no vampiro de nossas lendas. Um monstro sem comparação, na história da humanidade.

Raven lutava, esforçando-se para respirar.

— Não acredito, Pai. Nós temos nossos próprios monstros. Eu os vi, segui-os. São iguais. – ela disse aproximando ainda mais, a manta do corpo – Já viu Gregori, o amigo do Mikhail?

— Chamam-no o Escuro. Vi-o uma vez, sim. Mikhail expressa seu temor por ele, com frequência.

A respiração de Raven se ouvia no silêncio da cela. Um som sibilante, ao encher de ar seus pulmões.

— Ele é um grande curador, Pai. Um médico. –disse com outro ofego. — E é leal ao Mikhail. Você acredita que há esperança para sua raça?

O pai fez o sinal da cruz na testa de Raven e na parte interna de suas mãos.

— Você é sua esperança, Raven. Sabe disso, não é?

Mikhail roçou então sua mente. Estava mais perto e o vínculo entre eles era muito poderoso. Enviou-lhe ondas de amor, envolvendo-a em seu protetor e forte abraço.

— Agüente, meu amor. —a voz de Mikhail era sedutora e acariciava brandamente sua mente, como o veludo. Veludo negro.

— Não venha a este horrível lugar. Espere Gregori. — suplicou.

— Não posso, pequena.

As luzes se acenderam e se apagaram várias vezes, alguém estava acionando um gerador de energia. A mão de Raven encontrou a do pároco.

— Tentei detê-lo, Pai, o advertir, mas ele virá, de qualquer maneira.

— É óbvio. — os olhos de Edgar piscaram sob a repentina luz. Pai Hummer estava preocupado por Raven, sua respiração era entrecortada e dificultosa.

A pesada porta rangeu com um ruído metálico ao ser aberta. James Slovensky os olhava. Seus olhos ficaram fixos no rosto de Raven, indevidamente atraídos por ele. Os olhos azuis o olharam diretamente.

— O que está acontecendo? —perguntou.

Um ligeiro sorriso apareceu nos doces lábios.

— Estou morrendo. Acredito que é evidente até para você. — sua voz era apenas um sussurro, mas com tal cadência musical que era impossível não cair sob sua sedução.

Slovensky entrou na habitação. Raven podia sentir Mikhail no interior de seu próprio corpo, sua força, seu poder, escondido

para atacar. Também sentiu uma repentina inquietação.

— Espere, o vampiro se aproxima. – ofegou de novo, introduzindo ar em seus pulmões, e o angustiante som ressonou na cela.

A mão de André afastou sem cuidado algum, Slovensky, como se afastasse uma mosca. Estava plantado na porta. Sua pele rosada era produto de uma morte recente. Seus olhos não possuíam nenhum brilho, mas deixavam ver o ódio. Uma promessa desumana de crueldade.

— Bom dia, minha querida. Sou André, acabei de chegar e vou levá-la a seu novo lar.

Deslizou-se pelo aposento, desfrutando claramente ante a exibição de seus poderes. Ao se aproximar, os olhos se escureceram pela ira.

— Ordenei-te que usasse o padre para se alimentar.

— Ordenei-te que fosse para inferno. – disse Raven, com sua voz doce e musical, acoçando-o deliberadamente.

— Aprenderá que é melhor me obedecer. – Respondeu André, zangado por seu desafio. Pegou o ancião pelo peitilho da camisa e o jogou contra o muro de pedra. Sem pensar, friamente, sem se importar com as conseqüências. — se não for usar ele como alimento, não o queremos para nada. Certo? – disse com um sorriso claramente diabólico.

O corpo de Pai Hummer caíra ao chão com força, batendo o crânio, que rangeu com o impacto. Gemeu uma só vez, procurando

ar, suspirou muito fracamente e se negou a continuar lutando.

Raven reprimiu um gemido, lutou por respirar. Sua dor era tão impossível de suportar que, por um momento, sua mente se negou a funcionar.

— Mikhail, sinto muito. Eu o enfureci, tudo é por minha culpa.

Sentiu que o amor de Mikhail a rodeava, que seus dedos acariciavam seu rosto.

— Não, meu amor.

Raven pôde sentir como o sofrimento de Mikhail se misturava ao seu próprio. Elevou os olhos azul-violeta para enfrentar o vampiro.

— E agora, como esperas me ter sob controle?

O vampiro se agachou sobre ela, seu sorriso era perverso.

— Aprenderá. Agora, se alimente.

Ele estalou os dedos e Slovensky quase tropeçou nos próprios pés ao sair correndo, para retornar imediatamente, com copo de um líquido viscoso e escuro. Tremiam-lhe as mãos quando o entregou ao vampiro, com muito cuidado de não se aproximar das garras, semelhantes às de uma ave de rapina.

— É para você, querida. Seu café da manhã. —o vampiro sustentou o copo, bem perto, para que ela cheirasse o conteúdo. Sangue fresco, mas adulterado, com uma erva que não conhecia.

— Droga, André? Não é um truque muito baixo para alguém como você? – tinha que continuar lutando a cada momento para poder respirar e de uma vez engolir a dor, pela morte do ancião. Se não houvesse enfurecido o vampiro, talvez...

O rosto do vampiro se contorceu de fúria, quando Raven pronunciou seu nome com tanto desprezo, mas se limitou a olhá-la fixamente, tomando-a num transe para que ela o obedecesse.

Desprezando-o como ela o fazia, temerosa por Mikhail e abatida de dor pela morte de seu amigo e o estado de Jacques, Raven teve que apelar para todas as suas forças que restavam, para se liberar da batalha mental com o vampiro. A dor fazia estalar a cabeça em pedaços e só quando André viu seu que sua testa estava coberta por pequenas gotas de sangue, desistiu.

O vampiro deixou de um lado a ira que provocava a rebeldia de Raven. Estava muito perto da morte, e se ela desaparecesse, seus planos viriam abaixo.

— Morrerá se não se alimentar. Sei que Mikhail sabe o que acontece. Está me escutando, Príncipe? Ela está morrendo. Obriga-a aceitar o que a ofereço.

— Deve fazê-lo, pequena. –a voz de Mikhail era uma terna carícia. — Se não o fizer, morrerá antes que eu chegue, e o mais importante, mais que tudo, é que você siga com vida.

— O sangue está adulterado com alguma droga.

— As drogas não têm efeito sobre os nossos.

Raven suspirou e olhou de novo ao vampiro.

— O que há, além do sangue, no copo?

— Só ervas, querida minha. Ervas que nublarão um pouco seus sentidos, mas que conseguirão que meus amigos tenham bastante tempo para estudar a fundo, seu Mikhail. O manterão com vida, como prisioneiro, aqui. Não é isso o que quer? O que ele permaneça com vida? A alternativa é matá-lo imediatamente.

Um nó se formou em seu estômago ao tentar se opor. Mas seria mais simples, se fechasse os olhos e deixava de lutar por respirar. Já não podia suportar a dor de cabeça e era a responsável pelas graves feridas de Jacques e da morte de Pai Hummer. E o pior de tudo, seu amado Mikhail se dirigia pressuroso aos braços do inimigo, por sua culpa. Se simplesmente deixasse de...

— Não! – gritou Mikhail com voz áspera e implacável.

— Não o faça! – disse Gregori, somando sua força ao protesto de Mikhail.

O vampiro fechou as mãos em volta do pescoço de Raven, furioso por ela ter escolhido a morte, em franco desafio a ele. O roçar daquelas mãos imundas, fez a pele de Raven se arrepiar e seu estômago encolher de protesto.

Subitamente, o vampiro gritou e se afastou com um salto dela. Seu rosto estava contraído pela dor e a ira. Raven viu que ele estava com as palmas das mãos chamuscadas e enegrecidas, ainda fumegantes, enquanto as levava ao peito de forma protetora.

Mikhail havia enviado seu próprio desafio, em forma de advertência.

— Acredita que vai ganhar, – sibilou o vampiro — mas não será assim. Beba agora mesmo! – suas mãos a sujeitaram.

A mente de Raven gemia e se tornavam pedacinhos, ante a proximidade do demoníaco ser. O corpo dobrado de Pai Hummer jazia à vista. Para o vampiro não era mais que um monte de lixo. Se tocasse à horrenda criatura, poderia ler seus pensamentos, mas era, com diferença, o ser mais asqueroso que ela vira.

A droga a confundiria o suficiente, para fazê-la acreditar que a pertencia. Mikhail viveria, mas sofreria o tortura e a dor. Estaria muito dolorido para atacar a seus captores. Slovensky desfrutava torturar e seu irmão estava desejoso de dissecar um vampiro e fazer experimentos com ele. André estava seguro que os dois irmãos, morreriam nas mãos dos vingativos súditos de Mikhail. Raven leu tudo. A traição e o horrível plano do não-morto.

— Mikhail! Não se aproxime deste lugar! – Gritou resistindo à ordem de beber o sangue adulterado, lutando loucamente para se liberar do imundo toque do vampiro. — Não permitirei que caia em suas mãos. Antes, escolherei a morte.

— Beba! – o vampiro começava a se preocupar. O coração do Raven pulsava com dificuldade. Uma fina camada de suor carmesim molhava sua testa, sinônimo de sua agonia.

— Jamais. –disse Raven apertando os dentes.

— Ela morrerá, Mikhail. Isto é o que quer para ela? Morrerá em meus braços, comigo, e de todas formas, já ganhei. – disse André enquanto agitava Raven com fúria — Ele se suicidará no

mesmo momento que a vida a abandonar. É tão estúpida que não se dá conta? Ele morrerá também.

Os olhos azul-violeta procuraram o descarnado rosto.

— Destruirá você primeiro. — Disse com total convicção.

— Meu amor, —o tom de voz de Mikhail era veludo negro que acalmava sua dolorida mente. — Deve permitir que eu tome as decisões neste momento. Não me resta outra opção, que obter sua submissão. Esta decisão deveria ser dos dois, mas não você é capaz de ver além da ameaça que se abate sobre mim. André não pode me desafiar, me acredite, se prenda a essa idéia. Não pode nos separar, porque eu vivo em você e você vive em mim. Ele não entende nosso vínculo. Juntos somos muito fortes para ele. Deixarei que ele me capture. Eu o permitirei, isso é tudo.

André soube o momento exato em que à vontade de Mikhail ganhou a partida. Raven permitiu que ele aproximasse o copo de seus lábios, mas ainda presa no transe. Seu corpo tentava rechaçar o alimento. O vampiro notava os espasmos do estômago de Raven em protesto. Graças ao vínculo que os unia, Mikhail pôde acalmar sua companheira, o suficiente para que ela aceitasse o que André oferecia.

De forma imediata, o coração e os pulmões responderam. A respiração se fez menos laboriosa e o corpo de Raven começou a tomar temperatura. Quando Mikhail a liberou do transe, Raven tentou afastar-se do vampiro, mas só conseguiu que ele aumentasse a pressão de seus braços sobre seu corpo e que

esfregasse deliberadamente sua face contra a sua. Sua risada foi cruel e jactanciosa.

— Acreditava que ele era forte, verdade?

— Por que está fazendo isto? Por que o trai?

— É ele que trai a todos os nossos.

Nesse momento, Mikhail atravessou a porta. Alto e forte, parecia invencível. Slovensky se encolheu contra a parede, tentando passar despercebido. André pressionou uma afiada garra sobre a jugular de Raven.

— Tenha muito, muito cuidado, Mikhail. Poderia me matar, isso está fora de toda dúvida, mas ela morreria primeiro. – e com esta ameaça, aproximou Raven de seu corpo, de um puxão, colocando-a diante de seu corpo, enquanto a levantava do chão. As mantas caíram revoltas, e Raven ficou pendurada, totalmente desamparada, com os olhos fixos em Mikhail.

O sorriso de Mikhail foi terno e afetuoso, quando devolveu seu olhar.

— Amo-te, pequena. É valente. O que quer, André? – perguntou com suave e profunda cadência.

— Quero seu sangue.

— Darei a Raven, para que reponha todo o que perdeu.

Raven sentia seu coração bater forte no peito. De forma deliberada, recostou-se sobre o André, permitindo que a garra se

afundasse em sua carne. Uma gota de sangue desceu por seu pescoço.

O vampiro a apertou ainda mais, arriscando-se a fraturar suas costelas.

— Não volte a fazer outra estupidez como essa. – ele repreendeu-a, centrando-se novamente em Mikhail. — Não pode se aproximar o suficiente para lhe dar sangue. Coloque num recipiente.

Mikhail negou com a cabeça com movimentos muito lentos.

— Ele quer meu sangue para ele, amor, para ser mais poderoso, para poder aumentar o efeito da droga e confundir ainda mais sua mente. – ele já podia sentir o efeito da droga em Raven, mas ela lutava para permanecer unida a ele. — Não posso lhe dar meu sangue. –o eco das palavras ressonou tristemente na cabeça de Raven.

Ela procurou Gregori, mentalmente.

— Deve vir.

— A droga que ele te deu é antiga. – Explicou Gregori, suas palavras acariciavam sua mente com ternura. — É feita de pétalas prensadas de uma flor que só se encontra na região setentrional de nossa terra. Somente a desorientará, nada mais. O vampiro tentará implantar novas lembranças em sua mente e usará a dor para te controlar. Estabeleceu um laço de sangue com você, e por isso pode a controlar. Quando pensar em Mikhail, ele infligirá dor a você. Mas não é por causa da droga, é André. Oculta seus pensamentos, tanto te seja possível, para poder conservar suas forças. Quando entrar

em contato com Mikhail, como seu corpo e sua mente exigem, André não saberá. É capaz de focar seus pensamentos, melhor que qualquer membro de nossa espécie. O vampiro não tem a menor idéia de nosso vínculo, posso te encontrar em qualquer lugar. Assim que acabar de atender Jacques, irei junto a Mikhail. Tem minha palavra de que Mikhail sobreviverá. Encontraremos-nos. Mantenha-se com vida pelo bem de todos nós.

O vampiro e Mikhail se olhavam fixamente, cada um a um lado do aposento. O poder emanava de cada poro de Mikhail, que parecia descaradamente divertido pelo dilema que se apresentava ao vampiro.

Uma vibração malévola distorceu a tensão existente na habitação, golpeando com força nas têmporas de Raven.

— Mikhail! –gritou a advertência diretamente a sua mente enquanto Slovensky disparava três vezes sobre ele.

Na pequena cela, o ruído dos disparos soou como um trovão que retumbou sobre a parede rochosa. As balas penetraram pelas costas de Mikhail, que caiu junto ao corpo de Pai Hummer. Seu valioso sangue manchava de uma intensa cor carmesim, sua imaculada camisa de seda branca.

— Não! –Raven lutou freneticamente com o vampiro. O medo lhe dava as forças, que a perda de sangue havia arrebatado. Por um instante, esteve a ponto de liberar-se, mas, de novo, as mãos do vampiro a atiraram para trás e rodearam com força seu pescoço. Raven lutou contra o pânico que a invadia. Não podia deixar que a matasse.

— Gregori, dispararam em Mikhail.

— Eu sei. Todos os nossos sentiram, não se preocupe. Ele não morrerá. —Gregori se aproximava. — Tiveram cuidado de disparar em lugares onde sangrará profusamente. Não o feriram de morte como a Jacques. Neste momento, ele está me informando da gravidade de seus ferimentos.

O vampiro arrastou Raven até a porta, junto a ele.

— Os outros virão, mas será muito tarde. Não acredita que vai se liberar desta. — sibilou em seu ouvido. — Slovensky e os outros morrerão por isso e com eles desaparecerão todas as pistas do que aconteceu aqui. Você será minha, muito longe daqui, onde não possam te encontrar.

Raven manteve o olhar fixo em Mikhail, transmitindo a Gregori, através de seus olhos tudo o que via. Slovensky amarrando Mikhail nos pés e mãos, para encadeá-lo à parede, enquanto ria a gargalhadas, e lhe dava coices. Mikhail permanecia em silêncio, seus olhos brilhavam escuros, frios como o gelo.

O vampiro elevou o magro corpo de Raven e correu com enorme velocidade, impossível de seguir com a vista. Afastou-se daquele lugar de morte e destruição, elevando-se pelo céu e agarrando Raven com as garras, enquanto entrava na noite.

Gregori penetrou com facilidade na mente de Mikhail. Ao longo de séculos de batalhas, guerras e caças de vampiros, haviam trocado sangue em várias ocasiões, para assegurar suas vidas. Mikhail sentia dor e sua perda de sangue era considerável. Os disparos foram em lugares intencionais, para diminuir seu imenso

poder. Slovensky estava ocupado infernizando Mikhail, descrevendo as torturas a que seria submetido. Nos olhos negros de Mikhail começou a pulsar uma espectral chama avermelhada. Um olhar chamejante que enfocou diretamente Slovensky, conforme ele se aproximava. O poder que encerrava aquele olhar deixou paralisado o homem por um instante.

— Aprenderá a me odiar, vampiro. —Provocou James Slovensky. — E a me temer. Aprenderá quem tem poder aqui.

Um ligeiro e mordaz sorriso apareceu nos lábios de Mikhail.

— Não te odeio, mortal. E jamais poderia ter medo de você. É um simples peão neste jogo, e já foste sacrificado. —modulou sua voz com um tom muito baixo, uma cadência musical que deixou Slovensky em transe, desejando voltar a ouvi-la.

O homem se ajoelhou ao lado de sua vítima, sorrindo ao ver a dor de Mikhail.

— André entregará todos os teus, chupasangue.

— E por que ia fazer? — disse Mikhail com os olhos fechados. Seu rosto estava sulcado de rugas e tenso, mas o fraco sorriso ainda curvava seus lábios.

— Você o transformou, obrigou-o a levar uma vida ímpia, igual a fez com a mulher. Ele vai tentar salvá-la. —Slovensky se inclinou um pouco mais, aproximando sua adaga. — Acredito que deveria tirar essas balas de teu corpo, não queremos que se infeccionem, não é? — ele sorria, desfrutando com a antecipação.

Mikhail não retrocedeu ante a adaga, manteve os olhos abertos, flamejando com sua força. Slovensky caiu de costas, de joelhos, cambaleou e conseguiu escorar-se na parede mais longe. Rebuscando no casaco, tirou a pistola e apontou com ela para Mikhail.

Nesse momento, a terra tremeu levemente, como se fosse acumulando poder para levantar o chão em um só ponto e de repente, explodir. Slovensky se agarrou à parede para manter o equilíbrio e perdeu a pistola com os movimentos. Uma pedra se despreendeu do muro sobre sua cabeça, caindo perigosamente perto, a seu lado. Uma segunda e depois uma terceira rocha caíram e Slovensky teve que cobrir a cabeça ante a avalanche de pedras e pó.

Seu grito foi alto e agudo. Encolheu-se ainda mais e olhou através dos dedos da mão ao homem dos Cárpatos amarrado à parede. Mikhail não se moveu em busca de amparo, estava imóvel, na mesma posição que Slovensky o havia deixado e continuava olhando-o fixamente. Suando pelo medo, o homem tentou equilibrar-se sobre a pistola.

O chão se elevou e se agitou sob seus pés, a pistola foi parar, longe de seu alcance. A parede voltou a oscilar com precariedade e uma nova avalanche de rochas caiu ao chão, golpeando o homem na cabeça e nos ombros, prendendo-o. Então ele notou algo curioso e aterrador. Nenhuma só pedra roçava o cadáver do pároco e nenhuma se aproximava de Mikhail. O homem dos Cárpatos se limitava a observá-lo com aqueles malditos olhos e o mordaz sorriso enquanto as pedras caíam sobre suas pernas e

esmagavam suas costas. Então se ouviu um espantoso rangido e Slovensky gritou ao sentir o tremendo peso que caiu sobre sua coluna.

— Maldito seja. –grunhiu Slovensky. — Meu irmão o apanhará.

Mikhail não disse nada, só contemplava os estragos que Gregori estava causando. Ele teria matado James Slovensky de um golpe, sem o dramatismo que exibia Gregori quando algo o encolerizava, mas estava cansado e seu estado era muito precário. Não estava com nenhum desejo de desperdiçar suas já diminuídas forças. Raven estaria nas mãos do vampiro, durante o tempo que Gregori levasse para curá-lo. Não podia se permitir imaginar o que André podia lhe fazer. Seu corpo se sacudiu e a dor o atravessou. Mais rochas caíram, em vingança, sobre o corpo de Slovensky, cobrindo-o como uma manta, formando uma macabra tumba.

Gregori entrou com sua peculiar forma de se deslocar, silenciosa e elegante. O poder era nele, uma segunda pele, enquanto se aproximava pela greta do muro.

— Isto se está convertendo num cacoete.

— Ora, cale-se! –disse Mikhail sem rancor.

Gregori tocou com muita suavidade os ferimentos, os inspecionando.

— Sabiam o que estavam fazendo. Os disparos procuraram lugares onde sangrasse até quase morrer. Não tocaram nenhum órgão vital. – em décimos de segundo, ele liberou Mikhail das

cadeias. Tampou-lhe as feridas com terra, para deter possíveis hemorragias.

— Vá ver o Pai Hummer –disse Mikhail com voz fraca.

— Está morto. – respondeu Gregori sem olhar o corpo quebrado.

— Assegure-se. – era uma ordem e Mikhail jamais ordenava nada a Gregori, jamais precisara.

Durante um momento, se contemplaram, com os olhos brilhantes.

— Por favor, Gregori, se houver uma só possibilidade... - disse Mikhail fechando os olhos.

Movendo a cabeça como censura pelo atraso, Gregori, cumprindo com seu dever, aproximou-se do enfraquecido corpo e tentou encontrar seu pulso. Sabia que seria inútil, e também sabia que Mikhail era consciente disso, mas ainda assim, comprovou-o.

— Sinto-o Mikhail. Está morto.

— Não quero deixá-lo neste lugar.

— Não fale mais e me deixe fazer meu trabalho. – resmungou Gregori, colocando ao Mikhail sobre piso. – Tome meu sangue enquanto fecho estes buracos.

— Encontre Raven.

— Tome meu sangue, Mikhail. O vampiro não lhe fará mal. Esta noite terá paciência. Deve estar forte para caçá-lo. Beba o que

te ofereço livremente. Eu não gostaria de ter que colocá-lo transe para o obrigar.

— É um chato, Gregori. — se queixou Mikhail, enquanto segurava obedientemente, a mão que o curador oferecia. O sangue de Gregori era antigo, como o de Mikhail. Nenhum outro o curaria com mais rapidez. Tudo ficou em silêncio enquanto Mikhail se alimentava, repondo o que havia perdido. Gregori afastou a mão ligeiramente, sabendo que precisaria de todas as suas forças para levar seu Príncipe a um lugar seguro e curá-lo.

— O pároco virá conosco. — insistiu Mikhail. Uma onda de calor derreteu o gelo que se estendia por seu corpo, deixando-o faminto e necessitado. Sua mente procurou sua companheira. A necessidade de inundar-se em sua mente foi compulsiva.

A mente de Raven explodiu de dor ao penetrar nela. Mikhail se retirou ofegando, com um olhar agonizante que procurava explicação nos prateados olhos de Gregori.

— Durma agora, Mikhail. Logo sairemos à caça. Primeiro devemos nos ocupar destes ferimentos. — Ordenou Gregori com sua hipnótica voz. E começou a recitar uma letanía monótona, em uma língua antiga como o mundo. — Escute minhas palavras e deixe que a Mãe Terra te acolha em seus braços. A terra curará seus ferimentos e acalmará sua mente. Durma, Mikhail. Meu sangue e o teu são muito poderosos, quando misturados. Sinta como curam seu corpo.

Gregori fechou os olhos, fundindo-se por completo com Mikhail, fluindo no interior do corpo de seu amigo para poder

localizar cada ferida e expulsar qualquer corpo estranho. Reparar todo o dano do interior para o exterior, com a precisão do mais habilidoso dos cirurgiões.

Um enorme mocho, com grandes plumas a modo de chifres sobre a cabeça, sobrevoou em círculos o arruinado edifício, pousando após o muro meio destroçado. Baixou as asas devagar e com os redondos olhos, estudou com precisão a cena que se desenvolvia no interior. Suas garras relaxaram, ocultando-se. Gregori elevou a cabeça ao retornar a seu próprio corpo. Pronunciou o nome de seu congênere em voz baixa, reconhecendo-o imediatamente.

-Aidan.

O corpo do mocho se expandiu, emitiu tênues brilhos e apareceu a figura de um homem alto, de cabelo loiro com brilhantes olhos dourados. Sua aparência física era incomum entre a Raça dos Cárpatos. Seu corpo se movia com precisão militar, seus gestos eram seguros e firmes.

— Quem ousou fazer isto? —Perguntou. O que aconteceu com Jacques e com a mulher de Mikhail?

Gregori soltou um gemido e os olhos cinzas cravaram, como adagas, nos de Aidan.

— Me traga terra úmida e prepare o cadáver do pároco. — Gregori voltou para trabalho quando Byron chegava. Lentamente, sem nenhum tipo de pressa, a formosa e antiga letanía enchia a noite de esperança e de promessas. Ninguém acreditaria que

estava trabalhando em contra do tempo, Mikhail precisava estar em pé, ainda esta noite.

Aidan trouxe consigo a terra mais rica que pôde encontrar e retrocedeu alguns passos para contemplar, ensimesmado, Gregori enquanto este trabalhava. Os emplastos foram cuidadosamente misturados e aplicados sobre as feridas externas. O vento levou o pó e a sujeira do monte de pedras, mas trouxe uma advertência aos homens dos Cárpatos. Dois humanos se aproximavam em um caminho.

Byron se ajoelhou junto a Edgar Summer, passando as mãos respeitosamente pelo rosto do pároco e o elevou nos braços.

— Deixarei-o em terra sagrada, Gregori e destruirei esses dois corpos que ficaram junto à cabana.

— Quem fez isto? – repetiu Aidan.

Gregori se limitou a enviar a informação diretamente à mente de Aidan, sem preocupar-se em manter uma conversação audível.

— Conheço o André há muitos séculos. – disse Aidan. — É cinqüenta anos mais jovem que eu. Lutamos juntos em mais de uma batalha. São tempos desesperados para todos. — Aidan deslizou sobre os muros caídos, seus olhos dourados brilhavam na escuridão. Cada folha das árvores refulgia como a prata banhada à luz da lua, mas Aidan havia perdido, há muito, a habilidade de ver as cores. Seu mundo era escuro e cinza, e assim continuaria até que encontrasse sua companheira ou procurasse o descanso do amanhecer. Aspirou o ar da noite e captou o aroma da caça, o

cheiro da morte, o incauto aroma do homem. O aroma de gasolina e a fumaça do motor do veículo que se aproximava, turvava a pureza do ar. Moveu-se entre a linha de carvalhos, lutando por reprimir o frio instinto de predador que exigia sangue, em vingança pelas atrocidades cometidas por um dos seus. Sua raça, cujo estado era tão precário que estava à beira da extinção e não poderia resistir outra caçada de vampiros. Todos e cada um dos homens que ainda lutavam contra a escuridão, haviam depositado suas esperanças, na sobrevivência da mulher de Mikhail. Se ela era fosse de se adaptar a sua forma de vida, se era na realidade uma verdadeira companheira e trazia para o mundo filhas, suficientemente fortes para sobreviver durante o primeiro ano de vida, então todos os homens dos Cárpatos teriam uma oportunidade. Seria questão de esperar e registrar e sair em busca de mulheres como Raven.

A traição de André afetava a todos. Era o pior ultraje que podia cometer.

A névoa se espessou, opressiva, formando um véu quase impenetrável que envolvia as árvores e ocultava a estrada. Os freios chiaram de forma desagradável quando o motorista deteve o veículo, incapaz de distinguir alguma coisa através da densa névoa. Aidan se aproximou sem ser visto, um predador perigoso, espreitando a sua vítima.

— Quanto falta para chegarmos, Tio Gene? — era a voz de um jovem, nervoso e emocionado, suspensa ao vento.

— Temos que esperar a que a névoa esteja menos espessa, Donny. — a segunda voz soava intranqüila. — Está acostumado a

que de repente, a névoa apareça e cubra tudo. Não é boa idéia estar fora quando acontece.

— Qual é minha surpresa? Não pode me dizer? Disse a Mamãe que havia uma surpresa de aniversário que eu jamais esqueceria. Ouvi você.

Aidan pôde vê-los então. O condutor teria uns trinta anos e o menino não mais de quinze. Aidan os observou atentamente, a necessidade de matar rugia em suas veias e percorria seu corpo. Sentia o poder em cada uma de suas terminações nervosas que o recordavam que estava vivo.

O homem estava muito nervoso, escrutinava a névoa em todas as direções, embora não via nada, depois do grosso véu branco. Por um instante, viu olhos famintos e brilhantes, quase dourados. Eram olhos de um animal, os olhos de um lobo, que os vigiavam da escuridão da noite. Seu coração se acelerou e secou sua boca. Aproximou do menino para protegê-lo.

— Seu Tio James guardou para você.

Teve que limpar a garganta, duas vezes, antes de poder pronunciar uma só palavra. Sabia que corriam sério perigo, sabia que um predador esperava para rasgar suas gargantas.

— Vamos andando até o refúgio de caça, então, Tio Gene. Não posso esperar para experimentar meu novo rifle. Vamos, não está tão longe. – o enrolou o menino.

— Não com esta névoa, Donny. Há lobos nestes bosques e outras coisas. É melhor esperar aqui até que possamos ver. – disse o homem com firmeza.

— Temos pistolas. – respondeu o menino de mau humor. — Não as trouxemos para usar?

— Já disse que não. As pistolas nem sempre nos mantêm a salvo, menino.

Aidan controlou os selvagens instintos, o menino não havia chegado ainda a sua maturidade. Quem fossem esses mortais, não os mataria, a menos que sua vida ou a dos seus, estivessem em perigo. Não se converteria num vampiro ou traidor, nem por uma sedução tão poderosa. O vento açoitou as folhas e ramos a seu redor, formando um redemoinho. Gregori se materializou a seu lado e levava nos braços, um Mikhail, pálido e sem vida.

— Saíamos deste lugar, Aidan.

— Se o adulto for Eugene Slovensky, estará muito ocupado esta noite. Seu irmão está morto sob uma montanha de rochas, uma troca pela vida do pároco de Mikhail.

— Não me atrevi a matá-los. –repetiu Aidan, admitindo mais para si mesmo que para Gregori.

— Se for Slovensky, merece morrer, mas agradeço de que tenha resistido a seus instintos, de que conheça o risco que é para você. Viajaste longe caçando aos não-mortos para proteger aos nossos. A escuridão de sua alma diz.

— Caminho a beira do abismo. – reconheceu Aidan em voz baixa, sem desculpar-se. — Quando feriram a mulher de Mikhail, até quase matá-la, todos os nossos sentiram a fúria de nosso Príncipe, em qualquer lugar remoto onde se encontrassem. A turbulência foi estranha, única, e senti que precisava investigá-la.

Voltei para comprovar que sua sabedoria segue guiando nossa raça. E também acredito que esta mulher é a esperança de um futuro.

— Também eu acredito. Possivelmente, estabelecer em um novo país te ajude e te alivie. Precisamos de um caçador experiente nos Estados Unidos.

Com a névoa ainda muito densa, para acautelar a intromissão dos humanos, Aidan desviou sua atenção para o edifício, cuidadosamente construído. Elevou a mão e com um movimento, a terra tremeu e se agitou. O edifício desabou, ficando em pé só as rochas que assinalavam a recente tumba.

Gregori se internou na névoa, carregando Mikhail e com o Aidan a seu lado. Cruzaram o céu escuro até chegar às cavernas, onde o resto dos fiéis súditos de Mikhail haviam chegado, um após o outro, para ajudar a curar a seu Príncipe.

## Capítulo 15

O ar da noite passava com rapidez sobre o corpo de Raven, enquanto o vampiro a levava, cruzando o céu, para seu desconhecido destino. Ela estava enjoada e fraca e sua mente não concentrava um só pensamento. A princípio, obrigou-se a fixar sua atenção em qualquer parte da paisagem que pudesse transmitir a Gregori. Depois de um momento, não era capaz de recordar o que estava fazendo nem por que. A um nível profundo de consciência, Raven sabia que era o efeito da droga que a fazia sentir-se desorientada e a ponto de vomitar e era muito complicado perguntar onde a levava o vampiro ou o que pensava em fazer quando chegassem.

Uma formosa lua derramava sua luz prateada pelas copas das árvores, convertendo tudo em um sonho irreal. Muitas lembranças entravam e saíam da mente de Raven. Suaves sussurros e um constante murmúrio que não podia captar. Parecia ser importante, mas Raven estava muito cansada para desentranhá-lo. Teria sua mente ficado em pedacinhos, após perseguir o último assassino em série? Não podia recordar o que havia acontecido. Era agradável sentir o vento sobre sua pele, limpando tudo. Tinha frio, mas não importava. A luz da lua dançava, as cores giravam e o céu refulgia sobre sua cabeça. Embaixo, um grande lago brilhava como o cristal. Era tudo incrivelmente formoso, mas sua cabeça doía insuportavelmente.

— Estou cansada. – encontrou, de algum modo, sua voz e quis provar se era capaz de falar. Possivelmente despertasse e desse conta, que estava em maio a um sonho.

Os braços que a sujeitavam a apertaram ligeiramente.

— Eu sei. Logo estará em casa.

Não reconheceu a voz e algo em seu interior se rebelou pela proximidade desse ser. Seu corpo não gostava de seu toque. Conhecia-o? Não parecia, mas ele a sujeitava como se tivesse algum direito sobre ela. Algo escapava de sua memória, mas não era capaz de reter a lembrança. Cada vez que parava para pensar, que acreditava que as peças do quebra-cabeça encaixavam, a dor de cabeça se fazia tão insuportável que não conseguia chegar à conclusão.

Subitamente, encontrou-se caminhando junto ao homem, sob as estrelas. As árvores se agitavam, inclinando-se com suavidade e o homem a estreitava pela cintura. Raven piscou confusa, estivera passeando todo esse tempo? Claro, ninguém podia voar, era absurdo. De repente, teve medo, teria se tornado louca? Olhou fixamente para o homem que caminhava junto a ela. Fisicamente, sua beleza não tinha comparação, seu pálido rosto destilava sensualidade. Mas quando sorriu, seus olhos careciam de emoção. Eram frios e seus dentes brilharam ameaçadores, na boca vermelha, que fez que seu coração encolher de medo. Quem era esse homem? Por que estava com ele?

Raven sentiu um calafrio e tentou afastar-se ligeiramente do homem com um sutil e ligeiro movimento. Estava muito fraca e

sem a segurança do homem, teria caído.

— Está gelada, querida. Logo estaremos em casa.

Sua pele se arrepiou ao ouvir sua voz. Estava aterrorizada e sentia asco por esse ser, seu estômago confirmava. Podia perceber uma maligna e zombeteira satisfação em sua voz. Sob sua atitude, supostamente solícita, Raven sentia que uma serpente gigantesca se enrolava ao redor de seu corpo, podia sentir seu tato frio, de réptil escamoso e seu hipnótico olhar. Sua mente voou, lutando por alcançar outra mente.

— Mikhail.

Seu grito foi agônico e caiu de joelhos no chão, enquanto cobria as orelhas com a mão, aterrorizada pelo medo de se mover ou de pensar.

Mãos frias a agarraram pelos braços e a puseram de pé.

— O que acontece Raven? Vamos, diga-me para que eu possa te ajudar.

Aborrecia o som de sua voz, fazia bater seus dentes e a pele arrepiava. Entranhava notar um secreto regozijo em sua voz, como se ele soubesse com exatidão o que estava acontecendo e desfrutasse de seu sofrimento, com sua ignorância. Mas embora detestasse seu contato, não era capaz de andar com os próprios pés e não restou alternativa, que se apoiar sobre o poderoso corpo.

— Precisa se alimentar. – Ele assinalou, casualmente, mas Raven sentiu a excitação que ocultava aquela afirmação e apertou o estômago com a mão.

— Tenho o estômago revoltado.

— Isso é porque está faminta. Preparei uma surpresa especial, querida, um banquete em sua honra. Os convidados esperam impacientemente nossa volta.

Raven parou subitamente e olhou com atenção os olhos irônicos e frios.

— Não quero ir com você.

Ele endureceu o olhar, desconcertado, dedicou-lhe uma paródia de sorriso que consistiu numa desalmada exibição de suas presas. Raven pôde ver como as gengivas retrocediam, e os incisivos aumentavam. Não era tão arrebatadoramente bonito como havia pensado. Possuía uma aparência cruel e putrefata.

Raven conseguiu que ele soltasse seu braço, dando um puxão e se agachou, sentando-se sobre suas pernas.

— Você não é... — O nome lhe escapou com a tremenda explosão de dor. O sangue brotava de sua testa e algumas gotas desciam por seu rosto.

De forma deliberada, André se abaixou e grosseiramente, deslizou sua língua pela face de Raven, seguindo o rastro do sangue.

— Está doente, querida. Deve confiar em mim, eu sei o que te convém.

Raven se obrigou a permanecer tranqüila, a afastar as nuvens que nublavam sua mente. Ela possuía dons especiais e tinha um cérebro. Esses eram dois fatos indiscutíveis. Estava segura de

se encontrar em grave perigo, mas não fazia a menor idéia de como tinha chegado até aquele lugar com aquele homem, mas precisava pensar. Elevou o rosto para a lua, de tal modo, que seu cabelo negro como o ébano, adquiriu reflexos azulados.

— Estou muito confusa, sequer lembro seu nome. – forçou um olhar aflito para satisfazê-lo e acalmá-lo, se por acaso, ele era capaz de ler seus pensamentos. Estava convencida de que esse homem podia fazer. — O que me aconteceu? Tenho uma horrível dor de cabeça.

— Golpearam-te na cabeça. – Ele a ajudou a levantar-se passando um braço por sua estreita cintura. Esta vez, Raven se obrigou a aceitar o contato, sem se afastar.

— Sinto muito, estou muito confusa. Sinto-me tola e assustada. –confessou com os enormes olhos azuis, a viva imagem da inocência, enquanto mantinha a propósito a mente em branco.

— Sou André, seu verdadeiro companheiro. Outro homem dos Cárpatos, a afastou de meu lado e quando te resgatei, você caiu e ele a golpeou na cabeça. –sua voz era hipnótica e com uma estranha cadência.

— Verdadeiro companheiro. Mikhail.

Quando a dor a golpeou, aceitou-a, permitiu que a atravessasse completamente. Ficou sem ar e sentiu que os ossos de seu crânio eram atravessados por milhares de agulhas. Usando toda a disciplina que possuía, enfocou seus pensamentos.

— Mikhail? Onde está? É real? Tenho medo. –encontrou um vínculo familiar. Um rastro mental que seguiu com facilidade, como

se o usasse com muita freqüência.

— Pequena. – A resposta foi muito fraca, longínqua, mas muito real. Algo a que ele se prender em meio à loucura.

— Quem está a meu lado? O que está acontecendo? – perguntou enquanto se apoiava intencionalmente contra o homem alto e mantinha sua mente num estado de total confusão. Achou interessante, que sua mente pudesse trabalhar em dois níveis, de uma só vez.

— André é um vampiro. Roubou-a de meu lado. Espere-me.

Algo estava muito errado. Estava tudo em sua mente, se conseguisse alcançá-lo. Raven acreditava naquela longínqua voz, sentia seu amor e sua suavidade, que a envolviam em braços protetores e fortes. Conhecia esses sentimentos, essa voz. Ele parecia ferido.

— Está ferido? O que te aconteceu?

Mikhail introduziu de novo os recentes acontecimentos na mente de Raven. Quando assimilou, Raven tomou ar, a sensação era a mesma que alguém sentia ao ser golpeado com força no estômago.

— Mikhail.

— Gregori se converteu em ditador. Não me atrevera a morrer.

As lembranças voltavam com rapidez, fluindo como água e ela se sentia aterrorizada. Continuou dividindo a atividade de seu cérebro. O vampiro só tinha acesso à parte superficial, ele só lia o

que ela permitia. Ali, a seu lado, Raven estava trêmula e confusa, a mulher que ele queria que fosse.

Os ferimentos de Mikhail pareciam graves, pois ele estava na caverna, rodeado de todos outros homens Cárpatos. Gregori trabalhava nas feridas e Raven estava completamente segura de que ele o obrigaria a enterrar-se nas profundezas da terra e ela ficaria sem a comunicação que a mantinha. Elevou o queixo. A droga podia ter confundido sua mente de forma transitiva, mas ela poderia fazer o que lhe desse vontade.

— André, posso me arrumar. Não se preocupe por mim. .

Repentinamente, viu-se obrigada a reprimir uma onda de alívio. A memória, que até então permanecia fragmentada, voltou a se unir em sua totalidade sob o toque curativo da mente de Mikhail. Mikhail ou Gregori viriam por ela, não importava o que acontecesse. Mikhail cobriria seus ferimentos e se arrastaria se fosse necessário, até chegar a seu lado.

— Está muito calada. – a surpreendeu André.

— Estou tentando me lembrar, mas quando o faço, dói-me a cabeça.

Raven não pôde distinguir a casa de pedra, construída na lateral da montanha. Parecia resplandecer a luz da lua que por um instante pareceu uma miragem, depois adotara uma estrutura diferente e desaparecia de novo. Raven piscou rapidamente, captando cada detalhe para transmitir a Mikhail. O truque consistia em não permitir que o vampiro soubesse que ela pensava em Mikhail. Era André que a castigava com a dor, quando notava que

ela tentava lembrar alguma coisa, a respeito dele. Confusa pelo efeito da droga, ficara brevemente sob seu poder, agora se sentia simplesmente enjoada e aturdida. E muito, cansada.

— Esta é nossa casa? – perguntou inocentemente, apoiando-se por completo nele.

— Estaremos aqui para nos deleitar com nosso jantar, querida. – e novamente, ela percebeu a curiosa mofa, que começava a odiar. — Não é seguro que fiquemos mais tempo, pois o outro pode nos perseguir. Deve se alimentar para voltar ter forças e escapar. Deliberadamente, Raven segurou o braço de André com a mão, em gesto de confiança.

— Tentarei, André, mas me sinto um pouco enjoada.

Raven deu um passo para a entrada e sentiu o repentino protesto de Mikhail. Insegura, caiu diante da porta, permanecendo como uma juvenzinha desamparada. Com uma maldição, André tentou levantá-la de um puxão e colocá-la na casa, mas Raven estava sem forças e era incapaz de se mover. Ergueu-a nos braços e a levou, ele mesmo, ao interior.

A casa, escavada na rocha, consistia numa grande habitação frontal, com uma porta no lugar mais afastado, de onde uma escada descia ao andar inferior. Estava fria e úmida e o mofo crescia nas gretas da rocha. Havia uma mesa e um banco alongado. André moveu a mão para acender várias velas. O coração de Raven parou e de novo começou a pulsar alarmado. Encadeados à parede, com os olhos dilatados pelo terror, estavam um homem e uma mulher. Os dois estavam sujos e com a roupa rasgada. O vestido da

mulher parecia farrapos e na camisa do homem havia manchas de sangue. Ambos tinham numerosos ferimentos e sobre a face direita do homem se distinguiam várias marcas de queimaduras.

O sorriso do vampiro foi cruel e zombeteiro, quando examinou a suas indefesas vítimas.

— O jantar, querida, só para você.

Ele soltou Raven no banco, como se ela fosse de frágil porcelana e deslizou com supremo encanto sobre o chão de pedra, com os vazios olhos cravados na mulher, estendendo o momento, para desfrutar de seu terror e gargalhando da impotente raiva do marido. Enquanto livrava à mulher, o homem lutava e proferia ameaças, amaldiçoando Raven. André arrastou à mulher até colocá-la ao lado de Raven, a obrigando a ficar de joelhos e afastando seu cabelo com uma mão para deixar sua garganta exposta. Deslizou o polegar pela jugular.

— Se alimente, querida. Sinta o sangue derramar em suas veias e se fortaleça novamente. Quando tomar sua vida, conhecerá um poder que jamais imaginaste. Este é meu presente, o poder infinito.

A mulher soluçava e gemia de terror. Seu marido rogava, jurava e lutava contra as correntes que o seguravam. Raven ficou em pé e afastou o cabelo com mão trêmula. André devia ter colocado suas vítimas em um transe, seduzi-las para que acolhessem com gosto a morte, mas não o fez, porque procurava o prazer que proporcionava, o terror nos humanos. O sabor da adrenalina causava vício, intoxicava seus sentidos. Na casa, todos

esperavam a reação de Raven. Pôde sentir Mikhail em seu interior, calado, fervendo de fúria por não poder estar ali, para protegê-la daquela terrível situação.

Seus enormes olhos azul-violeta elevaram-se até o rosto de André. Estavam brilhantes, a beira das lágrimas. Raven passou a mão pelo braço da mulher, numa carícia suave, tentando reconfortá-la, sem palavras.

— Dúvidas de mim. Por que? O que fiz? Sinceramente, não posso lembrar. Jamais arrebataria uma vida desta maneira e certamente, você tampouco. Por que me faz passar por esta prova? Acaso cometi um crime que não recordo? Por que se comporta de um modo tão cruel comigo?

O rosto do André escureceu e os olhos avermelhados voltaram para sua habitual cor castanha escura.

— Não se angustie tanto.

— Diga-me, André. Não suporto, não poder recordar nada. Obrigou-me o outro, a fazer algo que você não pode me perdoar? – dizendo isto, Raven abaixou a cabeça, como se estivesse envergonhada. Sua voz souu mais suave. — Tome minha vida, André. Descarrega sua ira sobre mim, não sobre esta pobre mulher que não merece. Partirei se não desejar que minha vida esteja ligada à tua, embora não tenha outro lugar aonde ir. – Ela procurou o olhar de André e seus olhos refletiam a sinceridade que pretendia imprimir a sua voz. — Tome minha vida, André, agora.

— Não, Raven.

— Então, me responda, por que me faz passar por esta prova? É porque não sou totalmente como você? Porque não posso ir a terra ou transformar meu corpo? Já sei, envergonha-se de mim e quer me castigar deste modo.

— É obvio que não.

Raven rodeou a mulher com seu braço.

— Acho que me lembro, embora não estou segura, que disse ter contratado serventes de confiança. Referia a esta mulher? – De repente, sua expressão mudou. — É seu amante? – sua voz soou com um timbre histórico, mas as mãos eram gentis sobre o braço da mulher.

— Não! Não! – Protestou a mulher, embora em seus olhos, se liam a confusão e um pingo de esperança. — Não sou sua amante. Este é meu marido. Não fizemos nada de mau.

André estava claramente complicado. Levara Raven, na intenção desesperada de salvar a si mesmo. Se a obrigasse a matar, converteria-a num ser tão escuro e condenado como ele. Alguma coisa se agitou em seu interior e ele voltou a contemplar a inocência de seus olhos.

— A mulher diz a verdade, Raven. Ela não significa nada para mim. Será uma simples faxineira, se você desejar. – se via perdido e sozinho, quase inseguro.

Raven tomou sua mão. Sua mente, podre e retorcida era uma obra mestra de maldade. Mas ainda assim, Raven sentiu lástima por ele. Uma vez, fora um homem bom, não muito diferente de Mikhail ou Jacques, mas na escura solidão de sua existência,

havia tomado o caminho errado. André queria desesperadamente voltar a sentir, ser capaz de suportar o sol do amanhecer, presenciar de novo um entardecer. Queria olhar-se outra vez no espelho e não ver suas gengivas embebidas e os estragos causados por sua depravada existência. Era impossível. Nenhum vampiro de verdade, podia enfrentar seu reflexo no espelho, sem sentir uma profunda dor. Raven era sua única esperança e ele se pegou a ela, queria um milagre. Mas ao ser humano, não fazia idéia do que ela era capaz ou incapaz de fazer.

— Me perdoe, André, se fiz algo que te faça duvidar de mim. —disse em voz baixa. Sentia tanta pena em seu interior, que estava com vontade de chorar. Não podia salvá-lo, ninguém podia fazê-lo. Era muito perverso e estava muito imbuído de seu falso poder, muito dependente do sabor da adrenalina no sangue humano e isso só se conseguia, aterrorizando suas vítimas.

Raven se odiava por enganá-lo, mas sua vida e a do casal estavam na corda bamba.

A mão de André acariciou seu cabelo.

— Não estou zangado contigo, querida minha, mas está fraca e precisa se alimentar.

A mulher se esticou de repente, seu rosto estava distorcido pelo medo. Depois, ficou muito quieta, esperando a resposta de Raven que parecia muito confusa.

— Mas não posso me alimentar. — e deliberadamente, deixou que o nome de Mikhail ressonasse em sua mente, em seguida, segurou a cabeça com as mãos, para suportar a dor que

provocou. — Não sei por que, não posso pensar. Acredito que o outro me fez alguma coisa para que me sentisse assim.

André levantou a mulher pelo cabelo.

— Voltarei em alguns minutos. Cuide que não aconteça nada a Raven. —disse com olhos frios e vazios. — Não tente partir, saberei imediatamente.

— André, fique. — Sussurrou Raven, lutando por ele apesar de tudo.

Ele se separou de Raven com um giro e saiu com rapidez, afastando-se da luz, de volta ao mundo de loucura e morte com o qual estava familiarizado.

A mulher se pegou com Raven.

— Por favor, nos deixe partir. Ele é o diabo, matará a todos nós ou nos fará seus escravos até que não o divertamos mais.

Raven tentou se levantar, lutando desesperadamente contra o enjôo que sentia.

— Ele saberá. Pode ver na escuridão, Sentir o cheiro ou o batimento de seus corações. -O ar estava viciado e falava de morte. Com sua sensibilidade, Raven podia ouvir os chiados das incontáveis vítimas, arrastadas para esse lugar e encadeadas as sujas paredes. Estava tão assustada como a mulher. — Quem é?

— Sou Monique Chancellor e este é meu marido, Alexander. Por que me ajudou?

— Guarda bem seus pensamentos, Monique. Ele pode escutá-los.

— É nosferatu, o ímpio. O vampiro. – Ela afirmou mais que perguntou. — Devemos partir deste lugar de morte.

Raven ficou em pé, insegura, segurando-se no respaldo do banco e de mesa, até que chegou à porta. Ficou olhando fixamente as estrelas, observou a paisagem em todas as direções, tomando nota de cada parede rochosa, dos picos que se elevavam, a costas da casa. Examinou cuidadosamente a construção, as janelas, as portas, a estrutura das paredes, prestando especial atenção à planície que levava até a casa.

— Por favor, por favor... – A mulher voltou a tocá-la com as mãos. — Nos ajude.

Raven piscou para enfocar o olhar.

— Estou tentando os ajudar. Permaneça tranqüila e fique fora de seu caminho. Não atraiam não sua atenção. – dizendo isto, ela fechou a porta, completando o que ela pensava ser seu dever. Mikhail e Gregori disporiam de toda a informação que ela pudesse enviar.

— Quem é você? – perguntou Alexander de forma perspicaz, suspeitava dela. Havia forçado tanto os cadeados que suas mãos estavam em carne viva.

Raven se esfregou as têmporas, seu estômago voltava a sentir náuseas.

— Não é uma boa idéia, que ele veja ferimentos abertos, a sua volta. — ela podia cheirar o sangue e seu corpo, desesperadamente fraco, precisava alimentar-se. Raven ignorou os fracos soluços da mulher, encolhida no canto e se aproximou do marido para ver se encontrava um modo de aliviar seu desconforto. Enquanto se inclinava para examinar suas feridas, o homem elevou a outra mão e segurou uma mecha de cabelo tão forte, que encheram os olhos de Raven de lágrimas. Aproximou-a de costas para o peito e rodeou sua garganta com as mãos, afundando os dedos na tenra carne.

— Alexander, detenha-se. O que está fazendo? — gritou Monique.

— Monique, traz as chaves destes cadeados. — Ordenou Alexander com seus dedos esmagando a traquéia de Raven, de tal modo que a sala começou a girar a seu redor.

Raven pôde sentir o medo do homem, sua frenética intenção de salvar sua vida e a de sua esposa. Tinha medo de que ela fosse também um vampiro brincando cruelmente com eles, para seu perverso entretenimento. Raven não podia culpá-lo, mas suas mãos estavam acabando com sua vida.

— Raven! — a onda de fúria chegou a sua mente junto com o grito.

As mãos de Alexander foram arrancadas da garganta de Raven. Ouviu-se com clareza, o ruído dos ossos ao se romper e ele ficou esmagado contra a parede. Os pés estavam pendurados à longa distância do chão. Monique gritou ao ouvir como o ar saía dos

pulmões de seu marido. Estavam-no estrangulando, seus olhos começavam a sair de suas órbitas.

— Libere-o, Mikhail! Oh, Deus, por favor. Não posso suportar ser a responsável por outra morte. Não posso... – e Raven se deixou cair ao chão, segurando os joelhos e se enrolou sobre o próprio corpo. — Por favor. – murmurou em voz alta. — Solte-o.

Mikhail lutou contra a ira assassina que o possuía, tentando reprimi-la, para liberar o humano de seu ataque mental. Saltou e começou a sulcar o céu, seguindo com facilidade o rastro de Raven. Não tomou ciência de Gregori, voando a sua altura pela esquerda nem de Aidan e Byron, ligeiramente atrasados. Não viu Eric e Tienn e outros quantos que se esforçavam em manter certa distância.

Nenhum deles importava. Havia caçado vampiros durante centenas de anos e sempre havia sentido uma pequena vacilação, possivelmente pena. Desta vez não sentia nenhuma.

Mikhail manteve sua fúria firmemente controlada, sentia-a ferver como o magma de um vulcão, procurando uma via de saída, em qualquer direção, para se liberar de modo explosivo e violento. Se a deixasse escapar, a terra, o vento e as criaturas das montanhas reagiriam ante ela, o qual seria uma clara advertência para o vampiro. Já não estava ferido e se alimentara bem. Gregori havia se encarregado, em pessoa. A mistura de sangue antigo era imensamente poderosa. Não obstante, uma gota de sangue deslizou pelas plumas brancas do mocho. Por instinto, Mikhail se moveu, dando uma volta para ir a favor do vento, desta forma o vampiro não captaria seu aroma no ar.

A noite estremeceu com um grito de puro terror, seguido de uma diabólica gargalhada, o símbolo de um mesquinho triunfo. Todos os homens dos Cárpatos, tão empáticos com a terra, perceberam a violenta vibração, a turbulência provocada pelo poder, o ciclo da vida e a morte.

Raven, psiquicamente receptiva, deixou sua mente voar imediatamente à violenta cena.

— Não, Raven. – Ordenou Mikhail.

Ela pressionou as têmporas com as mãos.

André gargalhava enquanto se jogava do ramo de uma árvore sobre uma mulher que tentava se afastar, arrastando-se. Um corpo menor jazia enfraquecido aos pés da árvore, pálido e sem vida, jogado ali pelo vampiro. A mulher rogava e pedia que não a matasse e André gargalhava e a afastava, para obrigá-la a voltar suplicando ser sua servidora.

— André! Não, não pode! – deixou escapar Raven em voz alta, cambaleando sobre a porta, saiu correndo para fora, para a escuridão da noite, voltando-se sobre si mesma, para encontrar a direção.

A debilidade se impôs e ela caiu pesadamente sobre chão, ficando imóvel sobre a erva.

Monique saiu atrás dela, ajoelhando-se a seu lado.

— O que está acontecendo? Sei que você não é o que meu marido pensa, sei que tenta nos salvar.

As lágrimas sulcavam o rosto de Raven.

— André matou um menino e se recreia mortificando à mãe. Também vai matá-la e não posso salvá-la. – Raven se consolou como pôde, no colo de Monique que tocou as escuras manchas em sua garganta.

— Sinto muito o que Alexander fez. Ele está enlouquecido pelo medo e a fúria. Você se arriscou muito, esse monstro pôde matá-la.

Raven fechou os olhos, cansada.

— Ainda pode fazer. Não podemos escapar dele.

A noite se agitava com inquietantes vibrações. Em algum lugar do bosque, um animal perdeu sua presa e sibilou de raiva. Um mocho ululou e um lobo grunhiu.

Raven apertou entre as suas, a mão de Monique, aliviada de poder mover as pernas.

— Vamos, temos que entrar. Fique quieta e mantenha-se fora da vista de André se puder. Quando retornar, estará louco e será imprevisível.

Monique ajudou Raven a ficar em pé, deslizando seu braço pela pequena cintura.

— O que fez ao Alexander, quando a feriu?

Raven voltou contra a vontade, para a casa de pedra.

— Eu não lhe fiz nada. – Ela tocou as marcas de sua garganta. Alexander havia complicado as coisas. André não gostaria de ver as marcas em sua garganta.

— Você sente coisas que nós não percebemos. —aventurou, Monique.

— Não é um dom muito prazeroso. Ele assassinou esta noite, uma mulher e um menino. Eu fiz que partisse e troquei nossas vidas pelas deles.

— Não! — Negou Monique. — Você não é responsável pelo que ele faz, não mais que meu marido é responsável pelo que esse monstro me fez. Alexander acredita que deveria ter encontrado um modo de me proteger, e não se perdoa. Não seja como ele, Raven.

Raven parou, sobre os degraus de pedra e contemplou a paisagem banhada pela luz da lua. O vento se agitou e a brilhante luz prateada pareceu esconder-se como um mau presságio. Monique ofegou, segurando-se em Raven, tentando arrastá-la à relativa segurança da casa. Uma mancha vermelha se estendeu e cobriu por completo a lua. O vento arrastou um lento gemido que cresceu até converter-se em uivo. Um lobo elevou a cabeça à sangrenta lua e uivou como advertência, automaticamente, outro lobo se uniu até que a montanha retumbou de forma sinistra.

Monique se deu à volta e correu ao lado de seu marido.

— Reze comigo... Reze comigo.

Raven fechou a porta e se apoiou contra ela.

— Não o contagie com o pânico, Monique. Se o mantivermos lúcido, temos uma oportunidade.

Alexander a olhou com ódio, enquanto abraçava a sua esposa de forma protetora. Sua mão torcida e dolorida.

— Não a escute, Monique. Ela esteve a ponto de me estrangular e jogou-me contra a parede, com uma força incrível. Ela também é impura.

Raven ergueu os olhos, exasperada.

— Estou começando a desejar ter todo o poder que você acredita que tenho. Devo encontrar um modo de te fazer calar.

— Ele teme por nós. — falou Monique com voz conciliadora.  
— Não podemos lhe tirar as correntes?

— Ele atacaria André assim que ele retornasse. — Raven fez uma careta, completamente exasperada pelo comportamento de André. — Isso faria com que o matasse ainda mais rápido. — Começou a tremer enquanto olhava, com olhos afligidos, para Monique. — Ela já vem. Fique muito quieta, aconteça o que acontecer, não deixe que ele se fixe em você.

O vento uivou, no exterior, de forma espectral, desvanecendo-se até deixar um silêncio anormal. Raven escutou pulsar do próprio coração. Deu um passo para trás no momento em que a porta se fez em lascas, com um forte rangido. As chamas das velas se agitaram, arrojando sombras macabras e grotescas sobre as paredes e apagando-se depois.

— Venha, Raven. Devemos partir agora. — disse André, estalando os dedos, enquanto estendia a mão. O rosto do vampiro estava rosado, pelo sangue fresco que bebera. O brilho do mal iluminava seus olhos e sua boca estava com um rictus cruel.

Raven o observou com um olhar acusador.

— Por que vem para mim deste modo? Conte-me o que está acontecendo.

André se moveu a grande velocidade e, no último momento, Raven lembrou que ela também podia realizar semelhantes proezas. Sentiu o quente e fétido hálito de morte. As unhas do vampiro, afiadas e longas como garras, arranharam o braço de Raven, enquanto esta se afastava abaixada, apertando seu miúdo corpo.

— Não tente obter minha submissão, quando uma simples explicação seria suficiente.

— Arrependerá por me desafiar. —grunhiu André e arrojou o enorme banco fora de seu caminho, fazendo-se pedacinhos contra a parede, a curta distância do trêmulo casal humano.

Um pequeno gemido de terror escapou da garganta de Monique e, imediatamente, o vampiro se virou com os olhos vermelhos e brilhantes.

— Se arrastará até mim, como a cadela que é. — sua voz adquiriu uma cadência hipnótica, ao igual a seu olhar.

Alexander agitou as correntes, tentando deter Monique, que se tornou ao chão obedientemente, e se arrastou de modo sensual e servil. Raven cruzou tranqüilamente a habitação e ficou de joelhos diante de Monique.

— Me ouça, Monique. Não faça isto. — seus enormes olhos azul-violeta olhavam fixamente à mulher. A voz de Raven era formosa, pura, seduzia e cativava fazendo que a voz do vampiro aparecesse desagradável e repugnante. A face de Monique refletiu

a confusão e a vergonha que sentia ao cair na conta do que estava fazendo.

O vampiro, de um salto, cortou a distância que o separava de Raven, agarrando-a pelo cabelo e obrigando-a a dobrar-se para trás, até quase tocar seus pés.

O mundo entrou em erupção a seu redor. À noite fervia de fúria e o vento uivava e gritava, atravessando a planície com fortes rajadas, para golpear as janelas. Um escuro tornado desceu do céu e levantou o telhado do edifício. O redemoinho arrastou os móveis e pulverizou tudo.

Monique deixou escapar um grito e se lançou sobre Alexander, abraçando-se a ele. Ouviam-se sussurros, murmúrios furiosos que lançavam acusações e condenavam o vampiro. A montanha retumbou novamente e a parede exterior caiu sobre a planície, expelindo rochas e pó, como uma explosão com dinamite.

Mikhail permanecia no centro da feroz tormenta, com os olhos negros e frios como a morte. Alto e elegante apesar da mancha carmesim que se estendia por sua camisa de seda, parecia tranqüilo em meio ao caos. Elevou uma mão e o rugido do vento desapareceu. Mikhail observou André, sustentando seu olhar um instante.

— Solte-a. – disse com uma voz suave que encheu de terror o coração de todos os que o escutaram.

Os dedos de André se enredaram ainda mais no sedoso cabelo de Raven.

Mikhail lhe respondeu com um cruel sorriso.

— Desejas que eu obtenha sua submissão e que te arraste para sua morte como faz com suas vítimas?

Os dedos de André se contraíram com um espasmo e seu braço se retirou com um movimento brusco, como o de uma marionete. Olhou horrorizado para Mikhail, jamais tinha imaginando que alguém ostentasse tamanho poder. O controle mental não funcionava com os membros de sua espécie, entretanto, Mikhail o havia dominado sem esforço.

— Venha para mim, Raven. –disse Mikhail sem afastar os olhos do vampiro, mantendo-o preso e indefeso com a força de sua mente. Sua fúria era tão imensa que não precisara fundir sua mente com Gregori, para conseguir o controle sobre o André.

Um a um, todos os homens dos Cárpatos se materializaram e em seus rostos se lia a condenação para o vampiro. Raven pôde sentir que o terror dos humanos aumentava, chegando quase à loucura. Aproximou-se deles, aos tombos e envolveu Monique em seus braços.

— Ele nos salvará. – Sussurrou.

— É como o outro. – disse Alexander com tom áspero.

— Não, ele é bom. Ele nos salvará. – Afirmou Raven com grande convicção.

Mikhail liberou subitamente o vampiro. André olhou então a sua volta, com uma careta sarcástica.

— Precisa de um exército para caçar?

— Foste sentenciado por seus muitos crimes, André. Se eu falhasse, qualquer outro executaria a sentença. — Mikhail fez um gesto com a cabeça a dois de seus homens e assinalou para Raven. Sua alta figura emanava confiança e poder. — Não é mais que um menino, André. — sua voz era agora puro veludo, suavemente modulada. — Não pode esperar se igualar a alguém que lutou em inumeráveis batalhas, mas te ofereço a oportunidade pela que estiveste lutando tanto. — Os olhos negros brilhavam com uma fúria gelada.

— A vingança, Mikhail? — perguntou mordazmente André. — Que típico de você. —E se impulsionou para saltar no ar enquanto estendia suas garras e deixava ver suas presas pelas quais gotejava a saliva.

Mikhail desapareceu da vista e o vampiro se encontrou de repente fora da casa, atirado no chão. À noite o rodeava, igual aos homens dos Cárpatos, que formavam um amplo círculo, encerrando-o nele. André se voltou para ver o que olhavam. Mikhail estava a alguns passos deles, com uma negra fúria no olhar. Olhava-o fixamente sem piscar.

Aidan se aproximou de Raven, deslizando seus brilhantes e perspicazes olhos dourados sobre os mortais junto a ela.

— Venham conosco. —ordenou de repente. — Mikhail deseja que nos asseguremos que está a salvo.

Raven não o reconheceu fisicamente, mas reconheceu a confiança e a segurança do desconhecido. Sua voz era cálida e quase hipnótica.

— Viu onde André guardou a chave, para que possamos liberar o Alexander? —perguntou Raven a Monique, tentando afastar-se dos outros homens que lhe bloqueavam o passo.

Sem aviso, os olhos de Raven se dilataram, e ela segurou o ventre, e um grito inarticulado, ficou travado em sua garganta. Caiu ao chão, agitando-se agoniada. A testa estava empapada de sangue, que gotejavam caindo sobre os olhos. Monique se sentou no chão, a seu lado. Raven nem sequer era consciente de sua presença. Já não estava no interior da casa, não percebia Aidan ou Byron, sequer era consciente da presença de Monique ou Alexander. Estava no exterior, com a sangrenta luz da lua banhando seu corpo, enfrentando um demônio de força e poder assustadores. Um demônio cujos olhos brilhavam vermelhos e chamejantes, cujo sorriso era a encarnação da crueldade. Totalmente implacável, alto, elegante, com mortal confiança em si mesmo. Raven sabia que ele ia matar. Havia uma elegância animal em seus fluidos movimentos, morte e perdição em seus olhos sem alma. Era totalmente invencível e havia golpeado seu corpo provocando uma ferida mortal e se afastava deslizando-se, sem ser visto. Não havia piedade e nem sentimento nele. Implacável, desumano, feroz e sem nenhum tipo de remorso.

— Contemple-o como é na realidade. É um assassino, um caçador de homens dos Cárpatos e de mortais por igual. —Sibilou André em sua mente. — Conheça-o como a fera que é. Vê um homem culto que a controla com sua mente, mas este é o verdadeiro Mikhail Dubrinsky. Caçou centenas dos nossos, possivelmente milhares e os assassinou. Matará a todos e não sentirá nada mais que o poder supremo.

A mente de André estava totalmente unida a de Raven, de modo que ela via através dos olhos do vampiro, sentia seu ódio e seu medo e também a dor do golpe que havia recebido de Mikhail, quando ele o atacou.

Raven lutava para se liberar do controle mental do vampiro, mas ele sabia que estava quase morto e se apegava a ela com total determinação. Seria sua vingança, cada golpe que recebesse, cada ferida ardente que Mikhail o infligisse, Raven os sentiria, padecendo a mesma dor. O vampiro podia se orgulhar desse sofrimento.

Raven via claramente seu plano. Sabia que Mikhail percebera a insuportável agonia que percorreu seu corpo quando lançou o golpe inicial. Ele não podia respirar, mas tentava afastar e se encerrar em si mesmo. Mikhail, entretanto, era muito forte para permitir que ele se afastasse. Raven percebia sua fúria gelada, sua falta de piedade, seu desejo de brigar, a necessidade de matar o renegado. E pôde sentir sua repentina indecisão ao ser consciente da manobra do vampiro.

— Raven, me ouça.

Gregori. A calma no olho do furacão. Sua cadência era musical, hipnótica e relaxante. — Se entregue a mim. Durma agora.

Gregori não lhe deu opção, mas ainda assim, Raven se entregou complacente, agradecida à hipnótica voz e se deixou levar imediatamente, cortando a última ameaça que se abatia sobre Mikhail.

Um comprido assobio escapou dos pulmões de Mikhail, que se moveu com tal rapidez, que ninguém pôde vê-lo. O corpo de

André foi impulsionado para trás, voando alguns metros para receber o golpe. O ruído seco rasgou o espectral silêncio. André lutou para ficar em pé, seus olhos olhavam furiosos e selvagens para seu inimigo.

— Ganhei —disse enquanto cuspi o sangue que enchia sua boca e levava uma mão ao peito. — Ela viu você, como realmente é. O que fizer agora, não pode mudar isso.

Parecia impossível, inclusive para um membro da raça dos Cárpatos, ser tão rápido. Havia algo de terrível e desumano nos olhos negros. Com Raven inconsciente, não havia um pinga de piedade ou de compaixão. André deu um passo para trás, concentrou-se e fixou seu objetivo. Um feroz relâmpago estrelou no lugar onde Mikhail estava, segundos antes. O estrépito foi enorme e o golpe fez a terra se agitar. O raio fiascou e se retirou deixando um rastro chamuscado e enegrecido a seu passo. André gritou, quando alguma coisa o golpeou no pescoço, impulsionando sua cabeça para trás e abrindo uma enorme fenda em sua garganta, da qual emanava a jorros, o sangue escuro sangue.

O quarto golpe abriu o peito de André, esmagando ossos e rasgando os músculos até chegar ao coração. Os cruéis olhos negros fitavam André sem piedade, enquanto Mikhail arrancava seu coração, para jogá-lo ao lado, com desprezo. O órgão ainda pulsava no chão junto ao corpo sem vida do vampiro. Mikhail havia se assegurado de que ele não voltasse a se levantar. Permaneceu ao lado de seu vencido oponente, lutando por controlar a fera em seu interior, a selvagem labareda do triunfo, o vício que esse poder criava em seu corpo, fazendo com que se agitasse. Não sentia dor

nos ferimentos, somente uma enorme alegria, a pura alegria por sua vitória. Seu lado selvagem cresceu perigosamente, estendendo-se em seu interior como fogo líquido. O vento se agitou e trouxe um aroma familiar.

— Raven.

O sangue de Mikhail correu frenético, suas presas desejaram sua carne e a fome surgiu em seu corpo. Podia cheirar os humanos. O homem que tinha ousado tocar em sua companheira. O desejo de beber sangue o golpeou e seus súditos se afastaram dele, percebendo o poder que irradiava e a necessidade entristecedora de matar que nesses momentos o possuía. O vento girou a seu redor, formando um redemoinho e o aroma de Raven persistiu, ligeiro e esquivo.

— Raven.

Seu corpo se contraiu, ardeu.

— Raven.

O vento sussurrava seu nome e a turbulenta tormenta que arrasava seu interior se evaporou. A mente de Mikhail alcançou o caminho da luz, voltou do mundo violento onde se inundara.

— Destruam essa coisa. – falou brevemente, sem se dirigir a ninguém em particular. Convocou energia procedente do céu, para limpar as mãos, tirando o sangue maldito de seu corpo. Moveu-se sem ser visto, voltando para as ruínas da toca do vampiro, materializando-se no ar e erguendo-se sobre Monique que sustentava e embalava o corpo sem vida de Raven.

## Capítulo 16

Raven tomou ciência, pouco a pouco, do lugar onde se encontrava. Estava em uma cama e nua. Mikhail estava a seu lado e enredava os dedos em seu cabelo úmido. Reconheceu o tato de suas mãos lhe trançando o cabelo, com movimentos tranqüilos e sossegados, de forma prática fazendo sentir-se mais cômoda, apesar de sua mente nublada. Parecia estar num velho castelo, pequeno e indevidamente construído para resistir um ataque. O aposento estava quente e Mikhail havia queimado ervas aromáticas que pulverizavam seu aroma, acrescentando um toque de romantismo, a já de por si romântica, luz das velas. Ele havia tomado banho e também a tinha banhado, de modo que seus corpos cheiravam ao sabonete de ervas que ele usava. Gastou tempo para trançar o cabelo, enquanto Raven tentava se orientar na desconhecida casa. Mikhail roçou sua mente, encontrou confusão e uma firme decisão de permanecer lúcida, mas sentia-se atemorizada por sua presença, e ainda a assustava mais o fato de confiar em sua própria visão do que acontecera. Raven estudou com atenção cada lugar da casa, cada parede, cada detalhe, enquanto seu coração pulsava frenético em seus próprios ouvidos. Era um lugar formoso. O fogo ardia alegre na lareira e das longas velas, desprendiam uma ligeira fragrância que se misturava com o relaxante aroma das ervas curadoras. Uma Bíblia belamente

encadernada estava na pequena mesa de noite, junto à cama. Não reconheceu nada, mas tudo era vagamente familiar.

O edredom era grosso e quente, muito suave sobre sua pele nua e ela descobriu que não tinha nada de roupa. A princípio, se sentiu vulnerável e tímida, mas voltou a perceber a sensação de estar no lugar certo, de pertencer a esse lugar e a esse homem. Suas carícias lhe eram familiares, e despertavam alarmantes sensações em seu corpo.

— O que fez a Monique e a seu marido? – perguntou segurando com força o edredom entre seus dedos. Tentou ignorar o calor que desprendia do corpo masculino ao aproximar-se dela e tocar sua pele, ao sentir o áspero roçar de seu peludo peito contra suas costas, ao sentir seu membro endurecido contra suas nádegas. Ele se sentia a gosto, sentia-se parte dela.

Mikhail depositou um beijo em seu pescoço, deslizando a língua em sedosa carícia até sua pulsação. O corpo do Raven se estirou pela antecipação, mas sua mente parecia confusa.

— Estão a salvo, em sua casa, amando um ao outro como deve ser. Não se lembram nada do que aconteceu acontecido com André, nem as atrocidades que cometeu com eles. Acreditam que somos amigos, bons amigos. – Ele disse, beijando-a, numa carícia ligeira como o toque de uma pluma que fez que o sangue de Raven se acender. Mikhail moveu então as mãos para a estreita cintura, deslizando-se pelo talhe até aprisionar os seios entre suas mãos. Voltou a roçar sua mente, e ao contato, Raven se afastou dele.

— Por que me teme, Raven? Viu o pior de mim, viu-me como um assassino, como o braço que reparte a justiça de nossa gente. — Seus dedos acariciavam os mamilos num roçar lento e sensual que provocavam ondas de calor pelo corpo de Raven. — Acha que há maldade em mim? Tome minha mente, pequena. Não posso te esconder nada. Jamais ocultei minha verdadeira natureza. Antes me via com compaixão e me olhava com amor, aceitava-me. Acaso esqueceste tudo?

Raven fechou os olhos.

— Já não sei o que acreditar.

— Me beije, Raven. Una sua mente à minha, une seu corpo ao meu para que sejamos um só ser. Antes confiava em mim, confie novamente. Olhe-me com os olhos do amor, com os olhos do perdão pelas coisas que fui obrigado a fazer, pela fera que habita em mim. Não me olhe através dos olhos de alguém que desejava destruir, a nós e aos nossos. Se entregue a mim. — Sua voz era sedutora, um feitiço de magia negra. Suas mãos acariciavam cada centímetro de sua adorável pele, conhecia-se de cor cada curva, cada covinha. Seu corpo ardia de necessidade e sua fome despertava. E a dela junto à dele. Brandamente, para não alarmá-la, Mikhail aprisionou o esbelto corpo do Raven contra o edredom, cobrindo-o com seu corpo musculoso e grande. Ela era pequena e muito frágil sob suas carícias.

— Por que converteste minha vida, Mikhail? Sempre estive sozinha, fui forte e tive confiança em mim mesma, você se apropriou de tudo.

Suas mãos escorregaram pelos contornos do corpo de Raven, até chegar a seu rosto e emoldurá-lo entre elas.

— É minha única e verdadeira vida, Raven. Tenho que reconhecer que a arranquei de tudo o que era familiar, mas jamais pensei em te manter isolada. Sei o que a solidão suporta, o que é uma vida solitária. Eles a usavam Raven, utilizavam-lhe, teriam acabado com você. Não sente que é minha outra metade, que eu sou sua outra metade? — Mikhail beijou-a nas pálpebras, na face e nos cantos de seus lábios. — Me beije, Raven. Recorde-me.

Raven abriu os olhos, para procurar com os olhos azuis, o negro e faminto olhar de Mikhail. O azul era escuro, quase púrpura. O intenso olhar de Mikhail era ardente, apaixonado, como seu corpo.

— Se o beijar, Mikhail, não serei capaz de me deter.

A boca de Mikhail encontrou sua garganta, o vale entre seus seios e parou por um instante no lugar onde pulsava seu coração, mordiscando a pele sensível, antes de voltar para sua boca.

— Sou um homem dos Cárpatos que viveu muito tempo na escuridão. É verdade que minha capacidade de sentir é pequena, que minha natureza se deleita no prazer da caça, no prazer de matar. Para nos impor à fera que levamos, devemos encontrar nossa companheira, nossa outra metade, à luz que ilumina nossa escuridão. Você é minha luz, Raven, é minha vida. Mas isso não significa que tenha que abandonar minhas obrigações para com meu povo. Devo caçar aqueles que se cevam nos humanos, a aqueles que matam a nossa gente. Não posso permitir nenhum

outro sentimento enquanto faço isso ou a loucura estaria me esperando no final do caminho, Me beije, una sua mente à minha. Ame-me pelo que sou.

O corpo de Raven ardia de desejo, faminto e febril por suas carícias. O coração de Mikhail pulsava com força. Sua pele abrasava e seus músculos apareciam duros sobre a suavidade do corpo de Raven. Cada toque de seus lábios fazia saltar faíscas de seu corpo, rangendo o ar a seu redor.

— Não posso te mentir. – Sussurrou Mikhail. — Conhece meus pensamentos, conhece a fera que habita em mim. Tento ser doce com você e a ouvir cada vez que essa fera luta para se liberar, mas você consegue domá-la, Raven. Por favor, preciso de você. E você precisa de mim. Seu corpo está fraco, percebo sua fome. Sua mente está fragmentada, deixe que eu te cure. Seu corpo chama aos gritos o meu. Beije-me, Raven. Não nos abandone dois.

Os olhos azuis continuaram estudando o rosto de Mikhail, detendo-se sobre os sensuais lábios, dos que brotou um repentino suspiro. Esperando sua resposta, Mikhail uniu seus lábios aos de Raven.

Raven o reconheceu então, seus olhos o disseram. E depois suas mãos, que acariciaram sua cabeça enquanto a ternura banhava seu magro corpo por completo.

— Temo que estou assustada de ser essa parte que te completa Mikhail. Não pode ser real, não pode ser tão perfeito. Não quero que se converta no que sonhei, não quero que esse pesadelo se faça realidade. – Então, atraiu o rosto de Mikhail para o seu e se

fundiu no apaixonado beijo. O trovão ressonou em sua cabeça e na dele. Um calor abrasador consumia os dois e a mente de Mikhail roçou por um instante, a de Raven, tentadora, e não encontrou resistência. Fundiu-se a ela sem reservas e sua febril necessidade junto a selvagem paixão que sentia, se converteram nas de sua companheira, alimentando-a, fazendo saber que ele era real e que jamais a abandonaria, que jamais poderia deixá-la sozinha.

Mikhail bebeu de sua doçura enquanto explorava a suave boca de Raven, fazendo as chamas da paixão ardessem e crepitassem em torno deles. Segurou-a pelos quadris, tão pequena entre suas mãos, e a aproximou para poder separar com facilidade, suas coxas. A boca de Raven, úmida e ansiosa, acariciava os fortes músculos do peito de Mikhail, sua língua roçava a pulsação e ele sentia suas vísceras se contraírem, seu corpo arder e seu membro se inflamar a tal extremo, que temia estalar e escapar de seus limites físicos. Mikhail segurou-a pela nuca, aproximando-a ainda mais dele, enquanto penetrava o suave triângulo de cachos. Ela estava úmida e ardente pela necessidade. Murmurou o nome de Raven em voz baixa, enquanto a penetrava com força e rapidez.

A língua de Raven se deteve em lenta carícia sobre a pele do pescoço, mordiscando, enquanto o coração de Mikhail pulava de prazer e seu membro se entrava fundo no úmido e estreito, ardente como o fogo, sexo de Raven. Os dentes dela cravaram ainda mais, com urgência, e Mikhail gritou, tomado do mais profundo êxtase, pressionando a cabeça de Raven com força sobre seu peito enquanto a penetrava cada vez mais profundamente, enquanto seu sangue, rico, cálido e poderoso alimentava seu faminto corpo.

Mikhail sabia que seu controle pendia por um fio. Com as mãos, elevava os quadris de Raven, para conseguir possuí-la selvagememente, como ela gostava, aproximando-a do abismo.

Raven pressionava com ferocidade o rígido membro de Mikhail, até que, docemente, ela a afastou de seu pescoço e ela o deixou cravar seus dentes na suave curva de seu seio. Raven ofegou e embalou a cabeça de seu companheiro enquanto ele se alimentava com voracidade, com o corpo rígido e tomando posse do dele. As seqüelas de seu medo de perdê-la e da violência que o havia possuído, deixavam rastro no corpo de Raven. A paixão aumentava, as chamas os consumiam, os corpos banhados em suor enquanto Mikhail colava-se a Raven, elevando-a.

Então, tornaram-se um só ser, um só corpo, uma só mente e um único coração que bombeava o mesmo sangue. O grito de Mikhail foi áspero e entrecortado, e se misturou aos suaves gemidos guturais de Raven, enquanto explodiam em pedaços mergulhando-se nas ondas do prazer.

— Não posso te perder, pequena. É a parte boa que há em mim. Amo-a muito mais do que possa expressar com palavras. — disse Mikhail com a mente, enquanto depositava pequenos beijos sobre seu rosto e seu cabelo, ainda úmido.

Raven lambeu uma pequena gota de suor sobre o peito de Mikhail e lhe sorriu com cansaço.

— Acredito que sempre o reconheceria, Mikhail, sem importar quão danificada pudesse estar minha mente.

Mikhail se girou sobre a cama, levando Raven consigo para não descarregar seu peso sobre ela.

— Assim é como tem que ser, Raven. Sofreu muito durante os últimos dias e jamais poderei esquecer, guardarei em minha mente, para toda a eternidade. Amanhã ao anoitecer sairemos desta região. O vampiro está morto, mas deixou atrás dele, um rastro que pode colocar em perigo, todos os nossos. Devemos nos mudar para um lugar mais isolado, onde nossa gente possivelmente possa sobreviver à perseguição que está por vir. — Confessou Mikhail, enquanto o braço dela, para examinar as cicatrizes que André causara.

— Está seguro de que haverá uma perseguição?

Um amargo sorriso cruzou o rosto de Mikhail, enquanto com um movimento da mão, apagava as velas.

— Já presenciei os indícios muitas vezes em minha vida. Virão, os assassinos. Virão e sofrerão tanto os humanos como a raça dos Cárpatos, por igual. Vamos nos afastar daqui por vinte e cinco anos, meio século possivelmente e ganharemos tempo para nos reorganizar. — Ele buscou as cicatrizes com a boca, banhando-as com suas carícias curativas.

Era reconfortante e Raven se deixou curar. Baixou as pálpebras, os aromas dos dois e de sua recente união, ainda flutuavam no quarto. Era uma fragrância relaxante.

— Amo você, Mikhail. Tudo o que é, inclusive amo à fera que há em você. Não sei por que estive tão confusa, você não é mau.

— Durma em meus braços, pequena. É o lugar que te pertence. — Mikhail levantou o edredom para cobrir seus corpos e rodeou Raven, com braços protetores, enviando a ordem de dormir.

Um reduzido grupo de pessoas, se congregou na escuridão do pequeno cemitério. Jacques estava pálido e macilento, a ferida do pescoço ainda não havia se curado. Ainda podia ver uma horrível cicatriz. Ele passou o braço sobre os magros ombros do Raven, cambaleando um pouco, ao sentir-se inseguro. Raven lhe dirigiu um rápido e reconfortante sorriso. Atrás deles, Byron se mantinha alerta, assegurando-se de que seu amigo não caísse. No exterior do recinto sagrado, Aidan permanecia sozinho, alto e com o corpo tenso, com a cabeça ligeiramente inclinada para diante.

O cemitério estava nos domínios do castelo, era antigo, de bela arquitetura e a capela era pequena, mas muito bonita. As vidraças e a alta torre do campanário, arrojavam uma sombra escura que atravessava o cemitério. Lápides de pedra, anjos e cruzes foram às testemunhas da ordem que Mikhail deu a terra para que se abrisse. Por consideração ao Pai Hummer, Gregori que fizera um ataúde de madeira, delicadamente esculpido com antigas figuras religiosas, depositou a caixa devagar, nos braços da terra e se retirou. Mikhail fez o sinal da cruz, recitou as palavras rituais do sepultamento e derramou água benta sobre o ataúde Pai.

— Ele foi meu amigo, meu guia em minhas horas tristes e um profundo cristão na necessidade de que nossa raça continuasse sua existência. Jamais conheci um homem, nem humano, nem de minha estirpe, com mais bondade e luz em seu interior. Deus brilhava em seu coração e em seus olhos.

Mikhail voltou a mover a mão e a terra se fechou, sem deixar rastro. Inclinou a cabeça, e lutou contra a repentina dor, sentindo inesperadas lágrimas descerem por sua face, manchando seu rosto com um rastro avermelhado.

Foi Gregori quem assegurou a lápide, e foi Gregori, um cético e um não-crente, quem dirigiu a oração final. Sua voz se elevava formosa e hipnótica, enquanto rezava em latim a antiga prece em honra ao Pai Hummer.

Mikhail aspirou o ar da noite, transmitindo seu pesar aos lobos, que responderam com um coro de dolorosos uivos que se estenderam pelo lúgubre bosque.

O corpo de Gregori foi o primeiro a contrair-se e as plumas emitir brilhos à luz da lua. As asas se estenderam no ar enquanto planava, até pousar e no galho mais alto de uma árvore próxima, assegurando-se firmemente com as garras. O corpo do mocho permaneceu completamente imóvel, fundido com a escuridão da noite, em espera. Aidan foi o seguinte, dando forma a um enorme exemplar com uma característica cor dourada. Poderoso e letal, igual ao silencioso Gregori.

O corpo alado de Byron era menor e mais compacto. Suas plumas, brancas como a neve.

Mikhail se agitou nas sombras enquanto tomava impulso para subir no céu, com os outros três mochos a sua esteira. Em perfeita sincronização, elevou-se sobre o céu, com as plumas brilhantes, ao bater das asas, voando em silêncio para as nuvens que cobriam o bosque. O vento passava veloz ao redor de seus

corpos, sob suas asas, levando qualquer vestígio de tristeza e violência que o vampiro deixara.

No alto do céu, giraram e se inclinaram subitamente, a sincronização dos quatro era perfeita. A alegria apagava a tristeza e o pesado fardo das responsabilidades do coração de Mikhail, aliviava o sentimento de culpa substituindo-o pelo deleite. As poderosas asas batiam com força, enquanto atravessavam o céu e Mikhail compartilhava seu regozijo com Raven, simplesmente porque a guardara para si, no interior do corpo do mocho.

Repentinamente, Raven o sentiu. Percorreu seu corpo, um convite, uma poderosa necessidade de compartilhar o prazer da vida dos que agora eram sua família.

A vida da Estirpe dos Cárpatos.

— Pensa meu amor, visualiza a imagem que vou introduzir em sua mente. Confia em mim como nunca antes o fez. Deixe-me te fazer este presente.

Raven não duvidou um só instante. Com firme confiança em Mikhail, entregou-se a seus cuidados e alcançou ansiosa a visão. A ligeira inquietação, a estranha desorientação que seu corpo físico sofreu ao desintegrar-se, não a fez fraquejar. As plumas cresceram com rapidez e emitiram brilhos.

Junto a ela, Jacques deu um passo para trás, permitindo à pequena fêmea de mocho voar até a cabeça de um enorme anjo de pedra, antes que seu poderoso corpo se dobrasse e mudasse de forma. Lançaram-se no vôo ao mesmo tempo, maravilhando-se em

unir-se aos quatro poderosos mochos que voavam em círculos sobre eles.

Um dos machos rompeu a formação e rodeou à pequena fêmea, colocando-se sobre ela para cobrir seu corpo com uma de suas asas. De forma brincalhona, a fêmea desceu para se afastar do protetor macho e os outros a rodearam, limitando suas travessuras enquanto aprendia o prazer de voar com total liberdade. Mantiveram à fêmea no centro do grupo, voando sobre o bosque, e ascendendo cada vez mais, internando-se na névoa.

Durante um bom momento, dedicaram-se a brincar girando e baixando, para ascender muito alto e descer para a terra, elevando-se no último momento para sobrevoar as árvores e o espesso manto de névoa.

Mais tarde, adotaram um ritmo prazeroso, com a fêmea ainda no centro. Mikhail sentia que a noite levava todo rastro de tensão, pulverizando-a aos quatro ventos. Levaria Raven para longe e lhe daria tempo para aprender todos os costumes de sua gente. Raven representava o futuro de sua estirpe, seu futuro.

Raven era sua vida, sua alegria, sua razão de viver. Era seu ponto de união à bondade do mundo. E tinha a intenção de que a vida dela fosse transbordante de felicidade. Mikhail descendeu um pouco e cobriu o corpo de Raven com o seu, inundando-se em sua mente, compartilhando sua alegria.

Raven respondeu enchendo a mente de Mikhail de amor e bondade e de um maravilhoso riso infantil, ante os novos sons, aromas e visões que estava experimentando.

Uniu-se a ele, veloz sobre o céu, com sua risada alegrando a mente de todos eles. Raven era a esperança para o futuro.

**FIM**